

A GÊNESE



Allan Kardec

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA
por: LOUIS NEILMORIS

A GÊNESE

Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo

Allan Kardec (1804-1869)

Versão digital:

Numa Linguagem Simplificada

Adaptada da 1ª edição por:

Louis Neilmoris

Título original em francês:

LA GENÈSE

Les Miracles et les Prédications Selon le Spiritisme

Lançado em 6 de janeiro de 1868

Paris, França

Revisada em 4 de agosto, 2018

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita



www.luzespirita.org.br

A GÊNESE

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Allan Kardec

Adaptação:

LOUIS NEILMORIS

Nota da adaptação

A proposta deste trabalho é trazer ao meio popular o consolo e a iluminação de **A GÊNESE**, escrito pelo memorável Codificador Allan Kardec, sob a orientação de mentores espirituais, uma profunda abordagem acerca da natureza universal, indispensável para a compreensão do nosso cotidiano.

Mas, convenhamos, as traduções brasileiras, até então disponíveis, ainda oferecem à grande massa popular graves obstáculos para uma perfeita compreensão, não por falha dos tradutores, muito pelo contrário, mas pela fidelidade com que verteram dos originais em francês para o português, mantendo a elevada elocução. Kardec, eminente autoridade em linguística, evidentemente, só poderia escrever à altura do superior nível cultural de seus contemporâneos. Desta forma, e nada mais justo, as versões procuram sempre equilibrar a linguagem.

Convém lembrar que esta adaptação tem como fonte a versão original de **A Gênese (La Genèse, em francês)**, lançada em 6 de janeiro de 1868, cujo conteúdo foi preservado até a sua 4ª edição. Esta nota é importante dado que a partir da 5ª edição, de 1872 — e, portanto, já depois da desencarnação do seu autor —, a obra sofreu algumas modificações em seu conteúdo (alguns trechos foram suprimidos, outros editados e outros mais acrescentados), sendo justamente esta a versão pela qual foram feitas as mais conhecidas traduções brasileiras até então. De nossa parte, por considerarmos duvidosas essas alterações, optamos por uma adaptação baseada na 1ª edição, que, até à 4ª edição, contém rigorosamente a mesma disposição, assegurados de estarmos vertendo verdadeiramente o pensamento do seu autor, Allan Kardec.

Esta adaptação procura simplificar o texto utilizando-se de vocábulos mais comuns, mais atualizados, no entanto, sem alterar o teor da argumentação.

As novas verdades que a maravilhosa Doutrina Espírita nos traz devem estar ao alcance de todos, por uma questão de respeito e de amor.

Louis Neilmoris

A Gênese

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

P O R

ALLAN Kardec

Autor de **O Livro dos Espíritos**

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza.

Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis, e não pela ab-rogação delas.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

Adaptada da 1ª edição
Numa Linguagem Simplificada

por:

Louis Neilmoris



www.luzespirita.org.br

Sumário

Introdução – pag. 9

A Gênese segundo o Espiritismo

CAPÍTULO I — *Caráter da Revelação Espírita* – pag. 12

CAPÍTULO II — *Deus* – pag. 32

- Existência de Deus
- Da natureza divina
- A Providência
- A visão de Deus

CAPÍTULO III — *O Bem e o Mal* – pag. 41

- Origem do bem e do mal
- O instinto e a inteligência
- Destruição mútua dos seres vivos

CAPÍTULO IV — *Papel da Ciência na Gênese* – pag. 49

CAPÍTULO V — *Antigos e modernos sistemas do mundo* – pag. 54

CAPÍTULO VI — *Uranografia geral* – pag. 59

- O espaço e o tempo
- A matéria
- As leis e as forças
- A criação primária
- A criação universal
- Os sóis e os planetas
- Os satélites
- Os cometas
- A Via Láctea
- As estrelas fixas
- Os desertos do espaço
- Eterna sucessão dos mundos
- A vida universal
- A ciência
- Considerações morais

CAPÍTULO VII — *Esboço geológico da Terra* – pag. 78

- Períodos geológicos
- Estado primitivo do globo
- Período primário
- Período de transição
- Período secundário
- Período terciário
- Período diluviano
- Período pós-diluviano ou atual. Aparição do homem

CAPÍTULO VIII — *Teorias da Terra* – pag. 92

Teoria da projeção
Teoria da condensação
Teoria da incrustação

CAPÍTULO IX — *Revoluções do globo* – pag. 96

Revoluções gerais ou parciais
O dilúvio bíblico
Revoluções periódicas
Cataclismos futuros

CAPÍTULO X — *Gênese orgânica* – pag. 101

Formação primária dos seres vivos
Princípio vital
Geração espontânea
Escala dos seres corpóreos
O homem

CAPÍTULO XI — *Gênese espiritual* – pag. 109

Princípio espiritual
União do princípio espiritual e da matéria
Hipótese sobre a origem dos corpos humanos
Encarnação dos Espíritos
Reencarnação
Emigrações e imigrações dos Espíritos
Raça adâmica
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido

CAPÍTULO XII — *Gênese mosaica* – pag. 123

Os seis dias
O paraíso perdido

Os Milagres segundo o Espiritismo

CAPÍTULO XIII — *Características dos milagres* – pag. 135

CAPÍTULO XIV — *Os fluidos* – pag. 142

Natureza e propriedade dos fluidos
Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais

CAPÍTULO XV — *Os milagres do Evangelho* – pag. 158

Observações preliminares
Sonhos
Estrela dos magos.
Dupla vista
Curas
Possessões
Ressurreições
Jesus caminha sobre a água
Transfiguração
A tempestade acalmada
As bodas de Caná
Multiplicação dos pães

Tentação de Jesus
Prodígios na morte de Jesus
Aparições de Jesus após sua morte
Desaparecimento do corpo de Jesus

As Predições segundo o Espiritismo

CAPÍTULO XVI — *Teoria da presciência* – pag. 182

CAPÍTULO XVII — *Predições do Evangelho* – pag. 188

Ninguém é profeta em sua terra
Morte e paixão de Jesus
Perseguição aos apóstolos
Cidades impenitentes
Ruína do Templo e de Jerusalém
Maldição contra os fariseus
Minhas palavras não passarão
A pedra angular
Parábola dos vinhateiros homicidas
Um só rebanho e um só pastor
Advento de Elias
Anunciação do Consolador
Segundo advento do Cristo
Sinais precursores
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão
Juízo final

CAPÍTULO XVIII — *Os tempos chegaram* – pag. 205

Sinais dos tempos
A nova geração

Introdução

À PRIMEIRA EDIÇÃO PUBLICADA EM JANEIRO DE 1868

Esta nova obra é mais um passo dado ao terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme seu título indica, ela tem por objetivo o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: *A Gênese*¹, *os milagres e as predições*², em suas relações com as novas leis que se deduzem da observação dos fenômenos espíritos.

Dois elementos, ou se preferirem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios resultam fenômenos especiais, que se tornam naturalmente inexplicáveis desde que se tire um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável caso se tirasse um de seus elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

Ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e por isso considerados inadmissíveis, por parte de certa classe de pensadores. Esses fatos sobram nas Escrituras, mas seus comentadores não conseguiram chegar a uma solução racional, pois ignoram a lei que os rege. Posicionados em um dos campos opostos, eles têm girando sempre dentro do mesmo círculo de ideias: uns desqualificando os dados positivos da ciência, e os outros desconsiderando o princípio espiritual.

Essa solução se encontra na ação recíproca do Espírito e da matéria. É exato que ela tira o caráter sobrenatural da maioria de tais fatos. Contudo, que é o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza, ou rejeitá-los por completo? Sua rejeição absoluta acarreta na negação até da base do edifício, ao passo que, admitidos desse modo, apenas suprimindo os acessórios, a base continua intacta. Eis a razão por que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença em verdades que antes consideravam meras utopias³.

Esta obra é, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, desde um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos elaborados desde longo tempo; mas, ainda não havia chegado o momento de serem publicados. Era preciso antes que as ideias destinadas a lhes servir de base houvessem chegado à maturidade e, além disso, que se levasse em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não contém mistérios, nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito com claridade, a fim de que todos possam julgá-lo com conhecimento de causa. Não obstante, cada coisa tem que vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes que questão seja esclarecida por completo, seria antes causa de retardo do que de avanço. Na questão de que aqui tratamos, a importância do assunto nos impunha o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrarmos no estudo, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que afastam dela toda ideia de misticismo, constituem o objeto do primeiro capítulo, intitulado: *Características da revelação espírita*. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque de certo modo, aí está o nó da questão.

Apesar da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa

¹ **Gênese:** origem, princípio – N. E. (Nota desta Edição)

² **Predição:** previsão, profecia, vaticínio – N. E.

³ **Utopia:** ilusão, quimera, fantasia — N. E.

pertence aos Espíritos, porém ela não se constitui da opinião pessoal de nenhum deles. A doutrina é — e não poderia deixar de ser — *o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos*. Somente sob tal condição se pode denominá-la doutrina *dos Espíritos*. Doutra forma, seria apenas a doutrina *de um Espírito*, e somente teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, eis o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos — também submetida ao critério da lógica — é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, seria preciso que a união dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que eles têm dito. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que fraquejasse, seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. Isso é também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, que não possuem raízes por toda parte, como ela.

O Livro dos Espíritos só teve o seu crédito consolidado por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou sua primeira década. Nesse intervalo, os princípios fundamentais, cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos em virtude do ensino progressivo dos Espíritos, mas, nenhum recebeu desmentido da experiência; todos — sem exceção — permaneceram de pé, mais vivos do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de toda parte, era ensinado o contrário. Aqui está o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos cuidados têm presidido a redação das nossas outras obras, de modo que podemos dizer *segundo o Espiritismo*, porque estávamos certo de sua conformidade com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que, por motivos semelhantes, podemos dar como complemento das anteriores, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que a responsabilidade delas não pese sobre a doutrina.

Aliás, sem dúvidas, os leitores assíduos da *Revista Espírita*⁴ têm tido ensejo de observar, em forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas nesta obra, conforme temos feito com relação às anteriores. A *Revista Espírita* muitas vezes representa para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constitutivas da doutrina.

⁴ *Revista Espírita (Revue Spirite, no original em francês)*, de cujo subtítulo "Jornal de Estudos Psicológicos", era uma publicação mensal, que teve sua primeira edição lançada por Allan Kardec em 1 de janeiro de 1858 – N. E.

A GÊNESE
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO I

Caráter da revelação espírita

1. Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, quer dizer, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas aptidões, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, que já conhecemos? Quais as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é preciso para se conduzir? Tais as questões sobre as quais importa nos fixemos.

2. Primeiro vamos definir o sentido da palavra *revelação*. **Revelar**, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente *sair de sob o véu*, e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção comum mais genérica, essa palavra é empregada a respeito de qualquer coisa ignorada que é divulgada, de toda ideia nova que nos vem do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e podemos dizer que há para nós uma revelação incessante. A astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia revelou a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico⁵, Galileu⁶, Newton⁷, Laplace⁸, Lavoisier⁹ foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar um fato conhecido; se a coisa é falsa, já não é um fato e por consequência não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de ser revelação; se for atribuída a Deus, como Deus não mente e nem se enganar, ela não pode vim dele; ela deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor

⁵ **Nicolau Copérnico** (1473-1543): matemático e astrônomo polaco; propôs a teoria heliocêntrica, na qual afirmava que o Sol era o centro do Sistema Solar, derrubando a tese geocêntrica, de que a Terra seria o centro do Universo – N. E.

⁶ **Galileu Galilei** (1564-1642): cientista italiano de notáveis contribuições à Ciência, por exemplo, estabelecendo os princípios do método científico moderno – N. E.

⁷ **Isaac Newton** (1643-1727): importante cientista inglês que revolucionou as leis da Física com, dentre outras descobertas, a lei da gravidade – N. E.

⁸ **Pierre Simon Laplace** (1749-1827): matemático, astrônomo e físico francês, pioneiro da Mecânica Física – N. E.

⁹ **Antoine Lavoisier** (1743-1794): cientista francês, considerado o pai da Química moderna – N. E.

lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, sua cota de observações aproveitáveis para aqueles que vêm depois. Portanto, na realidade, o ensino é a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas¹⁰, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fosse, as teriam ignorado sempre.

5. Mas, o professor só ensina o que tem aprendido: é um revelador de segunda ordem; o homem sábio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primordial; traz a luz que pouco a pouco se populariza. Que seria da humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas, quem são esses homens geniais? Por que são geniais? Onde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria, ao nascer, demonstram capacidades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Mas, onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante sua vida? Dirão, como dizem os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dirão, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida do que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tachariam Deus de parcialidade. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O sábio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conta disso, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros, sem precisar aprender, é chamado homem de gênio. Mas sua sabedoria é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Logo, antes de renascer, ele era Espírito adiantado; reencarna tanto para fazer que os outros aproveitem do que ele já sabe, quanto para ele aprender mais.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem ajudados por outros mais adiantados, como o estudante aprende pelos seus professores. Todos os povos tiveram seus gênios, que vieram em diversas épocas, para lhes dar impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que admitimos a dedicação de Deus para com as suas criaturas, por que não haveremos de admitir que Espíritos capazes de fazerem que a Humanidade avançar, por sua energia e superioridade de conhecimento, encarnem pela vontade de Deus, com o propósito de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. O que eles vêm fazer senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses sábios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. As coisas novas que eles ensinam aos homens são **revelações** — seja na ordem física, seja na ordem filosófica.

Se Deus ocasiona reveladores para as verdades científicas, com mais forte razão, pode permiti-los para as verdades morais, que constituem um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas

¹⁰ **Metafísica**: que vai além da dimensão material, além dos sentidos físicos, transcendental, espiritual — N. E.

espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhes é dado por Deus ou por seus mensageiros — seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados, missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta; ela é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tiveram sua razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão um dia à luz do Cristianismo. Então, é injusto que se lance maldição sobre eles em nome da ortodoxia¹¹, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas nas formas, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente as religiões têm sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições particulares e temos visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio desse nome, têm explorado a fé em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos seus iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*; “*Haverá falsos Cristos e falsos profetas*”.

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousáramos resolver de maneira absoluta — nem afirmativamente, nem negativamente. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá prova certa dele. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se enchem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de sua sabedoria pessoal, esses podem tirar as instruções que ministram dos seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome da Divindade, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

Esses gêneros de comunicações não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho ou seja em estado de desperto, assim como vemos tantos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Portanto, é rigorosamente exato dizermos que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, hoje sabemos que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer “Não acreditem em todos os Espíritos; mas vejam antes se os Espíritos são de Deus.” (I João, 4:1)

Então, pode haver revelações sérias e verdadeiras como há as apócrifas¹² e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação*

¹¹ **Ortodoxia:** interpretação doutrinária rigorosa e inflexível – N. E.

¹² **Apócrifo:** não oficial, duvidoso, clandestino, falso – N. E.

contaminada de erros ou sujeita a modificação não pode vir de Deus. É assim que a lei do Decálogo¹³ tem todos os traços de sua origem, enquanto que as outras leis de Moisés — sendo fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai¹⁴ — são obra pessoal e política daquele legislador hebreu. Depois que os costumes do povo se abrandou, essas leis caíram por si mesmos em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. Uma importante revelação se opera na época atual: é a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta — isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o sufocou sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução saudável; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo desses acessórios ridículos, compreender seu alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos — assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e conseqüentemente o destino do homem depois da morte — é uma verdadeira revelação, na concepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa, nem de uma intenção premeditada do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina vêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que devem conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por esse ensino não ser privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; porque aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não é proibido a eles o exame, mas, ao contrário, é recomendado; enfim, porque *a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara e, portanto, ele próprio tirar as deduções e aplicações. Numa palavra, ***o que caracteriza a revelação espírita é o fato de sua origem ser de Deus e da iniciativa dos Espíritos, sendo que a sua elaboração é fruto do trabalho do homem.***

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as suas conseqüências e busca as aplicações úteis. ***Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida***; assim, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, da mesma maneira que os outros princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a

¹³ Decálogo: os Dez Mandamentos – N. E.

¹⁴ Monte Sinai, onde a Bíblia diz que Moisés recebeu o Decálogo — N. E.

teoria que veio depois explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.

15. Citemos um exemplo: passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito estranho, de que seguramente ninguém havia suspeitado que é o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos superiores — que conhecem perfeitamente esse fato — não vieram dizer antecipadamente “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”; mas provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que nós os observássemos. Tendo visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, do exemplo deduzimos a regra. A variedade de fatos semelhantes demonstrou que o caso não era excepcional, mas que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão estranha ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e que é peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. Assim como a Ciência clássica tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, entendemos que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. **O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente**; a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria, e que por haver prescindido do princípio espiritual, encontra-se com tantas dificuldades, que o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e controle. O estudo das leis da matéria tinha que vir antes que o estudo da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro é captada pelos sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras ciências cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, que não pode nada sem a física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes foram trazidas pela física e pela química. À geologia, nascida recentemente, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, teriam faltados seus elementos de vitalidade, de modo que só podia vir depois daquelas.

18. A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos¹⁵ e, de observação em observação, chegou à concepção de **um só elemento gerador** de todas as transformações da matéria; mas a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao **elemento material**, ele juntou o **elemento espiritual**. **Elemento material e elemento espiritual**, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a indivisível união deles facilmente se explica uma

¹⁵ Os primeiros filósofos acreditavam que o Universo era gerado de quatro elementos básicos: terra, ar, fogo e água. Hoje, como se sabe, essas formas materiais não passam de agregação de outras substâncias, de forma que não elementos materiais em si, mas uma agregação circunstancial do elemento material – N. E.

multidão de fatos até então inexplicáveis.¹⁶

Tendo como objetivo o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, O Espiritismo toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de explicarmos tudo com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. Acusam a Doutrina Espírita de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a química é filha da alquimia, aquela com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na astrologia e na alquimia estivesse a semente das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudou, mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram — para o leigo — seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton e Kepler¹⁷ tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e toda a base do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que igualmente se apoiavam na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam com essas relações crenças e práticas ridículas, com as quais o moderno Espiritismo — fruto da experiência e da observação — nada tem a ver. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia. Confundi-las é provar que não se sabe nada sobre elas.

20. O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se revela a nós e que tem tanto mais importância quanto o fato de que ele alcança todos os homens — sem exceção.

De maneira geral, o conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar uma profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução a se operar nas ideias, revolução tanto maior e tanto mais poderosa quanto não se limita a um povo, nem a uma classe social, mas que atinge simultaneamente pelo coração, todas as categorias, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Logo, há razão para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21. Como profeta, **Moisés** revelou aos homens a existência de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai¹⁸ e lançou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. O **Cristo**, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório,

¹⁶ A palavra **elemento** não é empregada aqui no sentido de **corpo simples, elementar, de moléculas primitivas**, mas no de **parte constitutiva de um todo**. Neste sentido, podemos dizer que o **elemento espiritual** tem parte ativa na organização do Universo, como se diz que o **elemento civil** e o **elemento militar** figuram no cálculo de uma população; que o **elemento religioso** entra na educação; ou que na Argélia existem o **elemento árabe** e o **elemento europeu** – N. K (Nota de Kardec)

¹⁷ **Johannes Kepler** (1571-1630): reconhecido astrônomo, matemático e astrônomo alemão – N. E.

¹⁸ Os dez mandamentos, decálogo – N. E.

puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não havia falado, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte (ver *Revista Espírita*, 1861, páginas 90 e 280).

23. A parte mais importante da revelação do Cristo — no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina — é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual devemos considerar a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem fazer exceção às mulheres, às crianças e aos idosos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas, já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e ***dá a cada um segundo as suas obras***; já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria gente contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a ele; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas aquele que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial; lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoem as ofensas, se querem ser perdoados; façam o bem em troca do mal; não façam o que não gostariam que lhes fizessem”. Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe — sob as mais rigorosas penas — o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com formalidades.¹⁹ Enfim, ***já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.***

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, ***o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas fazem de Deus.*** As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus partidário e ciumento são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por considerarem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e insignificâncias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: ***Amem a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.*** Sobre esta única crença, ele assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal. Mas, teria sido possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

Essa revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junto com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, dava a eles novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e, por isso mesmo, tinha de reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas consequências, esse é o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente; é lamentável dizer que esse é também o ponto do qual a Humanidade mais tem se afastado e que mais tem ignorado na interpretação dos seus ensinamentos.

¹⁹ **Formalidades:** liturgia mística, ritual, sacrifícios – N. E.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que digo vocês ainda não podem compreender e eu teria a dizer muitas outras que não compreenderiam; por isso é que lhes falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviarei a vocês o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará tudo.*” (João, 14,16; e Mateus, 17)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio confessou, portanto, seu ensinamento era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que deveria lhe completar; logo, previu que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensinamento; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. Por que ele denomina o novo messias de *Consolador*? Este nome — significativo e sem equívoco — é toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo nunca tivesse sido tão claro e tão explícito quanto nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção o bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; muitas coisas pareciam sem sentido no estado dos conhecimentos de então. Devemos entender “completar o seu ensino” no sentido de *explicá-lo* e *desenvolver*, muito mais do que de agregar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de semente; faltava só a chave para apreendermos o sentido das suas palavras.

29. Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos?²⁰

Quem ousa fazer isso? Primeiro, a Ciência — que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza, e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa²¹ na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais e necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra²² e a crença nos antípodas²³. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram maldição à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, reveladas mais tarde pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos — mesmo com muito boa vontade — se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que desconheciam.

Mas quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso! Os homens, cada vez mais esclarecidos — à

²⁰ **Teólogo:** aquele que estuda ou se ocupa acerca das teorias sobre Deus – N. E.

²¹ Aqui, **arca santa** faz-se referir à **Arca da Aliança**, descrita no Antigo Testamento da Bíblia, espécie de baú sagrado onde foram depositadas as pedras sobre as quais foram escritos os Dez Mandamentos recebidos por Moisés – N. E.

²² O tribunal da Inquisição, pertencente à Igreja Católica, condenavam defensores da ideia de a Terra girar em torno do Sol, pois a Igreja defendia que este planeta era o centro do Universo e que, portanto, tudo girava em torno dele – N. E.

²³ **Antípoda:** seres que habitam em lugares opostos. Refere-se ao fato de os antigos doutores da Igreja não terem descoberto a existência de povos de outras regiões, como os do continente americano – N. E.

medida que novos fatos e novas leis se forem revelando — saberão separar os conceitos ilusórios da realidade. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; ambas são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio²⁴ e Buda²⁵ até o Cristianismo. Quanto à teologia, ela não poderá alegar judiciosamente contradições da Ciência, visto que ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O ESPIRITISMO, partindo das próprias palavras do Cristo — como este partiu das de Moisés — é resultado direto da sua doutrina cristã.

À vaga ideia da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso ele especifica a crença; ele lhe dá um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e em toda parte vê a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem algumas mais favorecidas do que outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles a quem chamamos de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado espiritual, como praticavam na condição humana, mas que avançarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres especiais na criação, mas sim Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, assim, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres trilham para um objetivo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, por serem todos filhos das suas próprias obras.

31. Pelas relações que hoje o homem pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, ele possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas penas; sabe a razão por que eles são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que se faz. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de amedrontador, porque é para ele a sua libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo o estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou seja, que ele é punido pelo que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado

²⁴ Confúcio (551 a.C – 479 a.C.): filósofo e teórico político chinês – N. E.

²⁵ Buda, ou Siddhartha Gautama (563 a.C. – 483 a.C.): líder espiritual, fundador do Budismo – N. E.

sofreria eternamente, caso persistisse no mal, mas que o sofrimento acaba com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre pelos seus excessos enquanto não lhes põe fim.

33. Se a razão rejeita — por ser incompatível com a bondade de Deus — a ideia das penas imperdoáveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno, que não podem ser minimizadas nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, essa razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

34. A pluralidade das existências — cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros — é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que ela demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem explica todas as aparentes anormalidades que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela durabilidade do Espírito, que tem vivido mais ou menos, que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (ver item 5).

35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com aquela doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os homens não são solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários no passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem suas consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, nobre ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Então, se a reencarnação fundamenta o princípio da fraternidade universal como uma lei da natureza, também por esta mesma lei ela fundamenta o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

Os homens nascem inferiores e subordinados apenas pelo corpo; pelo Espírito, eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, uma vez que aquele que é nosso subordinado hoje pode ter sido nosso semelhante ou nosso superior, talvez um parente ou amigo, e que, por nossa vez, podemos voltar a ser subordinados daquele a quem comandamos.

37. Tirem do homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fariam dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil, e ***apropriada para ser explorada*** como um animal inteligente. Não esperando nada depois da morte, nada impede a que aumente os prazeres do presente; se ele sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro e de encontrar de novo aqueles a quem amou, com o ***temor de rever aqueles a quem ofendeu***, todas as suas ideias mudam. Mesmo que o Espiritismo só tivesse tirado o homem da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o reprimem algumas vezes, mas não o transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não somente seria inconciliável com a justiça de Deus — que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só —, seria também um contrassenso, e ainda menos justificável porque a alma não existia na época a que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz ao renascer o germe das suas antigas imperfeições, dos defeitos de que ainda não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelas suas tendências a esse ou àquele vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente todas as consequências, mas com a diferença capital de que carrega a pena das suas próprias faltas, e não a falta de outro alguém; e essa outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir — seja libertando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos e isso até que esteja suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que tenha progredido moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como aquele que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforços, sem cálculo e, por assim dizer, sem o pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências, esse vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo está a caminho de vencer. Portanto, há **virtude original**, como há **saber original**, e **pecado**, ou melhor, **vício original**.

39. O Espiritismo experimental tem estudado as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suposto desde a antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de **corpo espiritual**²⁶, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo físico. Hoje sabemos que essa vestimenta é inseparável da alma; que ele é um dos elementos constitutivos do ser humano, o veículo da transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa um papel importantíssimo no organismo e numa multidão de efeitos, que se liga tanto à fisiologia quanto à psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, porque se relacionam à espiritualidade, qualificados por outros como milagres ou feitiçarias, conforme suas crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões, possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos também fazem parte de leis naturais, assim como os fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maioria das superstições. Se ele faz com que acreditemos na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quimeras²⁷, também impede que se creia em muitas outras, de que ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; ele traz a luz sobre os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram incompreensíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, compreendem-

²⁶ Conforme lemos na 1ª carta aos Coríntios, 15:44: “Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual” – N. E.

²⁷ **Quimera**: utopia, ilusão, fantasia, absurdo, algo impossível etc. — N. E.

nas sem dificuldade com o auxílio do Espiritismo e as admitem; enxergam melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria²⁸; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Além do mais, se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo — pela finalidade que atribui a todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal que ele torna tangível²⁹, pela força moral, pela coragem e consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de revê-los, a possibilidade de se entreter com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao avanço, reconhecemos que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do **Consolador** anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma realizada, porque, de fato, é ele o verdadeiro **Consolador**.³⁰

43. Se adicionarmos a estes resultados a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo — apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo —, ninguém poderá discordar de que a sua vinda não seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, e isso sem constrangimento, sem outros meios senão pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, aquela de crer em alguma coisa, após a vida escavada pela descrença e que, por consequência, veio a seu tempo.

44. Os aflitos estão em grande número; por isso, não é surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola, em vez daquelas que desesperam, porque é aos deserdados que o Espiritismo se dirige, mais do que aos felizes do mundo. O doente vê o médico chegar com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vocês que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, mostrem-nos mais e melhor do que ele; curem com maior segurança as feridas da alma. Tragam então mais consolações, mais satisfações de coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; façam do futuro um quadro mais racional, mais atraente; porém, não pensem vocês vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou da beatitude e inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não tem em nenhum indivíduo. As duas primeiras foram individuais, a terceira não o é em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais e a terceira é coletiva; aí está um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de ninguém; em consequência disso, ninguém pode proclamar-se como seu profeta exclusivo; ela foi espalhada simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme

²⁸ **Alegoria**: modo de expressar uma ideia de forma simbólica, figurada; simbolismo, metáfora — N. E.

²⁹ Tangível: capaz de ser tocado, sentido e compreendido — N. E.

³⁰ Muitos pais lastimam a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, dizem que tudo foi pura perda de tempo. Com o Espiritismo, eles não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam seus filhos morrer, porque sabem que, se estes não aproveitam tal educação na vida presente, ela servirá, primeiro que tudo para o seu adiantamento espiritual; e mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando eles voltarem, terão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas, que sabem, por assim dizer, sem ter necessidade de aprender. Se, como pais, eles não têm a satisfação imediata de ver os filhos colocarem em prática essa educação, eles certamente desfrutarão disso mais tarde — seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam, de novo, os pais desses mesmos filhos, a quem chamamos de afortunadamente dotados pela natureza, e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se tornarem maus pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que lhes suscitarão em nova existência (ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 21; "Mortes prematuras") – N. K.

esta profecia registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos” (Atos dos Apóstolos, 2:17-18). Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de um dia servir a todos, de ponto de ligação.³¹

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram necessariamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: que não estando personificada em um só indivíduo, produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seita³² em torno dele; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde teria surgido, enquanto que, após dez anos, já plantou raízes de um polo a outro.

47. Esta circunstância — inédita na história das doutrinas — lhe dá uma força excepcional e um poder de ação irresistível; de fato, se a reprimirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a reprimam em todos os pontos e em todos os países. Por cada lugar onde ela seja entravada, haverá mil outros em que florescerá. E mais: se a atingirem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria qualquer tempo depois, porque ela repousa sobre **um fato que está na natureza**, e não se pode suprimir as leis da natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com o assentimento do Espiritismo (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: “Perpetuidade do Espiritismo”).

48. Entretanto, esses centros disseminados poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países mais distantes. Faltava entre eles um traço de ligação, que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, ensinando-os o que se fazia noutros lugares. Esse traço de união — que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade — encontra-se nas publicações que vão a toda parte, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em toda a parte sob múltiplas formas e diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; elas tinham que ser impostas pela fé, através da autoridade da palavra do Mestre, pois os homens não eram bastante adiantados para contribuir com sua elaboração.

Todavia, notamos entre elas uma diferença bem sutil, quanto ao progresso dos

³¹ O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que já começa a se operar, é o de um observador atento, que estuda os fatos para descobrir suas causas e delas tirar as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir; temos comparado e comentado as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, depois coordenamos tudo metodicamente; em resumo, temos estudado e dado ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuírmos aos nossos trabalhos qualquer outro valor do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem quereremos impor as nossas ideias a ninguém. Publicando essas ideias, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de um grande número, do qual não podemos nos envaidecer, porque a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Tudo isso que temos feito é o que qualquer outro poderia fazer como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, muito menos, de nos apresentarmos como tal — N. K.

³² **Seita**: doutrina religiosa ou teoria filosófica separada da opinião geral da qual se originou; facção, divisão, partido — N. E.

costumes e das ideias, se bem que elas eram feitas entre o mesmo povo e no mesmo meio, mas após dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, autoritária; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pelo convencimento; ela é controversa mesmo durante a vida do seu fundador, que não deixava de discutir com seus adversários.

50. A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual — em que a inteligência já desenvolvida não se submete a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o efeito de cada coisa — tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. Os Espíritos só ensinam justamente o que é necessário para guiá-lo no caminho da verdade, mas eles se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao exercício da razão, muitas vezes, deixando-o mesmo adquirir experiência por conta própria. Eles fornecem ao homem o princípio, os materiais, para que tire proveito deles e se lance ao trabalho (nº 15).

51. Os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente sobre uma variedade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução; fica bem evidente que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo fruto; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre a qual haviam de se firmar as ideias não podiam surgir senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, limitado num círculo restrito, muitas vezes só vendo uma ordem particular de fatos — não raro contraditórios na aparência, geralmente vindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, entravados por influências locais e tendência partidária —, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de reunir as observações isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestassem, logo teriam surgido tantas teorias e doutrinas quantos fossem os centros, e nenhum dos quais poderiam estar completo, por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual teria se imobilizado na sua revelação parcial, crendo possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Além disso, é notável que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, sobre assuntos tão diversos que exigem tanto conhecimentos quanto aptidões mediúnicas especiais que seria impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os objetos de estudo e de observação, assim como em algumas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários.

A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda neste momento, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que tem constituído a *doutrina espírita*.

Portanto, era necessário agrupar os fatos espalhados, para ver sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los e estudar suas semelhanças e diferenças. As comunicações vinham de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, logo, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder a eles, e distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a aprovação do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da sã lógica, utilizar até os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento da situação do mundo invisível

e formar com isso um conjunto homogêneo. Era preciso, em resumo, um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida e de todo prejuízo de seita, **resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais**. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e **sem propósito premeditado**.³³

53. Desse estado de coisas, originou-se uma dupla corrente de ideias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras retornando do centro para a circunferência. É assim que a doutrina tem caminhado rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde ela emanou; que as teorias divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao seu isolamento, diante da influência da opinião da maioria, na falta de aí encontrar repercussões simpáticas. Desde então, uma comunhão de pensamentos se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam de um extremo a outro do mundo.

Os Espíritos se sentiram mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os reuniu à grande família; os fenômenos que presenciavam não mais lhes pareceram estranhos, anormais, nem contraditórios — desde que puderam vinculá-los às leis gerais da harmonia, abarcar de um golpe de vista a edificação, e descobrir em todo esse conjunto um fim grandioso e humanitário.³⁴

Mas, como saberemos se um princípio é ensinado por toda parte, ou se não é apenas o resultado de uma opinião individual? Como os grupos isolados não têm condições de saber o que se diz noutros lugares, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apanhado das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.³⁵

54. Não há nenhuma ciência que tenha saído completa do cérebro de um homem. Todas — sem exceção — são produto de observações sucessivas, apoiando-se em observações precedentes,

³³ *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar numa filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos; que abordou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, tem sido desde o seu aparecimento o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria, é que ele era a expressão dos sentimentos dessa maioria, e que correspondia às suas aspirações; é assim também porque cada qual encontrou a confirmação e uma explicação racional do que se obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, ele não teria tido nenhum crédito e prontamente teria caído no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Por certo não foi o homem, que nada vale por si mesmo, agente operário que morre e desaparece; mas a ideia que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma imensa correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Na presença dessas provas irrecusáveis, no que se tornariam futuramente todas as falsas alegações e as difamações da inveja e do ciúme? — N. K.

³⁴ Um testemunho significativo — tão notável quanto tocante — dessa comunhão de pensamentos que se estabeleceu entre os espíritas, pela unidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca viana. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

É digno de nota que de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de promover cisão proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que os que, por razões de amor-próprio ou outras, não querendo parecer se submeterem à lei comum, consideraram-se fortes o bastante para caminhar sozinhos, cheios de luzes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável; todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Como poderia ser de outro modo, desde que, para se distinguirem — em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações —, eles rejeitavam princípios da doutrina, especialmente aquele que a torna mais poderosamente atraente, o que ela tem de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se eles tivessem compreendido a força dos elementos morais que têm constituído a unidade, não teriam se enganado por uma ilusão química. Entretanto, tomando o seu pequeno círculo como se fosse o Universo, não viram nos adeptos mais do que uma confraria que pode ser facilmente atropelado por outra confraria contrária. É enganar-se estranhamente quanto aos caracteres essenciais da doutrina e esse erro só poderia acarretar decepções. Em lugar de romper a unidade, eles quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida (ver *Revista Espírita*, abril de 1866: "Espiritismo sem Espíritos: 'Espiritismo independente') — N. K.

³⁵ Esse é o objeto das nossas publicações, que podem ser consideradas o resultado desse apanhado. Todas as opiniões são discutidas nelas, mas as questões somente são formuladas em princípios depois de haverem recebido a consagração de todos os controles, que, só elas, lhes podem dar força de lei e permitir afirmações. Eis por que não defendemos ligeiramente qualquer teoria e é nisso que a doutrina, procedendo do ensino geral, não é o produto de um sistema preconcebido. É também o que dá a sua força e o que garante o seu futuro — N. K.

como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. É assim que os Espíritos tem procedido com relação ao Espiritismo; daí o fato de o seu ensinamento ser gradativo; eles abordam as questões à medida que os princípios sobre os quais eles tenham de se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião esteja bastante madura para assimilá-los. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras eles não obtiveram mais do que respostas contraditórias e não conclusivas. Quando, ao contrário, o momento oportuno vem, o ensinamento é todo idêntico, na quase universalidade dos centros.

Todavia, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências há uma diferença capital, que é a de que estas só atingiram o ponto que alcançaram após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos para o Espiritismo, quando não a alcançar o ponto máximo, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para constituir uma doutrina. Decorre esse fato ser inumerável a multidão de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada qual a cota de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante muitos séculos, foram produzidas quase ao mesmo tempo, em apenas alguns anos, e que bastou reuni-las para formar um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiro, para que o edifício chegasse mais rapidamente ao ápice; em segundo lugar, para que pudéssemos, por meio da comparação, ter um controle, a bem dizer imediata e permanente da universalidade do ensino, não tendo nenhuma de suas partes valor e nem *autoridade* a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos se harmonizar, colocar cada um no seu devido lugar, e cada qual achar-se no seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, Deus quis de outra forma que, assim como o mais pequenino quanto o maior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de uma única fonte.

Por outro lado, cada Espírito, assim como cada homem, tendo apenas de uma soma limitada soma de conhecimentos, individualmente estavam inabilitados de tratar com verdadeiro conhecimento de causa as inúmeras questões inerentes ao Espiritismo; eis também porque a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; ela tinha que surgir da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros.³⁶

55. Uma última característica da revelação espírita, e que ressalta das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser — e não pode deixar de ser — essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, ela se alia à Ciência, que, sendo a exposição das leis da natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus — o autor dessas leis. ***As descobertas da Ciência glorificam a Deus, ao invés de o rebaixarem; elas só destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que eles fazem de Deus.***

Portanto, o Espiritismo só estabelece como princípio absoluto aquilo que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da organização social — aos quais presta apoio das suas próprias descobertas —, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que tenham chegado ao estado de ***verdades práticas*** e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. ***Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que ele está em erro acerca de um ponto qualquer,***

³⁶ Ver em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, "Introdução", item II, e *Revista Espírita*, de abril de 1864: "Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos" – N. K.

*ele se modificaria nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*³⁷

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, já que não é outra senão aquela do Cristo? O homem carece de uma revelação, e não poderia achar em si próprio tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, sem dúvida que Deus concedeu ao homem um guia na consciência, que lhe diz: “Não faça a ninguém o que não gostaria que te fizessem”. A moral natural certamente está inscrita no coração dos homens; porém, todos sabem lê-la? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Ela não se tornou uma letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Reprovarão que um pai repita dez vezes ou cem vezes as mesmas instruções aos seus filhos, se eles não as sigam? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lembrá-los os seus deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam? E para abrir os olhos da inteligência aos que os têm fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão aquela do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, a quem serve o sue ensinamento, já que só dizem aquilo que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, e em termos quase idênticos; de todos os moralistas que repetem as mesmas coisas sobre todos os tons e sobre todas as formas. Pois bem! **Os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas**, com a diferença de que, manifestando-se em toda parte, tanto se fazem ouvir na cabana como no palácio, tanto aos ignorantes quanto aos instruídos.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina cristã as próprias leis da natureza. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que liga todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, só então poderão dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados; sendo assim, Deus também já não lhes enviará tais moralistas.

57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que vem de seres de luzes limitadas e não infalíveis?

A objeção seria grave se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se a devêssemos receber exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados; essa objeção fica sem valor desde o instante em que o homem dá a ela a contribuição de sua inteligência e do seu julgamento; que os Espíritos se limitam a colocar no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fatos; o homem os estuda e procura a sua lei; ele é auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, na maioria das vezes, são mais **colaboradores** do que **reveladores**, no sentido usual do termo; Ele submete os seus dizeres ao exercício da lógica e do bom-senso; desta maneira, ele se beneficia dos conhecimentos especiais de que devem à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Como os Espíritos são simplesmente as almas dos homens, comunicando-nos com eles,

³⁷ Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, desabam todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Estas declarações, aliás, não são novas; temos repetido isso muitíssimas vezes nos nossos escritos, para não restar nenhuma dúvida a tal respeito. Elas assinalam assim o verdadeiro papel que nos cabe, o único que ambicionamos: o de trabalhador – N. K.

não nos colocamos fora da Humanidade — circunstância capital a considerarmos. Os homens sábios, que têm sido as bandeiras da Humanidade, vieram portanto do mundo dos Espíritos e para lá voltaram ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como fizeram sob a forma corporal; eles podem nos instruir após sua morte, tal qual faziam quando vivos; eles apenas estão invisíveis, em vez de serem visíveis — essa é a única diferença. Sua experiência e sua sabedoria não podem ser menores e se, como homens, a palavra deles tinha autoridade, não deve ter menos só porque estejam no mundo dos Espíritos.

58. Mas, não são só Espíritos superiores que se manifestam, são também Espíritos de todas as categorias e isso era necessário, para nos iniciarmos no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-nos este por todas as suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e a conectividade é ser mais evidente. Vemos mais claramente donde viemos e para onde vamos; esse é o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos — qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem — nos ensinam alguma coisa; porém, como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que implica nos seus ensinamentos; ora, seja quem for, todos podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem dúvidas, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um só dentre eles — fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão — viesse nesses tempos modernos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem poderia provar a veracidade das suas afirmativas, nesta época de ceticismo?³⁸ Não o tomariam por sonhador ou utopista? E mesmo admitindo que ele fosse a verdade absoluta, séculos se escoariam até que suas ideias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos **próprios Espíritos**, não por encarnados, a fim de convencer de sua existência, e que tivesse lugar simultaneamente por toda a Terra — seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensinamento uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. Os Espíritos não vieram isentar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe transmitirem nenhuma ciência inteiramente pronta. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças; isso é o que hoje os espíritas sabem perfeitamente. Há muito tempo a experiência tem demonstrado o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, os Espíritos constituem uma de suas faces; assim como na Terra, também há entre eles superiores e vulgares; muitos deles sabem científica e filosoficamente menos do que certos homens; eles dizem o que sabem — nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os mais avançados podem nos instruir sobre muitas coisas e nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. Pedir conselhos aos Espíritos não é, portanto, endereçar-se às potências sobrenaturais, mas a **seus semelhantes**, àqueles mesmos a quem se endereçaria aos seus vivos; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós. Disto é que importa que todos se convençam e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Então, qual a utilidade dessas manifestações, ou se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

³⁸ **Ceticismo**, ou **cepticismo**: ideia de eterna incapacidade de compreender a verdade; descrença, dúvida – N. E.

Primeiramente, como temos dito, eles se abstêm de nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o nosso grau de adiantamento não comporta. Fora isto, as condições da sua nova existência estende o círculo das suas percepções; eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria e isentos dos cuidados da vida corpórea, eles apreciam as coisas de um ponto mais elevado e, por isso mesmo, mais sadiamente; sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser — segundo o grau de adiantamento que alcançaram — mais acertados e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite também nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender naquele em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulou hipóteses sobre o seu porvir; daí porque suas crenças a esse respeito se dividem em sistemas tão numerosos e divergentes, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer o que ele seja e só **eles o podiam fazer**. Suas manifestações, por fim, serviram para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; e só esse conhecimento seria de capital importância, em supondo que os Espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se vocês fossem a um país novo para vocês, recusarão as informações que o mais humilde camponês que encontrassem? Deixarão de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperaríamos dele esclarecimentos de grande alcance, mas tal como ele é, na sua esfera, poderá lhes informar sobre alguns pontos melhor do que um sábio que não conheça o país. Vocês tirarão das indicações dele as consequências que ele próprio não tiraria, mas nem por isso ele deixaria de ser um instrumento útil às suas observações, embora apenas servisse para lhes informar acerca dos costumes dos camponeses. É o mesmo nas relações com os Espíritos, em que até o menor pode nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação simples fará compreender a situação ainda melhor:

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Ficamos sabendo que esse navio naufragou e nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros morreram e o luto está em todas as famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem exceção de um único homem, chegou a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente — que nós ignoramos. Ora, eis que um dia outro navio aporta a essa terra e lá encontra os naufragos sãos e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez do relâmpago. Cada qual se diz: “Os nossos amigos não morreram!” E rendem graças a Deus. Eles não podem se ver, mas se correspondem; eles trocam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são queridos e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia; a dúvida sobre a sorte deles e a nossa não existe mais; o desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fertilizam essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar os mistérios de sua destinação e contemplar de sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo invisível ao mundo visível fosse erguido. As manifestações nada têm de extra-humanas; **é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal** e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e eis o que vocês serão; o futuro está para vocês como está para nós. Vocês caminham nas trevas e nós viemos lhes clarear o caminho e traçar o roteiro; andam ao acaso, viemos lhes apontar a meta. A vida terrena era tudo para vocês, porque nada viam além dela; viemos lhes dizer, mostrando a vida

espiritual: a vida terrestre não é nada. A sua visão se detinha no túmulo, nós lhes desvendamos, para além, um esplêndido horizonte. Não sabiam por que sofrem na Terra; agora, no sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus. O bem era sem fruto aparente para o futuro. De agora em diante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, não passava de uma bela teoria, e agora está assentada numa lei da natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vocês e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si’. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito e o vazio e a solidão não são nenhum lugar; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: “Um por todos e todos por um”. Enfim, ao término da vida, vocês davam eterno adeus aos que lhes são caros; agora, dizem: ‘Até breve!’”

Em resumo, estes são os resultados da revelação nova, que veio encher o vazio escavado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a todas as coisas uma razão de ser. Esse resultado é sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, nem dar sabedoria aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem luta? Entretanto, os frutos que o homem deve colher dela não são somente para a vida futura; ele os colherá na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

Portanto, a revelação tem por objeto pôr o homem na posse de certas verdades que ele não poderia adquirir sozinho, e aí em vista de ativar o progresso. Essas verdades se limitam em geral aos princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho de investigações, e não ao de conduzi-lo para a borda; são os marcos que lhe mostram o objetivo: a tarefa de estudá-los e lhe deduzir as aplicações; longe de isentá-lo do trabalho, são os novos elementos fornecidos para a sua atividade.

CAPÍTULO II

DEUS

- **EXISTÊNCIA DE DEUS**
- **DA NATUREZA DIVINA**
- **A PROVIDÊNCIA**
- **A VISÃO DE DEUS**

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Deus, sendo a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo o que existe e a base do edifício da criação, também é o ponto que devemos considerar antes de tudo.

É um princípio elementar que julgamos uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não se vê essa causa. A ciência vai mais longe: ela calcula a grandeza da causa pela grandeza do efeito, e pode até determinar sua natureza. É assim, por exemplo, que a astronomia chegou à conclusão da existência dos planetas em regiões determinadas do espaço, através do conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; procuraram e encontraram planetas, pelo que, na realidade, podemos dizer que eles foram descobertos antes que tivessem sido vistos.

2. Numa ordem de fatos mais comuns, se estamos imersos num nevoeiro espesso, diante de uma claridade difusa nós julgamos que o sol está sobre o horizonte, embora não estejamos vendo o Sol. Se um pássaro que percorre os ares é atingido por um chumbo mortal, deduzimos que um hábil atirador o alvejou, ainda que não estejamos vendo esse atirador. Portanto, nem sempre se faz necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que chegamos ao conhecimento das causas.

3. Outro princípio também elementar, e que passou à condição de axioma³⁹ pela força da verdade, é o de que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Se perguntássemos qual é o construtor de tal mecanismo engenhoso, o arquiteto de tal monumento, o escultor de tal estátua ou o pintor de tal quadro, que pensaríamos daquele que respondesse que tal obra se fez sozinha? Quando contemplamos uma obra-prima de arte ou da indústria, dizemos ser o produto de um homem inteligente, porque só uma alta inteligência poderia ter presidido a sua confecção; julgamos nada menos que um homem deve tê-la feito, pois sabemos que a coisa não está acima da capacidade humana, mas não virá a ninguém a ideia de dizer que ela saiu da cabeça de um idiota ou de um ignorante, e menos ainda que ela é fruto de um animal ou produto do acaso.

4. Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. Se vocês aportassem uma terra desconhecida, fosse ela um deserto, e lá descobrissem o menor vestígio de trabalhos humanos, vocês concluiriam que lá habitam homens ou que eles tenham habitado essa região. A

³⁹ **Axioma:** ideia tão racional e evidente que em geral é tomada como uma verdade, sentença, máxima, provérbio — N. E.

existência dos homens antediluvianos⁴⁰ não seria provada apenas por meio dos fósseis humanos: mas também — e com muita certeza — pela presença de objetos trabalhados pelos homens, nos terrenos daquela época. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma ou um tijolo bastariam para atestar sua existência. Pela grosseria ou perfeição do trabalho reconheceríamos o grau de inteligência ou de adiantamento daqueles que executaram essas obras. Portanto, se por acaso vocês se encontram num país habitado exclusivamente por selvagens e descobrem uma estátua digna de Fídias⁴¹, não hesitariam em dizer que selvagens eram incapazes de tê-la feito e ela deveria ter sido obra de uma inteligência superior àqueles selvagens.

5. Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que rege tudo, reconhecemos não haver nenhuma que não ultrapasse o mais alto porte da inteligência humana, porque o maior gênio da Terra não saberia criar a menor folha de grama. Desde que a inteligência humana não pode produzir tais obras, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade. Essa harmonia e essa sabedoria, estendendo-se desde o grão de areia e o ácaro, até os incontáveis astros que circundam o espaço, é preciso concluir essa inteligência alcança o infinito — a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6. A isto alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos imóveis se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por virtude daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha à espécie da qual proveio; o crescimento, a floração, a frutificação e a coloração são subordinados às causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não prova a ação de uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; porém, aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa e ninguém pretende que elas sejam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si mesmas, também isto é verdade; mas, são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denotam uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força que faz esse pêndulo se mover é toda material e nada tem de inteligente. Mas, que seria desse pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de a inteligência não estar no mecanismo do pêndulo e de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamos essa inteligência pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo confirma a inteligência e o saber do relojoeiro. Quando vemos um desses relógios complexos, que marcam a hora das principais cidades do mundo, o movimento dos astros que percorrem o espaço, que, enfim, parece lhe falar vocês para dar a indicação da hora no momento preciso, já nos terá vindo à mente dizer: “aí está um relógio bem inteligente?”.

Do mesmo modo ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se

⁴⁰ Antediluviano: que existia antes do dilúvio; referência aos homens dos tempos primitivos – N. E.

⁴¹ Fídias (490 a.C.- 430 a.C.): exímio escultor da Grécia Antiga – N. E.

revela pelas suas obras.

7. Portanto, a existência de Deus é uma realidade comprovada não só pela revelação como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram nenhuma revelação e, entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; é que os selvagens, por si mesmos, não fogem às consequências lógicas; eles veem coisas que estão acima do poder do humano e deduzem que essas coisas vêm de um ser superior à Humanidade.

DA NATUREZA DIVINA

8. Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Temerário será aquele que pretenda levantar o véu que o oculta da nossa vista; nos falta *ainda* o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito. Mas, se o homem não pode penetrar na essência de Deus, sendo a existência divina dada como premissa, o homem pode chegar pelo raciocínio ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, vendo o que ele não pode ser sem deixar de ser Deus, deduz-se daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento das qualidades de Deus, seria impossível compreendermos a obra da criação; esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e foi pela falta de se recorrerem a isso, como a um farol que poderia lhes guiar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. Aquelas que não atribuíram a Deus a onipotência⁴² imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. **Deus é a inteligência suprema e soberana.** A inteligência do homem é limitada, pois que não pode fazer e nem compreender tudo o que existe. A de Deus, que abrange o infinito, deve ser infinita. Se a imaginássemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer aquilo que o primeiro não faria, e assim por diante até ao infinito.

10. **Deus é eterno**, isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada. Ora, não sendo coisa alguma, o nada não pode produzir nada. Ou melhor, se ele tivesse sido criado por outro ser anterior, nesse caso, este outro ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos então conceber uma entidade existente antes dele e capaz de sobreviver a ele, e assim por diante ao infinito.

11. **Deus é imutável.** Se ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. **Deus é imaterial**, isto é, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável aos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem — que não conhece nada mais além de si mesmo — toma a si próprio por modelo de comparação para tudo o que não compreende. Essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto são ridículas;⁴³ elas têm o inconveniente de rebaixar o ser supremo até as mesquinhas proporções da Humanidade; daí, para lhe atribuírem as paixões humanas e a fazerem dele um Deus colérico e ciumento não falta um passo.

⁴² **Onipotência:** qualidade que atribuímos a Deus como única potência e força soberana, acima tudo e sobre todos – N. E.

⁴³ Conforme se diz: **Deus antropomórfico**, ou seja, Deus com feições humanas – N. E.

13. Deus é todo-poderoso. Se ele não possuísse o poder supremo, poderíamos imaginar um ser mais poderoso e assim por diante, até encontrarmos o ser que nenhum outro pudesse ultrapassasse em potência e então esse outro é que seria Deus. Ele não teria feito todas as coisas, e o que não tivesse feito seria obra de outro deus.

14. Deus é soberanamente justo e bom. A providencial sabedoria das leis divinas se revela tanto nas mais pequeninas coisas quanto nas maiores, e essa sabedoria não permite que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade. Essas duas qualidades implicam todas as outras; se as supúnhamos limitadas, nem que fosse num só ponto, poderíamos conceber um ser que as possuíssem num grau mais alto, e que seria superior a Deus.

A infinidade de uma qualidade exclui a possibilidade de existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a menor parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira tonalidade de branco, nem de um branco absoluto com o mais pequenino ponto preto.

Pois então, Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, ele não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao capricho e não haveria estabilidade em nada. Consequentemente, Ele não poderia deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau; se fosse infinitamente mal, não faria nada de bom; ou, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e seu zelo, concluiremos que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade resulta a soberana justiça, pois se ele agisse injustamente ou com parcialidade *numa só circunstância*, ou com relação *a uma só de suas criaturas*, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente bom.

15. Deus é infinitamente perfeito. É impossível concebermos Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, porque sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se preciso que ele seja infinito em tudo.

Como os atributos de Deus são infinitos, não são sujeitos nem de aumento e nem de diminuição, sem o que eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos de qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16. Deus é único. A unicidade de Deus é resultado da infinidade absoluta das perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e então não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso seria por toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade e um mesmo poder; assim, confundidos na sua identidade, não haveria na realidade mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a suprema autoridade.

17. É o desconhecimento do princípio da infinidade das perfeições de Deus que tem gerado o politeísmo⁴⁴ — culto adotado por todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo poder que lhes parecia acima da Humanidade; mais tarde, a razão os levou a mesclar essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, suprimiram de seus símbolos as crenças que o tornavam em negação.

⁴⁴ **Politeísmo:** crença religiosa fundada na existência de mais de uma divindade – N. E.

18. Em resumo, Deus não pode ser Deus senão sob a condição de não ser ultrapassado em nada por nenhum outro ser, pois o ser que o superasse no que quer que fosse, ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus; por isso, é indispensável que ele seja infinito em todas as coisas.

Assim, estando a existência de Deus comprovada pelas suas obras, chegamos, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que lhe caracterizam.

19. Portanto, Deus é *a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não pode ser de outra forma.

Tal é a sustentação sobre a qual repousa o edifício universal; esse é o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, a única luz capaz de guiar o homem na busca da verdade; orientando-se por essa luz, ele nunca se enganará, e se o homem tem errado tantas vezes, é por não ter seguido o roteiro que lhe estava sendo indicado.

Tal também é o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo com certeza que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com *um só* desses atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste — nem que seja um til — das qualidades essenciais da divindade. A religião perfeita será aquela que não contenha entre seus artigos de fé nenhum que esteja em oposição com aquelas qualidades, em que todos os seus dogmas suportem a prova desse controle, sem sofrer nenhum dano.

A PROVIDÊNCIA

20. A providência é o cuidado de Deus para com as suas criaturas. Deus está em toda parte, vê tudo, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas; é nisto que consiste a ação providencial.

“Sendo Deus tão grande, tão poderoso e tão superior a tudo, como pode interferir em detalhes minúsculos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é uma interrogação que o incrédulo propõe a si mesmo, donde conclui que, em admitindo a existência de Deus, sua ação só deva se estender sobre as leis gerais do Universo; que o Universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso a intervenção incessante da providência.

21. No seu estado atual de inferioridade, os homens só muito dificilmente podem compreender que Deus seja infinito, uma vez que eles mesmos são limitados e circunscritos, e daí o imaginam também circunscrito e limitado, como eles; representam-no como um ser circunscrito e pintam uma imagem dele à semelhança deles. Nossos quadros em que o pintam com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das pessoas, que adoram nele mais a forma do que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso, sentado num *trono* inacessível e perdido na imensidade dos céus, sendo suas capacidades e percepções restritas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Na incapacidade em que o homem está de compreender a essência mesma da divindade, ele só pode fazer dela uma ideia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que ao menos servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos, é evidente que

cada molécula desse fluido, encontrando-se em contato com cada molécula da matéria, produzirá sobre o corpo uma ação idêntica à aquela que produziria a totalidade do fluido. É assim que a química demonstra todos os dias em proporções ilimitadas.

Não sendo inteligente, esse fluido atua mecanicamente apenas por meio das forças materiais; porém, se supusermos esse dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agiria, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia disso. Ele não é de si mesmo inteligente, porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito; é pela consequência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram tudo, que perscrutam os mais íntimos dos nossos pensamentos, que veem e agem à distância; é a esse fluido, chegando a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiquidade⁴⁵; basta um raio de seu pensamento dirigido sobre diversos pontos para que possam manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade é subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito. É ainda com a ajuda desse fluido que o próprio homem age à distância sobre certos indivíduos, pela força da vontade; que, dentro de certos limites, ele modifica a matéria, dá a certas substâncias inativas propriedades determinadas, repara as desordens orgânicas e opera as curas pela imposição das mãos.

23. Mas os Espíritos, por mais elevados que sejam, são criaturas limitadas nas suas faculdades, seu poder e o alcance de suas percepções, e não saberia, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Entretanto, eles podem nos servir de ponto de comparação. Aquilo que o Espírito só pode fazer num limite restrito, Deus, que é infinito, o faz nas propriedades indefinidas. Há também esta diferença: que a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto que a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito abarca apenas um tempo e um espaço circunscritos, enquanto que o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus, existe a distância do finito ao infinito.

24. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas é o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele quem o transmite, de certo modo fica *impregnado* dele, e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, este parece se confundir com um fluido, como o som parece se confundir com o ar, de tal sorte que, a bem dizer, podemos materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna som, poderíamos — tomando o efeito pela causa — dizer que o fluido se torna inteligente.

25. Seja assim ou não o pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, vamos representá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o Universo infinito e penetrando todas as partes da criação: **a natureza inteira é mergulhada no fluido divino**; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o conjunto, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento — isto é, os atributos essenciais da divindade, e estando esse fluido em toda parte — tudo é submetido à sua ação inteligente, à sua providência e à sua solicitude; não há nenhum ser, por mais insignificante que pareça, que não seja repleto desse fluido. Então nos achamos constantemente na presença da divindade; não há uma só nenhuma das nossas ações que possamos subtrair de seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que dizemos que Deus lê as mais profundas dobras do nosso coração. **Estamos nele, como ele está em nós**, segundo a palavra do Cristo.

Para estender seu cuidado a todas as criaturas Deus não precisa então lançar o olhar do alto da imensidade; para que ele possa nos ouvir, nossas preces não precisam percorrer o

⁴⁵ **Ubiquidade:** capacidade de estar presente em toda parte – N. E.

espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque ele está continuamente ao nosso lado e os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

26. Longe de nós a ideia de materializar a divindade; a imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mas apropriada para dar uma ideia mais justa de Deus do que os quadros que o apresentam sob uma figura humana; ela tem o objetivo de fazer compreensível a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

27. Temos constantemente diante de nossas vistas um exemplo que nos permite fazer ideia da maneira como a ação de Deus pode ser exercida sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e consequentemente como as mais sutis impressões de nossa alma chegam a ele. Esse exemplo foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre tal assunto.

“Um dos atributos da divindade é a infinidade; não se pode representar o Criador como sendo uma forma, um limite, uma demarcação qualquer. Se ele não fosse infinito, poderíamos conceber alguma coisa maior que ele e esta coisa é que seria Deus. — Sendo infinito, Deus é onipresente, pois se não estivesse em toda parte, ele não seria infinito; não se pode sair desse dilema. Portanto, se existe um Deus, e isto não resta dúvida a ninguém, esse Deus é infinito e não podemos conceber uma extensão que ele não ocupe. Consequentemente, ele se acha em contato com todas as criaturas; ele as envolve e elas estão nele; é então compreensível que ele esteja em relação direta com cada criatura, e, para que vocês compreendam o mais materialmente possível a maneira como esta comunicação tem lugar universal e constantemente, examinem aquilo que se passa com o homem entre seu Espírito e seu corpo.

“O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e cujo princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus (Compreendam bem que temos aqui uma questão de comparação e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos e suas articulações são outras tantas individualidades materiais — se assim podemos dizer — localizadas em pontos especiais do referido corpo; se bem que seja considerável o número dessas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, não é entretanto duvidoso para ninguém que se possam produzir movimentos ou que uma impressão qualquer possa ter lugar sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito sente todas elas, distingue-as, analisa-as, atribui a cada uma a sua causa determinante e o seu ponto de ação.

“Um fenômeno semelhante ocorre entre a criação e Deus. Deus está em toda parte na natureza, como o Espírito é onipresente no corpo; todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual; logo, não há razão para que os fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira, num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração; o Espírito sente cada manifestação, distingue-o e o localiza. As diferentes criações e as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe o que se passa e atribui a cada um o que lhe corresponde.

“Daí podemos também deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, a de todas as criações com o Criador.” (**Quinemant**, *Sociedade de Paris*, 1867)

28. Compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito chegamos à causa e julgamos sua

grandeza pela grandeza do efeito; porém, a sua essência íntima nos escapa, como aquela da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; nos os calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos?

29. Pelo princípio da soberana inteligência, nada impede que se admita um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar e inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol faz com a sua luz. Mas onde está esse foco? Isso é o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto que não o seja a sua ação, e que percorra incessantemente as regiões do espaço sem fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus essa aptidão há de ser sem limites. Estando Deus enchendo o Universo, nós poderíamos ainda admitir — a título de hipótese — que esse foco não precisa transportar-se e que ele se formar sobre todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde podemos dizer que está ele em toda parte e em parte nenhuma.

30. Diante desses problemas inexplicáveis, nossa razão deve se inclinar. Deus existe: disso não poderemos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: essa é a sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos; portanto, ele não pode querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele. Isto é o essencial; quanto ao mais, vamos esperar que nos tornemos dignos de compreendê-lo.

A VISÃO DE DEUS

31. Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? Estas são perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder; nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, o que os tornam impróprios para verem certas coisas — mesmo coisas materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos instrumentos de análise, e, portanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; só com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; Por isso, somente a nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o verá logo após a morte? Isto é o que somente as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas nós sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais purificadas, e, desse modo, deixando o corpo terreno, bem poucas possuem o grau de desmaterialização necessária. Comparações simples tornarão facilmente isso compreensível.

33. Aquele que se ache no fundo de um vale envolvido por um denso nevoeiro não vê o Sol; entretanto, como já temos dito, pela luz difusa ele percebe a presença do Sol. Se ele subir a montanha, à medida que for ascendendo, verá o nevoeiro se clareando e a luz ficando cada vez mais viva, contudo ainda não verá o Sol; quando ele começa a percebê-lo, o Sol ainda estará velado, pois o menor vapor basta para enfraquecer o brilho; somente depois que tenha se elevado acima da camada brumosa e se ache num ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ele o verá em todo o seu esplendor.

O mesmo ocorre com aquele cuja cabeça esteja coberta de vários véus; a princípio ele não vê nada; a cada véu que se eleva ele distingue uma luz mais e mais clara; mas só depois que o derradeiro véu desaparecer é que perceberá nitidamente as coisas.

É igual também a um licor carregado de substâncias estranhas; ele está inicialmente

turvo; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente puro, adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à visão.

Assim é o da alma. O envoltório perispirítico — embora seja invisível e impalpável para nós — é para ela uma verdadeira matéria, bastante grosseira para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é véu a menos; todavia, só depois de depurada completamente é que goza da plenitude das suas capacidades.

34. Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu esplendor pelos Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o veem, não é porque estejam mais distantes dele do que os outros; igual àqueles, como a todos os seres da natureza, eles se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós estamos mergulhados na luz; só que suas imperfeições são como véus que tiram a vista deles. Quando o nevoeiro tiver dissipado, eles o verão resplandecer; para isso, eles não terão que subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Estando a visão espiritual desembaraçada das manchas morais que a obscureciam, eles verão Deus de todo lugar onde se encontrem, mesmo da Terra, porque ele está em toda parte.

35. O Espírito só se purifica com o tempo e as diversas encarnações são os depuradores onde, a cada vez que encarnamos, deixamos algumas impurezas. Saindo do corpo físico, eles não se livram instantaneamente de suas imperfeições; é por isso que, depois da morte, não enxergam a Deus mais do que viam quando vivos; porém, à medida que se purificam, têm uma intuição mais clara dele; se não o enxergam, eles o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Então, quando alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe que respondam a uma determinada pergunta, não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; porém, eles o sentem; recebem as vibrações do seu pensamento, como ocorre conosco com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36. Por consequência disso, nenhum homem pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, isso só seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio seria o das almas da elite, encarnadas em missão, e não em *expição*. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria resplandecem de um ofuscante brilho, pode ser que Espíritos menos elevados — encarnados ou desencarnados — maravilhados com o esplendor que os cerca, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o confunde com o seu soberano.

37. Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de luz resplendente? Isto é o que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos traçar uma ideia de tal coisa; somos como cegos aos quais se procurasse em vão fazer que eles compreendessem o brilho solar. Nosso vocabulário é limitado pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas ideias; o dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para compreendê-los e a nossa vista muito fraca ficaria deslumbrada.

CAPÍTULO III

O BEM E O MAL

- ORIGEM DO BEM E DO MAL
- O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA
- DESTRUÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. Deus sendo o princípio de todas as coisas, e esse princípio sendo toda sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que procede dele há de participar dos seus atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja irracional, mau e injusto. O mal que observamos não pode então ter sua origem nele.

2. Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial — seja o que chamamos Arimane⁴⁶ ou Satanás —, de duas coisas, uma: ou ele seria igual a Deus e por conseguinte onipotente e de toda a eternidade como ele, ou seria inferior que ele.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra fizesse e se contrariando mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na ordenação do Universo.

No segundo caso, este ser sendo inferior a Deus, estaria subordinado a ele; não podendo existir de toda a eternidade como ele, sem ser igual a este, teria tido um começo; se tivesse sido criado, só poderia ter sido por Deus; assim, Deus haveria criado o Espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita.

3. Segundo uma determinada doutrina, o Espírito do mal, criado bom, teria se tornado mal, e Deus, para puni-lo, o teria condenado a permanecer eternamente mal, e lhe teria dado por missão seduzir os homens para induzi-los ao mal; ora, uma única queda podendo lhe merecer os mais cruéis castigos pela eternidade, sem esperança de perdão, haveria aí mais que uma falta de bondade, mas uma crueldade premeditada, pois por fazer a sedução mais fácil e melhor esconder a armadilha, Satanás seria autorizado a ***se transformar em anjo de luz e a simular até as obras de Deus até o ponto de confundí-las***. Seria mais iniquidade e imprevidência da parte de Deus, pois, sendo dado a Satanás toda a liberdade de sair do império das trevas e de se envolver com os prazeres mundanos para levar os homens, o provocador do mal seria menos punido do que as vítimas de seus truques, que caem por fraqueza, pois uma vez que no abismo, aqueles não poderiam mais sair de lá. Deus os nega um copo d'água para matar a sede deles, e durante toda a eternidade ele ouve — ele e seus anjos — seus gemidos sem se comover, enquanto que ele permite Satanás se dar todos os gozos que deseje.

De todas as doutrinas sobre a teoria do mal, aquela é sem dúvida a mais irracional e a mais injuriosa para a divindade. (ver ***O Céu e o Inferno***, cap. X, *Os demônios*)

⁴⁶ **Arimane**: na religião zoroástrica (antiga religião dos persas), significa o princípio do mal, senhor das trevas, equivalente a Satanás na tradição cristã – N. E.

4. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males são de todos os tipos. Há a princípio o mal físico e o mal moral, depois os males que o homem pode evitar e aqueles que são independentes de sua vontade. Entre os últimos, é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem, cujas capacidades são limitadas, não pode penetrar e nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses concretos e convencionais que criou para si mesmo, e que não estão na ordem da natureza; por isso é que muitas vezes ele acha mal e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se conhecesse a sua causa, o objetivo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo com relação às coisas que não compreende.

5. O homem recebeu uma cota de inteligência com cujo auxílio é possível afastar, ou pelo menos, atenuar consideravelmente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais saber ele adquire, mais se adianta em civilização e menos desastrosos se tornam os flagelos; com uma organização social sabiamente providente ele poderá até neutralizar as consequências, quando não puderem ser inteiramente evitados. Assim, por esses mesmo flagelos que têm sua utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que fere no presente, Deus permitiu ao homem, pelas qualidades que ele deu ao seu Espírito, os meios de paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, que ele imuniza os miasmas pestilentos, que ele fertiliza terras incultas e engenha para preservá-las das inundações; que ele constrói habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera, que se coloca ao abrigo das tempestades; finalmente, é assim que pouco a pouco a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais ele melhora as condições de habitação do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas capacidades físicas e morais, convidando-o à busca dos meios de subtrair esses malefícios. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; ele se entorpeceria na inatividade de seu espírito; não inventaria e nem descobriria nada. ***A dor é o estímulo que impulsiona o homem para frente, na estrada do progresso.***

6. Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, de sua cobiça e de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, dos conflitos, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las; sua rota é traçada pela sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração e, além do mais, Deus lhe faz lembrar delas sem cessar através dos seus messias e seus profetas, de todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de o esclarecer, moralizar e o melhorar, e nesses últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. ***Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há que se duvidar de que ele se pouparia dos mais cruéis males e viveria feliz na Terra.*** Se assim não o fizer, é por virtude do seu livre-arbítrio, e então ele sofre as consequências.

7. Entretanto, Deus, repleto de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, ele é forçado a procurar a solução no bem, sempre por efeito do seu livre-arbítrio; quando toma uma direção melhor, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes da outra direção. Portanto, a necessidade o constringe a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo

modo que o constrange a melhorar as condições materiais da sua existência.

Podemos dizer que ***o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor***. O mal também não é um atributo diferente assim como o frio não é um fluido especial; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem obrigatoriamente existe o mal; não fazer o mal já é o princípio do bem. Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se houvesse na criação um ser encarregado do mal, o homem não poderia evitá-lo; mas, como o homem tendo a causa do mal ***em si mesmo***, e tendo ao mesmo tempo o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo quando bem desejar.

Tomemos um fato comum como comparação. Um proprietário sabe que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde quem por lá se aventurasse poderia perecer ou se ferir. O que ele faz, a fim de prevenir os acidentes? Ele coloca perto desse lugar um aviso tornando proibido de se ir mais longe por motivo do perigo. Eis a lei, que é sábia e previdente. Se, apesar de tudo, alguém imprudente não leva em conta o aviso, vai lá e se dá mal, de quem ele poderá se queixar senão de si próprio?

Igualmente ocorre com todo o mal. O homem o evitaria se cumprisse as leis divinas. Deus, por exemplo, pôs um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ele ultrapassa esse limite, faz isso voluntariamente. Portanto, as doenças, as enfermidades e a morte, que daí podem resultar, vêm da sua imprevidência, e não de Deus.

8. Por que o mal decorre das imperfeições do homem e por que este foi criado por Deus, dirão que Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos a causa do mal; se ele tivesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, fatalmente penderia para o bem; ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem, nem para o mal. Quis Deus que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que ele tivesse o mérito dele, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que for feito da sua vontade. Logo, a questão consiste em saber qual é, no homem, a fonte de sua tendência para o mal.⁴⁷

9. Se estudarmos todas as paixões, e mesmo todos os vícios, veremos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto que se encontra com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; aí, ele domina sozinho, porque ainda não há neles o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto, ao contrário, se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria; com a inteligência racional nasce o livre-arbítrio, o qual o homem usa à sua vontade; só então começa para ele a responsabilidade dos seus atos.

10. O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, ele só tem necessidades materiais a satisfazer, e para isso, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, uma vez saído desse período, ele tem outras carências, a princípio carências semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele se livrar do jugo, avança pela senda providencial e se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se assemelha ao bruto. Nessa situação, ***o que antes era um bem — porque era uma necessidade da sua natureza — transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, mas porque se torna prejudicial***

⁴⁷ O erro consiste em pretendermos que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do Espírito e da sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse a suas finalidades últimas de forma militante e em resistência ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto ele, e, saindo das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, Deus teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio, como já o dissemos. Conhecendo todas as coisas em virtude de sua própria essência e sem ter aprendido nada, movido por um sentimento de orgulho nascida da consciência de seus atributos divinos, a alma teria sido induzida a renegar sua origem, a ignorar o autor de sua existência, e seria constituída em estado de rebelião e revolta contra seu Criador. (Bonnamy, juiz de instrução: **A Razão do Espiritismo**, cap. VI) — N. K.

à **espiritualização do ser**. Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Portanto, todas as paixões têm sua utilidade providencial, sem o que, Deus teria feito coisas inúteis e até nocivas; é o abuso que constitui, e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, ele livremente escolhe entre o bem e o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. Que a diferença há entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e começa o outro? O instinto seria uma inteligência rudimentar, ou seria uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita aos seres orgânicos atos espontâneos e involuntários, em vista da sua conservação. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno do apoio, ou se agarram com seus cachos. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou nocivo; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas crias, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio da mãe. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir de um perigo, para manter o equilíbrio; tais ainda o piscar das pálpebras para temperar o brilho da luz, a abertura mecânica da boca para respirar etc.

12. *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias.* É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todo ato mecânico é instintivo; aquele que demonstra reflexão e combinação é inteligente; um é livre, o outro não o é.

O instinto é um guia seguro, que não se engana jamais; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está sujeita às vezes a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela, porém, *uma causa inteligente*, essencialmente providente. Se admitirmos que o instinto tem sua origem na matéria, teremos de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como é que, em certos casos, ele seja superior à inteligência racionada? E que ele dê a possibilidade de executar coisas que a inteligência não pode produzir?

Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, qual vem a ser esse princípio? Desde que o instinto se apaga, então esse princípio será sufocado? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu destino é sem consequência; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação, o que não estaria em acordo nem com a justiça e nem com a bondade de Deus.

13. Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e semelhante princípio; chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio — que de início não teria mais do que

as qualidades do instinto — passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre; em resumo, ele receberia aquilo que convencionamos chamar de fálscia divina. Essa transformação não seria súbita, mas gradual, de tal maneira que, durante certo período, haveria uma mistura de duas aptidões, a primeira diminuído à medida que a segunda aumentasse.

14. Enfim, uma derradeira hipótese que, de resto, se ali perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com aquilo que o Espiritismo ensina no tocante às relações do mundo Espiritual com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais eles são protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluidicos; que o homem age muitas vezes de modo *inconsciente*, sob a ação desses eflúvios.

Sabemos também que o instinto — que por si mesmo produz atos inconscientes — predomina nas crianças, e em geral nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que preencheriam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Isso seria igual à andadeira⁴⁸ com que se amparam as crianças que ainda não sabem andar. Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos na medida em que estes podem se guiar por sua própria inteligência.

Assim, longe de ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, o instinto seria o produto de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem — que ela forçaria, para o seu bem, a fazer inconscientemente aquilo que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma —, seja de uma inteligência madura, porém momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, como se dá com o homem na infância e nos casos de idiotia e de doenças mentais.

Diz-se proverbialmente que há um Deus para as crianças, para os loucos e para os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe; esse Deus não é outro senão o Espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger pela sua própria razão.

15. Nesta ordem de ideias, podemos ir ainda mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão. Para buscar a causa, é preciso estudar os efeitos, e da natureza dos efeitos podemos concluir a natureza da causa.

Se observarmos os efeitos do instinto, em primeiro lugar, notaremos uma unidade de vistas e do conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto é trocado pela inteligência livre; ademais, à apropriação tão perfeita e tão constante das aptidões instintivas às necessidades de cada espécie, reconheceremos uma profunda sabedoria. Essa unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e, por consequência, com a diversidade das causas atuantes. Ora, para a sequência do progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatíveis com aquele conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produz desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais causar defeito. Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que obrigatoriamente implica a unidade da causa; se a causa fosse relativa a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente.

Ora, uma causa sábia e providente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

⁴⁸ **Andadeira:** andajá, andador, aparelho usado para crianças desenvolverem a capacidade de andar – N. E.

Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportamos à explicação dada sobre a maneira por que se pode conceber a ação providencial (cap. II, nº 25); se imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência, e é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem.

Dessa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno — o mais nobre de todos — que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não seria preciso que ele fosse entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. ***Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.***

16. Esta teoria de nenhum modo anula o papel dos Espíritos protetores, cujo auxílio é fato observado e comprovado pela experiência; mas, devemos notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte nenhuma apresenta a igualdade e a generalidade do instinto. Em sua sabedoria, o próprio Deus conduz os cegos, porém confia a inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e é um meio deles evoluírem, dependendo da forma como desempenhem tal missão.

16. Essa teoria não destrói de maneira nenhuma o papel dos Espíritos protetores cujo auxílio é um fato obtido e provado pela experiência; mas é de se notar que a ação deles é essencialmente individual; que se modificam de acordo com as qualidades próprias do protetor e do protegido, e que em nenhuma parte há uniformidade e generalidade do instinto. Deus, ele mesmo, na sua sabedoria, conduz os cegos, contudo, confia às inteligências livres o cuidado de conduzir os que enxergam para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente, e que é para eles um meio de adiantamento segundo a maneira pela qual eles realizam.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma apresenta um caráter suficiente de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. Sem dúvida, a questão será resolvida um dia, quando tivermos reunidos os elementos de observação que ainda nos faltam; até lá, temos que nos limitar a submeter as diversas opiniões ao exame da razão e da lógica, e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que corresponda melhor com os atributos de Deus, isto é, com a soberana bondade e a soberana justiça (Cap. II, nº 19).

18. Como o instinto é o guia e as paixões são as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, eles por vezes se confundem em seus efeitos, e sobretudo na linguagem humana que nem sempre serve suficientemente para a expressão de todos os detalhes. Contudo, há diferenças entre esses dois princípios que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro e sempre bom; ao fim de certo tempo, pode se tornar inútil, mas nunca prejudicial; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o fato de as criaturas serem solicitadas por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais que o instinto. O que principalmente as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; nós os vemos, ao contrário, variar de intensidade e de

natureza conforme os indivíduos. São úteis, bem como estimulante, até à eclosão do senso moral, que de um ser passivo faz um ser racional; nesse momento, tornam-se não só inúteis, como também prejudiciais ao progresso do Espírito, dos quais retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que agisse constantemente pelo instinto poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência; seria igual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse se utilizar de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, e, ao mesmo tempo, ser muito mau. ***O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só são dominadas pelo esforço da vontade.***

Todos os homens passaram pela fileira das paixões; aqueles que não mais as têm, que não sejam naturalmente nem orgulhosos, nem ambiciosos, nem egoístas, nem rancorosos, nem vingativos, nem cruéis, nem irados, nem sensuais, que fazem o bem sem esforço, sem premeditação e por assim dizer involuntariamente, são aqueles que progrediram na sequência de suas existências anteriores; estes são purgados do mal. É errado dizer que eles têm menos mérito por fazer o bem do que aqueles que têm de lutar contra suas tendências; para eles, a vitória está alcançada, enquanto que para os outros ela não está ainda, e quando estiver, estes serão como os outros: por sua vez, eles farão o bem sem o pensar, como crianças que leem corretamente sem precisar mais soletrar; são como duas doenças das quais uma está curada e em pleno vigor enquanto a outra ainda está em convalescença e tropeça ao caminhar; enfim, são como dois corredores dos quais um está mais perto da chegada do que o outro.

DESTRUIÇÃO MÚTUA DOS SERES VIVOS

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que ele criou entre eles a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem não vê mais do que a matéria e restringe a sua visão à vida presente, certamente, isso parece uma imperfeição na obra divina; de onde os incrédulos tiram essa conclusão de que Deus não sendo perfeito, não existe Deus. É que os homens julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio juízo está na medida de sua sabedoria e eles pensam que Deus não saberia fazer coisa melhor do que eles mesmos fariam. Sua visão curta não lhes permite apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia precisamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição. Ocorre com esta verdade como ocorre com uma multidão de outras; o homem não é apto a sondar certas profundidades quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.

21. A verdadeira vida — tanto do animal como do homem — não está mais no envoltório corporal, assim como não está na vestimenta; está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta; o corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa então que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório! Não deixa por isso de ser menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse as suas vestes cem vezes no ano: não deixaria de ser o mesmo homem por causa disso.

Pelo incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a

desejem como uma compensação.

Irão questionar: Deus não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios e sem constranger os seres vivos a se destruírem entre si? Muito ousado seria pretender penetrar nos desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não exista mais num ponto do que noutros; se não a compreendemos, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar buscar a razão, tomando por bússola este princípio: **Deus há de ser infinitamente justo e sábio**; Portanto, procuraremos em tudo a sua justiça e a sua sabedoria, e nos curvemos diante daquele que ultrapasse o nosso entendimento.

22. Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição — cuja utilidade na verdade é puramente física — é esta aqui: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias essas que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Os corpos — instrumentos de ação para o princípio inteligente — precisando ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam à sua manutenção mútua; por isso os corpos se nutrem de corpos, mas sem que Espírito seja aniquilado e nem alterado; ele apenas desprovido do seu envoltório.

23. Há também considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades. Aquele que ataca para tirar seu sustento e aquele que se defende para conservar a sua vida usam de astúcia e inteligência, e por isso mesmo, eles aumentam suas forças intelectuais. Um dos dois tomba; mas, na realidade, o que foi que o mais forte ou o mais esperto tirou do mais do fraco? A vestimenta de carne, nada mais; o Espírito — que não morreu — tomará mais tarde outro corpo.

24. Nos seres inferiores da criação — naqueles em quem não há o senso moral e a inteligência ainda não substituiu o instinto — a luta não pode ter por fim senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação; eles então lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, pois eles não poderiam ser estimulados por um objetivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Quando ela tiver atingido o grau de maturidade necessária para sua transformação, ela receberá de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, a centelha divina, em uma palavra, que dão um novo curso às suas ideias, dotando-as de novas aptidões e novas percepções.

Todavia, as novas faculdades morais das quais ela é dotada não só se desenvolvem gradativamente, pois nada é brusco na natureza; há um período de transição em que o homem mal se distingue do bruto; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta ainda tem por meta a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; então o homem luta, não mais para se alimentar, mas sim para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade de dominar: para isso, ele ainda precisa destruir. Todavia, à medida que o senso moral assume o comando, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade de destruir diminui; acaba mesmo por se apagar e se tornar odioso: o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo tendo chegado a esse ponto que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito; só ao preço de sua atividade é que ele adquire conhecimentos, experiências, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas enquanto na luta, sangrenta e brutal que era — torna-se puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes.⁴⁹

⁴⁹ Essa questão se vincula àquela, não menos grave, que se referente à animalidade e a humanidade, que será tratada posteriormente. Quisemos somente demonstrar por essa explicação que a destruição mútua dos seres vivos não contesta em nada a sabedoria divina, e que tudo se encaixa nas leis da natureza. Esse encadeamento seria necessariamente rompido se excluirmos o princípio espiritual; daí

CAPÍTULO IV

*PAPÉL DA CIÊNCIA
NA GÊNESE*

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da religião deles; é por isso que seus primeiros livros eram obras religiosas; e como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas — que é também o da humanidade — elas deram explicações sobre a formação e o arranjo do universo em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por longo tempo o código único das leis civis.

2. A religião era então um freio poderoso para se governar; os povos se curvavam voluntariamente diante das forças invisíveis em nome daqueles que os subjugava, e dos quais os governantes se diziam ter seu poder, caso eles não se submetessem aos iguais dessas mesmas autoridades.

Para dar mais força à religião, era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem o que ela poderia perder sua influência sobre os seres quase brutos e recém-nascidos para a razão. Ela não poderia ser questionada, e menos ainda as ordens do soberano; daí, o princípio da lei cega e da obediência passiva que teria assim, desde a origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneration que deveria haver pelos livros sagrados — quase sempre supostamente descidos do céu ou inspirados pela divindade — interditava de qualquer maneira todo exame.

3. Nas Eras primitivas, como os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo haviam de ser muito carregadas de erros grosseiros; mas, ainda quando esses meios fossem tão completos quanto são os de hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los; aliás, tais meios só podiam ser fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem foi se adiantando no conhecimento dessas leis, ele penetrou os mistérios da criação e retificou as ideias que eram formuladas sobre a origem das coisas.

4. Da mesma forma que para compreender e definir o movimento correlato dos ponteiros de um relógio é necessário conhecer as leis que presidem a seu mecanismo, apreciar a natureza dos materiais e calcular a potência das forças ativas, é necessário conhecer as que regem todas as forças postas em ação desse vasto conjunto.

O homem tem sido impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a chave lhe foi dada pela ciência. Foi preciso que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar o olhar aí; que, pela força do cálculo ele pudesse

determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz e da eletricidade, a força desses agentes sobre a natureza inteira e a causa dos inúmeros fenômenos que daí decorrem; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria e a mineralogia os materiais que formam a superfície do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia deviam iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados; com a arqueologia ele pôde acompanhar os traços da humanidade através das idades; em suma, completando-se umas às outras, todas as ciências tiveram que levar sua contribuição indispensável para o conhecimento da história do mundo; na falta dessas contribuições, o homem não tinha como guia mais do que suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que o homem tivesse posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese — cuja razão esbarrava nas impossibilidades materiais — giravam dentro de um mesmo círculo sem conseguirem sair dele; só o conseguiram quando a ciência abriu caminho, fazendo rachaduras no velho edifício das crenças, e tudo então mudou de aspecto; uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades foram prontamente aplanadas; em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental; o campo do Universo se alargou ao infinito; vimos a Terra e os astros se formarem gradualmente segundo leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, em vez de uma criação miraculosa e tirada repentinamente do nada, como uma mutação à vista, por uma súbita ideia da divindade, após uma eternidade de inércia.

Como que é impossível concebermos a Gênese sem os dados fornecidos pela ciência, podemos dizer com toda a verdade que: ***é a ciência que é chamada a constituir a verdadeira Gênese, a partir da lei da natureza.***

5. Ao ponto a que ela chegou ao século dezenove, a ciência solucionou todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, certamente; mas é incontestável que ela destruiu sem volta todos os erros principais e lançou os fundamentos mais essenciais sobre dados irrecusáveis. A bem dizer, os pontos ainda incertos não passam de questões de detalhes, cuja solução não poderá prejudicar o conjunto, qualquer que venha a ser no futuro. Aliás, apesar de todos os recursos que ela tem tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento importante, sem o qual jamais a obra poderia estar completa.

6. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos — mesmo com os erros que contém, e que hoje são demonstrados com evidência — é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais e vêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos — cuja antiga significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou porque o seu significado originou se modificou com os costumes dos povos — ou, ainda, decorrem da forma simbólica própria do estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra em vez de se procurar o seu sentido.

7. Evidentemente que a Bíblia contém fatos que a razão desenvolvida pela ciência não poderia aceitar hoje, e outros fatos que parecem estranhos e repugnantes, porque derivam de costumes que já não são os nossos. Porém, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecermos que ela guarda grandes e belas coisas. A simbologia ocupa ali espaço considerável, e esconde sob o seu véu verdades sublimes, que se evidenciam desde que a procuremos no íntimo do pensamento, pois então o absurdo desaparece.

Por que então o véu não se ergueu mais cedo? Por um lado, por falta de luzes que só a ciência e uma sã filosofia podiam fornecer, e por outro lado, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito bastante cego à letra, sob a qual a razão deveria se

inclinam, e, por conseguinte, pelo temor de comprometer a base das crenças erguidas sobre o sentido literal. Como as crenças partindo de um ponto primitivo, acreditava-se que se o primeiro anel da cadeia se rompesse, todas as malhas da rede acabariam por se desagregar; é por isso que se fecharam os olhos de qualquer maneira; entretanto, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício sai do prumo, não será mais prudente substituir imediatamente as pedras defeituosas por outras pedras boas em vez de se esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

8. Levando suas investigações até as entranhas da Terra e às profundezas dos céus, a Ciência demonstrou de maneira incontestável os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de as coisas terem se passado como são referidas textualmente ali; por ela mesma, a Ciência desferiu um duro golpe em crenças existentes há séculos. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental; mas, com quem a razão havia de estar: com a Ciência — caminhando prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas — ou com uma narrativa escrita quando absolutamente faltavam os meios de observação? No final de contas, quem deve prevalecer: aquele que diz 2 mais 2 são 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 mais 2 são 4 e dá a prova?

9. Mas então, alguns contestam: se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou? Se não é uma revelação divina, ela não tem mais autoridade, e a religião desmorona por falta de alicerce.

Das duas coisas, uma: ou a Ciência está em erro, ou tem razão; se tem razão, não pode fazer que uma opinião oposta seja verdadeira; não há revelação que possa se sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus — que é a completa verdade — induza os homens ao erro, nem ciente e nem inscientemente, senão ele não seria Deus. Portanto, se os fatos contradizem as palavras que são atribuídas a ele, devemos concluir logicamente que ele não pronunciou tais palavras, ou que elas palavras foram levadas ao contrassenso.

Se a religião sofre dano com qualquer parte dessas contradições, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas cabe aos homens, por haverem prematuramente estabelecido dogmas absolutos, de cujo tem feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de nos resignar, de boa ou má vontade, quando não consigamos evitá-las. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de uns possa detê-lo, o mais sensato é segui-lo e nos adaptarmos ao novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, sob o risco de cairmos com ele.

10. Seria preciso, por respeito aos textos guardados como sagrados, impor silência à ciência? Isso seria tão impossível quanto impedir que a Terra gire. Sejam quais forem as religiões, elas jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros comprovados. A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões que se baseiem na verdade. Ela cumpre sua missão pela própria força das coisas, e por uma consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana que, ela também, é uma obra divina, e não avança senão com a permissão de Deus em virtude das leis progressivas que ele estabeleceu. Lançar anátema⁵⁰ ao progresso como atentar contra a religião é também ir contra a vontade de Deus; é esforço mais inútil, porque nem todas as maldições do mundo impediriam a Ciência de avançar, e a verdade se faz hoje. ***Se a Religião se nega a caminhar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.***

⁵⁰ **Anátema:** sentença de maldição que a igreja lança contra uma heresia; excomunhão, condenação — N. E.

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência; essas descobertas não são fatais senão aquelas que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; elas geralmente fazem um conceito tão mesquinho da divindade que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus em suas obras; contudo, na sua cegueira, preferem render homenagem ao Espírito do mal. ***Uma religião que não estivesse em contradição em nenhum ponto com as leis da natureza nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.***

11. A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e a da formação da humanidade, considerada em seu duplo princípio corporal e espiritual. A ciência tem se limitado à pesquisa das leis que regem a matéria; no próprio homem, ela não tem estudado mais que o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se com exatidão das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano. Sobre esse ponto capital, a ciência pôde então completar a Gênese de Moisés e nela retificar as partes defeituosas.

Mas a história do homem — considerado como ser espiritual — se vincula a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita, e das quais, por este motivo, ela não tem feito objeto de suas investigações. A Filosofia, que tem mais particularmente esse gênero de estudo nas suas atribuições, só tem formulado conceitos contraditórios sobre o ponto em questão, desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases senão as ideias pessoais de seus autores; pois então, ela tem deixado a questão indecisa por falta de um controle suficiente.

12. No entanto, esta questão é a mais importante para o homem, por que envolve o problema do seu passado e do seu futuro; aquela do mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo é de onde ele veio, para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todos esses pontos a ciência é muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permite questionar — o que faz com que muitas pessoas se coloquem do seu lado de preferência, a seguir a religião, que não discute as opiniões.

14. Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, embora sem o demonstrar; mas não se concordam nem quanto à origem dessa alma, nem com relação ao seu passado, nem ao seu futuro, nem principalmente — o que é o essencial — de que depende a sua sorte futura. Em sua maioria, elas fazem do seu futuro um quadro imposto conforme a crença de seus adeptos, que não podem ser aceitos senão pela fé cega, mas que não podem suportar um exame sério. O destino que elas fazem da alma estando, nos seus dogmas, ligada às ideias que se tem feito do mundo material e do mecanismo do universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais. Então, só tendo o que perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples anular um e outra.

15. A dúvida e a descrença nasceram dessas divergências sobre o futuro do homem. E não poderia ser de outro modo: cada religião pretende possuir sozinha toda a verdade, uma descrevendo-a de um jeito e a outra descrevendo a verdade de outro modo, sem dar provas de suas afirmações o suficiente para reunir a maioria, nas indecisões o homem se volta para o seu presente. No entanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido no qual cedo ou tarde deve fatalmente ingressar; a ideia do nada o congela; a consciência lhe diz que para além do presente alguma coisa lhe está reservada: mas o quê? Sua razão desenvolvida já não lhe permite aceitar as histórias com as quais acalentaram sua infância, nem tomar a alegoria como realidade. Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência lhe rasgou um canto do véu; mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, ela nada lhe responde de maneira definitiva e apropriada a lhe acalmar as apreensões; por

toda parte depara com a afirmação a se chocar contra a negação, sem provas mais positivas de um lado do que do outro. Daí a incerteza, e ***a incredulidade sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance tomado de uma loucura sobre as coisas da vida material.***

Esse é o efeito inevitável das épocas de transição; cai o edifício do passado, sem que o do futuro ainda se ache construído. O homem é como o adolescente que já não tem a crença ingênua dos seus primeiros anos e ainda não possui os conhecimentos da idade madura; apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

16. Se a questão do homem espiritual permaneceu até aos dias atuais em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, que só existiam para comprovar o estado do mundo material, assim o campo permaneceu aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conhecia as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, ele andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. Assim tem sido tanto na ordem moral quanto na ordem física; faltou o elemento essencial para fixar as ideias: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado para nossa época, como aquele conhecimento das leis da matéria tem sido a obra dos dois últimos séculos.

17. Até o presente o estudo do princípio espiritual — compreendido na metafísica — tem sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo ele é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica — agora já mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada — o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo espacial e o microscópio para o dos infinitamente pequenos; ela permitiu explorar, estudar e, por assim dizer, *ver*, suas relações com o mundo corporal; permitiu separar no homem vivo o ser inteligente do ser material, e lhes observar agir separadamente. Uma vez em interação com os habitantes desse mundo, tornou-se possível seguir a alma na sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações e, enfim, pode-se estudar o elemento espiritual. Eis aí o que faltava aos anteriores comentadores da Gênese para compreendê-la e retificar os seus erros.

18. Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, são solidários entre si; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora, se bem nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual tenham dito a última palavra, o homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema. Era preciso, com toda a necessidade, essas duas chaves para se chegar a uma solução, ainda que aproximada. Quanto à solução definitiva, talvez não seja permitido jamais ao homem encontrá-la sobre a Terra, porque são coisas dos segredos de Deus.

CAPÍTULO V

ANTIGOS E MODERNOS SISTEMAS DO MUNDO

1. A primeira ideia que os homens formaram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, deve ter sido, a princípio, baseado unicamente na percepção dos sentidos. Desconhecendo as mais elementares leis da Física e as forças da natureza, só dispoñdo de sua vista limitada como meio de observação, eles só podiam julgar pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte, e desaparecer à tarde do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta se conservaria imóvel. Se lhes dissessem então que o contrário é o que ocorre, responderiam que tal coisa não seria possível, pois, contestariam: nós vemos que o Sol muda de lugar e não sentimos que a Terra se mexa.

2. A pequena extensão das viagens, que naquela época raramente iam além dos limites da tribo ou do vale, não permitia comprovar que a Terra era uma esfera. Além disso, como haviam de supor que a Terra fosse uma bola? Os homens somente poderiam se manter sobre o ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda a superfície, como poderiam eles viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? A coisa parecia ainda menos possível com o movimento de rotação. Mesmo nos nossos dias, em que conhecemos a lei de gravitação, quando vemos pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, como nos surpreendermos com o fato de que homens das primeiras idades não o tenham sequer suspeitado?

A Terra então era para eles uma superfície plana e circular qual uma mó de moinho, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal; daí a expressão ainda em uso: ir ao fim do mundo. Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia embaixo, era tudo desconhecido.⁵¹

3. O céu, aparecendo sob uma forma côncava, segundo a crença comum, era tido como uma abóbada⁵² real, cujas bordas inferiores repousavam na Terra e demarcavam os seus confins;

⁵¹ "A mitologia hindu ensinava que o sol se despojava de sua luz ao entardecer e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto, ao que refere Plutarco, sustentava que o sol era um carrinho repleto de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, teria emitido a opinião de que o sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do Oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedra-pomes [rocha vulcânica] aquecida até à incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa estranha! Os antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada na de exílio" (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, pág. 6).

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, nos tempos mais florescentes da Grécia, não devem causar espanto aquelas que os homens das primeiras idades faziam sobre o sistema do mundo – N. K.

⁵² **Abóboda:** espécie de teto construído em formas curvadas. Na ideia primitiva, a abóboda celeste seria uma cobertura física semelhante

vasto domo cujo ar enchia completamente a capacidade. Sem nenhuma noção do espaço infinito e incapazes até mesmo de o conceberem, os homens imaginavam que essa abóbada era constituída de uma matéria sólida, donde vem a denominação *firmamento* que sobreviveu à crença e que significa **firme, resistente** (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4. As estrelas, cuja natureza não se podia suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou menos grossos, fixadas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, conseqüentemente, todas elas à mesma distância da Terra, da mesma maneira como as representamos no interior de certas cúpulas, pintadas de azul, para simbolizar o azulado dos céus.

Se bem que hoje as ideias sejam totalmente diferentes, o uso das expressões antigas ficou conservado; ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada, sob a calota do céu.

5. A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra era então igualmente desconhecida; a ninguém podia vir a ideia de que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na Terra, de onde ninguém a via subir. Daí a crença na existência de **águas superiores** e de **águas inferiores**, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em chuva e, conforme fossem mais ou menos largas as frestas, a chuva era suave, torrencial e diluviana.

6. A ignorância completa do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros — que, aliás, pareciam tão pequenos, comparativamente à Terra — fez necessariamente com que esta fosse considerada como a coisa principal, o objetivo único da criação e os astros como acessórios criados exclusivamente para a distração dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até aos nossos dias, apesar das descobertas da ciência, que, para o homem, mudaram o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu, destinados a enfeitar a vista dos habitantes da Terra!

7. Porém, não tardou para que se apercebessem do movimento aparente das estrelas, que se deslocam em massa do oriente para o ocidente, despontando ao anoitecer e ocultando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições. Contudo, semelhante observação, durante longo tempo, não teve outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando consigo as estrelas no seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, simplistas, no curso de largos períodos seculares, constituíram o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias⁵³ antigas.

8. Mais tarde, percebeu-se, pela direção do movimento das estrelas e pelo seu periódico retorno na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente a metade de uma esfera posta sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, ao centro da qual se achava a Terra, sempre chata, ou, quando muito convexa, habitada somente na superfície superior. Já era um progresso.

Mas, qual o suporte da Terra? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação — desde a dos indianos, que a diziam suportada por quatro elefantes brancos e pousados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9. Entretanto, uma opinião geralmente espalhada nas teogonias⁵⁴ pagãs situava nos *lugares*

a uma cúpula, domo, metade de uma esfera – N. E.

⁵³ **Cosmogonia:** ramo da Astronomia que estuda a origem, estrutura e evolução do Cosmos (Universo) – N. E.

⁵⁴ **Teogonia:** narração do nascimento dos deuses (presente nas religiões politeístas, ou seja, aquelas que creem e adoram várias divindades) – N. E.

baixos, ou, dito de outro modo, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, não sabia bem, a morada dos condenados, chamada *inferno*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até aos nossos dias, se bem haja perdido a significação etimológica⁵⁵ depois que a geologia⁵⁶ retirou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que no espaço infinito não há nem baixo e nem alto.

10. Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta exatidão que os permitiu a ausência de instrumentos especiais. Notou-se primeiramente que certas estrelas tinham movimento próprio e independente da massa, o que não permitia supor que elas estivessem presas à abóbada; chamaram-lhes *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam os seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, foi notada a imobilidade da Estrela Polar, em cujo redor as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, uns maiores e outros menores conforme a sua distância em relação à estrela central; foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade⁵⁷ do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu segundo as latitudes e as estações; a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variando com a latitude abriu caminho à ideia da forma redonda da Terra; foi assim que pouco a pouco se fez uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Pelos anos 600 antes de Cristo, *Tales de Mileto* (Ásia Menor) descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da elíptica⁵⁸ e a causa dos eclipses.

Um século depois, *Pitágoras de Samos* descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

Hiparco de Alexandria (Egito), 160 anos antes de Cristo, inventa o astrolábio⁵⁹, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, elas levaram perto de 2.000 anos para se popularizar. As ideias novas dispoño apenas de raros manuscritos para então se propagar, permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados; as massas — que ninguém cuidava de esclarecer — não tiravam nenhum proveito delas e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

11. Por volta do ano 140 da era cristã, *Ptolomeu* — um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria —, combinando suas próprias ideias com as crenças comuns e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, que traz o seu nome, e que, por cerca de quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e compõe de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Era a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel que dava movimento a todos os céus inferiores, e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o

⁵⁵ Referente à **Etimologia**: estudo da origem e evolução do significado das palavras – N. E.

⁵⁶ **Geologia**: ramo da Ciência que estuda a origem, história, vida e estrutura da Terra – N. E.

⁵⁷ **Obliquidade**: o que não é reto, que é torto, que tem curva – N. E.

⁵⁸ **Elíptica**: referente ao plano de órbita da Terra no entorno do sol na forma de uma elipse, oval – N. E.

⁵⁹ **Astrolábio**: Instrumento em forma esférica ou de círculo graduado, com haste móvel, usado para observar e determinar a altura do Sol e das estrelas e medir a latitude e a longitude do lugar onde se encontra o observador – N. E.

Empíreo, habitação dos bem-aventurados, assim denominada do grego *pyr* ou *pur*, que significa **fogo**, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, cujo número, entretanto, variava: o sétimo era geralmente tido como o mais elevado, donde vem a expressão “Ser arrebatado ao sétimo céu”. São Paulo disse que havia sito elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, segundo Ptolomeu, os astros tinham movimentos próprios, particulares, mais ou menos dilatados, conforme sua distância em relação ao centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios⁶⁰, que de fato se realiza aproximadamente a cada 25.000 anos.

12. No começo do século dezesseis, **Copérnico**, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras; ele publicou um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou a desbancar aquele de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu redor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, **Galileu**, natural de Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro⁶¹ satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa-lhes as fases e determina o tempo de suas rotações em torno de seu **eixo**, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desde então ruiu a construção dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados, como esta; o Sol sendo uma estrela, centro de um turbilhão de planetas sujeitos a ele; as estrelas sendo inúmeros sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários.

As estrelas não estão mais confinadas numa zona da esfera celeste, mas estão irregularmente espalhadas pelo espaço sem limites; aquelas que pareciam se tocar encontrando-se a distâncias inimagináveis umas das outras; as menores aparentemente são as mais afastadas de nós e as maiores são as que estão mais perto, porém, ainda assim estando a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de *constelações não* são mais do que conjuntos aparentes causados pela distância; efeitos de perspectiva, como na forma, à vista daquele que se posta em um ponto fixo, de luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta; porém esses agrupamentos não existem realmente; se nós pudéssemos nos transportar para a reunião de uma dessas constelações, a sua forma se desmancharia na medida em que nos aproximássemos dela e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Como esses agrupamentos só existem na aparência, o significado que uma crença supersticiosa e comum lhe atribui é ilusória e sua influência só poderia existir na imaginação.

Para distinguir suas constelações, foi dado a elas nomes como estes: **Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Libra, Capricórnio, Câncer, Áries, Hércules, Grande Ursa** ou **Carro de David, Pequena Ursa, Lira**, etc., e as representaram pelas figuras que esses nomes lembram — fantasiosas em sua maioria, mas que, em todos os casos, não têm qualquer relação com a forma aparente do grupo de estrelas. Seria assim em vão procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações — sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco — veio da ideia ligada aos nomes que elas trazem; se àquela que se chama **leão** fosse dado o nome de **asno** ou de **ovelha**, certamente lhe teriam dado outra influência.

13. A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias foram destruídas para sempre; a

⁶⁰ **Equinócios**: momento em que o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite tenham igual duração – N. E.

⁶¹ Depois de Galileu, os astrônomos descobriram mais oito; são conhecidos atualmente, portanto, 12 satélites de Júpiter (4 deles com movimento retrógrado) – N. E.

astronomia só podia avançar, e não recuar. A História conta as lutas que esses grandes pensadores tiveram de sustentar contra os preconceitos e, sobretudo, contra o espírito de seita, interessado em manter erros sobre os quais se haviam fundado crenças que lhes pareciam firmadas em bases inabaláveis. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma construção de muitos milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público iniciado nas novas ideias começou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta; já não era contra indivíduos que eles tinham de combater, mas contra a opinião geral, que abraçou a causa da verdade.

Quanto o Universo é grande em relação às mesquinhas proporções que nossos pais lhe deram! Quanto é sublime a obra de Deus, desde que a vemos realizar-se conformemente às eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços dos pensadores e quantos devotamentos se fizeram necessários para destravar os olhos e, afinal, arrancar deles a venda da ignorância!

14. Desde então estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra delineada. Na Alemanha, Kepler descobre as famosas leis que conservam o seu nome e por meio das quais se reconhece que os planetas descrevem suas órbitas não circulares, mas em elipses, onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravidade universal; Laplace, na França, cria a mecânica celeste; e finalmente a astronomia deixa de ser um sistema de conjeturas ou de probabilidades e torna-se uma ciência estabelecida sobre as mais rigorosas bases do cálculo e da geometria. Assim se acha assentada uma das pedras fundamentais da Gênese.

CAPÍTULO VI

URANOGRÁFIA⁶² GERAL⁶³

- O ESPAÇO E O TEMPO
- A MATÉRIA
- AS LEIS E AS FORÇAS
- A CRIAÇÃO PRIMÁRIA
- A CRIAÇÃO UNIVERSAL
- OS SÓIS E OS PLANETAS
- OS SATÉLITES
- OS COMETAS
- A VIA-LÁCTEA
- AS ESTRELAS FIXAS
- OS DESERTOS DO ESPAÇO
- ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS
- A VIDA UNIVERSAL
- A CIÊNCIA
- CONSIDERAÇÕES MORAIS

O ESPAÇO E O TEMPO

1. Já foram dadas muitas definições de espaço; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos; daí certos sofistas⁶⁴ deduziram que onde não haja corpos não haveria espaço; é nisto que alguns doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço seria necessariamente finito, alegando que certo número de corpos limitados não poderiam formar uma série infinita, e que, onde acabassem os corpos, o espaço também findaria. Também definiram o espaço como: o lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria age etc. Deixemos nos tratados onde repousam todas essas definições que não definem nada.

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática⁶⁵, evidente por ela mesma, e cujas diversas definições que se possam dar só servem para obscurecê-la. Todos nós sabemos o que é o espaço e eu não pretendo nada mais do que estabelecer sua infinidade, a fim de que nossos estudos posteriores não encontrem nenhuma barreira opondo-se às investigações de nossa ótica.

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de ser impossível imaginarmos algum

⁶² **Uranografia**: ciência que tem por objetivo a descrição do céu; Astronomia, Uranologia – N. E.

⁶³ Esse capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado por Galileu, pelo médium M. C. F. [supostamente o célebre astrônomo espírita Nicolas Camille Flammarion] — N. K.

⁶⁴ **Sofista**: na definição de Sócrates, aquele que faz uso de sofisma, ou seja, argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa – N. E.

⁶⁵ **Axiomática**: relativo a axioma; ideia considerada consistente e inquestionável — N. E.

limite nele e porque, apesar da dificuldade que encontramos para conceber o infinito, mais fácil para nós é avançar eternamente pelo espaço em pensamento do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para exemplificarmos a infinidade do espaço o quanto as nossas limitadas habilidades nos permitam, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da fásca elétrica — que percorre **milhares de léguas por segundo**, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo —, nos encontraríamos num lugar onde a Terra apareceria para nós sob o aspecto de uma pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a estrelas distantes que vocês mal percebem de sua estação terrestre; e de lá, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, mas até o próprio Sol — com todo o seu esplendor — tem se eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma abundância com que semeou as plantas nos campos terrenos.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob nossas vistas e, entretanto, escutem! Na realidade, não avançamos um só passo no Universo!

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes mais e **incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago**, igualmente nem um passo teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aqui o que é o espaço!

2. O tempo, assim como o *espaço*, é uma palavra já definida por si mesmo; temos feito dele uma ideia mais exata em estabelecendo sua relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos que estamos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. Aqui o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos achamos, porque o pêndulo dos séculos ainda não está em movimento.

Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa com eterno timbre, o planeta se move no espaço e desde então temos *noite* e *manhã*. Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre e durante uma determinada série de gerações nós contaremos os anos e os séculos.

Vamos nos transportar agora para o último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da velhice, a terra se apagará do livro da vida para não mais ai reaparecer: então a sucessão dos eventos se encerra; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição de coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que tivemos de nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida.

Quantos mundos na vasta amplidão e quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas rápidas sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites são as duas grandes propriedades da natureza universal:

O olhar do observador que atravessa as incomensuráveis distâncias do espaço sem jamais encontrar parada e o olho do geólogo que volta além dos limites das idades, ou que desce

às profundezas da eternidade escancarada, onde eles um dia se perderão, atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando ordem de ideias, será fácil compreendermos que o tempo sendo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, tomando os séculos terrestres por unidade, nós os empilhássemos milheiros sobre milheiros para formar um número colossal e esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não são mais do que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supor envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte mais que um dia; e, juntando a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, se imaginássemos viver durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao fim, o inconcebível amontoado de séculos que nos passaria sobre a cabeça seria como se não existisse: restaria sempre diante de nós toda a eternidade.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela, não há começo e nem fim: tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos de um segundo em relação à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?!

A MATÉRIA

3. À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, há dois que revelam uma perfeita identidade ou pelo menos uma igualdade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam — seja do ponto de vista da constituição íntima, seja pela ótica de suas ações recíprocas — são de fato apenas modos diversos de como a matéria se apresenta, que as variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

4. A química, cujo progresso tão rápido depois da minha época, com a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode considerar precisamente como filha do século da observação e unicamente baseada no método experimental, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas; a química, digo, fez um belo jogo dos quatro elementos primitivos⁶⁶ que os antigos concordaram em reconhecer na natureza; mostrou que o elemento terrestre não é mais do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é

⁶⁶ Quatro elementos primitivos: certos filósofos antigos acreditavam que tudo no Universo era constituído basicamente de quatro substâncias, a saber: terra, água, fogo e ar – N. E.

apenas um estado da matéria resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, ela fez surgir considerável número de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar por determinadas combinações as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que, segundo certas leis e em certas proporções, atuam simultaneamente nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da natureza. A esses princípios ela deu o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indivisíveis e que até hoje nenhuma operação pode reduzi-los a frações relativamente mais simples do que eles próprios.⁶⁷

5. Mas, aí param as especulações do homem, mesmo ajudados pelos mais impressionantes sentidos artificiais, enquanto a obra da natureza prossegue; aí onde o comum toma a aparência da realidade, lá onde o prático levanta o véu e percebe o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de agir da natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a **matéria cósmica primitiva**, simples e única, diversificada em certas regiões na época do seu aparecimento, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e que um dia se desmembraram no receptáculo da extensão por sua decomposição.

6. Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais só poderemos emitir opiniões pessoais mais ou menos hipotéticas; sobre essas questões eu me calarei ou justificarei a minha maneira de ver; mas aquela com que nos ocupamos não pertence a esse número. Portanto, àqueles que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, eu direi: se for possível, abracem com olhar investigador a multiplicidade das operações da natureza e reconhecerão que, se não admitirmos a unidade da matéria, será impossível explicar, não lhes direi apenas os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto.

7. Se observamos tal diversidade na matéria, é porque as forças que têm presidido as suas transformações e as condições em que estas são produzidas, sendo em número ilimitado, as combinações variadas da matéria não podiam deixar mesmo de ser ilimitadas.

Portanto, seja a substância que se considere pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou, seja aquela que envolva os tipos e as propriedades comuns da matéria, não há em todo o Universo senão uma única substância primitiva; a *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.⁶⁸

AS LEIS E AS FORÇAS

8. Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua rápida existência no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos⁶⁹, uma dessas nereidas — miseráveis animais minúsculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações?

Agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova capacidade, se esse mesmo ser

⁶⁷ Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. – N. K.

⁶⁸ **Uranógrafo**: aquele que estuda o céu, os astros e o espaço cósmico; astrônomo – N. E.

⁶⁹ **Poligástrico**: que possui vários estômagos – N. E.

chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas até a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, ao Sol fértil, irradiador de um benéfico calor, que juízo ele faria da sua antiga teoria sobre a criação universal, teoria que ele logo substituiria por uma apreciação mais larga, embora ela ainda fosse tão relativamente incompleta quanto a primeira? Ó, homens assim é a imagem da sua ciência toda especulativa!⁷⁰

9. Já que venho aqui tratar da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que como vocês sou apenas um ser relativamente ignorante, em comparação da ciência real, apesar da aparente superioridade que me dá, com relação aos meus irmãos da Terra, a possibilidade que me cabe de estudar questões naturais que lhe estão proibidas, na sua situação, meu único objetivo é lhes expor uma noção geral das leis universais, sem explicar em detalhes o modo de ação e a natureza das forças especiais de que são dependentes.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. As forças que tem presidido às metamorfoses da matéria e as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo pertencem ao éter. Essas múltiplas forças — indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas e diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios — são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são os de: *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outras características desconhecidas neste mundo, e na imensa amplidão dos céus, um número indefinido de forças têm se desenvolvido numa escala inimaginável cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar, como o crustáceo no fundo do oceano é incapaz de apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.⁷¹

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, da mesma forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, que encontra-se na sua origem e que pelos desígnios eternos tem sido soberanamente imposta à criação, para lhe constituir a permanente harmonia e estabilidade.

11. A natureza jamais se pôs em oposição a si mesma. O brasão do Universo não é mais do que uma divisão: UNIDADE / VARIEDADE. Voltando à escala dos mundos, encontramos *unidade* de harmonia e de criação ao mesmo tempo em que uma variedade infinita no imenso canteiro de estrelas; percorrendo os degraus da vida — desde o último dos seres até Deus — a grande lei de continuidade se faz evidente; considerando as forças em si mesmas, podemos formar com elas uma série cujo resultado — confundindo-se com a geradora — é a lei universal.

Vocês não poderiam apreciar esta lei em toda a sua extensão, pois as forças que a representam no campo das suas observações são restritas e limitadas. Entretanto, a gravidade e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial, que impera para lá dos céus.

⁷⁰ Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, quando, após se haverem despojado do envoltório carnal, os horizontes desse mundo se desdobram sob as suas vistas. Compreendem então o vazio de suas teorias pelas quais pretendiam explicar tudo por meio exclusivamente da matéria. Contudo, esses horizontes ainda lhes escondem mistérios que só lhes serão desvendados sucessivamente, à medida que eles se elevam pela depuração. Porém, desde os seus primeiros momentos no mundo novo, veem-se forçados a reconhecer a própria cegueira e o quanto estavam distantes da verdade — N. K.

⁷¹ Ligamos tudo ao que conhecemos, e do que os nossos sentidos não captam, só compreendemos o que o cego de nascença compreende acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Pois então, é possível que noutros meios o fluido cósmico possua propriedades e combinações de que não fazemos nenhuma ideia, efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existam outros meios fora a luz aos quais organismos especiais sejam afetados? A vista sonambúlica — que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela escuridão — nos oferece um exemplo. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam *normalmente* os nossos sonâmbulos são excepcionalmente; eles não seria necessitados nem da nossa luz e nem dos nossos olhos, e portanto eles veriam o que não podemos ver. O é o mesmo caso de todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios — N. K.

Todas essas forças são eternas (nós explicaremos esse termo) e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui, apagando-se ali; fortes e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros; mas finalmente preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

A CRIAÇÃO PRIMÁRIA

12. Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; descenderemos em seguida à criação da Terra em particular e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. Se bem compreendemos a relação, ou, melhor, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com essa ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é insuscetível de qualquer medida do ponto de vista da duração, compreenderemos que para ela não há começo e nem fim.

Doutro lado, se fazemos uma ideia exata — embora, necessariamente, muito fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha existido e exista sempre. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos nascessem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14. Deus, que por sua natureza é de toda a eternidade, tem criado desde toda eternidade e isso não poderia ser de outro modo, porque, por mais distante que seja a época a que recuemos pela imaginação os supostos limites da criação, sempre restará uma eternidade além desse limite — pensem bem nesta ideia —, uma eternidade durante a qual as divinas hipóteses, as vontades infinitas teriam permanecido sepultadas em sonolência muda, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres; de mutismo indiferente com o verbo que os governa, de esterilidade fria e egoísta com o Espírito de amor e vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão; do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao **Faça-se a luz do início**.

15. Logo, o começo absoluto das coisas volta-se para Deus; suas sucessivas aparições no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia contar as magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das eras que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; a essa época primitiva em que a voz do Senhor se fez ouvir, os materiais que no futuro haviam de se agregar simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quanto àquela voz misteriosa que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para irem vibrar juntas e modular o concerto dos

vastos céus!

O mundo no seu berço não foi estabelecido na sua virilidade e na plenitude da sua vida; não: o poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente a sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu origem sucessivamente a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a amontoados de matéria nebulosa que se dividiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles, e das circunstâncias posteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando uma ilimitada extensão, só cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.

16. Transportando-nos a apenas alguns milhões de séculos acima da época atual, nossa Terra ainda não existe, nem mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; que as opulentas produções de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo! Os esplendores já não são mais aqueles que antigamente fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez; vamos compreender melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós, como na nossa frente, que o espaço é o teatro de uma inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de declínio. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e posteriores; que a criação universal não é apenas para nós, e que devemos reservar essa palavra à formação isolada do nosso pequenino globo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. Após haver retornado, tanto quanto seja a nossa fraqueza, à fonte oculta de onde nascem os mundos como as emanam de um rio d'água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva retira os elementos materiais, fluidicos e vitais, de todos os universos que ostentam suas magnificências diante da eternidade; ela é a mãe inesgotável de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Ela, essa substância de onde provém as esferas siderais, não desapareceu; ela, essa potência, não está morta, pois ainda incessantemente ela dá à luz a novas criações, e incessantemente recebe os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea⁷², mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços entre planetas; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, repletas de aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado lá onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da

⁷² **etérea:** relativo de éter, que é matéria de uma essência espiritual, imensamente mais sutil que a matéria atualmente alcançada pela observação humana – N. E.

extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a natureza tem tirado todas as coisas.⁷³

18. Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo conforme a condição deste mundo, princípio em estado latente que se conserva adormecido lá onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porque há muitos outros reinos naturais de que vocês nem sequer suspeitam — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm certa soma dessa vida do mesmo modo que a semente e o embrião, e, como no organismo, se grupam em figuras semelhantes que formam os indivíduos.

É muito importante compreendermos esta noção: que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. Portanto, é exato dizermos que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus tem criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19. Porém, até aqui, temos guardado silêncio sobre o ***mundo espiritual***, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as majestosas determinações do senhor.

Não posso dar mais que um ensinamento bem limitado acerca do modo da criação dos Espíritos, em virtude da minha própria ignorância, e tenho que me calar no que se refere a certas questões, ainda que me tenha sido permitido aprofundá-las.

Aos que são religiosamente desejosos de conhecer e que são humildes perante Deus, direi o seguinte, suplicando-lhes para não fundar nenhuma teoria prematura acerca dessas minhas palavras: o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo em que o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais lentamente se elabora a obra da sua individualização; somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na frente o seu venerável tipo, o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez: não construam sobre as minhas palavras os seus raciocínios, tão tristemente ilustres na história da metafísica; eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões — que estão acima das nossas meditações ordinárias — a lhes expor a deformar o sentido de meu ensinamento e, por culpa minha, lançá-los nos incompreensíveis labirintos do deísmo⁷⁴ ou do fatalismo.

OS SÓIS E OS PLANETAS

20. Ora, chega um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa é animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis — e especialmente da força molecular de atração — ela tomou a forma de um esferoide, a única que pode assumir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço.

⁷³ Se perguntásseis qual o princípio dessas forças e como esse princípio pode estar na própria substância que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso — N. K.

⁷⁴ **Deísmo:** teoria que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, as revelações, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada — N. E.

O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, a fim de conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular⁷⁵ — falamos do conjunto da nebulosa.

21. Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta. A primeira tendendo reunir todas as partes rumo ao centro, a segunda tendendo dispersá-las. Ora, o movimento acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Assim como um movimento bastante rápido de um estilingue a quebrar a corda e deixar escapar o projétil para longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial⁷⁶ da nebulosa, e desse anel forma uma nova massa isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Aquela massa conservou o seu movimento equatorial que, modificado, se tornou seu movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz que deu nascimento a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas como o calor primitivo, desenvolvido por seus diversos movimentos, só se abrandando com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante um longo período, enquanto a nebulosa não tenha se tornado bastante densa, sólida o bastante para oferecer resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprima sucessivamente o seu movimento de rotação.

Então, ela não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado anteriormente. Ora, cada um de seus mundos — revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos — gerará na sequência novos globos gravitando desde então em sua volta, assim como ele gravita, juntamente com seus irmãos, em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente separados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do seu astro gerador.

23. Assim, os planetas são formados de massas de matéria condensada, porém ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação de força centrífuga, e, em virtude das leis do movimento, tomando a forma esférica mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência; a Terra, deste então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza é protegida sob as asas da divina Providência, nova corda colocada na harpa infinita e que tem de vibrar no seu lugar no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento o bastante para lhes operar a solidificação, massas bem menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se desprenderam de algumas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é bem maior, e por efeito das mesmas leis adquiriram um movimento de translação em torno do seu planeta

⁷⁵ **Lenticular:** semelhante a uma lente, ou a um grão de lentilha, mais ou menos como uma esfera achatada. Diz-se galáxia lenticular aquela que se assemelha a essa forma — N. E.

⁷⁶ **Equatorial:** relativo à linha do equador, o eixo horizontal da Terra, dividindo o Globo em Hemisfério Norte e Hemisfério Sul — N. E.

originário, como sucedeu a estes em relação ao seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa menos considerável teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram a sua separação do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano, agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma de esfera, tomou a de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo cujo centro de gravidade será fixado na parte inferior.

25. As condições em que se efetuou a desagregação da Lua mal lhe permitiram afastar-se da Terra, e a obrigaram a se conservar eternamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formariam a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas ocupariam a cúpula, se com essa palavra designamos a face que, do lado oposto à Terra, se eleva para o céu. É isso que faz com que esse astro nos apresente sempre a mesma face. Para melhor compreender-se o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça, cuja base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente diferentes na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer semelhança com a nossa, porque os seus corpos fluidos e etéreos são desconhecidos; a outra, mais leve em relação à Terra, porque todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser, aqui e ali, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo.⁷⁷

26. O número e o estado dos satélites de cada planeta variam de acordo com as condições especiais das quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tal como Mercúrio, Vênus e Marte⁷⁸, ao passo que outros formaram um ou vários desses astros secundários, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc..

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma como auréola branca. Essa formação é para nós uma prova da universalidade das leis da natureza. De fato, esse anel é o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno encontra-se formado em todas as suas partes de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e dessa maneira pode continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

⁷⁷ Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravidade, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Seu centro de gravidade encontra-se num dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e, em consequência disso, sendo atraído para a Terra por uma força maior do que as partes mais leves, a Lua produzirá o efeito das figuras chamadas *joão teimoso*, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Em virtude da sua leveza específica, os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos se encontrariam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que nós vemos, seria desprovido de tais fluidos e por isso impróprio à vida que, entretanto, reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionem pelo outro hemisfério.

Por muito racional e científica que seja essa opinião, como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, somente pode ser aceita como hipótese e como uma ideia capaz de servir de base à Ciência. – N. K.

⁷⁸ Marte deve ser excluído desta lista, pois, como se sabe atualmente, logo mais em 1877 foram descobertos dois satélites (Fobos e Deimos) relativos a esse planeta – N. E.

OS COMETAS

28. Os cometas — os astros errantes⁷⁹, ainda mais do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica — serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que a Terra pertence e nos levarão às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas, antes de explorarmos os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do Universo, será bom conhecermos o quanto for possível a natureza essencial deles e o papel que lhes cabe na organização planetária.

29. Muitas vezes esses astros cabeludos são vistos como planetas nascentes, elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são compartilhadas com as terras habitadas; outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição, e, para muitos, sua estranha aparência foi motivo de apreciações errôneas acerca da sua natureza; isso a tal ponto que não houve — inclusive na astrologia judiciária — quem não os considerasse como presságios de desgraças envolvidos de decretos providenciais para a Terra espantada e tremente.

30. A lei de variedade é aplicada com tão larga profusão nos trabalhos da natureza que é de se perguntar como os naturalistas, os astrônomos e os filósofos tenham levantado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em graus mais ou menos adiantados de desenvolvimento ou de degeneração. Entretanto, os quadros da natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel modesto, porém útil, de astros errantes que servem de exploradores aos impérios solares. Como os corpos celestes de que tratamos são muito diferentes dos corpos planetários; eles não são destinados, como são os planetas, a servir de habitação para as humanidades; eles vão sucessivamente de sóis em sóis por vezes se enriquecendo pelo caminho de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, absorvendo das lareiras solares os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

31. Se quando um desses astros se aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e voltar ao seu apogeu⁸⁰, situado a uma incalculável distância do Sol, nós os seguíssemos pelo pensamento, para com ele visitar as províncias siderais, transporíamos a prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas, e observando os movimentos combinados desse astro, que se imaginaríamos estivesse perdido no deserto do infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que atuam a distâncias que a mais criativa imaginação mal pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica⁸¹ e a marcha se torna tão lenta ao ponto de não chega a percorrer mais que alguns metros ao mesmo tempo em que no seu perigeu⁸² ela terá percorrido muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acaba de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus súditos, e então as crianças espantadas da vossa pequenina Terra esperarão em vão o retorno que haviam calculado pelas observações incompletas. Nesse caso, nós — que acompanhamos pelo pensamento o cometa errante nessas regiões desconhecidas — encontraremos então uma nova nação, ignorada pelos olhares terrenos, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para as suas mentes, porque ela será teatro

⁷⁹ **Astros errantes** no sentido de não estarem estáticos e por vagarem fora da nossa órbita – N. E.

⁸⁰ **Apogeu:** em astronomia, é o ponto mais afastado em que um satélite (como a lua e os cometas) se coloca em relação à Terra – N. E.

⁸¹ **Forma parabólica:** forma de uma parábola, seção cônica de iguais distâncias entre dois pontos dispersos em relação a determinado ponto fixo – N. E.

⁸² **Perigeu:** oposto de apogeu, ponto da órbita de um astro (como um cometa) mais próximo da Terra – N. E.

de inexploradas maravilhas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Lá chegando, saberemos apenas o que é a Terra.

A VIA-LÁCTEA

32. Durante as belas noites estreladas e sem luar, todo mundo tem contemplado essa réstia esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os antigos chamaram de *via láctea*, por causa da sua aparência leitosa. Essa réstia difusa tem sido longamente explorada pela lente do telescópio nos tempos modernos, e essa estrada de poeira de ouro, ou esse regato de leite da mitologia antiga, transformou-se num vasto campo de inconcebíveis maravilhas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza e tem revelado que, ali, onde o olhar errante reconheceu apenas uma fraca luminosidade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que a que nos clareia.

33. De fato, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares e planetárias que brilham em toda a sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiosos dos quais se compõe a Via Láctea; porém, apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol ocupa inapreciável lugar em tão imensa criação. Podemos contar por uma trintena de milhões os sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.⁸³

34. Por esse cálculo aproximado, podemos julgar a extensão de tal região sideral e da relação que une o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que ela contém. Podemos igualmente julgar a pequenez do domínio solar e, de maneira mais precisa, do nada que é a nossa miúda Terra. Que será então se considerarmos os seres que os povoam!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco — mas, também e sobretudo ao seu estado moral de habitação, ao grau que ocupam na hierarquia universal dos seres. A criação se mostra aí em toda a sua majestade, criando e propagando tudo em torno do mundo solar, e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35. De certa maneira, conhecemos a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações ganharão peso maior ainda se refletirmos sobre o estado mesmo da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa propriamente mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, pois ela não é mais do que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, se sabemos que a Terra não é nada, ou quase nada no sistema solar, este não é nada ou quase nada na Via Láctea; esta é nada ou quase nada na universalidade das nebulosas; e essa própria universalidade bem pouca coisa é dentro do inmensurável infinito; então começamos a compreender o que é o globo terrestre.

⁸³ Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas – N. K.

AS ESTRELAS FIXAS

37. As estrelas chamadas fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não se acham totalmente isentas de toda atração exterior como geralmente se supõe. Longe disso: todas elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e cujo plano equatorial que se projeta no céu recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal as agrupa todas numa mesma família.

38. Entre esses diversos sóis, na sua maioria são como o nosso, cercados de mundos secundários, que eles iluminam e fertilizam por meio das mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns como Sfrío, são milhares de milhões de vezes mais magníficas em dimensões e em riquezas do que o nosso, e o seu papel no Universo é muito mais importante, do mesmo modo que são rodeados por planetas em maior quantidade e bem superiores aos nossos. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis — verdadeiros gêmeos da ordem sideral — são acompanhados de seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários, aos quais a natureza concedeu funções inteiramente diversas das atribuições pertencentes ao nosso Sol. Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por um duplo facho foram dotados de condições de existência inimagináveis por aqueles que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam elementos de habitação melhores do que os conferidos aos demais. Na sua imensidade, as leis da natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita não é menos do que o seu eterno atributo.

39. Apesar do espantoso número dessas estrelas e de seus sistemas, apesar das distâncias incensuráveis que as separam, todas elas pertencem à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar, e que as concepções da mais ousada imaginação mal conseguem avistar; nebulosa que, entretanto, é simplesmente uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. As estrelas chamadas fixas não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o Universo a partir dessa estação são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica.

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha contida numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamam *Via Láctea*; mas, por todos pertencerem ao mesmo grupo, quaisquer desses astros são menos animados de movimento de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em parte alguma; eles são regidos pelas leis universais da gravitação e rolam no espaço sob a impulsão incessante dessa imensa força; rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar mais compreensíveis as minhas palavras por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42. Pelas modernas observações, sabemos que ele não é fixo, nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia; que ele avança pelo espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, esta marcha não é fortuita e ele não vai vagando pelos vácuos infinitos, a transviar seus filhos e seus súditos para longe das regiões que lhe estão atribuídas. Não, sua órbita é

determinada, e em concorrência com outros sóis da mesma ordem que ele, e circundados como ele de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos seus irmãos sóis, é inapreciável a observações anuais, porque períodos seculares de grande número mal seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43. O sol central, de que acabamos de falar, também é um globo de segunda ordem em relação a outro ainda mais importante, ao redor do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que a nossa imaginação ficasse cansada de escalar tal hierarquia; pois, não nos esqueçamos de que, em números redondos, podemos contar na Via Láctea uma trintena de milhões de sóis, subordinados uns aos outros, como rodas gigantes de um imenso sistema.

44. E esses astros, em números incontáveis, vivem cada qual uma vida solidária; assim como nada se acha isolado na organização do seu pequeno mundo terrestre, nada também está isolado no incomensurável Universo.

De longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse alcançar o quadro que o espaço e o tempo desdobram, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz os mundos siderais voar nos céus, como voam os grãos de areia nas costas do deserto.

Não mais imobilidade, não mais silêncio, não mais noite! O grande espetáculo que se desenrola ante os nossos olhos seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea, que abraço no conjunto imenso o olhar infinito do Criador.

Mas, até aqui, temos falado apenas de uma nebulosa; seus milhões de sóis, seus milhões de terras habitadas, formam — como já dissemos — simplesmente uma ilha no arquipélago infinito.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. Um deserto imenso e sem limites se estende para lá da aglomeração de estrelas de que vimos falar e a envolver. Solidões sucedem solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se distendem ao longe. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de um enorme arquipélago, se de alguma forma quisermos ter uma ideia da enorme distância que separa o amontoado de estrelas de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram espalhadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras é incomparavelmente maior do que as que medem suas respectivas dimensões.

Ora, lembramos que a nebulosa estelar mede em números redondos mil vezes a distância das estrelas mais aproximadas, tomada por unidade essa distância, isto é, alguns cem mil trilhões de léguas. A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito; só a imaginação — em suas mais altas concepções — é capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e, de certa maneira, de encarar a ideia dessa infinidade relativa.

46. Todavia, esse deserto celeste — que envolve nosso universo sideral e que parece estender-se como sendo os afastados confins do nosso mundo astral — é abraçado pela visão e o poder infinito do Altíssimo que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. Com efeito, mais além dessas vastas solidões, mundos brilham em sua magnificência, bem como nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, esplêndidos oásis vagam no Éter límpido, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Sucedem-se lá os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu; essas nebulosas a que chamam *irresolúveis*, e que lhes parecem ligeiras nuvens de poeira branca perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá, novos mundos se revelam e se desenvolvem, onde as condições variadas e diversas das que são peculiares ao vosso globo lhes dão uma vida que as concepções humanas não podem imaginar, nem os vossos estudos podem comprovar. É lá que resplandece em toda a sua plenitude o poder criador; àquele que vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e as novas rotas que seguimos nesses países estrangeiros nos abrindo perspectivas desconhecidas.

ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS

48. Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao Universo para lhe assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro — considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço — é assegurada por essa lei suprema.

49. Com efeito, se retornarmos à origem primária das aglomerações da substância cósmica primitivas, notaremos então que, sob o império dessa lei, a matéria já sofre as transformações necessárias que levam da semente ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das revoluções periódicas; primeiramente, centro fluídico dos movimentos, em seguida, gerador dos mundos e mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que lhe nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem a história do Cosmo; o que agora importa saber é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, pois a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e se, em sentido literal, é certo dizer que a vida só é acessível diante da morte, também é justo dizer que a substância deve de toda necessidade passar pelas transformações inerentes à sua composição.

50. Temos aqui um mundo que desde o berço primitivo percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; o foco interior da sua existência está extinto e seus próprios elementos perderam sua virtude inicial; os fenômenos da sua natureza que para sua produção requerem a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, já não mais podem se manifestar, porque essa alavanca da sua atividade já não dispõe do ponto de apoio que lhe dava toda sua força.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem uma finalidade e passar como cinza inútil pelo vendaval dos céus? Será que permanece inscrita no livro da vida universal, agora que já se tornou letra morta e vazia de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constitutivos para reconduzi-los ao laboratório onde a potência criadora absorve incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um evento inútil para a Terra e nem para suas irmãs; ela renovará noutras regiões outras criações de natureza diferente, e lá onde os sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim

de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Desse modo, a eternidade real e efetiva do Universo fica assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim sendo, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Lá onde os seus olhos admiram esplêndidas estrelas na abóbada da noite, lá onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem sobre espaços distantes, por um longo tempo o dedo da morte dissipou esses esplendores, por um longo tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu até novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros — pelo que a luz que eles nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós — faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra, e que ainda os admiramos durante milhares de anos após a sua desapareição real.

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos de séculos, segundos os séculos na Terra? Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Logo, vamos reconhecer aqui, como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem não são nada em comparação com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais distantes domínios das eras futuras tiverem sido percorridos por nós em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a eternidade imóvel.

A VIDA UNIVERSAL

53. Essa imortalidade das almas, cujo o sistema de mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade passageira e não compreenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, podemos tornar compreensível toda a grandeza — eu diria quase toda a perfeição.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descubrem sob o véu o poder e a sabedoria daquele que as formou, essa questão já não nos oferece mais dúvida; mas, que as almas que as povoam sejam solidárias, isso é o que importa saber.

55. Com efeito, a inteligência humana mal consegue considerar esses globos radiosos que cintilam na amplidão como simples massas de matéria inertes e sem vida; ela mal consegue pensar que haja nessas regiões distantes magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis férteis e dias plenos de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da natureza têm desenvolvido toda a sua luxuriante pompa; ela mal consegue imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode revitalizar-se como em sua própria vida, seja farto da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56. Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se necessário acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e os laços de uma fraternidade que ainda não apreciada por vocês foram concedidos a esses mundos. Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não são assim por seres desconhecidos uns dos outros, mas ao contrário, por seres marcados na fronte do mesmo destino, que hão de se encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e se encontrar de novo segundo suas mútuas simpatias; é a grande família de Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Por causa dessa estranha aberração, tem-se acreditado que fosse preciso negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a continham num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria então vir da verdadeira doutrina dogmática e a ciência vir da teologia? Esta se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se sentará triunfante sobre as ruínas da antiga, pois sua base será erguida vitoriosa sobre os antigos erros.

A CIÊNCIA

58. A ciência humana elaborou suas poderosas concepções acima dos limites do espaço e do tempo; penetrou no domínio inacessível dos tempos antigos e sondado o mistério dos céus insondáveis, explicou o enigma da criação. O mundo exterior desenrolou-se ante os olhos da ciência seu esplêndido panorama e sua magnífica opulência, e os estudos do homem o têm elevado ao conhecimento da verdade; ele tem explorado o universo, encontrado a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam, e se não lhe tem sido dado ver face a face a causa primária, ao menos chegou à noção matemática da série de causas secundárias.

Sobretudo nesse último século o método experimental — o único verdadeiramente científico — foi aplicado nas ciências naturais e por sua ajuda o homem pouco a pouco se despojou dos preconceitos da Escola antiga e das teorias especulativas, para se manter no campo da observação e a cultivar com cuidado e inteligência.

Sim, a ciência do homem é sólida e fértil, digna de nossas homenagens por seu passado árduo e largamente experimentado, e digno de nossa simpatia por seu futuro, de grandes descobertas úteis e proveitosas; pois desde então a natureza é um livro acessível às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já tem visitado, e na qual ele pode avançar audaciosamente, tendo em mão a experiência como bússola.

59. Um velho amigo da minha vida terrena me falou certa vez. Uma peregrinação nos traria novamente à Terra e de novo estudaríamos moralmente esse mundo; meu camarada acrescentou que o homem hoje está familiarizado com as leis mais abstratas da mecânica, da física, da química; que as aplicações para a indústria não são menos notáveis do que as deduções da ciência pura, e que a criação inteira, sabiamente estudada por ele, parecia ser daqui em diante seu real atributo. E como perseguíamos nossa marcha fora desse mundo, eu lhe respondi nestes termos:

60. Fraco átomo perdido num ponto imperceptível do infinito, o homem tem acreditado alcançar pela sua vista a extensão universal, quando ele mal pôde contemplar a região que habita; ele supôs estudar as leis da natureza inteira, quando suas apreciações mal tinham se referido às forças em ação ao seu redor; acreditou determinar a grandeza do céu, quando se acabava na determinação de um grão de poeira. O campo de suas observações é tão acanhado que mal pode encontrar um fato perdido de vista; o céu e a terra do homem são tão pequenos, que a alma, em seu impulso, não tem tempo de desdobrar suas asas antes de alcançar as

derradeiras acessíveis à observação.

O Universo incomensurável nos cerca de todas as partes, distribuindo riquezas desconhecidas para além dos nossos céus, colocando-as em jogo de forças inapreciáveis, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o ciron⁸⁴, mísero ácaro⁸⁵, privado de asas e de luz, cuja triste existência se consome sob a folha que lhe deu a vida, pretenderia — somente porque deu alguns passos sobre esta folha agitada pelo vento — ter o direito de falar sobre a árvore imensa ao qual ela pertence, árvore a qual ele mal percebe a sombra? Ele se imaginaria loucamente poder raciocinar sobre a floresta da qual sua árvore faz parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que se desenvolve nessa floresta, dos seres que a habitam, do Sol distante de cujos raios algumas vezes penetram para aí levar o movimento e a vida? Na verdade, o homem seria estranhamente pretensioso de querer medir a grandeza infinita pela sua infinita pequenez!

Assim também ele deveria estar bem compenetrado dessa ideia: que se os labores áridos dos séculos passados lhe dotaram do seu primeiro conhecimento das coisas, se a progressão do espírito o colocou no pátio do saber, ele ainda não fez mais do que soletrar a primeira página do livro; que ele, como uma criança, está sujeito a tropeçar em cada palavra, e, longe de pretender interpretar a obra como um doutor, deve se contentar em estudar humildemente, página por página, linha por linha. Feliz então aqueles que podem fazer isso.

CONSIDERAÇÕES MORAIS

61. Vocês nos têm acompanhado em nossas excursões celestes, e visitado conosco as regiões imensas do espaço. Debaixo das nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, sistemas aos sistemas, nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do Cosmos se desenrolou diante dos nossos passos e temos recebido uma amostra da ideia do infinito, que não podemos compreender em toda a sua extensão senão de acordo com a nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. Devemos agora parar a refletir.

62. Sem dúvida, é bom ter reconhecido a insignificância da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é bom ter abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e ter nos humilhado diante a grandeza absoluta; no entanto, ainda será melhor interpretar sob o senso moral o espetáculo do qual fomos testemunhas. Gostaria de falar do poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos domínios do vasto Universo.

63. Como estamos acostumados a julgar as coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a natureza só pôde ou só teve de agir sobre os outros mundos conforme as regras que conhecemos na Terra. Ora, é precisamente neste ponto que importa reformar nosso julgamento.

Lancem o olhar por um instante sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza; não reconhecerão aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Vocês não podem ver na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto, a prestigiosa fertilidade dessa bela natureza?

Que vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que desçam à violeta

⁸⁴ **Ciron** (acarus siro): típico animal da família dos ácaros — N. E.

⁸⁵ **Ácaro**, animais típicos da subclasse da espécie dos aracnídeos, dentre os quais, um dos mais comuns é o carrapato — N. E.

dos bosques, que mergulhem nas profundezas do Oceano, em tudo e por toda a parte leiam esta verdade universal: A natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo posto pela borboleta de outono.

64. Ora, se tal é a variedade que a natureza nos pôde descrever em todos os sítios deste pequeno mundo tão acanhado e tão limitado, quanto mais extenso não devem considerar esse modo de ação, ponderando acerca das perspectivas dos vastos mundos? Quanto mais vocês não devem desenvolvê-la e reconhecer a poderosa extensão aplicando a esses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, atestam sua inconcebível perfeição?

Então, não vejam em torno de cada um dos sóis do espaço apenas sistemas planetários semelhantes ao seu sistema planetário; não vejam sobre esses planetas supostos apenas os três reinos que brilham em torno de vocês, mas, ao contrário, pensem que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa e inimaginável diversidade tem sido espalhada pelas moradas eternas que vagueiam no seio dos espaços.

Do fato de que nossa natureza animada começa no zoófito⁸⁶ para terminar no homem; de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova sem cessar, de que as vossas estações fazem suceder nessa vida os fenômenos que a compartilham, não concluem que os milhões e milhões de terras que vagueiam na imensidão sejam semelhantes a esta Terra; longe disso, elas diferem de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o seu respectivo papel no cenário do mundo; são pedrarias variadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável jardim.

⁸⁶ **Zoófito:** comum a diversos invertebrados, como as gorgônias, que se parecem com plantas por possuírem crescimento ramificado e viverem fixos ao substrato – N. E.

CAPÍTULO VII

ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

- PERÍODOS GEOLÓGICOS
- ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO
- PERÍODO PRIMÁRIO
- PERÍODO DE TRANSIÇÃO
- PERÍODO SECUNDÁRIO
- PERÍODO TERCÍARIO
- PERÍODO DILUVIANO
- PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL. NASCIMENTO DO HOMEM

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1. A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação; acompanhamos suas fases com precisão matemática nos diferentes terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada *geologia*, ciência nascida deste século⁸⁷ e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da sua origem e da dos seres vivos que habitam nele. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos fatos não se permite nenhuma dúvida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala e que se revela, e não a imaginação dos homens que cria teorias. Onde vemos traços de fogo, podemos dizer com certeza que ali houve fogo; onde vemos os rastros da água, dizemos com mais garantia que ali havia a água; onde vemos rastros de animais, podemos dizer que ali viveram animais.

Portanto, a geologia é uma ciência toda de observação; só tira deduções do que vê; nada afirma sobre os pontos duvidosos; não emite opiniões discutíveis cuja solução definitiva espera observações mais completas. Sem as descobertas da geologia — como sem as da astronomia — a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda. Graças a elas, hoje o homem conhece a história da sua habitação, e a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço desmoronou para não mais tornar a se erguer.

2. Em todos os terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelo homem, nota-se o que chamamos *estratificações*, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variada, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos

⁸⁷ Referente ao século XIX — N. E.

de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas têm permitido observá-las até uma profundidade bastante grande.

3. Em geral, as camadas são homogêneas, isto é, cada uma é constituída de uma mesma substância, ou de substâncias diversas que existiram juntas e formaram um conjunto compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção; em nenhuma parte as vemos misturadas e sumidas umas nas outras nos pontos de seus respectivos limites, como aquela, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, reconhecemos que elas se formaram sucessivamente depositando-se uma sobre outra em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente as que se formaram primeiro, e as mais superficiais foram as posteriores. A derradeira de todas, aquela que se acha na superfície, é a camada da terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos dos materiais orgânicos provenientes de plantas e animais.

As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de *rochas*, palavra que, nesse sentido, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, mas significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umás são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marna, de seixos rolados; outras são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, a cal, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molares, ou carvões de pedra, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme sua espessura seja mais ou menos considerável.

4. Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhecemos por sinais certos que umas vêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas postas pelas águas; algumas de tais substâncias se conservaram desagregadas como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas denunciam depósitos sucessivos. Então, o fogo e a água tomaram parte na ação da formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5. A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas provenientes de depósitos aquosos é a horizontal. Quando vemos essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de perfeita horizontalidade, unidas como se tivessem sido niveladas com um rolo, ou esses fundos de vales tão planos quanto a superfície de um lago, podemos estar certos de que, numa época mais ou menos recuada, tais lugares foram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que elas depositaram enquanto ali estacionaram. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, em vez de terras oleosas, limosas, argilosas, ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas tivessem depositado apenas areias silicosas, sem agregação, teríamos esses planos arenosos e áridos que constituem os pântanos e os desertos. Os depósitos que deixaram as inundações parciais e os que formam os aterros nas embocaduras dos rios podem nos dar uma pequena ideia

6. Se bem que a posição horizontal seja a normal e a mais generalizada das formações aquosas, vemos frequentemente sobre extensões bastante grandes, nos países montanhosos, rochas duras cuja natureza indica que foram formadas pelas águas numa posição inclinada e às vezes até vertical. Ora, como segundo as leis do equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos não podem se formar senão em planos horizontais, pois os que se formam sobre planos inclinados são arrastados pelas correntes e pelo próprio peso para as baixadas, fica evidente que esses depósitos foram levantados por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações podemos concluir com certeza que todas as camadas pedrosas provêm de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal, foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas, e que todas as vezes que têm uma posição inclinada, é que o solo esteve atormentado e deslocado posteriormente por convulsões generalizadas ou parciais mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste no dos despojos *fósseis* de animais e vegetais encontrados em incontáveis quantidades nas diferentes camadas; e como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, haveremos de concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das referidas pedras; ora, se levarmos em conta o prodigioso número de séculos que foram necessários para operar seu endurecimento, e para que elas alcançassem o estado em que se acham desde tempos imemoriais, obrigatoriamente chegamos à conclusão de que o aparecimento de seres vivos na Terra se perde na noite das idades e consequentemente é muito anterior à data assinalada pela Gênese.⁸⁸

8. Entre os despojos de vegetais e animais, alguns há que se mostram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada, de matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore; essas são as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria no estado de flacidez; nós os encontramos intactos e alguns inteiros, nas mais duras pedras. Outros, enfim, apenas deixaram marcas, mas de perfeita nitidez e delicadeza. No interior de certas pedras, são encontradas até marcas de passos e, pela forma do pé, dos dedos e das unhas, reconhece-se a espécie animal a que pertenceram.

9. Sabe-se que os fósseis de animais dificilmente contêm as partes que não sejam sólidas e resistentes, isto é, os ossos, as escamas e os chifres; muitas vezes são esqueletos completos; na maioria das vezes, no entanto, são apenas partes fragmentadas, embora seja fácil reconhecer sua procedência. Pela inspeção de uma queixada, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro, ou carnívoro. Como todas as partes do animal guardam necessária correlação, a forma da cabeça, de uma escápula, de uma das pernas, de um pé, é o suficiente para determinar o porte, a forma geral, o gênero de vida do animal.⁸⁹ Os animais terrestres têm uma organização que não permite que sejam confundidos com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são extremamente numerosos; às vezes, só as conchas formam bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verificamos sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

10. Os cascalhos rolados que em certos lugares formam rochas poderosas constituem inequívoco indício da sua origem. São arredondados como os seixos de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados em massas consideráveis foram incontestavelmente ocupadas pelo Oceano, ou por águas violentamente agitadas.

⁸⁸ **Fóssil**, do latim *fossilia*, *fossilis*, derivado de *fossa*, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Essa palavra em geologia designa corpos ou despojos de corpos orgânicos, provenientes de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que trazem traços da presença de seres organizados, quais as marcas deixadas por vegetais ou animais.

O termo *petrificado*, de uma concepção mais geral, tem substituído àquele de *petrificação*, que só é aplicado aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos vindos de fabricação humana pertencem à arqueologia – N. K.

⁸⁹ No ponto a que Jorge Cuvier levou a ciência paleontológica, frequentemente basta um único osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstruí-lo inteiramente – N. K.

11. Os terrenos de diversas formações, por outro lado, são caracterizados pela natureza própria dos fósseis que eles trazem; as mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Algumas espécies mais recentes também desapareceram, porém conservaram seus semelhantes, que não diferem da sua estirpe senão pelo porte e por alguns detalhes de forma. Finalmente, outras — das quais nós ainda vemos seus últimos representantes — tendem evidentemente a desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam daquelas que existem hoje.

As perturbações e os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem modificaram suas condições de vitalidade e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. Interrogando a natureza as camadas geológicas, sabemos da maneira mais positiva se, na época de sua formação, a região onde elas se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Consequentemente, se numa mesma região encontramos uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, muitas vezes repetidos, isso é uma prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos com certeza, ou talvez quantos milhares de séculos não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e recolocar o oceano, levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar antes de ser qual a vemos desde os tempos históricos! E pretendem que tudo isso fosse obra de menos tempo do que o necessário para uma planta germinar!

13. Como já foi dito, o estudo das camadas geológicas atesta formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Essas épocas constituem os chamados *períodos geológicos* cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Contamos seis principais períodos que designamos pelos nomes de: primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período se chamam assim: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se então que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil se encontram nos terrenos de tal ou tal período.

14. É essencial notarmos que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Nos seis principais mencionados acima só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas, a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram no tempo da duração cada um deles; é por isso que os dividimos em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam para vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que vêm de modificações devidas a causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. O achatamento dos polos e outros fatos conclusivos são indícios inquestionáveis de que o estado da Terra na sua origem deve ter ficado num estado de fluidez ou de flacidez. Esse estado poderia ter como causa a matéria liquefeita pela ação do fogo, ou inundada da água.

Costuma-se dizer proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Essa proposição rigorosamente verdadeira é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão, podemos dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob as nossas vistas, não é apenas fumaça o que se produz, mas fogo bastante real que há de ter um foco;

vindo esse fogo do interior do planeta e não do alto, o foco deve ser assim também.

O calor — que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa distância da superfície, chega a uma temperatura altíssima; as fontes térmicas tanto mais quentes quanto mais vêm de uma maior profundidade; os fogos e as massas de matéria fundida flamejantes que escapam dos vulcões, como por vastas aberturas ou pelas fendas abertas por certos tremores de terra — não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a cada trinta metros de profundidade a temperatura se eleva um grau, donde se segue que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água a ferver; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, sendo 2.800 léguas em diâmetro, espaço que seria ocupado por matérias fundidas.

Embora isso seja apenas uma hipótese, julgando da causa pelo efeito, ela tem todos os caracteres da probabilidade e chegamos à conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas no máximo, que mal chega à 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, pois há zonas — sobretudo nos terrenos vulcânicos — onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pouco considerável. A elevada temperatura das águas termais constitui igualmente indício de proximidade do foco central.

17. Por isso se torna evidente que o estado primitivo de fluidez ou de flacidez da Terra deve ter sido por causa da ação do calor e não a da água. Em sua origem, a Terra era então uma massa incandescente. Em consequência da irradiação do calórico, ocorreu o que ocorre com toda matéria em fusão: ela esfriou pouco a pouco, e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que se endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Podemos assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair ardente da fornalha e cuja superfície se apaga e resfria em contato do ar, enquanto que, se o quebrássemos, encontraríamos seu interior ainda em brasas.

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais ou a menos do que hoje; apenas sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente; eles sofreram unicamente uma transformação; em consequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, enormemente dilatado, devia se estender a uma distância incalculável; toda a água, forçosamente transformada em vapor, estava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre, o carbono, achavam-se em estado de gás. O estado da atmosfera nada tinha, portanto, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol podia atravessar. Se um ser vivo pudesse existir na superfície do planeta nessa época, ele não seria iluminado senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob os pés e da atmosfera abrasada.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e a formação aí de uma crosta resistente que, a princípio fina, gradativamente engrossava. Essa crosta forma a pedra chamada *granito*, de extrema dureza, assim denominada pelo seu

aspecto granulado. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi portanto a primeira que se formou no globo que ela envolve por inteiro e do qual constitui de certo modo a estrutura óssea; é o produto direto da consolidação da matéria fundida. É sobre ela, e nas cavidades que apresentava a sua superfície atormentada, que sucessivamente foram depositadas as camadas dos outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação; quer dizer: ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa mesma matéria transbordava.

20. O segundo efeito do resfriamento foi a liquefação⁹⁰ de algumas matérias contidas no ar em estado de vapor, as quais se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, cobre, chumbo e outros metais fundidos, infiltrando-se pelas fissuras, e que atualmente constituem os veios e filões metálicos⁹¹.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; produziram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, porém em massas confusas e sem estratificações regulares.

A seguir, vieram as águas que, caindo sobre um solo ardente, novamente se vaporizavam, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

É a formação dos terrenos graníticos que principia a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais, seria então conveniente que se acrescentasse o do estado primitivo de incandescência do globo.

21. Esse foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos mesclados, à procura de estabilização, quando nenhum ser vivo poderia existir; assim, um de seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

É impossível especificar uma duração determinada a esse período, nem mais quanto aos seguintes; contudo, dado o tempo que precisou uma bala de canhão de um determinado volume, aquecida até o vermelho vivo, para que sua superfície fosse resfriada o bastante até que uma gota d'água aí fique em estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seria preciso mais de um milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22. ⁹² No começo do período de transição, a crosta sólida granítica ainda tinha pouca espessura e oferecia bem pouca resistência à efervescência das matérias abrasadas que ela cobria e comprimia. Produziam-se ali dilatações, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

Pouco profundas, as águas cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes erguidas, formando terrenos baixos e frequentemente alagados.

O ar gradativamente se purgava das matérias mais pesadas momentaneamente em estado gasoso, e que, condensando-se por efeito do resfriamento, precipitavam-se na superfície

⁹⁰ **Liquefação:** transição ao estado líquido de substância que se encontra no estado gasoso ou sólido – N. E.

⁹¹ **Veio e filão:** camadas, riscos, estrias e listras de cores variadas presentes em rochas, pedras, mármore – N. E.

⁹² Neste parágrafo, a edição original retrocedeu a contagem em dois números, certamente por um descuido da tipografia ou do próprio Allan Kardec. Ao invés de enumerá-lo como item 20, como no original, esta tradução opta pela sequência natural, anotando-o como o item 22, e da mesma forma procede com os próximos parágrafos numerados desse capítulo – N. E.

do solo, sendo depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, pois a temperatura ainda deveria ser ardente.

Os espessos vapores aquosos, que se elevavam de toda parte da imensa superfície líquida, recaíam em chuvas abundantes e quentes, que obscureciam o ar. Entretanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar teve de expurgar-se — porque ela naturalmente tem o estado gasoso — foi o ácido carbônico, que então era um dos seus componentes.

23. A essa época começaram a se formar as camadas de terrenos de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas, apropriadas à vida orgânica.

Surgem aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em número reduzido, encontram-se neles vestígios cada vez mais frequentes à medida que passamos pelas camadas mais elevadas dessa formação. É notável como a vida se manifesta por toda parte logo que as condições são propícias à vitalidade, e que cada espécie nasça desde que se produzam as condições próprias à sua existência. Há quem diga que esses germens estavam latentes e só aguardando as condições favoráveis para eclodir.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Absolutamente, ainda se não veem árvores de tronco lenhoso, só as do gênero palmeira, cujo caule esponjoso é semelhante aos das ervas.

Os animais desse período, que apareceram em seguida aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente, polípeiros, raiados, zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer, rudimentar, que se aproxima o máximo dos vegetais; mais tarde, vieram crustáceos e peixes de espécies que já não existem hoje.

25. Sob o império do calor e da umidade, e em virtude do excesso de ácido carbônico espalhado no ar — gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas — os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero das que nos dias atuais são simples ervas de alguns centímetros atingiam altura e grossura admiráveis; assim é que havia florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de elevação e de uma grossura proporcional, lycopódios (pé de lobo; tipo de musgo) do mesmo porte; cavalinhas⁹³, de quatro a cinco metros que hoje mal tem um metro. Pelos fins do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

26. Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram repetidamente submergidos, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que se achavam secos se adornavam, a seu turno, de vegetação semelhante. Houve então várias gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais que, por serem todos aquáticos, não estavam sujeitos a essas alternativas.

Acumulados durante longa série de séculos, esses destroços formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são

⁹³ Planta pantanosa, normalmente chamada *cauda de cavalo* — N. K.

exatamente produto direto da decomposição de amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que são encontrados em quase todas as regiões.⁹⁴

27. Os restos fósseis da poderosa vegetação dessa época acham-se hoje sob os gelos das terras polares, bem como na zona tórrida, pelo que é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, igualmente a temperatura havia de ser assim. Portanto, os polos eram cobertos de gelo como é agora. É que então a Terra tirava o calor de si mesma, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida ainda pouco espessa. Esse calor era superior de muito ao que podia vir dos raios solares, enfraquecidos de alguma forma pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central não pode exercer sobre a superfície exterior do globo mais do que uma ação fraca ou nula, a do Sol se tornou preponderante e as regiões polares — que apenas recebiam raios curvos, portadores de pequena quantidade de calor — se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos, e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

A julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha, Esse período deve ter sido muito longo.⁹⁵

PERÍODO SECUNDÁRIO

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época — seja porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, seja porque uma série de cataclismos tenha aniquilado tudo que tinha vida na Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para essa transformação, por que, de um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período atesta grandes transtornos causados pelos levantamentos e erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, por outro lado, porque grandes mudanças se operaram nos três reinos.

29. O período secundário, sob o aspecto mineral, se caracteriza por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida por consequência da diminuição do calor e da umidade, e de modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos, ou no máximo anfíbios; a vida animal sobre a terra alcançou pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no meio dos mares, devido à formação das matérias calcárias; tornam a nascer novos peixes, de organização mais aperfeiçoada do que no período anterior; vemos aparecer os primeiros cetáceos. Os mais característicos animais dessa época são os reptis monstruosos dentre os quais se notam:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que chegava a ter 10 metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas de cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; seus olhos tinham o

⁹⁴ A turfa [massa de tecidos de várias plantas] se formou da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos; mas com a diferença de que eram de formação muito mais recente e sem dúvida noutras condições, ela não teve tempo de se carbonizar — N. K.

⁹⁵ Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou numa camada de hulha de espessura de 400 metros 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas cujos troncos de árvores ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

Não supondo mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa única camada de hulha — N. K.

volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e expelia água por aberturas como aquela.

O **plesiossauro**, outro reptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, e cujo pescoço excessivamente longo se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; sua pele devia ser lisa, qual a do precedente, porquanto não se lhe descobriu nenhum traço de escamas ou de carapaça.⁹⁶

O **teleossauro**, que mais se aproxima dos crocodilos atuais, que parecem ser seus diminutivos; como os últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e em terra; seu tronco era de cerca de 10 metros, dos quais 3 ou 4 só para a cabeça; sua enorme boca tinha dois metros de abertura.

O **megalossauro**, grande lagarto, espécie de crocodilo, de 14 a 15 metros de comprimento e essencialmente carnívoro, nutria-se de reptis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira⁹⁷, de gume duplo e recurvados para trás, de tal modo que, uma vez enterrados na presa, era impossível desta desgarrar-se.

O **iguanodonte**, o maior dos lagartos que já apareceram na Terra; tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dotado de um chifre ósseo semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que não parece diferir senão pela forma, já que esse último tem apenas 1 metro de comprimento. O formato dos dentes prova que ele era herbívoro e o dos pés prova que era um animal terrestre.

O **pterodáctilo**, animal estranho, do tamanho de um cisne, por sua vez tomando parte do reptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos de uma espantosa largura e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, tão longos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminando em ponta como um bico.

31. Durante esse período — que há de ter sido muito longo, como o número e a potência das camadas geológicas atestam — a vida animal teve imenso desenvolvimento no âmago das águas, tal como ocorreu com a vegetação no período que anterior. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir a alguns animais viver sobre a terra. O mar foi várias vezes deslocado, porém, ao que parece, sem abalos violentos. Com esse período, desaparecem por sua vez aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies parecidas, menos desproporcionadas na forma, e de porte infinitamente menor.

32. O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para suas necessidades. Mas, qual o número dos que lhe servem diretamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais ele nunca teve e nem nunca terá quaisquer relações? Como pode sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que só povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos antes que ele aí surgisse e que afinal desapareceram? Pode-se afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Entretanto, todas as espécies tinham a sua razão de ser, sua utilidade. Certamente, Deus não as poderia criar por um capricho da sua vontade e para em seguida se dar ao prazer de aniquilá-las, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que objetivo ele o fez? Esse objetivo deve ter sido soberanamente sábio, embora ainda o não compreendamos. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confusão do seu orgulho; mas enquanto isso, como se ampliam as suas ideias diante os novos horizontes dos quais agora lhe é permitido mergulhar

⁹⁶ O primeiro fóssil deste animal foi descoberto em 1823 – N. K.

⁹⁷ Espécie de foice usada em jardinagem para podar plantas — N. E.

a vista, e que desenrola ante ele o imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão admirável na sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

PERÍODO TERCIÁRIO

33. Com o período terciário começa para a Terra uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vitalidade modificam-se profundamente e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são marcados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, e depois aparecem sucessivamente novas espécies cuja organização mais perfeita se adapta à natureza do meio onde são chamados a viver.

34. Durante os períodos anteriores, em virtude da sua pequena espessura, a crosta sólida do globo apresentou — como já dissemos — resistência bem fraca à ação do fogo interior; esse envoltório, facilmente despedaçado, permitiu as matérias em fusão se derramar livremente pela superfície do solo. Não ocorreu o mesmo quando ela adquiriu certa espessura; comprimidas de todos os lados, as matérias abrasadas, como a água em ebulição num vaso fechado, acabaram por produzir uma espécie de explosão; a massa granítica, violentamente quebrada num sem-número de pontos, ficou sulcada de fendas como um *vaso rachado*. Através dessas fendas a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes não rasgadas do envoltório ficaram simplesmente erguidas, enquanto que noutros pontos se produziram abaixamento e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito irregular; as águas, que até aquele momento a cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram arrastadas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cumes isolados de montanhas que formaram ilhas.

Esse foi o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu nem instantaneamente, nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos longas.

35. Como já ficou dito, uma das primeiras conseqüências desses levantamentos foi a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e conservadas nessa posição onde quer que o solo não fosse abalado. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para se chegar às de formação primária, é preciso atravessar todas as outras, até considerável profundidade, ao fim da qual inevitavelmente encontramos a rocha granítica. Mas quando essas camadas se ergueram em montanhas, elas foram levadas acima do seu nível normal, indo às vezes até a grande altura, de tal sorte que, feito um corte vertical no flanco da montanha, elas se mostram em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que encontramos grandes elevações de bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está hoje perfeitamente comprovado que em nenhuma época o mar tem podido alcançar semelhantes alturas, pois todas as águas existentes na Terra não bastariam, ainda mesmo que fossem em quantidade cem vezes maior. Então teríamos de supor que a quantidade de água diminuiu, e então caberia perguntar o que foi feito da porção que desapareceu. Os levantamentos — que hoje são um fato incontestável e demonstrado pela ciência — explicam de maneira lógica e rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. Esses terrenos estiveram evidentemente submersos durante uma longa

sequência de séculos, mas a seu nível primitivo e não no local que ocupam atualmente.

É absolutamente como se uma porção do fundo de um lago fosse elevada a vinte e cinco ou trinta metros acima da superfície da água; o cume dessa elevação levaria os restos das plantas e dos animais que outrora jaziam no fundo da água, o que não implicaria em nada que as águas do lago fossem elevadas a essa altura.

37. Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu completa rasgadura do solo — seja pela sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa levantada — o granito mostrou-se descoberto, **como um dente que rompeu da gengiva**. Levantadas, quebradas e arrumadas, as camadas que o revestiam ficaram a descoberto; é assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações, e que na posição primitiva se achavam a uma grande profundidade, compõem hoje o solo de certas regiões.

38. Deslocada por efeito dos erguimentos, a massa granítica deixou em alguns sítios fissuras por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão: os vulcões. Os vulcões são como que chaminés da imensa fornalha, ou, melhor ainda, **válvulas de segurança** que, dando vazão ao excesso das matérias ígneas, preservam de comoções muito mais terríveis; daí podermos dizer que o número de vulcões em atividade é uma questão de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Podemos fazer uma ideia da intensidade desse fogo supondo que os vulcões se abrem até no meio dos mares e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é o suficiente para extingui-los.

39. Os levantamentos operados na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, que foram reprimidas nas partes esburacadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pelo abatimento. Mas esses mesmo baixios, por sua vez soerguidos, ora num lugar e ora noutro, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares, e assim por diante até que estas pudessem tomar um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida necessariamente araram e remoeram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que elas recobriam e deixaram à mostra a sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados enquanto outros eram aterrados.

Portanto, há montanhas diretamente formadas pela ação do fogo central: estas são principalmente as montanhas graníticas; outras são formadas pela ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, escavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou outra.

As matérias carregadas pelas correntes d'água formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das dos precedentes, menos pela composição — que é quase a mesma — do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário — formadas sobre uma superfície pouco acidentada — são mais ou menos uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre base muito desigual e pela ação carreadora das águas, apresentam caráter mais local. Por toda parte, escavando a certa profundidade, encontramos todas as camadas anteriores, na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

40. Durante os reviramentos do solo ocorridos no princípio deste período, entendemos que a vida orgânica teve que passar por algum tempo de repouso, o que se reconhece pela comprovação de terrenos sem fósseis. Porém, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Modificadas as condições de vitalidade e mais depurada a atmosfera, vimos se formar novas espécies com organização mais perfeita. Sob o ponto de vista

da estrutura, as plantas pouco diferem das de hoje.

41. No transcorrer dos dois períodos precedentes, os terrenos não coberto pelas águas ofereciam pouca extensão e ainda assim eram pantanosos e frequentemente ficavam submersos; é por isso que não havia mais do que animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual vários continentes se formaram, é caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.

Assim como o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal, o período secundário de reptis monstruosos, este vê se produzirem mamíferos gigantes, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute*, etc. Também assistiu ao nascimento dos pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem. Algumas, da dessa época, sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, qualificadas genericamente de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies similares, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que esboços; são eles: o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, com os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade do cervo, cujos chifres de 3 metros de comprimento eram espaçados de 3 a 4 metros nas extremidades.

42. Por um longo acreditou-se que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos⁹⁸ — animais que se aproximavam do máximo do homem pela configuração — não existiam ainda; porém, descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a existência desses animais, pelo menos no fim do período.

PERÍODO DILUVIANO

43. Este período foi marcado por um dos maiores cataclismos que reviraram o globo, modificando mais uma vez o aspecto da superfície e destruindo sem retorno uma imensidade de espécies vivas, das quais restam apenas despojos. Por toda a parte ele deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas, violentamente arremessadas fora de seus leitos, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados em geologia pelo nome de *terrenos diluvianos*.

44. Um dos traços mais significativos desse grande desastre são os penedos⁹⁹ chamados *blocos erráticos*. Assim são chamados os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É claro que só a violência das correntes pôde transportá-los a tão grandes distâncias.¹⁰⁰

45. Outro fato não menos característico, cuja causa ainda não está explicada, é que é nos terrenos diluvianos que encontramos os primeiros *aerólitos*¹⁰¹; portanto, foi somente dessa época que eles começaram a cair. A causa que os produz então não existia anteriormente.

⁹⁸ **Quadrúmano**: antiga divisão dos mamíferos, que compreendia os primatas, com exceção do homem, dotados de pés preênseis, semelhantes a mãos; quadrímans, que possui quatro mãos ou patas — N. E.

⁹⁹ **Penedo**: grande massa de rocha expostas nas encostas, no alto de um morro, bem como nos mares e no leito de rios e lagos — N. E.

¹⁰⁰ Um desses blocos — pela sua composição, provindo evidentemente das montanhas da Noruega — serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo — N. K.

¹⁰¹ Pedras que caíram da atmosfera — N. K.

46. Foi também por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura da Terra. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se tivesse sido operada gradualmente os animais — como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados no estado fóssil em tão grande número nas terras polares — teriam tido de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Ao contrário, tudo prova que eles provavelmente foram pegos bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos.

47. Este foi então o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão divididas quanto às causas que devam tê-lo produzido, mas, quaisquer que elas sejam, o fato é que ele existiu.

A suposição mais aceita é a de que ocorreu uma brusca mudança na posição do eixo da terra, pelo que os polos da Terra foram deslocados; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se a mudança tivesse se processado lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalos, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Pela ignorância quanto à verdadeira causa, não podemos emitir mais do que hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter sido ocasionado pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no seio dos mares, assim como se deu no começo do período terciário; mas, além de que o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança subitânea da temperatura dos polos.

48. Na tormenta causada pelo deslocamento das águas, muitos animais desapareceram; outros, para escapar da inundação, se retiraram para os lugares altos, para as cavernas e fendas, onde faleceram em massa — seja de fome, seja devorando-se uns aos outros, ou ainda, talvez, pela irrupção das águas nos sítios onde eles tinham se refugiado e donde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados misturados em certas cavernas, que por essa razão foram chamadas *brechas ou cavernas ósseas*. São encontradas muitas das vezes sob as estalagmites. Em algumas dessas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela correnteza das águas.¹⁰²

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL, NASCIMENTO DO HOMEM

49. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, a vida vegetal e animal prontamente retomou o seu curso. Já consolidado, o solo assumiu uma formação mais estável; o ar mais purificado tornou-se conveniente para órgãos mais delicados. O Sol, brilhando em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia com a luz um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; enfim, tudo se achava preparado no planeta para o novo hóspede que viria habitá-lo. Apareceu então o *homem* — o último ser da criação, aquele que dali em diante contribuiria com sua inteligência para o progresso geral, à medida que ele próprio progride.

50. O homem só terá existido na Terra depois do período diluviano ou já terá surgido antes dessa época? Esta é uma questão muito controvertida hoje, mas a sua solução — seja qual for — não tem mais do que uma importância secundária, pois não mudará nada no conjunto dos fatos estabelecidos.

O que tem feito que se pense que a aparição dos homens é posterior ao dilúvio é o fato

¹⁰² Conhecemos um grande número de cavernas semelhantes, algumas delas de enorme extensão. Existem várias no México que têm muitas léguas; a de Aldesberg, em Carniola (Áustria) não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Württemberg. Há diversas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e outros países da Europa — N. K.

de se não ter achado vestígio autêntico da sua existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que geraram a crença na existência de uma raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como ossada de elefantes.

O que não se pode duvidar é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, não só porque não foi encontrado nenhum traço dele, como também porque não havia condições de vida para ele. Se ele surgiu no terciário, só pode ter sido no fim do período e também há de ter se multiplicado pouco; de outra maneira, após termos encontrado vestígios os mais delicados de um tão grande número de animais que viveram nessa época, não é compreensível que os homens não tivessem deixado algum indício de sua existência, seja por restos corporais, seja por quaisquer trabalhos.

De resto, por ter sido curto, o período diluviano não determinou mudanças notáveis nas condições climáticas e atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos, antes e depois; logo, não há uma impossibilidade material para que o aparecimento do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a existência do macaco naquela época aumenta a probabilidade do fato, o que descobertas recentes parecem confirmar.¹⁰³

De qualquer forma, que o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humanitário começou realmente a ser esboçado somente no período pós-diluviano; portanto, podemos considerá-lo como caracterizado pela sua presença.

¹⁰³ Ver os trabalhos do Sr. Boucher de Perthes – N. K.

CAPÍTULO VIII

TEORIAS DA TERRA

- **TEORIA DA PROJEÇÃO**
- **TEORIA DA CONDENSAÇÃO**
- **TEORIA DA INCRUSTAÇÃO**

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que alcançou mais aceitação nestes últimos tempos é a de *Buffon*¹⁰⁴ — seja por causa da posição de seu autor no mundo sábio, seja porque não se sabia mais do que isso naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, Buffon concluiu por essa uniformidade que elas devem ter sido postas em movimento pela mesma causa.

Segundo ele, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, ele supôs que um cometa tenha se chocado obliquamente, raspando a sua superfície, tenha destacado desta uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, dividiu-se em muitos fragmentos. Tendo esses fragmentos formado esses planetas, que continuaram a se mover circularmente pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Assim, os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e por conseguinte elas próprias também teriam sido incandescentes em sua origem. Elas se puseram a se resfriar e a se consolidar um tempo proporcionado aos seus volumes, e, quando a temperatura o permitiu, a vida lhes despontou na superfície.

Em virtude do gradual abaixamento do calor central, num certo tempo a Terra chegaria a um estado completo de resfriamento; a massa líquida se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando a vida impossível, acarretaria a diminuição e depois o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começara pelos polos, pouco a pouco ganharia todas as regiões até ao Equador.

Segundo Buffon, tal é o estado atual da Lua que, sendo menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha para sempre excluída. O próprio Sol viria a ter a mesma sorte afinal. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, e dentro de 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

2. Contraditada pelas novas descobertas da Ciência, a teoria de Buffon está presentemente abandonada quase por completa pelos motivos seguintes:

¹⁰⁴ **Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon** (1707-1788): cientista francês, um dos pioneiros no estudo da origem das espécies – N. E.

- 1^a Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém agora sabemos que os cometas são formados de uma matéria gasosa condensada, portanto, bastante rarefeita para que se possam perceber estrelas de grandeza mediana através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, um choque violento capaz de arremessar ao longe uma porção da sua massa é uma coisa impossível.
- 2^a A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada até o presente vem confirmar, e que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Se bem ainda não esteja completamente definida quanto à sua natureza, a força dos meios de observação de que dispomos hoje tem permitido melhor estudá-la. Hoje em dia, geralmente é admitido pela ciência que o Sol é um globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa que não se acha em contato com a sua superfície.¹⁰⁵
- 3^a No tempo de Buffon, só se conhecia os seis planetas que os antigos conheciam: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, foram descobertos um grande número de outros, dos quais, especialmente três — Juno, Ceres e Palas — têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um único movimento de projeção.
- 4^a Os cálculos de Buffon acerca do resfriamento foram completamente reconhecidos como inexatos desde a descoberta do Sr. Fourier¹⁰⁶ acerca da lei do decrescimento do calor. A Terra não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.
- 5^a Buffon só considerou o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares; ora, sabemos hoje que, pelos dados científicos de rigorosa precisão obtidos pela experiência, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não tem, desde há muito tempo, mais do que uma parcela insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que essa temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (ver cap. VII, nº 25). O efeito dessa causa sendo permanente, ao passo que o do calor central é nulo ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, seria necessária a extinção do Sol.¹⁰⁷

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo aquela que é melhor justificada pela observação, a que resolve maior número de dificuldades e a que se apoia mais do que todas as outras sobre o grande princípio da unidade universal. É aquela que está descrita logo atrás, no cap. VI: ***Uranografia geral***.

Como se vê, estas duas teorias conduzem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura a tornou possível. No entanto, elas diferem pelo modo de formação da Terra, e é provável que se Buffon vivesse em nossos dias, ele adotaria outras ideias. Portanto, são duas rotas diferentes conduzindo ao mesmo objetivo.

A Geologia toma a Terra do ponto em que é possível a observação direta. Estando além

¹⁰⁵ Encontramos uma dissertação completa e à altura da ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas em ***Estudos e Leituras sobre a Astronomia***, de Camille Flammarion, 1 vol. In-12. Preço 2 francos e 50 centavos. Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, doca dos Augustins, Paris – N. K.

¹⁰⁶ **Jean-Baptiste Joseph Fourier** (1768-1830) físico e matemático francês – N. E.

¹⁰⁷ Para maiores esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor, veja ***Cartas acerca das revoluções do globo***, pelo Dr. Bertrand, páginas 19 e 307 – N. K.

da experimentação, seu estado anterior só pode ser hipotético; ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que devemos escolher aquela que é sancionada pela lógica e que melhor concorda com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. Mencionamos esta teoria apenas para registro, já que nada tem de científica, mas unicamente porque ela conseguiu certa repercussão nesses últimos tempos, e seduziu algumas pessoas. Ela está resumida na carta seguinte:

“Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis aqui o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de respeitabilidade que remontaram a origem da Terra a milhões de anos, e, portanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também; e foi um simples camponês¹⁰⁸ quem os pôs de acordo nos ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais bem antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegou à maturidade ou em harmonia com o que existiu no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta; somente a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os globos têm o seu livre-arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal¹⁰⁹ que eles trouxeram para a comunidade. A operação teve por testemunhas só a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Feita a soldagem, as águas se escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e começaram o despertar ou a ressurreição das *sementes catalépticas*; o homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao redor dele. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* nos trouxe a raça amarela, a mais antiga civilização; a *África*, a raça negra; a *Europa*, a raça branca e a *América*, a raça vermelha. A Lua talvez nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais — dos quais só encontramos os restos — nunca teriam vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que encontramos em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, sem dúvida viviam em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos polos da nossa morada que viviam no Equador da morada deles.”

5. Esta teoria tem contra si os dados mais concretos da ciência experimental, além de que ela deixa por inteira a questão da origem ela pretende resolver. Ela diz certo como a Terra seria formada, mas não diz como foram formados os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem ocorrido assim, como será que não se encontra em nenhuma parte os vestígios daquelas imensas soldas, indo até às entranhas do globo? Cada um daqueles mundos trazendo seus próprios materiais, Ásia, África, Europa e América tendo cada qual uma geologia particular e diferente, *o que não é correto*. Ao contrário, nós vemos inicialmente o núcleo granítico uniforme, de uma composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas de mesma formação, idênticas na sua constituição, em toda parte superpostas na mesma ordem, continuando sem interrupção de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas — testemunhas das transformações do globo — atestam que tais transformações se operaram

¹⁰⁸ Miguel de Figagnères, autor da *Chave da vida* – N. K.

¹⁰⁹ Hominal: relativo ao homem, à forma humana – N. E.

em toda a sua superfície e não apenas numa parte; elas nos mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos recuados marcham simultaneamente por toda parte sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando por toda parte de caráter à medida que a temperatura se modifica. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de muitos mundos diferentes.

Se esse sistema tivesse sido concebido apenas há um século, ele poderia ter conquistado um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias e fundamentadas sem o método experimental; mas hoje em dia, não nenhuma sustentação e não suporta sequer o exame, porque ele é contraditado pelos fatos materiais.

Sem discutir o livre-arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão da sua alma, pergunta-se o que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se este não tivesse recusado de má vontade a se reunir com suas irmãs? O que viria a ser da Terra atual se um dia se tomasse a fantasia de a Lua vir retomar seu lugar e dele expulsar o mar?

6. Semelhante teoria seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a sua localização; porém, uma vez que essas raças puderam germinar em mundos separados, por que não teriam podido se desenvolver em pontos diversos de um mesmo globo? Isso é querer resolver uma dificuldade por uma dificuldade bem maior. Com efeito, quaisquer que fossem a rapidez e a *destreza* com que fosse feita a **operação**, essa adjunção não poderia se realizar sem abalos violentos; quanto mais rápida ela fosse, tanto mais os cataclismos teriam sido desastrosos; então parece impossível que seres *apenas mergulhados em sono paralítico* tenham podido resistir-lhes, para em seguida despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente sementes, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziriam ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra formada por meio miraculoso, mas por outro processo menos poético e menos grandioso do que o primeiro, enquanto que as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da experiência e da observação.¹¹⁰

¹¹⁰ Quando uma teoria como essa se liga a toda uma cosmogonia, é de se perguntar sobre qual base racional o resto pode se assentar.

A concordância que se pretende estabelecer por meio desse sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, porque é contradita pela própria Ciência. Por outro lado, todas as crenças extraídas do texto bíblico têm por pedra fundamental a criação de um único casal do qual nasceram todos os homens. Remova-se essa pedra e tudo que é construído sobre ela se desmorona. Ora, esse sistema, dando à humanidade uma múltipla origem, é a negação da doutrina que lhe atribui um pai comum.

O autor da carta supracitada, homem de grande saber, por um instante seduzido por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência – N. K.

CAPÍTULO IX

REVOLUÇÕES DO GLOBO

- REVOLUÇÕES GERAIS E PARCIAIS
- DILÚVIO PÚBLICO
- REVOLUÇÕES PERIÓDICAS
- CATACLISMOS FUTUROS

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo em consequência das suas transformações; mas, com exceção do período diluviano, que tem as características de uma subversão repentina, todos os demais transcorreram lentamente e sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições, as mutações tiveram de ser gerais; uma vez consolidada a base, só foi preciso se produzir modificações parciais na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras, duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo: seja por erupções vulcânicas que enterraram os terrenos próximos para baixo de grossas camadas de cinzas e lavas, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; seja por tremores da terra; seja por levantamentos da crosta sólida, impelindo as águas para as regiões mais baixas; seja pelo afundamento em alguns lugares dessa mesma crosta, em maior ou menor extensão, para onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a seco. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto que outras desapareceram; que porções de continentes têm sido separadas e têm formado ilhas, que braços de mar, postos a seco, reuniram ilhas e continentes.

A água: seja por irrupção ou a retraimento do mar em algumas costas; seja por desmoronamentos que, retendo as correntes d'água, formaram os lagos; seja por transbordamentos e inundações; seja, enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios: essa é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camargo e de tantos outros.

DILÚVIO BÍBLICO

3. O exame dos terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam suas sustentações pode determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não devemos entender o número de anos da existência delas, mas o período em que se formaram e consequentemente sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade corresponde à sua elevação ou à natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa de granito, ao se levantar, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Isto constatado pela observação que as montanhas dos Vosges na Bretanha e da Costa do Ouro na França — que não são muito elevadas — pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e anteriores aos depósitos de carvão. A Cordilheira do Jura se formou em meados do período secundário e é contemporânea dos reptis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, porque só se formaram perto do fim desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia são inclusive posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos hão de ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios.¹¹¹

4. O dilúvio bíblico — também designado pelo nome de grande dilúvio asiático — é um fato que a realidade não pode contestar. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como aquele do México. O que vem apoiar esta opinião é a existência de um mar interior que antes ia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se ligue com qualquer outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as planícies da Rússia parecem ser restos daquele antigo mar. Após o levantamento das montanhas do Cáucaso, uma parte dessas águas foi reprimida para o norte, na direção do oceano Boreal, e a outra parte, foi ao meio, em direção ao oceano Índico. Estas últimas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, um fato atualmente comprovado é o de que ele foi apenas local; que ele não pode ter sido causado pela chuva, pois, por mais que ela tenha sido abundante e prolongada por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia ser o bastante para cobrir *toda a terra*, até acima das mais altas montanhas.

Para os homens daquela época, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham nenhuma ideia da sua configuração, desde o instante em que a inundação invadiu os países conhecidos, para eles a Terra inteira teria sido inundada. Se juntarmos a essa crença a forma imaginosa e exagerada da descrição própria do estilo oriental, já não nos será surpresa o exagero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático evidentemente é posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram nas suas teogonias.

Ele é também posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do período geológico atual; e quando se fala de homens e de animais antediluvianos, isso significa deste primeiro cataclismo.

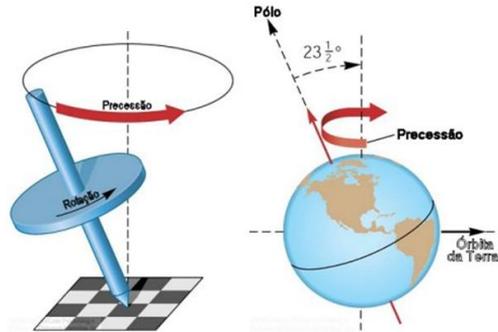
¹¹¹ O século passado registrou um notável exemplo desse gênero de fenômeno. A seis dias de marcha da cidade de México, existia em 1750 uma região fértil e bem cultivada, onde se cultivava em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra agitaram o solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro a terra sofreu uma violenta convulsão; um território de muitas léguas de extensão ergueu-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar ao sopro da tempestade, milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, abriu-se um golfo de aproximadamente 3 léguas, donde eram lançados fumaça, fogo, pedras esbraseadas e cinzas a uma espantosa altura. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, dentre as quais o vulcão a que foi dado o nome de *Jorullo* se eleva atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que se iniciaram os abalos do solo, os dois rios *Cuitimba* e *San Pedro*, recuando, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo *Jorullo*; porém, no terreno que se elevava sempre, outro golfo se abriu e os engoliu. Eles reapareceram mais tarde a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Louis Fignier, *A terra antes do dilúvio*, pág. 370) – N. K.

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. Além do seu movimento anual em torno do Sol — que produz as estações — e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas — que produz o dia e a noite — a Terra tem um terceiro movimento que se completa em aproximadamente 25 mil anos (mais exatamente, 25.868 anos) que produz o fenômeno denominado em astronomia **precessão dos equinócios**.

Este movimento — que seria impossível explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica — consiste numa espécie de oscilação circular que tem sido comparado à de um pião enfraquecendo-se, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.¹¹²

Nota desta edição: a seguir, uma demonstração gráfica do referido fenômeno num pião e na Terra:



7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na inclinação do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de **precessão dos equinócios** (do latim **procedere**, caminhar para diante, composto de **proe**, adiante e **cedere**, ir-se).

Com o tempo, esses poucos minutos formam horas, dias, meses e anos; resultando daí que o equinócio da primavera — que agora se verifica em março — em algum tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará em 25.868 anos, para recomençar a mesma revolução indefinidamente.¹¹³

¹¹² Uma ampulheta composta de dois copos cônicos, girando sobre si mesma numa posição inclinada; ou ainda dois bastões cruzados em forma de X, girando sobre seu ponto de intersecção, podem nos dar uma ideia aproximada da figura formada por esse movimento de eixo — N. K.

¹¹³ A precessão dos equinócios ocasiona outra mudança: aquela que se opera na posição dos signos do zodíaco.

A Terra girando ao redor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol cada mês se encontra diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes*. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele era nascido sob tal signo; daí as previsões da astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações que têm 2.000 anos: aquele que nasce no mês de julho já não está no signo do Leão, mas sim no do Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa relativa à influência dos signos (Cap. V, nº 12) — N. K.

8. Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre Estrela Polar; que gradualmente os polos são mais ou menos inclinados para o Sol e dele recebem raios mais ou menos diretos, donde se segue que, por exemplo, a Islândia e a Lapônia — que estão sob o círculo polar — poderão em dado tempo receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, Espanha e Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25 mil anos.

9. As conseqüências deste movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque somente temos podido observar uma pequena parte da sua revolução; a respeito disso só há presunções, algumas das quais tem certa probabilidade.

Essas conseqüências são:

- 1^a O aquecimento e o resfriamento alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos e a sua nova formação durante a outra metade desse período. Resultaria daí que os polos não estão destinados a uma perpétua esterilidade, mas revezariam os papéis desfrutando dos benefícios da fertilidade.
- 2^a O deslocamento gradual do mar que invadia pouco a pouco as terras, ao passo que descobre outras, para lhes abandonar novamente e voltar ao seu leito anterior. Esse movimento periódico e indefinidamente renovado constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; porém é sensível ao fim de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e os homens avançam pelas terras donde o mar se retira. Muito provavelmente, é a essa causa que alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de outras por ele.

10. O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência e confirmado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Isso tem por efeito a manutenção das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças.¹¹⁴

¹¹⁴ Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar estes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água trechos de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas dia a dia ganham terreno e minam as penedias de Sainte-Adresse, que pouco a pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco d'Éclat que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos constataam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno, no século XIV, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com um tempo bom, vê-se os seus restos no fundo do mar.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de *Flevo*, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano trouxe vários povoados.

Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria novamente ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Navegaremos por sobre regiões que atualmente se percorrem de caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, aos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas onde se passeia ficarão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar de aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que a invasão das águas foi repentina e a sua permanência de curta duração, ao passo que, de outro modo, essa permanência teria sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens percebessem — N. K.

CATACLISMOS FUTUROS

11. As grandes revoluções telúricas¹¹⁵ têm se produzido nas épocas em que a crosta sólida da Terra, pela sua fraca espessura, oferecia pouca resistência à efervescência das matérias incandescentes do seu interior; viu-se essas comoções diminuir de intensidade e de generalidade na medida em que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões se acham agora extintos, outros foram soterrados pelos terrenos de formação posterior.

Certamente, perturbações locais ainda poderão produzir-se, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns novos vulcões, de inundações súbitas de algumas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras poderão ser tragadas por ele; mas o tempo dos cataclismos gerais — como os que assinalaram os grandes períodos geológicos — já passou. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, salvo por causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, e que de nada pudesse prever.

12. Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação a sua influência — que é mais salutar do que prejudicial, por eles parecerem destinados a reabastecer os mundos, se assim nos podemos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam durante seu percurso pelo espaço e na vizinhança dos sóis. Eles serão, portanto, mais fontes de prosperidades do que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, já bem comprovada hoje em dia (cap. VI, nº 28 e seguintes), não é de se temer um choque violento, porque, se um deles encontrasse a Terra, esta última atravessaria o cometa, como se atravessasse um nevoeiro.

Sua cauda não é mais terrível; ela não é mais do que o reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, porque ela é constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, e muda de direção de acordo com a posição deste astro. Por consequência da rapidez com que eles caminham, essa matéria gasosa também poderia ser uma espécie de cabeleira semelhante ao rastro deixada por um navio, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se aproximaram da Terra sem lhe causar qualquer dano; e em razão das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Somente uns restos de velhos preconceitos podem inspirar preocupações com a sua presença.¹¹⁶

13. Devemos igualmente relegar entre as hipóteses fantasiosas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos afastam toda a probabilidade desse encontro.

No entanto, a Terra terá um fim; como? Isso é o que é impossível de prever; mas, como ela ainda está longe da perfeição que pode alcançar e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que tal não se dará ao seu tempo. (Cap. VI, nº 48 e seguintes.)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou ela agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pela colaboração inteligente do homem. Porém, ***ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral.*** Aí estará a causa das suas maiores revoluções. ***Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela natureza; isto é, serão mais morais e sociais do que físicas.***

¹¹⁵ Telúrico: relativo à terra, ao solo – N. E.

¹¹⁶ O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra a 20 horas de distância do ponto onde estava este planeta, que teve que se achar mergulhado na atmosfera daquele cometa, sem que resultasse daí qualquer acidente – N. K.

CAPÍTULO X

GÊNESE ORGÂNICA

- FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS
- PRINCÍPIO VITAL
- GERAÇÃO ESPONTÂNEA
- ESCALA DOS SERES CORPÓREOS
- O HOMEM

FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1. Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Viu-se cada espécie aparecer à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas: eis o que é um fato concreto. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreendemos que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram; mas, de onde saiu esse primeiro casal? Esse é um dos mistérios do princípio das coisas, sobre os quais nós só podemos formular hipóteses. Se a Ciência ainda não pode resolver completamente o problema, pelo menos, ela pode encaminhá-lo para a solução.

2. Uma questão primordial que se apresenta é essa: cada espécie animal saiu de um **casal primário**, foram criados de vários casais ou, se o preferirem, brotaram simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável, e até podemos dizer ela que resulta da observação. Com efeito, existe numa mesma espécie uma infinita variedade de gêneros que se distinguem pelas características mais ou menos precisas. Faltava necessariamente ao menos um tipo de cada variedade apropriada ao meio onde fosse chamada a viver, pois cada qual se reproduz de maneira semelhante.

De outro modo, a vida de um indivíduo — sobretudo de um indivíduo nascido — está sujeita a tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a variedade dos tipos primários, o que não teria ocorrido de acordo com a previsão divina. Aliás, se um tipo pudesse se formar em um determinado lugar, pela mesma causa, não há razão para que ele não fosse formado em vários lugares.

Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos de mesma configuração e em proporções enormes, da mesma espécie nos mais distantes pontos do globo. Essa multiplicação tão generalizada e de algum modo contemporânea teria sido impossível com um único tipo primário.

Logo, tudo demonstra provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos pode ser deduzida, por comparação, pela mesma lei pela qual foram formados — e se formam todos os dias — os corpos inorgânicos. À medida que aprofundamos o estudo das leis da natureza, vemos as engrenagens — que a princípio pareciam tão complicadas — se simplificar e se confundir na grande lei de unidade que preside a toda a

obra da criação. Compreendemos isso melhor quando nos dermos conta da formação dos corpos inorgânicos, que é o seu primeiro degrau.

4. A química considera como essenciais um certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Pela sua combinação, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige um auxílio especial de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não existirem, a combinação não se dará.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que resulta deles adquire outras, diferentes daquelas das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio — que são gases invisíveis — sendo combinados quimicamente, formam a água — que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. A bem dizer, na água já não há oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo; essa água, sendo decomposta, os dois gases, tornados livres, recuperam suas propriedades e já não há mais a água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim alternativamente decomposta e recomposta infinitamente.

Na simples mistura não há confecção de um novo corpo, e os princípios mesclados conservam suas propriedades intrínsecas que são simplesmente enfraquecidas, como ocorre com o vinho misturado com água. Assim é que uma mistura de 21 partes de oxigênio e de 79 partes de azoto forma o ar respirável, ao passo que uma combinação química de 5 partes de oxigênio sobre 2 de azoto produz o ácido nítrico.

6. A composição e decomposição dos corpos ocorrem por consequência do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns com os outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se pusermos em contato com a água um corpo que tenha mais afinidade com o oxigênio do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta e já não haverá mais água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma determinada quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Então, mesmo que puséssemos, nas mesmas condições, uma maior proporção de um ou de outro desses dois gases, sempre teríamos aí apenas a quantidade desejada absorvida e o excedente ficaria livre. Se, noutras condições, houver duas partes de oxigênio combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água, obteremos aí o dióxido de hidrogênio — um líquido corrosivo, embora formado dos mesmos elementos que a água, porém numa outra proporção.

8. Em poucas palavras, está é a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A infinita variedade desses corpos resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo (ambos inofensivos) dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o zarcão (que são venenosos). O oxigênio com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a greda, a pedra de construção e as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico: o fosfato de cal, base sólida dos ossos; o

hidrogênio e o cloro formam o ácido hidroclórico; o ácido hidroclórico e o sódio formam o hidrocloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras são obtidas artificialmente em pequena escala nos laboratórios de química, mas se operam em larga escala no grande laboratório da natureza.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas apenas seus princípios constitutivos volatilizados. Quando as terras calcárias e outras — que se tornaram pedrosas com o tempo — foram depositadas na sua superfície, elas não existiam inteiramente formadas; porém, encontravam-se no ar, em estado gasoso, todas as substâncias básicas; essas substâncias — precipitadas por efeito do resfriamento e sob a força de circunstâncias favoráveis — se combinavam segundo o grau de suas afinidades moleculares; foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são voláteis se evaporariam. Depois, um segundo resfriamento levaria a uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam novamente.

10. Estas considerações provam o quanto a química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes do conhecimento das leis de afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência esclareceu a questão de uma maneira inteiramente nova, como a astronomia e a geologia têm feito de outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem na sua passagem do estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa forma — que varia de acordo com a natureza da substância — é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminadas em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante o congelamento, sob a forma de agulhas prismáticas.

A composição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e se justapõem conforme a exigência de suas formas, de maneira que cada uma toma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização não se opera senão em certas circunstâncias favoráveis, sem as quais ela não pode ocorrer; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreendemos que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria de se condensar, e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, só lhes permitiria formar uma massa confusa e irregular, e por isso o fato de não haver cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra todas as substâncias vegetais e animais compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham papel principal são: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se acham apenas eventualmente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades,

tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matÉria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essÊncias, os 6leos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na forma77o dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que n7o se encontre tambÉm no reino mineral.¹¹⁷

13. Alguns exemplos comuns nos far7o compreendermos as transforma77es que se operam no reino org7nico apenas pela modifica77o dos elementos constitutivos.

No suco da uva n7o h7 vinho e nem 7lcool, mas apenas 7gua e a77ugar. Quando o suco chega 7 maturidade e se encontra em as condi77es propÍcias, produz-se nele um trabalho íntimo a que se d7 o nome de fermenta77o. Nesse trabalho, uma parte do a77ugar se decomp7e; o oxigÊnio, o hidrogÊnio e o carbono se separam e combinam nas propor77es desejadas para produzir o 7lcool, de sorte que bebendo suco de uva, n7o se bebe realmente 7lcool, pois que este ainda n7o existe.

No p7o e nos legumes que comemos certamente n7o h7 carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matÉria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digest7o, v7o produzir aquelas diferentes subst7ncias apenas pela transmuta77o de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma 7rvore tampouco h7 madeiras, folhas, flores ou frutos e seria erro infantil crermos que a 7rvore inteira se encontre em forma microsc7pica nessa semente; quase n7o h7 nela sequer oxigÊnio, hidrogÊnio e carbono em quantidade necess7ria para formar uma folha da 7rvore. A semente contÉm um gÊrmen que desabrocha quando ela se acha nas condi77es favor7veis; esse gÊrmen se desenvolve pelos sucos que extrai da terra e dos gases que aspira do ar; tais sucos, que n7o s7o nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta formando a seiva, assim como nos animais, os alimentos formam o sangue. Essa seiva levada pela circula77o a todas as partes do vegetal, conforme o 6rg7o a que vai ter e onde sofre uma elabora77o especial, transforma-se em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, s7o sempre os mesmos elementos: oxigÊnio, hidrogÊnio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combina77es dos elementos para a forma77o das subst7ncias minerais, vegetais e animais s7o podem ent7o se produzir nos meios e em circunst7ncias propÍcias; fora dessas circunst7ncias, os princÍpios elementares est7o numa espÉcie de inÉrcia. Mas, desde que as circunst7ncias sejam favor7veis, come7a um trabalho de elabora77o; as molÉculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por suas mÚltiplas combina77es, comp7em a infinita variedade das subst7ncias. Desapare7am essas condi77es e o trabalho subitamente cessa, para recomear quando elas novamente se apresentarem. É assim que a vegeta77o se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a a77o do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se murcha ou morre noutros.

15. O que ocorre diariamente 7s nossas vistas pode nos colocar na pista do que se passou na origem dos tempos, pois as leis da natureza s7o sempre as mesmas.

¹¹⁷ O quadro a seguir, da an7lise de algumas subst7ncias, mostra a diferen7a de propriedades que resulta somente da diferen7a na propor77o dos elementos constituintes. Sobre 100 partes:

	Carbono	HidrogÊnio	OxigÊnio	Azoto
A77ugar de cana	42,470	6,900	50,630	—
A77ugar de uva	36,710	6,780	56,510	—
7lcool	51,980	13,700	34,320	—
Azeite de oliveira	77,210	13,360	9,430	—
6leo de nozes	79,774	10,570	9,122	0,534
Gordura	78,996	11,700	9,304	—
Fibrina	53,360	7,021	19,685	19,934

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos e que, sob a força de certas circunstâncias, nós os vejamos incessantemente formar as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos são formados como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores na reprodução dos indivíduos de cada espécie pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a força da mesma lei, as moléculas produzem um conjunto análogo.

PRINCÍPIO VITAL

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios que formam os minerais, é preciso entendê-lo no sentido exclusivamente material, a questão aqui é apenas do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial invisível e que ainda não pode ser definido: é o **princípio vital**. Esse princípio, que é ativo no ser vivente, está **extinto** no ser morto, mas não lhe proporciona menos à substância das propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química — que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos — pôde decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente de que há nestes alguma coisa que não existe nos outros.

17. O princípio vital é alguma coisa distinta, que tenha existência própria? Ou, para retornar no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como ele se torna luz, fogo, calor e eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações anteriormente reportadas. (ver cap. VI, **Uranografia geral**).

No entanto, seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, ele existe, pois vemos seus efeitos são visíveis. Portanto, podemos logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital — que é necessário à destinação deles; ou, se preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo efeito mesmo da combinação dos elementos, assim como, pela força de certas circunstâncias, vemos se desenvolver o calor, a luz e a eletricidade.

18. Combinando entre si o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, sem o princípio vital, só teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; ao modificar a constituição molecular desse corpo, o princípio vital dá a eles propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor o é pelo movimento de rotação de uma roda; cessada aquela ação por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor acaba quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito* produzido pelo princípio vital sobre o estado molecular do corpo sobrevive após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira sobrevive à extinção do calor e a suspensão do movimento da roda. Na análise dos corpos orgânicos, a química encontra exatamente os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas, não pode reconstituí-los, porque já não existindo mais a causa, ela não pode reproduzir o *efeito*, embora possa reconstituir uma pedra.

19. Tomamos por comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda porque é um efeito comum, conhecido por todo mundo e mais fácil de ser compreendido; no entanto, teria

sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, ele desenvolve *eletricidade*. Então, os corpos orgânicos seriam como verdadeiras *pilhas elétricas* que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estejam nas condições precisas para produzir eletricidade: isso é a vida; que deixam de funcionar quando essas condições desaparecem: isso é a morte. De acordo com isso, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade denominada *eletricidade animal*¹¹⁸, gasta durante a vida pela ação dos órgãos e cuja produção se acaba com a morte, pelo término dessa ação.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. É natural que se pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições que os primeiros que surgiram na Terra.

A questão da geração espontânea — que hoje preocupa a Ciência, embora ainda resolvida de diversas maneiras — não pode deixar de esclarecer esse assunto. O problema proposto é este: nos tempos atuais, seres orgânicos são formados pela simples reunião dos elementos que os compõem, sem germens previamente produzidos pela geração comum, ou seja, sem pais e nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente se apoiando nas observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros se apoiando sobre esse fato, constatado pela experiência, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um considerável tempo, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente não pode ser aplicado senão aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo extremamente simples é de certo modo rudimentar. Esses foram efetivamente os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação teve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, igual à que se produziu nas primeiras eras do mundo.

22. Mas então, por que os seres de organização complexa não se formam da mesma maneira? É um fato concreto que esses seres nem sempre existiram; portanto, eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

As investigações param aí, por enquanto; o fio condutor se perde, e, até que ele seja encontrado, o campo fica aberto às hipóteses; então seria imprudente e prematuro apresentar sistemas como verdades absolutas.

23. Se a geração espontânea é fato demonstrado, por mais limitado que seja, não deixa de ser um fato menos importante, um marco que pode indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho e a gande, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólo e o elefante?

Deixemos ao tempo o cuidado de levar a luz ao fundo desse abismo, se um dia ele puder ser sondado. Esses conhecimentos sem dúvidas são interessantes, do ponto de vista da ciência pura, mas eles não são aqueles que influenciam o destino do homem.

¹¹⁸ O termo *animal* aqui colocado se refere ao que é animado, orgânico, que tem vida (organismo vegetal, animal e humano) – N. E.

ESCALA DOS SERES CORPÓREOS

24. Entre o reino vegetal e o reino animal não há nenhuma delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os **zoófitos** ou **animais-plantas**, cujo nome indica que eles participam de um e outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, elas precisam de luz, de calor e de água; se forem privados disso, enfraquecem-se e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais acentuada é a de estar mais ligado ao solo e dele tirar a sua subsistência sem deslocamento.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; ele tira a sua alimentação do meio ambiente.

Um degrau acima, o animal é livre e vai procurar o seu alimento; a princípio, são as inúmeras variedades de pólipos, em corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, e que não diferem das plantas senão pela locomoção; depois vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos, sem ossos, alguns deles são nus como as lesmas, poupas ou polvos, outros providos de conchas como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura como os caranguejos, as lagostas; os insetos, aos quais a vida assume espantosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem em seguida a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que abrange os peixes, os reptis, os pássaros; por fim, seguem-se os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

O HOMEM

25. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos — dos quais ele se diferencia unicamente por alguns detalhes na forma exterior; quanto ao mais, tem a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução; ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo a mais e nem a menos que no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que estavam combinados para formá-lo, e, por novas combinações, eles vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a igualdade que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

26. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos **bímanos**. Imediatamente abaixo dele vêm os **quadrúmanos** (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocko¹¹⁹, têm certas semelhanças com o homem, a tal ponto que por muito tempo foram denominados **homens das florestas**; como o homem, eles caminham eretos, usam cajados e levam os alimentos à sua boca com a mão: sinais característicos.

27. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, reconhecemos que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia

¹¹⁹ **Jocko**: uma variedade de macaco típica do Brasil. O nome provavelmente provém do romance *Jocko ou le Singe du Brésil (Jocko ou o Macaco do Brasil)*, escrito em 1824 por Charles de Pougens, que fez grande sucesso na França com a adaptação para o teatro em 1825, sob a direção de Edmond Rochefort. No enredo, um rico português em viagem ao Brasil captura um macaco muito esperto e que, numa travessia, salva a vida da filha do português de um naufrágio — N. E.

elevando-se gradativamente sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente; acompanhando passo a passo a série dos seres, diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que as condições do corpo do homem são de condições idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado nas mesmas condições.

28. Ainda que isso possa custar ao seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade **sobre a Terra**. Aí está o inviolável argumento dos fatos, contra o qual será inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, quanto mais o princípio espiritual cresce de importância; se o primeiro o iguala ao bruto, o segundo o eleva a uma indescritível altura. Nós vemos o círculo onde o animal se limita, mas não vemos o limite a que o Espírito do homem pode alcançar.

29. Por aí, o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e seu positivismo, vai ao seu encontro e os provoca, por ele estar certo de que o princípio espiritual — que tem sua existência própria — em nada pode sofrer com elas.

CAPÍTULO XI

GÊNESE ESPIRITUAL

- **PRINCÍPIO ESPIRITUAL**
- **UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA**
- **HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS CORPOS HUMANOS**
- **ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS**
- **REENCARNAÇÃO**
- **EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS**
- **RAÇA ADÂMICA**
- **DOCTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO**

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita mais de demonstração do que o princípio material; de certa forma, é uma verdade incontestável; ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria se afirma pelos que lhe são próprios.

De acordo com este princípio “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, atestando por isso mesmo um pensamento, uma intenção. Ora, não podendo vir a ninguém a ideia de atribuir o pensamento à matéria do sino, temos de concluir que ele é movido por uma inteligência à qual o sino serve de instrumento para essa inteligência se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivente pensa, é então que há nele alguma coisa que não existe quando ele está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz o sino se mover está fora dele, enquanto que o que faz o homem agir está nele mesmo.

2. O princípio espiritual é a coroação da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, pois não poderíamos conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade unicamente sobre a matéria bruta, como um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida sobre pedras. Como não podemos admitir Deus sem os atributos essenciais da divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se ele só tivesse que exercê-las sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom criando seres inteligentes e sensíveis para lançá-los ao nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, entretendo sua vida dessa sucessão indefinita de seres que nascem sem tê-lo pedido, pensando por um instante apenas para conhecerem a dor, e se acabarem para sempre, ao fim de uma curta existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam uma crueldade

sem objetivo da parte de Deus. Eis por que o materialismo e o ateísmo são conseqüências um do outro; negando o efeito, não se pode admitir a causa. Então, o materialismo é conseqüente de si mesmo, embora não o seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é natural no homem; ela está dentro dele em estado de intuição e de aspiração; ele compreende que somente aí está a compensação pelas misérias da vida: essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo vem acrescentar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade; ele ajusta e define o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente agindo fora da matéria — seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são um só e a mesma coisa?

Como sempre, partindo da observação dos fatos, diremos que se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para confundi-los; contudo, como vemos os seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos ainda ser animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; que se produz no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato da vontade; que durante o sono a vida orgânica está em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é de se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual — que é inerente ao Espírito. Então, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes.

6. Seria que o princípio espiritual tem sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as modificações da matéria; seria extinto pela desagregação como o princípio vital; o ser inteligente não seria mais do que uma existência momentânea como o corpo, e ao morrer ele voltaria ao nada, ou — o que seria o mesmo — voltaria ao todo universal; numa palavra, isso seria a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades *extraordinárias* que reconhecemos no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria e independente, pois se ele tivesse sua origem na matéria, ele não teria estas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chegamos a essa conclusão, partindo dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. Admitido o ser espiritual, e sua fonte não podendo ser a matéria, qual é a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação absolutamente se acabam, como tudo aquilo que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o resto, ele só pode formular hipóteses; e Deus não lhe concede isso — seja porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, seja porque haja para ele inutilidade ou inconveniência possuí-lo no momento — nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o homem pode deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça — que é um dos atributos essenciais da divindade — é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos

atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura através de seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual atenção; que não há nenhum mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais desde toda a eternidade, ele tem igualmente criado seres espirituais eternamente: se assim não fosse, os mundos materiais não teriam finalidade. Conceberíamos melhor os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes mundos sem os seres espirituais. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa é o objetivo que eles devem alcançar; ora, estando Deus criando por toda a eternidade, e criando sem cessar, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos tendo sucedidos aos mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, normalmente chamados anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10. Como a matéria tem que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre a matéria, e por isso veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Como a matéria tem que ser ao mesmo tempo objeto e instrumento do trabalho, então Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

Portanto, o corpo é ao mesmo tempo a vestimenta e o instrumento do Espírito, e à medida que este adquire novas aptidões, veste um corpo apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado ferramentas menos grosseiras na medida em que ele é capaz de executar uma obra mais bem delicada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito quem modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, desenvolve e completa seu organismo à proporção que experimenta a necessidade de manifestar novas aptidões; numa palavra, ele o molda conforme sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais para que ele os ponha em serviço; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se quiserem, um aparelhamento mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às feições do corpo.

12. Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, para o seu adiantamento, ele deve fazer uso de suas competências, que a princípio são rudimentares; por isso é que veste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro desde que suas forças crescem. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos — qualquer que fosse o grau de adiantamento que tivessem alcançado — encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as transformações da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito — para quem o corpo privado de vida passa a se tornar inútil — deixa o corpo, como se deixa uma casa em

ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. O corpo não passa assim de um envoltório destinado a receber o Espírito; a partir de então, pouco importam a sua origem e os materiais de que é construído. Que o corpo do homem seja ou não uma criação especial, ele não é menos formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou, por outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas instabilidades e às mesmas necessidades: este é um ponto sobre o qual não há contestação.

Considerando apenas a matéria, sem o Espírito, então o homem nada tem que o diferencie do animal; porém tudo muda de aspecto logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um nobre senhor, sob a palha ou vestido com a bata do camponês, não deixa de ser um nobre senhor. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestimenta carnal que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS CORPOS HUMANOS

15. Da semelhança que há de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é precisamente uma transformação do segundo. Nada há aí de impossível, nem o que, se assim o for, nada disso afete a dignidade do homem. Bem pode ser que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos — necessariamente pouco avançados — que viessem encarnar na Terra, sendo essas vestiduras mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de um corpo especial ter sido feito para o Espírito, ele teria achado um já pronto. Ele então se vestiu da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem às vezes se veste da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Fica bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica em nada o Espírito — que é o ser principal — e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica igualdade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. Admitindo essa hipótese, podemos dizer que sob a influência, e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes, conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, em se procriando, reproduziram-se nas mesmas condições, como sucede com as árvores enxertadas; deram origem a uma espécie nova que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco — que não foi aniquilado — continuou a procriar corpos de macaco para seu uso, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde onde se estabeleceu. O tronco se bifurcou: ele produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra diferissem pouco do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos para completar a semelhança.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo na

encarnação.

Pela sua essência espiritual o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; falta para ele um intermediário e esse intermediário está no envoltório fluídico que, de certo modo, faz parte do Espírito, envoltório semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea; como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal, que nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, de um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento; torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, do mesmo modo como se dá com todos os fluidos imponderáveis que, como se sabe, são os motores mais poderosos.

Portanto, o fluido perispíritico é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, agindo sob a impulsão da sua vontade e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem os nervos como fios condutores, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico — que não é mais do que uma expansão do seu perispírito — o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta; sob a influência do *princípio vital e material do gérmen*, o perispírito — que possui certas propriedades da matéria — se une *molécula a molécula* ao corpo que se forma: donde podemos dizer que, de certa maneira, o Espírito se *enraíza* nesse gérmen, por intermédio do seu perispírito, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, entre o perispírito e a matéria carnal — que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen — a união acaba quando esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar; então o perispírito se desprende *molécula a molécula* conforme havia se unido, e é restituída a liberdade ao Espírito. *Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte que causa a partida do Espírito.*

19. Pelos fatos experimentais que o Espiritismo nos permite observar, ele nos faz compreender os fenômenos que acompanham essa separação: às vezes ela é rápida, fácil, suave e insensível; doutras vezes ela é lenta, trabalhosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. Um fenômeno característico e também demonstrado pela observação acompanha sempre a encarnação do Espírito: desde que este é apanhado pelo laço fluídico que o prende ao gérmen, a perturbação toma conta dele; essa perturbação aumenta à medida que o laço se aperta e nos últimos momentos o Espírito perde toda a consciência de si próprio, de maneira que jamais tem consciência do seu nascimento. Quando a criança respira, o Espírito começa a readquirir as capacidades, que se desenvolvem na proporção em que são formados e consolidados os órgãos que lhe devem servir para suas manifestações. Nisto também resplandece a sabedoria que preside todas as partes da obra da criação. Faculdades ativas demais consumiriam e danificariam os órgãos delicados recém-formados; por isso sua energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.

21. Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as aptidões, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que ficaram temporariamente em estado latente e que, voltando à sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor o que ele não fez anteriormente; ele renasce igual se fez pelo seu trabalho anterior; o que para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Também aí a bondade do Criador se manifesta, porque a lembrança do passado — muitas

vezes aflitiva e humilhante —, somando-se aos amargores de uma nova existência, poderia lhe perturbar e entravá-la; ele apenas se lembra do que tem aprendido, por isso lhe ser útil. Se ele às vezes conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho evasivo. É então um novo homem, por mais antigo que seja seu Espírito; ele marcha por novos rumos ajudado pelo que ele tem adquirido. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Portanto, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre *ele mesmo*, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação não passa de uma fase especial da sua existência. O próprio esquecimento só ocorre durante a vida exterior de relação; durante o sono, em parte desprendido dos vínculos carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se recorda, pois sua visão não é mais tão obscurecida pela matéria.

23. Tomando a Humanidade no seu grau mais baixo da escala espiritual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se este é o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente — que é diferente do princípio material — individualiza-se e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade; é aí que a alma ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades pelo exercício; por assim dizer, isso seria para ela seu período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual, como há filiação corporal.

É preciso convir que esse sistema — fundado na grande lei de unidade que preside à criação — corresponde à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam de ser seres deserddados, mas que encontram no futuro que lhes está reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga de onde saiu. Por haver passado pela feira da vida animal, o homem não se seria menos homem; já não seria mais animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto disforme pelo qual entrou no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, o que não é oportuno discutir aqui seus prós e contras, nem o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Pois então, sem pesquisarmos a origem da alma, e as feiras pelas quais ela tenha passado, vamos tomá-lo *a partir da sua entrada na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.

24. A obrigação que o Espírito encarnado tem de buscar o alimento do corpo, a sua segurança e o seu bem-estar o força a empregar suas capacidades a essas buscas, a exercitá-las e desenvolvê-las. Portanto, a sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento, daí o fato da encarnação ser uma necessidade. Além disso, pelo trabalho inteligente que executa sobre a matéria em seu proveito, ele auxilia a transformação e o progresso material do globo que habita; é assim que, progredindo individualmente, ele colabora com a obra do Criador, da qual é agente inconsciente.

25. Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória; deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro; durante um espaço de tempo mais ou menos considerável ele vive na vida espiritual, que é sua vida normal, de modo que o tempo que duram suas encarnações é insignificante, comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que ele aproveita os conhecimentos e a experiência adquirida no decorrer da vida corporal para o

seu adiantamento; — falamos do Espírito que alcançou o estado de alma humana, tendo a liberdade de ação e a consciência de seus atos. Ele examina o que fez durante sua estadia terrestre, analisa o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma resoluções pelas quais calcula se guiar em nova existência, com a ideia de fazer melhor. Desse jeito, cada existência é um passo avante no caminho do progresso, um a espécie de escola de aplicação.

Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas sim uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio dele progredir.

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, depura-se, libertando-se da influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade torna-se proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como ele age em virtude do seu livre-arbítrio, por negligência ou má vontade ele pode retardar o seu avanço; conseqüentemente, prolonga a duração de suas encarnações materiais, que, então, se tornam uma punição para ele, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomençar a mesma tarefa. Portanto, pelo trabalho de purificação sobre si mesmo, depende do Espírito abreviar a extensão do período das encarnações.

26. O progresso material de um globo acompanha o progresso moral de seus habitantes; ora, sendo como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progredem mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio, resulta daí que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho é mais ou menos rude para os Espíritos. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que em outros planetas, havendo também os mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra, e para as quais a Terra seria relativamente um mundo feliz.

27. Quando os Espíritos têm realizado num mundo a soma de progresso correspondente ao estado desse mundo, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante até que, a encarnação em corpos materiais não sendo mais útil para eles, vivam exclusivamente da vida espiritual, onde ainda progredam, em um outro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto máximo do progresso, eles desfrutam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, eles conhecem o pensamento de Deus e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, qualquer que seja o grau da hierarquia a que eles pertençam, do mais baixo ao mais elevado, eles têm atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que são úteis a eles mesmos; aos menos adiantados, como aos simples servos, cabe uma tarefa material — a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente. Por toda parte no mundo espiritual há atividade, em nenhum ponto há ociosidade inútil.

De certo modo, a coletividade dos Espíritos é a alma do Universo; este é o elemento espiritual que atua em tudo e em toda parte, sob a impulsão do pensamento divino. Sem esse elemento, não há mais do que matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor senão as forças materiais que deixam uma imensidade de problemas sem solução; pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica; eis por que, sem a espiritualidade, esbarramos em dificuldades insuperáveis.

28. Desde que a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, os Espíritos viram encarnar nela; e se admitimos que eles aí encontraram os envoltórios já prontos aos quais eles só precisaram apropriá-los para o seu uso, então compreendemos melhor ainda que eles puderam nascer simultaneamente em vários pontos do globo.

29. Embora os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados — pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos — certamente deveria haver entre eles diferenças sensíveis nas suas características e aptidões, segundo o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual; os Espíritos similares naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Assim, a Terra ficou povoada de diversas categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito e seus corpos procriando-se conforme seus respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças — seja quanto ao físico, seja quanto ao moral. Continuando a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, que só se perde com o tempo, pela mistura e o progresso dos Espíritos (*Revista Espírita*, julho de 1860, página 198: *Frenologia e Fisiognomia*).

30. Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas tropas de emigrantes de origens diversas que vão estabelecer-se numa terra virgem. Aí encontram madeira e pedra para erguer suas habitações, e cada qual lhe dá um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e de sua inteligência. Eles se agrupam então por analogia de origens e de gostos; esses grupos acabam por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e características próprias.

31. Portanto, o progresso não foi uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes naturalmente adiantaram-se em relação às outras, sem contar que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual tinham vindo encarnar na Terra após os primeiros aí chegados, tornaram a diferença de progresso ainda mais sensível. Com efeito, seria impossível atribuímos o mesmo tempo de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também pertenciam à Humanidade; eles um dia alcançarão o nível de seus irmãos mais velhos, mas, não será certamente em corpos da mesma raça física, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o seu desenvolvimento, eles emigrarão desse meio para encarnar num grau mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais avançados (*Revista Espírita*, abril de 1862, pág. 97: *Perfectibilidade da raça negra*).

REENCARNAÇÕES

32. O princípio da reencarnação é uma consequência inevitável da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas e tão primitivas quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que não haveria entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; seriam todas elas estranhas umas às outras; por que então as almas de hoje seriam mais dotadas por Deus do que as almas que as precederam? Por que elas compreendem melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas sem tê-las aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana.

Admitam, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos distantes; que elas possam ter sido bárbaras como sua época, mas que progrediram; que a cada nova existência elas trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, e terão a única explicação plausível da causa do progresso social (*O Livro dos Espíritos*,

caps. IV e V).¹²⁰

EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

33. No intervalo das suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erradicidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, essas duas populações deságuam incessantemente uma na outra; então, diariamente há emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corporal: essa é a condição normal.

34. Em certas épocas determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis em virtude das grandes revoluções que lhes fazem partir ao mesmo tempo em quantidades enormes, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. É preciso então considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas — meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais aperfeiçoados. Se nessas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não há nada mais do que **rompimento de vestiduras**; nenhum Espírito falece: eles apenas têm que mudar de meio; em vez de partir isoladamente, eles partem em bandos, essa é toda a diferença, pois, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde, eles inevitavelmente têm que partir.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações, que de tempos em tempos vêm lhes dar um violento impulso, esse progresso só se realizaria com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual, ou moral, e conseqüentemente no estado social das nações em que elas ocorrem. É que elas têm por objetivo operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

¹²⁰ Algumas pessoas supõem que as diferentes existências da alma transcorrem de mundo em mundo, e não sobre um mesmo globo onde cada Espírito viria uma única vez.

Essa teoria seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente num mesmo nível intelectual e moral; eles então não poderiam progredir senão indo para outro mundo e sua reencarnação sobre a Terra seria sem utilidade para eles; ora, Deus não faz nada de inútil. Desde que aí encontramos todos os graus de inteligência e moralidade, desde a selvageria que beira o animal até a mais avançada civilização, ela oferece um vasto campo ao progresso; perguntamos então por que o selvagem seria obrigado a ir procurar noutros lugares o grau de progresso logo acima onde ele está, quando esse grau se encontra ao lado dele, e assim sucessivamente? Por que o homem avançado não poderia ter passado seus primeiros estágios nos mundos inferiores, quando estariam ao redor dele semelhantes de todos esses mundos? Que existem diferentes níveis de adiantamento, não somente de povo a povo, mas dentro do mesmo povo e da mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito alguma coisa inútil ao colocar lado a lado a ignorância e a sabedoria, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, tanto que é precisamente esse contato que faz os retardatários avançar.

Portanto, não há mais necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não há a de que um estudante mude de colégio para passar a cada classe; longe de isso ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, pois o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a observação dos graus superiores e da possibilidade de reparar seus erros num mesmo meio e na presença daqueles a quem tenha ofendido — possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Depois de uma curta coabitação, com os Espíritos se dispersando e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade seriam rompidos, não tendo tempo para se consolidarem.

Que os Espíritos deixem aquele mundo, do qual nada mais podem esperar, por um mundo mais adiantado, é como deve ser e é; tal é a lei. Se há alguns que antecipadamente deixam o mundo em que vinham encarnando, isso é devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, sem o que Deus não seria nem prudente e nem sábio; ora, se a Terra tivesse que ser uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade aqui haveria para as crianças que morrem com pouca idade vir passar aqui alguns anos, alguns meses ou algumas horas, durante os quais elas não poderiam adquirir nada daqui? O mesmo vale para os idiotas e cretinos [deficientes mentais]. Uma teoria não é boa senão sob a condição de que resolva todas as questões relativas a ela. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, exceção feita à doutrina espírita, a única que a resolveu de uma maneira racional.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma jornada normal há uma vantagem real em voltar ao mesmo meio, para aí continuar aquilo que deixou inacabado, freqüentemente na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que lhes tenham feito, ou para que sofra aí a pena do talião — N. K.

35. Essa transfusão que se realiza entre a população encarnada e desencarnada de um mesmo globo igualmente se realiza entre os mundos — seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Por isso há emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. Daí resulta a introdução de elementos inteiramente novos na população de um globo; novas raças de Espíritos vêm se misturar às raças existentes, formando novas raças de homens. Ora, como os Espíritos jamais perdem aquilo que têm adquirido, eles sempre trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; por consequência, eles imprimem o seu caráter à raça corpórea que eles vêm animar. Para isso, eles só necessitam de que novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso; uma vez que a espécie corporal existe, eles os encontram prontos para recebê-los. Portanto, são simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, eles primeiramente fazem parte da população espiritual e depois se encarnam como os outros.

RAÇA ADÂMICA

36. De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se preferem, uma dessas *colônias de Espíritos* vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando aí chegaram os europeus*.

A raça adâmica — mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta — é de fato a mais inteligente; é ela quem arrasta todas as outras ao progresso. A Gênese bíblica nos mostra isso, industriosa desde os seus primórdios, apta às artes e às ciências, sem haver passado pela infância espiritual, o que não é próprio das raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que ela não é antiga na Terra e nada se opõe a que tenha habitando este globo há apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, e senão, ao contrário, tenderia a confirmá-las.

37. A doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma única individualidade há apenas seis mil anos não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as principais considerações que a contradizem se resumem nos seguintes pontos:

38. Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem que lhes sejam dadas uma origem comum. Há diferenças que não são evidentemente efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol queima e escurece a pele, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, nem mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou em cabelo encrespado e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo que é peculiar à espécie.

Logo, temos de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria e tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo; seu cruzamento tem produzido as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente de que elas procedem de tipos diferentes. As mesmas considerações se aplicam então, tanto para os homens quanto para os animais, quanto à pluralidade dos troncos.

39. Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, pois, desde a segunda geração, eles constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e constantemente duradouros.

Portanto, não se conceberia que essa linhagem teve como descendentes numerosos povos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade; que tenha perdido todos os traços e, até, a menor lembrança tradicional daquilo que seus pais faziam. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta com muita evidência uma diferença de origem.

40. Independentemente de fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênese é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que vem — dizem — desde trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam há pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não deixam hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, pelo que devemos concluir que essa região já era povoada naquela época. Então seria necessário admitirmos que em mil anos a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra; ora, semelhante fertilidade seria contrária com todas as leis antropológicas. A própria Gênese não atribui aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, pois ela faz a sua contagem nominal até Noé.

41. A impossibilidade torna-se ainda mais evidente desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e de sua família — que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes de Jesus Cristo. Seria então, na realidade, a partir de Noé que dataria o povoamento do globo; ora, por volta dessa época, a história designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram nesse país, 642 anos após o dilúvio, o Egito já era um poderoso império que — sem falar de outros países — teria sido povoado ao menos há seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

De passagem, notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que eles tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, uma vez que eles conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra então da maneira mais peremptória que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, bem anterior à época que assinalada pela Gênese. O mesmo ocorre com a diversidade das estirpes primitivas, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO ¹²¹

42. A palavra *anjo*, como tantas outras, tem vários significados: ela é aplicada indiferentemente em coisas boas e más, tanto que se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas; donde resulta que, no sentido geral, significa simplesmente *Espírito*.

Os anjos não são seres à parte da humanidade e criados perfeitos, mas Espíritos que alcançaram à perfeição, como todas as criaturas, por seus esforços e seus méritos. Se os anjos

¹²¹ Quando publicamos na *Revista Espírita* de janeiro de 1862 um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como uma hipótese, não tendo autoridade senão de uma opinião pessoal controversível, pois então nos faltavam elementos completos para uma afirmação absoluta; nós a expusemos a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, porém, bem determinado a abandoná-la ou a modificá-la, se fosse preciso. Hoje, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não só ela foi bem aceita pela maioria dos espíritos como a mais racional e a mais concordante com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica -- N. K.

fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus seria um sinal de inferioridade, aqueles que se rebelaram não poderiam ser anjos. A rebelião contra Deus não seria concebível da parte de seres que fossem criados perfeitos, enquanto que seria concebível da parte de seres ainda atrasados.

Por sua etimologia, a palavra anjo (do grego *àngelos*) significa *enviado, mensageiro*; ora, não é racional supor que Deus tenha enviado seus mensageiros entre seres bastante imperfeitos para se revoltar contra ele.

43. Até que os Espíritos tenham alcançado certo grau de perfeição, eles estão sujeitos a falir, seja no estado de erraticidade, seja no estado de encarnação. Falir é infringir a lei de Deus, se bem essa lei seja inscrita no coração de todos os homens, a fim de que eles não necessitem da revelação para conhecer seus deveres. O Espírito compreende essa lei gradualmente e à medida que sua inteligência se desenvolve. Aquele que infringe essa lei por ignorância e falta de experiência — que só se adquire com o tempo — incorre apenas numa responsabilidade relativa; contudo, da parte daquele cuja inteligência é desenvolvida, quem, tendo todos os meios de se esclarecer, infringir a lei voluntariamente e faz o mal com conhecimento de causa, incorre em uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.

44. Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria e moralmente pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação que o faz subir na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada; é quando se dão as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, na sua revolta contra Deus e suas leis, seria daí em diante um entrave para o futuro progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos desse ambiente e enviados para mundos menos adiantados; lá, eles aplicarão sua inteligência e intuição dos seus conhecimentos adquiridos em favor do progresso daqueles entre os quais são convocados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, numa série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Que serão eles entre esses povos novos para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? Para eles, a terra *de onde foram expulsos* não é exatamente um *paraíso perdido*? Não era para eles um *lugar de delícias* em comparação com o meio cruel onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que tenham merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que conservam em si é para eles uma como longínqua miragem a lhes recordar *o que perderam por culpa própria*.

45. Mas, ao mesmo tempo em que os maus se afastam do mundo em que habitavam, eles são substituídos por Espíritos melhores, vindos ou da erraticidade desse mesmo mundo, ou de um mundo menos adiantado, que eles mereceram deixar, e para os quais sua nova estadia é uma recompensa. A população espiritual sendo assim renovada e depurada dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se acha melhorado.

Essas mutações são às vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando o período de renovação chega para o globo.

46. A raça adâmica tem todas as feições de uma raça banida; os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas por homens primitivos, imersos numa ignorância, que os adâmicos tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. De fato, esse não é o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua

superioridade intelectual prova que o mundo de onde eles partiram era mais adiantado do que a Terra; mas como esse mundo deveria entrar numa nova fase de progresso, e esses Espíritos, pela sua teimosia no mal, não tendo querido se colocar à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas; eis por que eles foram excluídos de lá, ao passo que outros mereceram substituí-los.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão para lhe dizer “Tirarás o alimento da Terra com o suor do teu rosto”. Na sua mansidão, ele prometeu que lhe enviaria um **Salvador**, isto é, aquele que deveria esclarecer sobre o caminho que deve tomar para sair desse lugar de miséria, desse **inferno**, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Deus lhe enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida por eles, e que seria a verdadeira âncora de salvação. O Cristo não só ensinou a lei, mas também deu o exemplo da prática dessa lei, por sua mansidão, sua humildade, sua paciência em sofrer sem murmurar os tratamentos dos mais humilhantes e os mais dolorosos. Para tal missão fosse cumprida sem desvios, foi preciso um Espírito livre das debilidades humanas.

É igualmente com o objetivo de fazer a Humanidade avançar em determinado sentido que Espíritos superiores — embora sem as qualidades do Cristo — encarnam de tempos em tempos na Terra para aí desempenhar missões especiais que beneficiam o seu adiantamento pessoal, se eles as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

47. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do seu corpo, e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia abranger os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, seria preciso que se aplicassem às mesmas almas. Se estas almas são novas, não podem estar marcadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual; a não ser assim, Deus teria *criado* almas maculadas de uma falta que elas não teriam cometido. A doutrina comum do pecado original implica então a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e aquelas do tempo de Adão, e por consequência da reencarnação.

Digam que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão, e que elas se achavam manchadas dos vícios que lhes resultaram ser excluídas de um mundo melhor e terão a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de alguém a quem ele jamais conheceu; digam que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea para progredir e se depurar; que o Cristo veio esclarecer essas mesmas almas não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas posteriores, e só então vocês darão à sua missão um sentido real e sério, aceitável pela razão.

48. Um exemplo conhecido — impressionante pela sua semelhança — tornará os princípios que acabam de ser expostos ainda mais compreensíveis.

Em 24 de maio de 1861, o navio *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. Na sua chegada, o comandante da colônia lhes endereçou uma ordem do dia assim disposta:

“Pondo os pés nesta terra distante, sem dúvida já cumpriram o papel reservado a vocês.

“A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha servindo sob as suas vistas, vocês nos ajudam a levar com brilho a tocha da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Eu lhes pergunto: não é uma bela e nobre missão? Vocês a desempenharão dignamente.

“Escutem a palavra e os conselhos dos seus chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha do seu comandante, dos seus oficiais, dos seus suboficiais e cabos constitui uma garantia certa de que todos os esforços serão aplicados para fazer de vocês excelentes soldados; eu digo mais: para elevá-los à altura de bons cidadãos e transformá-los em colonos honrados, se assim quiserem.

“A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, fiquem sabendo, do mesmo modo que, sendo justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí temos então um punhado de homens expulsos de um país civilizado, por causa de seu mau procedimento, e por punição, mandados para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? — “Vocês transgrediram as leis do seu país; nele se tornaram causa de perturbação e escândalo e por isso foram expulsos; vocês foram enviados para cá, mas aqui podem resgatar o seu passado; pelo trabalho, vocês podem criar aqui uma posição honrosa e se tornar cidadãos honestos. Vocês têm aqui uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização entre estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir aqueles que procederem bem.”

Para aqueles homens, relegados ao meio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso perdido por suas próprias faltas e por rebelião contra a lei? Nessa terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é aquela — “Vocês têm desobedecido às minhas leis e por isso eu os expulsei do mundo onde podiam viver felizes e em paz; aqui, estarão condenados ao trabalho, mas, pelo seu bom procedimento, vocês poderão merecer perdão e reconquistar a pátria que perderam por suas faltas, isto é, o Céu” — que Deus dirigiu aos Espíritos exilados na Terra?

49. À primeira vista, a ideia de rebaixamento parece uma contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retroceder; entretanto, devemos considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo; o Espírito — ainda que numa posição inferior — não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

50. Agora, acredita-se que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão se transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão abandonar repentinamente todos os seus erros do passado? Para supor tal coisa, seria necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica — uma vez transplantados para a terra do exílio — não se livraram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é esse o pecado original? A mancha que eles trazem de nascença é aquela da raça de Espíritos culpados e punidos da qual eles pertencem; mancha que eles podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por outro é um contracenso e a negação da justiça de Deus; de outra forma, considerada como consequência e estado de uma imperfeição primária do indivíduo, não somente a razão a admite, como também a responsabilidade que deriva dela encontra-se com toda a justiça.

CAPÍTULO XII

GÊNESE MOSAICA

- OS SEIS DIAS
- O PARAÍSO PERDIDO

OS SEIS DIAS

1. CAPÍTULO I. — 1. No princípio Deus criou o Céu e a Terra. - 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. - 3. Então, Deus disse: Que se faça a luz e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. - 5. Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus também disse: Que se faça o firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. - 7. E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Disse Deus ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o elemento árido. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou de mar todas as águas reunidas. E viu que isso era bom. - 11. Deus disse mais: Que a terra produza a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada qual de sua espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes para se reproduzir na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia a semente conforme a sua espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada qual de acordo com a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Que eles brilhem no firmamento do céu e iluminem a terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, o outro menor para presidir à noite; também fez as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu para brilhar sobre a terra. - 18. Para presidir ao dia e à noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a terra abaixo do firmamento do céu. - 21. Então Deus criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada qual segundo sua espécie, e criou também todos os pássaros segundo sua espécie. Ele viu que isso era bom. - 22. E os abençoou dizendo: Cresçam e se multipliquem, e enchem as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus também disse: Que a Terra produza animais vivos, cada qual segundo sua espécie, os animais domésticos e as feras selvagens da terra em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Então Deus fez os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os reptis, cada qual de sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Em seguida, ele disse: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança, e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as feras, sobre toda a terra e sobre todos os reptis que se movem na terra. - 27. Deus então criou o homem à sua imagem, e o criou à imagem de Deus, e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, enchem a terra e sujeitem-na a vocês, reinem sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. - 29. Disse Deus ainda: Eu lhes

dei todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que contém em si mesmas suas sementes cada qual de sua espécie, a fim de que se sirvam de alimento; - 30. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, eu lhes dou a fim de que tenham de que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. - 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II — 1. Assim o céu e a terra ficaram acabados com todos os seus ornamentos. - 2. No sétimo, dia Deus terminou toda a obra que ele havia feito e repousou nesse sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. - 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou, porque ele havia cessado nesse dia de produzir todas as obras que tinha criado. - 4. Essa é a origem do céu e da terra e foi assim que eles foram criados no dia que o Senhor Deus fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra, e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para lavrá-la; - 6 Porém, da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

7. Então, o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. Depois das explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a constituição do Universo, de acordo com os dados fornecidos pela ciência quanto à parte material, e pelo Espiritismo quanto à parte espiritual, seria útil colocá-las em paralelo com o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um possa fazer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos, certamente há notável concordância entre a Gênese mosaica e a doutrina científica; mas seria erro acreditar que basta substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa; seria um erro maior acreditarmos que, fora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a ciência caminham lado a lado, sendo uma apenas a simples interpretação da outra.

4. Em primeiro lugar, notamos que, assim como já foi dito (cap. VII, nº 14), o número de seis períodos geológicos é arbitrário, pois, conta-se mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número marca apenas as grandes fases gerais; ele só foi adotado, a princípio, para retornar, o máximo possível, no texto bíblico a uma época — pouco distante, aliás — quando se acreditava que a ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, visando se fazer mais facilmente aceitável, se esforçaram para se colocar em acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela sentiu-se mais forte e se emancipou; hoje, é a Bíblia que é controlada pela ciência.

De outra forma, a geologia — tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, no cômputo de seus períodos — não abrange o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, que pertencem à astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, devemos então acrescentar um primeiro período abrangendo essa ordem de fenômenos, ao qual se poderia chamar *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e depois do dilúvio. Portanto, podemos ignorar esse período, sem menosprezo da verdade.

5. O quadro comparativo a seguir, no qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite considerar o conjunto e julgar as relações e as diferenças

existentes entre elas e a Gênesis bíblica:

CIÊNCIA	GÊNESES
<p>I - PERÍODO ASTRONÔMICO: Aglomeración da matéria cósmica universal em um ponto do espaço em nebulosa que deu origem às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas, pela condensação da matéria em diversos pontos. Estado primitivo, fluido e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1º DIA: O Céu e a Terra. — A luz.</p>
<p>II - PERÍODO PRIMÁRIO: Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência completa de vida orgânica.</p>	<p>2º DIA: O Firmamento. — Separação das águas que estão acima do firmamento daquelas que estão debaixo.</p>
<p>III - PERÍODO DE TRANSIÇÃO: As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. — Calor úmido. — O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. — Líquens, musgos, fetos, lycopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. — Depósitos de hulha.</p>	<p>3º DIA: As águas que estão debaixo do firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. — A terra e os mares. — As plantas.</p>
<p>IV - PERÍODO SECUNDÁRIO: Superfície da Terra pouco acidatada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.</p>	<p>4º DIA: O Sol, a Lua e as estrelas.</p>
<p>V - PERÍODO TERCIÁRIO: Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. — Animais terrestres gigantesco. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.</p> <p>DILÚVIO UNIVERSAL</p>	<p>5º DIA: Os peixes e os pássaros.</p>
<p>VI - PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO: Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais da atualidade. — O homem.</p>	<p>6º DIA: Os animais terrestres. — O homem.</p>

6. O primeiro fato que ressalta desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa a cada um dos seis períodos geológicos, como muitos supõem. A concordância mais notável é aquela da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem por último; ora, esse é um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que diz que, no terceiro dia: “as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e o elemento árido apareceu”. Essa é a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas que formaram os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. Quando Moisés diz que a criação foi feita em seis dias, ele queria falar de dias de vinte e quatro horas, ou teria empregado essa palavra no sentido de: período, de duração, espaço de tempo indeterminado, a palavra hebraica traduzida por *dia* tinha essa dupla significação? A primeira hipótese é a mais provável, se nos referirmos ao mesmo texto. A especificação à tarde e à manhã, que limitam cada um dos seis dias, dá tudo a entender que se suponha que ele queria falar de dias regulares. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, quando diz no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia”. Evidentemente, isto só pode ser aplicado ao dia de vinte e quatro horas, dividido pela luz e pelas trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido quando ele diz no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “Colocou-as no firmamento do céu para elas

brilharem sobre a Terra; para presidirem o dia e a noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

Aliás, tudo na criação era miraculoso e, desde que se entre pela via dos milagres, podemos perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Essa crença foi muito compartilhada por todos os povos civilizados, até ao momento em que a geologia surgiu para lhe demonstrar a impossibilidade através de fatos.

8. Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, até mesmo com os dados fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, a atmosfera terrestre — por se achar carregada de vapores densos e opacos — não permitia que se visse o Sol, que assim, efetivamente não existia para a Terra. Talvez essa explicação fosse admissível se naquela época já houvesse habitantes para julgar a presença ou a ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, somente havia plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Portanto, há evidentemente um anacronismo¹²² na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não cometeu um erro ao dizer que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou de outra maneira, do fluido que adquire as propriedades luminosas, em dadas circunstâncias. Esse fluido — que é a causa — havia necessariamente de existir antes do Sol — que é apenas um efeito. O Sol é *causa* em relação à luz que ele irradia, mas ele é *efeito* com relação à luz que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que é que se fez para se acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade luminescente do fluido luminoso e concentrou-se esse fluido num ponto; a vela é a causa da luz espalhada pelo quarto, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa que se tem desde longo tempo de que o Universo inteiro começou com a Terra, e então não se compreende que o Sol pudesse ser criado depois da luz. Sabemos atualmente que antes do nosso Sol e nossa Terra, têm existido milhares de sóis e terras, que conseqüentemente já gozavam da luz. Portanto, a afirmação de Moisés é perfeitamente exata a princípio: ela é falsa em fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol; estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, a Terra teve de ser formada depois dele: isso é o que Moisés não podia saber, pois que ele desconhecia a lei de gravitação.

Essa mesma ideia se encontra na Gênese dos antigos persas, no primeiro capítulo do Vendidad¹²³. Narrando a origem do mundo, Ormuzd¹²⁴ diz: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas” (*Dicionário de Mitologia Universal*). A forma aqui é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés, e não precisa de comentários.

9. Evidentemente, Moisés compartilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia é expressa sem alegoria e nem ambigüidade nessa passagem (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas e que se separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do firmamento” (veja: cap. V,

¹²² **Anacronismo:** erro de cronologia, por exemplo, atribuir a uma época um acontecimento que são de outra época; falta de correspondência entre uma ideia, fato ou qualquer coisa e o tempo descrito — N. E.

¹²³ **Vendidad** (*Vendidad* em francês): um dos livros que compõem *Avesta*, os textos sagrados do Zoroastrismo (religião da antiga Pérsia cujo profeta maior é Zaratustra, também conhecido como Zoroastro) — N. E.

¹²⁴ **Ormuzd** (também chamado de Aúra-Masda ou simplesmente **Ormuz**): é o deus do bem dentro da dualidade do Zoroastrismo, sendo seu irmão gêmeo Arimã, o deus do mal — N. E.

Antigos e modernos sistemas do mundo, nº 3, 4 e 5).

Uma crença antiga considerava a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; do mesmo modo Moisés não fala da criação das águas, que aparentemente já existiam. “As trevas cobriam o abismo”, isto é, as profundezas do espaço que a imaginação se representava vagamente ocupada pelas águas e em trevas antes da criação da luz; eis aí por que Moisés diz: “O Espírito de Deus se elevava sobre as águas”. Supondo-se que a Terra fosse formada no meio das águas, era preciso isolá-la; imaginou-se então que Deus teria feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, precisamos nos colocar no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época em que ela reflete.

10. Diante dos progressos da física e da astronomia, uma doutrina como essa não é sustentável.¹²⁵ Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus; ora, visto que elas exprimem um fato notadamente falso, de duas coisas uma: ou Deus se enganou quanto à narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira suposição não é admissível, o que faz concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias (Cap. I, nº 3).

11. Moisés está mais próximo da verdade quando diz que Deus formou o homem com o barro da terra.¹²⁶ De fato, a Ciência nos mostra (cap. X) que o corpo do homem é composto de elementos tomados da matéria inorgânica — por outras palavras, do barro da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente infantil, se for tomada ao pé da letra, mas profunda quanto ao sentido. Essa alegoria tem por objetivo mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que por isso ela é sua semelhante perante Deus, e não uma criatura à parte feita para ser escravizada, nem tratada como escrava. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; isso diz ao homem que ela é sua semelhante, e não sua escrava, que ele deve amá-la como parte de si mesmo.

12. Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. De fato, que pintura mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!”. Deus, criando o Universo pela ação lenta e gradual das leis da natureza, teria lhes parecido menor e menos poderoso; para eles, era indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário, teriam dito que Deus não seria mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como crianças, a quem devemos dar apenas o alimento intelectual compatível com sua inteligência. Como hoje somos esclarecidos pelas luzes da ciência, revelando os erros materiais da narrativa de Moisés, então não o culpamos de ter falado a linguagem de seu tempo, sem o que ele não poderia ter sido nem compreendido e nem aceitado.

Respeitemos esses quadros que hoje nos parecem infantis, assim como respeitamos as fábulas que têm esclarecido nossa primeira infância e aberto nossa inteligência ensinando-nos a pensar. Foi com esses quadros que Moisés inculcou no coração dos primeiros homens a lei de Deus e em seu poder, fé ingênua que deveria ser depurada mais tarde à luz da ciência. Porque

¹²⁵ Por mais grosseiro que seja o erro de uma crença como essa, as crianças de nossos dias ainda se encantam com ela, como se fosse uma verdade sagrada. Temem os educadores só por ousarem se aventurar numa tímida interpretação. Como quererem que isso não venha a fazer incrédulos mais tarde? — N. K.

¹²⁶ A palavra hebraica *haadam*, *homem*, do qual derivou *Adão*, e o termo *haadama*, *terra*, têm a mesma raiz -- N. K.

sabemos ler fluentemente, não menosprezemos o livro pelo qual aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos assim a Gênese bíblica; ao contrário, vamos estudá-la do mesmo modo que se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica em alegorias, a qual devemos procurar o sentido oculto, que precisamos comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da ciência. Ressaltando em tudo a beleza poética e os ensinamentos velados sob a forma imaginosa, é preciso demonstrar definitivamente os erros, no próprio interesse da religião. Nós a respeitaremos melhor quando esses erros não forem mais impostos pela fé como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando seu nome não for misturado com fatos controversos.

PERDA DO PARAÍSO ¹²⁷

13. CAPÍTULO II — 8. Ora, desde o começo o Senhor Deus plantou um jardim delicioso, no qual pôs o homem que ele havia formado. - 9. O Senhor Deus também havia produzido da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar, e no meio do paraíso¹²⁸ a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal. (*Ele, Jeová Eloim, fez sair da terra [min haadama] toda árvore bela de ser vista e boa para ser comida, e a árvore da vida [vehetz hachayim] no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal*).

15. Então o Senhor pegou o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. - 16. Deu-lhe também esta ordem, e lhe disse: Coma de todas as árvores do paraíso (*Ele, Jeová Eloim, ordenou ao homem [hal haadam], dizendo: Você pode comer de qualquer árvore do jardim [hagan]*); - 17. Mas, jamais coma o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, ao mesmo tempo que o comer, você morrerá com toda a certeza. (*E da árvore do bem e do mal [oumehetz hadaat tob vara] não comerá, porque no dia que o comer, morrerá*).

14. CAPÍTULO III — 1. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus havia criado na Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus te ordenou não comer dos frutos de todas as árvores do paraíso? (*E a serpente era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher [el haischa]: Como é que Eloim disse: Não coma de nenhuma árvore do jardim?*). - 2. A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (*Ela, a mulher, disse à serpente, nós podemos comer do fruto [miperi] das árvores do jardim*). - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos e nem tocássemos nele, para não correremos o perigo de morrer. - 4. A serpente respondeu à mulher: Certamente vocês não morrerão; - 5. Mas é que Deus sabe que, assim que tiverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como *deuses*, conhecendo o bem e o mal.

6. A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, ela o comeu e o deu ao seu marido, que também comeu dele. (*Ela, a mulher, viu que ela era boa a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para COMPREENDER [leaskil], e ela comeu de seu fruto, etc.*)

8. E como se eles tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo paraíso, quando sopra um vento suave, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem diante da sua face.

9. Em seguida o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde você está? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, eis por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E como soube que estava nu, senão por ter comido do fruto da árvore da qual eu os proibi de comer? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deu por companhia me apresentou o fruto dessa árvore, e eu comi dele. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que você fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Por ter feito isso, você será maldita entre

¹²⁷ Em seguida a alguns versículos encontramos a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente -- N. K.

¹²⁸ **Paraíso**, do latim *paradisus*, derivado do grego: *paradeisos*, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem a mesma significação -- N. K.

todos os animais e todas as bestas da terra; se arrastará sobre o ventre e comerá a terra por todos os dias de tua vida. - 15. Colocarei uma inimidade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e você tentará lhe morder o calcanhar.

16. Deus também disse à mulher: Eu te afligirei com muitos males durante a tua gravidez; você parirá com dor; ficará sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

17. Em seguida, disse a Adão: Por ter escutado a voz de tua mulher e ter comido do fruto da árvore de que eu proibi que vocês comessem, a terra será maldita por causa do que vocês fizeram e não tirarão dela com o que se alimentar durante toda a vida senão com trabalho. - 18. Ela lhes produzirá espinhos e sarças e vocês se alimentarão da erva da terra. - 19. E comerão o seu pão com o suor do seu rosto até que voltem à terra donde foram tirados, porque vocês são pó e ao pó voltarão.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher roupas de peles com que os cobriu. - 22. E ele disse: Eis aí Adão feito *um de nós*, conhecendo o bem e o mal. Pois então, agora vamos impedir que ele estenda a sua mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. *(Ele, Jeová Eloim, disse: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida [veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim]; comerá dela e viverá eternamente).*

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele havia sido tirado. - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins¹²⁹ diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardar o caminho que levava à árvore da vida.

15. Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula — se nos prendermos à forma — a alegoria frequentemente oculta as maiores verdades. À primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, um deus devorando pedras que ele toma como seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa simbologia, quando procuramos nela o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas tudo também se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o símbolo da destruição pelo tempo dos corpos mais duros, que são seus filhos, pois eles são formados com o tempo. E, segundo essa mesma simbologia, quem escapa de uma destruição semelhante a essa? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Essa figuração é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, assim se diz de uma coisa que afinal se deteriorou, que ela é devorada pelo tempo, gasta, devastada pelo tempo.

16. Na realidade, toda a mitologia pagã não é mais do que um vasto quadro alegórico das diversas faces — boas e más — da Humanidade. Para quem busca nela o *sentido*, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas modernas. O absurdo era tomar a forma pelo fundo; mas os sacerdotes pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns não soubessem nada mais sobre isso, seja porque estivessem interessados em manter o povo nas crenças que, favorecendo em tudo a sua dominação, lhes fossem mais produtivos do que a filosofia. A veneração do povo à forma era uma fonte inesgotável de riquezas, devido aos donativos acumulados nos templos, as oferendas e os sacrifícios oferecido aos deuses, porém, na realidade, em proveito dos seus representantes. Um povo menos crédulo, sendo menos dado às imagens, às estátuas, aos símbolos e aos oráculos: também Sócrates, como um ímpio, foi condenado a beber cicuta¹³⁰ por ter pretendido secar essa fonte colocando a verdade no lugar do erro. Nessa época ainda não estava em uso queimar vivo os heréticos¹³¹; e, cinco séculos mais tarde, Cristo foi condenado a uma morte infame, como ímpio, a exemplo de Sócrates, por

¹²⁹ Do hebreu *cherub, keroub*, boi; e, *charab*, lavrar. Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que são representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi -- N. K.

¹³⁰ **Cicuta**: espécie de veneno fatal extraído da planta homônima, do qual Sócrates foi obrigado a beber como sentença de morte — N. E.

¹³¹ **Herético** (ou **herege**): aquele que contraria uma norma religiosa em voga — N. E.

ter pretendido colocar o espírito no lugar da letra, e porque sua doutrina, totalmente espiritual, arruinava a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutores da lei.

17. O mesmo se dá com a Gênese, em que temos que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, presas à letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é personificação da Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais aos quais não sabe resistir.¹³²

A árvore, como árvore de vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore da Ciência é a da consciência do bem e do mal, que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do seu livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre um e outro; assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos seus instintos, toma posse da sua liberdade e passa a ter responsabilidade pelos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a ilustração da cobiça; ele resume numa única figura os motivos de arrastamento ao mal; o ato de comer significa cair na tentação¹³³. Ele cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres e ao mesmo tempo para lembrar que, se o homem dá preponderância aos gozos materiais, ele se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual.

A morte de que ele é ameaçado — caso transgrida a proibição que se faz a ele — é um aviso das inevitáveis consequências, físicas e morais, que decorrem da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É bastante evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de sua falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, dita por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda cuja sua expulsão do jardim de delícias é o símbolo.

Atualmente, a serpente está longe de passar como tipo da astúcia; aqui está, portanto, mais por referência à sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinua como a serpente, e da qual, por essa razão, muitas vezes não se desconfia dela. Além do mais, por haver enganado a mulher, se a serpente é que foi condenada a rastejar sobre o ventre, deveremos deduzir que antes ela tinha pernas, e neste caso não era uma serpente. Por que então se há de impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, alegorias tão evidentes, e que, falseando seu juízo, mais tarde se faz que elas venham a considerar a Bíblia como um monte de fábulas absurdas?

18. Se a falta de Adão foi literalmente ter comido um fruto, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, essa falta não poderia justificar o rigor com que foi punida. Nem seria racionalmente mais admissível que o fato seja como geralmente se supõem; de outro modo, considerando essa falta como um crime irremissível, Deus teria condenado sua própria obra, já que ele teria criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse ouvido nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore e se a tivesse cumprido rigorosamente, onde estaria a Humanidade e o que teria sido feito dos desígnios do Criador? Se fosse assim, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos, e a humanidade teria vindo contra a sua vontade e suas previsões.

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra, e a prova disso está nas próprias palavras que dirige a eles logo depois a criação deles, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, *encham a Terra* e a submetam a vocês” (*Gênesis*, 1:28). Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terreno, a

¹³² Em acordo com isso, temos que em hebraico a palavra *haadam* não é um nome próprio, mas significa o homem em geral, a humanidade -- N. E.

¹³³ Em nenhum texto o fruto é especializado na maçã; essa palavra só é encontrada nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se aplica tanto à maçã como a qualquer espécie de fruto. Deriva do grego *melon*, participio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair -- N. K.

expulsão deles não pode ter sido por causa do suposto fato.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se cobrirem. Mas, essa mesma vergonha é uma figura para comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado experimenta na presença daquele a quem ofendeu.

19. Então, definitivamente, qual a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida¹³⁴, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir logicamente, porque todos giraram dentro de um círculo vicioso, por estarem apegados à letra.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado e pessoal de um indivíduo, mas que, sob um único fato simbólico, compreende o conjunto das irresponsabilidades de que a Humanidade da Terra — que ainda é imperfeita — pode tornar-se culpada e que se resumem nestas palavras: **infração da lei de Deus**. Eis por que a falta do primeiro homem — simbolizando a Humanidade — tem por comparação um ato de desobediência.

20. Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que ele fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (*Gênesis*, 2:5 e 7): “O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. Então o Senhor formou o homem do barro da terra”. Essas palavras, aproximadas destas outras **Encham a Terra**, provam que desde a sua origem o homem estava destinado a **ocupar toda a Terra e a cultivá-la**, e, além do demais, que o paraíso não era um lugar limitado a um canto do globo. Se a cultura da terra tivesse de ser uma consequência da falta de Adão, ocorreria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra não teria sido cultivada e os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que ela pariria com dor, em consequência de haver cometido a falta? Como pode a dor do parto ser um castigo, se é um efeito do organismo, já quando está provado fisiologicamente que ela é uma necessidade? Como uma coisa que se produz segundo as leis da natureza pode ser punição? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram; entretanto, essas palavras — que parecem tão contraditórias — podem ser justificadas.

21. Antes de tudo, notemos que, no momento da criação de Adão e Eva, se suas almas tivessem vindo do nada, como ainda se ensina, eles haviam de ser novatos em todas as coisas; então, não deviam saber o que é morrer. Como estavam **sozinhos** na Terra, enquanto viviam no paraíso terrestre, não tinham visto a morte de ninguém; como então eles teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria compreendido que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Portanto, as palavras de Deus não faziam nenhum sentido para Adão e Eva. Recentemente surgidos do nada, eles não podiam saber como e nem por que haviam surgido ali; não podiam compreender nem o Criador e nem o motivo da proibição que ele havia dado a eles. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda a Humanidade.

¹³⁴ **Fratricida:** aquele que mata o irmão ou irmã (Caim é assim intitulado por ter assassinado seu irmão Abel) – N. E.

22. O que é um impasse para a teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional pela anterioridade da alma e pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anormalidade na vida do homem. De fato, admitindo que Adão e Eva já tivessem vivido, tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como que a crianças, mas como a seres em condições de compreendê-lo e que o compreendem — prova evidente de que tinham aquisições anteriores. E mais, vamos admitir que eles tenham vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituíra o trabalho do corpo; que por sua rebeldia contra a lei de Deus — simbolizada na desobediência — tenham sido afastados de lá e como punição forma exilados na Terra, onde, pela natureza do globo, o homem é forçado a um trabalho corporal; Deus tinha razão em lhes dizer: No mundo onde vão viver daqui em diante, "vocês cultivarão a terra e dela tirarão o alimento com o suor do seu rosto"; e, à mulher: "Vai parir com dor", porque essa é a condição desse mundo (Cap. XI, nº 31 e seguintes).

O paraíso terrestre — cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra — era então a figura do mundo feliz onde Adão viveu, ou antes, a raça dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes desse mundo e a mudança de situação que foi a consequência dessa expulsão. O anjo armado com uma espada flamejante que defende a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de o terem merecido pela sua purificação (veja adiante, o cap. XIV, nº 9 e seguintes).

23. Caim (após a morte de Abel) responde ao Senhor: Minha iniquidade¹³⁵ é grande demais para poder obter o perdão. O Senhor hoje me expulsa da superfície da Terra e eu irei me esconder da sua face. Serei fugitivo e vagabundo pela Terra e então qualquer um que me encontrar me matará. O Senhor lhe respondeu: Não, isto não se dará, porque quem matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não o matassem.

Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim tornou-se vagabundo na Terra e habitou a região oriental do Éden. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Enoque. Em seguida, ele construiu uma vila a qual chamou *Enóquia* (Enochia) do nome de seu filho (*Gênesis*, 4:13 a 16).

24. Se nos apegarmos à letra da *Gênesis*, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva eram os únicos no mundo após a sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, Caim — tendo matado seu irmão e se retirado para outra região — não tornou a ver seu pai e sua mãe, que de novo ficaram isolados; não é que, muito tempo depois, na idade de cento e trinta anos, Adão teve um terceiro filho, chamado Set. Depois do nascimento de Set, segundo a genealogia bíblica, ele ainda viveu oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando Caim foi se estabelecer a leste do Éden somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele próprio, *sozinho*. Entretanto, Caim teve mulher e um filho; que mulher podia ser essa e onde ele pôde desposá-la? Ele construiu uma cidade; mas uma cidade pressupõe a existência de habitantes, pois não é de se presumir que ele a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Portanto, devemos concluir desse referido relato que a região era povoada; ora, não podia ser pelos descendentes de Adão, pois não havia ninguém além de Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: "Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará", e da resposta que Deus lhe deu. Quem ele poderia temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo, se ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens fora a família de Adão, é que eles aí estavam antes dele, donde vem esta consequência, tirada do texto

¹³⁵ **Iniquidade**: que é contrário à equidade (justiça, igualdade); maldade, perversidade — N. E.

mesmo da Gênese: Adão não é nem o primeiro e nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, nº 34).

25. Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do seu livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro que é o prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para lançar a luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem de agora em diante sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que ele sofre; sabe que o seu futuro está em suas mãos, e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênese se apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a descrença e a derrotará.

Os milagres
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII

CARACTERÍSTICA DOS MILAGRES

1. Na sua concepção etimológica¹³⁶ a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia a definiu deste modo: **Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza**.

No sentido popular, essa palavra — como tantas outras — perdeu a sua significação originária. De geral, do que era, ela se restringiu a uma ordem particular de fatos. No entender das pessoas, um *milagre* diz respeito à ideia de um fato sobrenatural; no sentido litúrgico, é uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. De fato, esse é o seu significado vulgar, que se tornou o sentido próprio, e é só por comparação e por metáfora que essa palavra é aplicada às circunstâncias normais da vida.

Uma das características do milagre propriamente dito é a de ser inexplicável, pelo mesmo fato que ele se realiza fora das leis naturais; e essa característica é tão associada a essa ideia que se um fato milagroso vem a encontrar sua explicação, diz-se que já não é mais milagre, por muito surpreendente que ele seja.

Outro caráter do milagre é o ser raro, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode ser um milagre.

2. Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem realmente morto for chamado à vida por intervenção divina, esse será um verdadeiro milagre, por ser um fato contrário às leis da natureza. Mas, se esse homem tiver apenas as aparências da morte, se ainda restar nele uma *vitalidade latente*, e que a Ciência ou uma ação magnética consiga reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno natural, mas aos olhos de uma pessoa ignorante o fato passará por miraculoso. Que um físico lance do meio de certas campinas uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu¹³⁷ certamente será tido como alguém dotado de um poder diabólico; no entanto, admitindo o fato de que Josué¹³⁸ tivesse suspenso o movimento do Sol — ou, antes, da Terra —, aí teríamos o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fartos de milagres, porque tudo aquilo que não tinha uma causa conhecida se passava por miraculoso. À medida que a Ciência revelou novas leis, o

¹³⁶ Relativo à **Etimologia**, que é o estudo da evolução das palavras (origem e aplicação dos significados) – N. E.

¹³⁷ **Prometeu**: na mitologia grega, era um dos titãs (raça de gigantes que convivia com os deuses) e quem roubou o fogo do Olimpo para levá-lo aos homens – N. E.

¹³⁸ **Josué**: foi o sucessor de Moisés na condução do povo de Israel. Entre os principais feitos, segundo a tradição bíblica, em dada batalha, contou com a intervenção divina para parar o Sol e a Lua a fim de prolongar o período diurno (pois, supunha-se que se aquela guerra perdurasse noite adentro, os guerreiros de Israel tomariam, pois desconheciam a região e estavam em número bem inferior aos inimigos cananeus) – N. E.

círculo do maravilhoso foi restringido; mas como a Ciência ainda não explorara todo o campo da natureza, larga parte dele ainda ficou reservada ao maravilhoso.

3. Expulso do domínio da materialidade pela Ciência, o maravilhoso se cercou no domínio da espiritualidade, que tem sido o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza — força que incessantemente atua em conjunto com a força material — o Espiritismo recoloca no rol dos efeitos naturais os fenômenos que dele haviam saído, porque, como os outros, esses efeitos também se acham sujeitos às leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres já passou.¹³⁹

4. Por sua vez, o Espiritismo então vem fazer o que cada ciência tem feito no seu começo: revelar novas leis e consequentemente explicar os fenômenos que competem a essas leis.

É verdade que esses fenômenos estão ligados à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material; ora, é aqui que dizem que está o sobrenatural. Mas então, seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da Natureza; que nisso não está e nem pode ser uma dessas leis.

O Espírito não é mais do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal porque não morre, ao passo que o corpo é um simples acessório que se destrói. Portanto, sua existência é tão natural depois quanto durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, que da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto à outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por meio do seu corpo fluídico — o perispírito; é o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, aquilo que fazia como homem; apenas, como não tem mais o seu corpo carnal por instrumento, quando é necessário ele se serve dos órgãos materiais de um encarnado que se torna o que chamamos *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, usa um intérprete. Um secretário e um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. O meio pelos quais os Espíritos agem e os meios de execução já não são os mesmos que no estado de encarnação; os efeitos também são diferentes. Esses efeitos só parecem sobrenaturais porque se produzem com o auxílio de agentes que não são aqueles de que nos servimos; porém, desde que esses agentes estejam na natureza e que os fatos de manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de conhecermos as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de muita gente; desde que a causa se tornou conhecida, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritos, que não são mais aberrantes do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que têm sido a fonte de uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. Entretanto, poderão dizer: vocês admitem que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei

¹³⁹ A palavra *elemento* não está aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constituinte de um todo*. Nesse sentido, podemos dizer que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na organização do Universo, do mesmo modo que se diz que o elemento *civil* e o *elemento militar* fazem integram o total de uma população; que o *elemento religioso* faz parte da educação; que na Argélia é preciso levar em conta o *elemento árabe*, etc. — N. K.

conhecida; mas, nós conhecemos todas as leis? Antes que tivéssemos experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, poderia triunfar da força de atração? Aos olhos do ignorante, isso não pareceria maravilhoso e diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto transmitir uma mensagem a 500 léguas e de lá receber a resposta dentro de alguns minutos, este teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado que o diabo está sob suas ordens, porque então só o diabo seria capaz de andar tão depressa; hoje, no entanto, não só reconhecemos como possível o fato, como ele parece totalmente natural. Por que então um fluido desconhecido não teria em certas circunstâncias a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Efetivamente, é o que acontece no caso de que se trata (**O Livro dos Médiuns**, 2ª Parte, cap. IV).

8. Os fenômenos espíritas, estando na natureza, têm se produzido em todos os tempos; mas precisamente porque seus estudos não poderiam ser feitos pelos meios materiais de que ciência comum dispõe, eles permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os retira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, vagando no desconhecido, gera então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e retira dele o último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, por outro lado, ele impede a crença em muitos outros, porque demonstra no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no campo da materialidade, o que é possível e o que não é. Todavia, como ele não tem a pretensão de dar a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre aquelas que são da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível, e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9. Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito — seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; nós a julgamos pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também é natural. São esses efeitos que formam o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegarmos a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e por isso negam a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; para esses negadores, todos os fenômenos que pertencem à espiritualidade são sobrenaturais e, portanto, ilusórios; não admitindo a causa, eles não podem admitir os efeitos; e quando esses efeitos são evidentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se negam a aprofundá-los; daí, entre eles, a opinião preconcebida em que se fecham e que os torna incapazes de apreciar criteriosamente o Espiritismo, porque eles partem do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11. Pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se segue que ele aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar crédito a eles; que se torne defensor de todos os visionários, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas: seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento incontestável quando, depois de haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de

Saint-Médard¹⁴⁰, sobre os Camisards das Cevenas¹⁴¹, ou sobre os religiosos de Loudun¹⁴², chegaram a descobrir fatos evidentes de fraude que ninguém contesta; porventura, essas histórias serão o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já negaram que o charlatanismo¹⁴³ tenha explorado alguns fatos em proveito próprio; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome do que a verdadeira ciência o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo apenas através dos contos de fadas e das lendas populares, que são ficções vinculadas a ele; seria equivalente a julgar a História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12. Os fenômenos espíritos são na maioria das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia premeditada entre aqueles que menos pensam neles; em certas circunstâncias, alguns podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*; no primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu intermédio; no segundo, ele age com conhecimento de causa; daí vem a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais teimosos incrédulos, que assim praticam o Espiritismo sem o saber e sem o querer. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos têm uma importância capital, pois não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Aqui está o que ocorre com o sonambulismo, que em certos indivíduos é natural e involuntário, enquanto que em outros é provocado pela ação magnética.¹⁴⁴

Porém, que esses fenômenos sejam ou não resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Portanto, os médiuns não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, eles não fazem *nenhum milagre*; as próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, pois que resultam da ação de um agente fluídico que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até os dias de hoje. O título de *taumaturgos*¹⁴⁵ dado a certos médiuns devido a crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é portanto totalmente impróprio. Por comparação, a qualificação de *milagres* dada a esta espécie de fenômenos só pode induzir ao erro quanto ao verdadeiro caráter deles.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritos não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo nos dá a chave de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, nos tempos antigos, passaram por prodígios; do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi o desconhecimento dessa lei que gerou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso

¹⁴⁰ Referência a um episódio de convulsão coletiva ocorrido em Saint-Médard (França), cuja cura estaria supostamente condicionada ao contato com o túmulo de um famoso diácono (François Pâris) erguido naquela localidade. O caso é tratado na *Revista Espírita* de novembro de 1859 — N. E.

¹⁴¹ **Camisards** eram protestantes franceses da linha teológica calvinista (de João Calvino), também chamados huguenotes, que se concentraram na região de Cevennes (França). Conta-se que eles organizavam sua resistência contra perseguições mediante instruções espirituais recebidas por seus mestres, ditos profetas — N. E.

¹⁴² Loudun é uma comuna francesa do departamento de Vienne, que se notabilizou pelo episódio conhecido como "Possessão das freiras de Loudun", ocorrido em 1634, em que irmãs de um convento ursulino em Loudun estariam endemoniadas — N. E.

¹⁴³ **Charlatanismo**: fraude, enganação, embuste — N. E.

¹⁴⁴ Ver em *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. V; e *Revista Espírita*, exemplos: dezembro de 1865 [*Como o Espiritismo vem sem ser procurado*] e agosto de 1865 [*Abade Dégenettes, médium*] — N. E.

¹⁴⁵ **Taumaturgo**: milagreiro, adivinho e vidente — N. E.

desapareceu e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os Espíritos¹⁴⁶ não produzem milagres ao fazer uma mesa se mover ou que os mortos escrevam, assim como o médico ao fazer que um moribundo reviva, ou o físico ao fazer o raio cair. Aquele que, com o auxílio desta ciência, pretendesse *fazer milagres*, este seria ou um ignorante do assunto, ou um fazedor de tolos.

14. Pois que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá fora dele milagres na acepção usual desta palavra?

Digamos primeiramente que dos fatos ditos milagrosos ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda ocorrem no presente, a maior parte — senão todos — encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos então são compreendidos na ordem dos fenômenos espíritas, embora sob outro nome, e como tais nada têm de sobrenatural. Está bem entendido que aqui nos referimos somente aos fatos autênticos, e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna trapaça, com o objetivo de explorar a fé; tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido originariamente um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo projeta luz, fornecendo os meios de separar a parte do erro e da verdade.

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele pode sem dúvidas fazê-los; mas será que ele faz? Ou, por outras palavras: ele anula aquelas leis que ele próprio estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento; entretanto, diante das coisas divinas, nós temos os próprios atributos de Deus como critério para o nosso julgamento. Ao soberano poder ele reúne a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que então ele faria milagres? Dizem que é para atestar o seu poder; mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que a preside — desde as partes mais ínfimas quanto as mais gigantescas — e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e infantis interrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que havia feito? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Portanto, a questão dos milagres propriamente ditos não é da alçada do Espiritismo; contudo, apoiando-se sobre o raciocínio de que Deus não faz nada inútil, o Espiritismo emite a seguinte opinião: como os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se desvia das leis gerais. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. Admitido que Deus — por razões que nós não podemos compreender — tenha revogado acidentalmente aquelas leis que ele havia estabelecido, tais leis já não seriam mais imutáveis; todavia, pelo menos seria racional pensar que somente ele tem esse poder; sem negar a onipotência de Deus, não seria admissível que fosse dado ao Espírito do mal desfazer a obra divina, produzindo seus próprios prodígios para seduzir até eleitos, pois isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus; no entanto, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais — que é obra divina —, sem a permissão de Deus, então ele é mais poderoso do que Deus: logo, Deus não teria a onipotência; se Deus delegasse esse poder a Satanás, como o dizem, para mais facilmente induzir os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Em ambos os casos, isso é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

¹⁴⁶ No texto original encontra-se o termo *Spirites*, correspondente a *Espíritas*. No entanto, pelo contexto, deduz-se que provavelmente houve um equívoco, cabendo mais a palavra *Sprites*, conforme tradução exata nós usamos aqui: *Espíritos* — N. E.

Também a Igreja distingue os bons milagres que procedem de Deus dos maus milagres que procedem de Satanás; porém, como fazer a diferença entre eles? Seja um milagre oficial ou não, este não será menos revogação das leis que emanam unicamente de Deus; se um indivíduo é curado supostamente por um milagre — seja esse milagre operado por Deus ou por Satanás —, ele não estará por isso menos curado. É preciso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de certos fatos considerados milagrosos, é preciso concluir que, seja qual for a origem atribuída a esses milagres, estes são efeitos naturais de que os *Espíritos* ou *encarnados* podem se utilizar, como em tudo, como da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme a sua bondade ou a sua perversidade. Valendo-se do seu saber, um ser perverso pode fazer coisas que passem por maravilhas aos olhos dos ignorantes; mas quando tais efeitos resultam um bem qualquer, seria ilógico atribuir a eles uma origem diabólica.

17. No entanto, dizem que a religião se apoia em fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; explicáveis, isso é outra questão. O que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da criação — que é sem contestação o maior de todos e que agora retornou ao domínio da lei universal — não vemos hoje se reproduzirem através do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, considerados antigamente como maravilhosos e atualmente demonstrados como parte da ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; porém, como nós os encontramos semelhantes e ainda mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não saberíamos dizer qual dela prevaleceria.

18. Dizer que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que ele seja a pedra angular do edifício de toda religião, é sustentar uma tese perigosa; se apoiarmos as verdades do cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso, isso é lhe dar um alicerce fraco, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese — de que eminentes teólogos se fazem defensores — leva direito à conclusão de que em breve já não haverá religião possível, nem mesmo a religião cristã, se aquilo que é visto como sobrenatural for demonstrado como natural; pois, por mais que se acumule argumentos, não se consegue sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que ele não é: ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais existe quando esse fato pode ser explicado por essas mesmas leis, e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, ele deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que elas costumam confundir erradamente com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá a ela uma base mais sólida do que os milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual quanto o princípio material; essa base desafia o tempo e a Ciência, pois o tempo e a Ciência virão confirmá-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derrubado suas leis, grandiosas sobretudo pela sua imutabilidade. Não precisamos do sobrenatural para prestar a Deus o culto que lhe é devido; a natureza já não é tão imponente por si mesma para necessitar que se acresce a ela o sobrenatural para provar a suprema potência? A religião encontrará tanto menos incrédulos quanto mais seja sancionada pela razão em todos os pontos. O Cristianismo nada tem a perder com essa confirmação; ao contrário, ele só tem a ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-la na opinião de muita gente, foi exatamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

19. Se tomarmos a palavra **milagre** em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres sem cessar sob as vistas; nós aspiramos um milagre no ar e o calçamos aos pés, porque então tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia da potência de Deus? Basta-lhes mostrá-la na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser nas suas necessidades, de acordo com o meio onde é chamado a viver; basta mostrar ao povo a ação de Deus no talo da erva, na flor que desabrocha, no Sol que vivifica tudo; basta lhes mostrar sua bondade no cuidado com todas as criaturas, por mais simples que elas sejam, a sua providência na razão de ser de todas as coisas, cuja nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam o povo compreender principalmente que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem lhes apavorar com o quadro das penas eternas, nas quais as pessoas acabam por não mais acreditar e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem a eles coragem mediante a certeza de um dia poderem se redimir e repararem o mal que tenham praticado; mostrem a eles as descobertas da ciência como revelações das leis divinas, e não como obras de Satanás; ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas a cada página: então eles compreenderão que um Ser tão grande, que se ocupa com tudo, velando por tudo, prevendo tudo, há de ser soberanamente poderoso. O lavrador verá Deus ao roçar o seu campo e o infeliz o louvará nas suas aflições, pois reconhecerá: "Se sou infeliz, é por culpa minha". Então os homens serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais do que se eles fossem forçados a crer em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

CAPÍTULO XIV

OS FLUIDOS

- NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS
- EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

1. A Ciência trouxe a solução dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material — seja explicando-os, seja demonstrando a sua impossibilidade — através das leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem uma parte preponderante, esses, como não podem ser explicados unicamente por meio das leis da matéria, estão fora das investigações da ciência: esta é a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam as características *aparentes* do maravilhoso. Pois é nas leis que regem a vida espiritual que podemos encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2. Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações formam a inumerável variedade dos corpos da natureza. Como princípio elementar universal, ele oferece dois estados diferentes: o de eterização¹⁴⁷ ou imponderabilidade — que podemos considerar como o estado normal primitivo — e o de materialização ou de ponderabilidade — que de certa maneira é subsequente àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí, não há transição brusca, porque podemos considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados (Cap. IV, nº 10 e seguintes).¹⁴⁸

Cada um desses dois estados naturalmente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo (estado de materialização ou de ponderabilidade) pertencem os do mundo visível, e ao primeiro (de eterização ou de imponderabilidade) pertencem os fenômenos do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos* — porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos — fazem parte das atribuições do Espiritismo; porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se ligam à vida corpórea; aqueles do domínio exclusivo da vida espiritual estão escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.¹⁴⁹

¹⁴⁷ **Eterização:** de maneira simples, entende-se como sendo o estado de pureza e sutileza — próprio do mundo espiritual —, no qual o fluido puro (antigamente denominado *éter*) é essencialmente constituído indivisivelmente — N. E.

¹⁴⁸ Kardec trata aqui de uma espécie de matéria fluidica muito etérea, aquela que constitui o mundo espiritual, tão sutil que não é imperceptível pelo homem. Contudo, essa conceituação kardequiana não é a mesma ideia dos fluidos em voga pela ciência de seu tempo: os físicos daquela época supunham que havia uma classe de substâncias fluidicas imponderáveis, além da matéria comum conhecida; assim se dizia de fluidos luminosos, fluidos elétricos e fluidos calóricos, supostamente emitidos por corpos luminosos, eletrizados e aquecidos. Hoje sabemos que luz, eletricidade e calor não são fluidos, mas sim ondas eletromagnéticas — N. E.

¹⁴⁹ A denominação de fenômeno *psíquico* representa mais o pensamento do que a de fenômeno *espiritual*, dado que esses fenômenos se

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas nos seu gênero e talvez mais numerosas do que no estado de matéria tangível¹⁵⁰. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos próprios do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm uma aparência tão material para os Espíritos — que também são fluídicos — quanto à aparência dos objetos tangíveis têm para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós; eles os elaboram e os combinam para produzir determinados efeitos, como os homens fazem com os seus materiais, ainda que por procedimentos diferentes.

Porém lá, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos de que são testemunhas e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente, como os ignorantes da Terra são inaptos para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo eles veem e escutam.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual estão fora de alcance dos nossos instrumentos de análise e da percepção dos nossos sentidos — que são feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso que só podemos fazer uma ideia deles através de comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns são tão intimamente ligados à vida corporal, que de certa forma pertencem ao meio terreno. Na falta de observação direta, podemos observar seus efeitos e adquirir conhecimentos de sua natureza com certa precisão. Esse estudo é essencial porque é a chave de uma imensidade de fenômenos inexplicáveis apenas com as leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada pode nos dar uma ideia; o ponto oposto é o da sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, ocorrem inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade — por consequência os menos puros — compõem o que podemos chamar a atmosfera espiritual terrestre. É desse meio, onde também se encontram diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à organização de suas existências. Esses fluidos, por muito sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam por isso de ser de uma natureza grosseira em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo ocorre com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, menos os fluidos espirituais têm afinidades com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que definitivamente é sempre matéria, mais ou menos quintessenciada¹⁵¹. De *espiritual* realmente não há mais que a alma ou princípio inteligente. Atribuímos essa denominação a eles apenas por comparação e em razão sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Podemos dizer que é a matéria do mundo espiritual: eis por que lhes chamamos *fluidos espirituais*.

6. Aliás, quem conhece a composição íntima da matéria tangível? Talvez ela só seja compacta

apoiam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispirituais — que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; então, podemos admitir-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres -- N. K.

¹⁵⁰ **Matéria tangível:** que pode ser captada pelos sentidos humanos (visão, audição, tato, etc.) ou por instrumentos materiais – N. E.

¹⁵¹ **Quintessenciado:** grau de pureza espiritual; relativo à **quinta-essência**, dita essência espiritual (antigamente se supunha que tudo no Universo fosse constituído de quatro elementos básicos: ar, terra, fogo e água; a quinta essência seria o éter, constituído de propriedades especiais) – N. E.

em relação aos nossos sentidos, e a prova disso é a facilidade com que ela pode ser atravessada pelos fluidos espirituais e os Espíritos, aos quais ela não oferece mais obstáculo do que os corpos transparentes oferecem à luz.¹⁵²

Tendo por elemento básico o fluido cósmico etéreo, a matéria tangível, ao se desagregar, deve poder voltar ao estado de eterização, como o diamante — que é o mais duro dos corpos — pode se vaporizar em gás impalpável. Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.

Quem sabe até se no estado de tangibilidade¹⁵³ a matéria não é suscetível de adquirir um tipo de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos que parecem autênticos tenderiam a fazer supor isso. Nós ainda só temos as fronteiras do mundo invisível e o futuro sem dúvida nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que hoje é um mistério para nós.

7. O perispírito — corpo fluídico dos Espíritos — é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que o corpo carnal também tem seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. Portanto, o corpo perispiritual e o corpo carnal têm sua origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8. Os Espíritos extraem seu perispírito do meio onde se encontram, quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientes; resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variar conforme os mundos. Tendo Júpiter como um mundo bastante avançado em comparação com a Terra, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais lá não de ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que a da Terra. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e se reveste de outro, apropriado ao mundo para onde deva ir.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo ao seu gosto, e por conseguinte não podem passar de um mundo para outro à vontade. Portanto, há alguns cujo envoltório fluídico — se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível — ainda é bastante pesado, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual, para não permitir que saiam do meio que lhes é próprio. Devemos incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é grosseiro demais para que se confundam com o corpo carnal, e que, por essa razão, creiam que ainda estejam vivos. Esses Espíritos — e o número deles é grande — permanecem na superfície da Terra como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres.¹⁵⁴

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Eles extraem dos elementos constitutivos do mundo onde ingressam os materiais do corpo fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Eles fazem como o nobre que deixa suas vestes douradas para se vestir momentaneamente de roupa velha, sem por isso deixar de ser nobre.

¹⁵² Kardec propõe aqui, de forma inovadora, o que a ciência logo mais confirmaria de forma categórica: que o átomo não é uma partícula sólida e indivisível como se pensava outrora — N. E.

¹⁵³ **Tangibilidade:** característica do que é tangível, perceptível, tocável, palpável — N. E.

¹⁵⁴ Exemplos de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: *Revista Espírita*, dez. de 1859 ["Um Espírito que não acredita estar morto"]; nov. de 1864 ["Sobre Espíritos que ainda se julgam vivos"]; abril de 1865 ["Pierre Legay, dito Grand-Pierrot"] -- N. K.

É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que eles veem em pensamento. São videntes entre cegos.

10. A camada de fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas e menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são iguais; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que formam a sua base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da *soma* das partes puras que eles trazem. Assim é, por comparação, o álcool retificado ou misturado em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que diminuem a sua força e a sua capacidade de se inflamar, embora no geral continue a existir álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse ambiente tiram seu perispírito dele; contudo, conforme o Espírito seja mais ou menos purificado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das mais grosseiras desse meio. O Espírito produz aí — sempre por comparação e não por assimilação — o efeito de um reativo químico que atrai para ele as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso este fato *capital* que a composição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a envolve. Não é o mesmo que se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos — qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos em todos, bem como as necessidades, ao passo que é diferente em tudo o que diz respeito ao perispírito.

Dá ainda ocorre de o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modificar com o progresso moral daquele Espírito a cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo.

11. O meio ambiente está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de viver nele: os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a terra. O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito o que a atmosfera está para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Eles não morreriam aí, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como nos afastamos de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para mudarem desse ambiente, precisam antes mudar sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente; Então, gradualmente, identificam-se com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, como os olhos daquele que viveu longo tempo nas trevas insensivelmente se habitua à luz do dia e à claridade do Sol.

12. Assim, no Universo, tudo se liga, tudo se encadeia; tudo se submete à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade. A Terra é igual um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai clareando na medida em que se eleva e cujos fragmentos rarefeitos se perdem no espaço infinito.

A potência divina brilha em todas as partes desse grandioso conjunto e, não contentes com o que Deus tem feito, querem que ele venha perturbar essa harmonia para atestar seu poder! Querem que ele se rebaixe ao papel de mágico, através de efeitos infantis dignos de um

ilusionista! E ainda por cima ousam lhe dar como rival em habilidade o próprio Satanás! De fato, jamais se diminuiu tanto a majestade divina, e se admiram com o progresso da incredulidade.

Estão com razão ao dizer “A fé está se acabando”. Mas, a que se vai é a fé em tudo o que contraria o bom-senso e à razão; é a fé igual a que antigamente levava a dizer: “Vão-se os deuses!”. Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre viva no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido pelas histórias tolas com que a sobrecarregaram, ela se reerguerá mais forte, desde que se liberte delas, tal como a planta reprimida se levanta de novo logo que volta a receber o Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito apenas de alguns! Não, não há milagres no sentido que se tem dado a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação.

13. Os fluidos espirituais — que constituem um dos estados do fluido cósmico universal — são então a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível; enfim, é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista espiritual, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu **pensamento** retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente. Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocada e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento.¹⁵⁵

15. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e significativa para os encarnados. Desde o instante em que esses fluidos são o veículo do pensamento e que o pensamento pode modificar as suas propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más de pensamentos que os põem em

¹⁵⁵ *Revista Espírita*, julho de 1859 [“O zoavo de Magenta”]; *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. VIII -- N. K.

vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas prejudiciais corrompem o ar que respiramos. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau da perfeição moral deles.

Seria impossível fazer uma enumeração ou uma classificação dos bons e dos maus fluidos, ou mesmo especificar as suas respectivas qualidades, pela diversidade deles ser tão grande quanto a dos pensamentos.

16. Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos dos Espíritos, seu envoltório perispiritual — que é parte integrante de seu ser e quem diretamente recebe a impressão dos seus pensamentos, de uma maneira permanente — há de conservar ainda mais a marca de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo distanciamento daqueles, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o que o Espírito não se modificar por si mesmo.

17. Sendo Espíritos encarnados, os homens têm em parte as atribuições da vida espiritual, pois eles vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono, e muitas vezes enquanto acordados. Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica limitado pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; pela sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como também sobre o dos Espíritos desencarnados; eles se transmitem de Espírito a Espírito da mesma forma e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

18. Como o perispírito dos encarnados é de natureza idêntica àquela dos fluidos espirituais, ele assimila esses fluidos com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Por sua expansão e sua irradiação, esses fluidos exercem uma ação tanto mais direta sobre o perispírito quanto mais o perispírito se mistura com eles.

Dado que esses fluidos agem sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se as emanações são de boa natureza, o corpo resente uma impressão saudável; se são más, a impressão é prejudicial; se as ações más são permanentes e enérgicas, elas podem ocasionar desordens físicas: não há outra causa para certas enfermidades.

Os meios onde os maus Espíritos predominam são assim impregnados de maus fluidos que são absorvidos por todos os poros perispiríticos, assim como os miasmas doentios são absorvidos pelos poros do corpo.

19. O mesmo ocorre nas reuniões dos encarnados. Uma assembleia é um foco de onde irradiam diversos pensamentos. Conforme o pensamento age sobre os fluidos como o som age sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras.

Uma reunião é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas em que cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada qual recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Todavia, do mesmo modo como há radiações sonoras harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão

é agradável; se ele é discordante, a impressão é penosa. Ora, para isso, não se faz necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, seja ela expressa ou não; mas se essa irradiação se misturar com quaisquer pensamentos negativos, eles produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado em um ambiente morno.

Tal a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática e animada de pensamentos bons e benévolos; aí ela reina como uma atmosfera moral sadia, onde respiramos confortavelmente; saímos daí reconfortado, porque nos achamos impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Desse modo também se explica a ansiedade, o mal-estar indefinido que sentimos numa reunião antipática, onde pensamentos malévolos provocam correntes de ar nauseante.

20. Portanto, o pensamento produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral e isso só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem sente isso instintivamente, visto que procura as reuniões harmônicas e simpáticas, onde ele sabe que pode buscar novas forças morais; poderíamos dizer que em tais reuniões ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como ele recupera as perdas do corpo material pelos alimentos. É que, na realidade, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda concreta de fluidos espirituais e, conseqüentemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa se reconfortar através dos eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico opera a cura de um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. Dirão: sem dúvidas é possível evitar os homens sabidamente mal-intencionados, mas como escapar da influência dos maus Espíritos que rodeiam em torno de nós e se metem por toda parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da própria vontade do homem, que traz consigo a prevenção necessária. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos diferentes se repulsam; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

O que fazemos quando o ar está contaminado? Nós o saneamos e o depuramos destruindo o foco dos miasmas e combatendo os eflúvios prejudiciais por meio de correntes de ar saudáveis mais fortes. Contra a invasão de maus fluidos, devemos então usar fluidos bons, e como cada qual tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o seu remédio; trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que se constitua para as más influências um *repelente*, em vez de ser uma força atrativa. Portanto, o perispírito é uma armadura a qual se deve dar o melhor revestimento possível; ora, como as qualidades do perispírito correspondem às qualidades da alma, é preciso trabalhar pelo seu próprio melhoramento, pois são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas vão aonde os focos de corrupção as atraem; destruam esses focos e as moscas desaparecerão. Da mesma maneira os maus Espíritos vão para onde o mal os atrai; destruam o mal e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons — encarnados ou desencarnados — nada têm a temer da influência dos maus Espíritos.

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por seu intermédio que o Espírito encarnado está em relação contínua com os Espíritos; em suma, é por ele que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não está na matéria tangível, e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispiritual que se deve procurar a

causa da **dupla vista**, ou **vista espiritual**, que também podemos chamar *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, muitas vezes inconscientemente, assim como da vista sonambúlica¹⁵⁶.

O perispírito é o **órgão sensitivo** do Espírito; é por seu intermédio que o encarnado tem percepção de coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais, mas pelo sentido espiritual, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser aquilo que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido espiritual, ele não vê mais com os olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que chama a sua atenção; ele vê através dos olhos da alma e a prova disso é que ele vê perfeitamente bem com os olhos fechados, inclusive aquilo que está além do alcance do raio visual.¹⁵⁷

23. Ainda que durante a vida o Espírito se encontre **preso** ao corpo pelo perispírito, ele não está tão escravizado nele que não possa alongar sua cadeia e se transportar para distante — seja na Terra, seja em qualquer ponto no espaço. O Espírito só tem o que lamentar por estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, enquanto que a vida corporal é a do servo preso ao cativo.

O Espírito então se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro fora da gaiola; ele aproveita todas as ocasiões que lhe são oferecidas para escapar do corpo e saboreia todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Esse é o fenômeno a que damos o nome de **emancipação da alma**; ele sempre se produz durante o sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende (**O Livro dos Espíritos**, parte 2^a, cap. VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa; ele fica parcialmente no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, conversa com seus amigos e com outros Espíritos livres ou **encarnados** como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente com a morte; a separação completa somente se dá pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito — a qualquer distância que esteja — é instantaneamente chamado ao corpo, desde que a sua presença seja necessária; então ele retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva dessas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, que é o sonho; em todos os casos, ele traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim também se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que não são mais do que manifestações da vida espiritual.¹⁵⁸

24. Como a visão espiritual não se efetua por meio dos olhos do corpo, conclui-se que a percepção das coisas não se dá pela luz comum: de fato, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial de uma natureza que desconhecemos, mas que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo adequada às percepções visuais da alma. Portanto, há a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: essa é a razão pela qual não há

¹⁵⁶ O estado sonambúlico é um fenômeno de sono profundo, involuntário ou provocado por ação de um magnetizador, pelo qual o indivíduo tem a capacidade de agir conforme aptidões espirituais, por exemplo, a dupla vista, também chamada de clarevidência ou vista à distância, quando ele vê através de percepções espirituais, pelo seu perispírito — N. E.

¹⁵⁷ Fatos de dupla vista e lucidez sonambúlica relatados na *Revista Espírita*: edições de janeiro de 1858 ["Diferentes modos de comunicação"]; novembro de 1858 ["Independência sonambúlica"]; julho de 1861 ["As visões do Sr. O."]; novembro de 1865 ["O patriarca José e o vidente de Zimmerwald"] -- N. K.

¹⁵⁸ Casos de letargia e de catalepsia: *Revista Espírita*, "Senhora Schwabenhau", setembro de 1858; "A jovem cataléptica da Suábia", janeiro de 1866 -- N. K.

obstáculo para a visão espiritual; ela não é embaraçada nem pela distância e nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é então iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. Assim, envolta no seu perispírito, a alma traz consigo seu princípio luminoso; penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

Entretanto, a vista espiritual não tem nem em extensão e nem em penetração em todos os Espíritos; somente os Espíritos puros a possuem em toda a sua potência; nos Espíritos inferiores ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe com uma espécie de nevoeiro.

Nos Espíritos encarnados, essa visão espiritual se manifesta em diferentes graus pelo fenômeno da segunda vista — tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado desperto. Conforme o grau de poder da faculdade, dizemos que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa aptidão que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem as causa de enfermidades.

26. Portanto, a vista espiritual permite percepções especiais que, por não estarem sujeitas aos órgãos materiais, se operam em condições muito diversas da visão corporal. Por essa razão, não podemos esperar dela efeitos idênticos e experimentá-la pelos mesmos procedimentos. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É indispensável estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não a comparando com a vista comum, à qual ela não está destinada a suprir, salvo em casos excepcionais e que não poderíamos tomar por regra.

27. A vista espiritual nos Espíritos encarnados é necessariamente incompleta e imperfeita e, por isso está sujeita a irregularidades. Tendo sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir nas percepções que ela fornece. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, seja durante o sono, seja no estado acordado, ela pode propiciar:

- 1) A percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorrem a uma grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes;
- 2) A percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos;
- 3) Imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluídicas do pensamento (veja acima no nº 14). Estas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, exatamente como essas pessoas os imaginam: às vezes, é toda uma epopeia¹⁵⁹; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o paraíso e o inferno. Se essas pessoas, ao despertarem ou ao saírem do êxtase, conservam uma lembrança exata de suas visões, elas as tomam como reais e confirmações de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos¹⁶⁰. Por isso, devemos fazer um exame muito rigoroso nas visões extáticas, antes de aceitá-las. Sobre tal propósito, o remédio para tão grande credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam os três tipos de visões acima descritas. Os sonhos

¹⁵⁹ **Epopeia:** aventura extraordinária, fabulosa, chocante — N. E.

¹⁶⁰ Assim podem ser explicadas as visões da irmã Elmerich que, remontando ao tempo da Paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que só existiam nos livros que ela leu; as visões da Sra. Cantanille (*Revista Espírita* de agosto de 1866) e uma parte das visões de Emanuel Swedenborg -- N. K.

de previsões, os pressentimentos e os avisos pertencem às duas primeiras categorias dessas visões; é na terceira — quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento — que podemos deparar com a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real com relação à vida material, mas que às vezes apresentam para o Espírito uma realidade tal que o corpo sente o contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza.¹⁶¹

29. A matéria inorgânica é insensível; o fluido perispiritual também é, mas ele transmite a sensação ao centro sensitivo — que é o Espírito. Logo, as lesões dolorosas do corpo repercutem no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, cujos nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam explicar todos os efeitos.

Essa interrupção pode acontecer pela separação de um membro, ou pelo corte de um nervo, mas também — parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão — nos momentos de emancipação, de superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa mais no corpo e, em sua atividade exaltada, por assim dizer ele atrai para si o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. É assim que, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa cuja atenção se acha concentrada num trabalho não ouve o ruído que se faz no entorno dela. Um efeito semelhante, e ainda mais evidente, é o que ocorre com alguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que podemos explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (*Revista Espírita*, janeiro, de 1868: “*Estudo sobre os Aïssaouas*”).

Já a paralisia não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores, que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30. Em certos estados patológicos¹⁶², quando o Espírito não está mais no corpo, e que o perispírito só se acha ligado a ele por alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte e se enuncia uma verdade absoluta dizendo que a vida aí está por um fio. Esse estado pode durar um tempo mais ou menos longo; algumas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Até que o último fio não esteja rompido, o Espírito pode ser chamado a volver ao corpo — quer seja por uma ação enérgica da sua própria vontade, quer seja por **um influxo fluídico estranho, igualmente forte**. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta que às vezes renascer apenas de um funcho de raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico se desprendem do corpo carnal, ou quando este último chega a um estado irreparável de degradação, todo regresso à vida se torna impossível.¹⁶³

31. Como vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido pode fornecer aos corpos os princípios reparadores. Sendo condensado no perispírito, o agente propulsor é o Espírito — encarnado ou desencarnado — que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula *sadia* no lugar de uma molécula *enferma*. Portanto, o poder curativo estará na proporção direta da pureza da

¹⁶¹ *Revista Espírita*, junho de 1866; setembro de 1866; *O Livro dos Espíritos*, questão 400 -- N. K.

¹⁶² **Patológico**: doentio, enfermo -- N. E.

¹⁶³ Exemplos: *Revista Espírita*, “O doutor Cardon”, agosto de 1863, pág. 251; — “A mulher corsa”, maio de 1866 -- N. K.

substância inserida; depende também da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica tanto mais abundante e dá ao fluido uma força de penetração ainda maior; depende ainda das intenções daquele que deseja curar — *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias; algumas vezes essa ação é lenta e requer um tratamento prolongado — como no magnetismo comum; de outras vezes ela é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder que operam curas instantâneas em alguns doentes por meio apenas da imposição das mãos, ou até unicamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há infinitos níveis. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só se diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico e cujo efeito é subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode ser produzida de diversas maneiras:

1. Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha ligada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;
2. Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;¹⁶⁴
3. Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, o qual serve de condutor. É o magnetismo *misto, semiespiritual*, ou se o preferirem, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o auxílio dos Espíritos às vezes é espontâneo, porém, mais frequentemente é provocado por um apelo do magnetizador.

34. A aptidão de curar pela influência fluídica é muito comum e pode ser desenvolvido através de exercício, entretanto, aquele de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o seu grau máximo pode ser considerado como excepcional. No entanto, em várias épocas e no meio de quase todos os povos, temos visto indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, vemos muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Uma vez que as curas desse gênero pertencem a um princípio natural e que o poder de operá-las não é privilégio, o que se segue é que elas não saem da Natureza e que só são miraculosas na aparência.¹⁶⁵

35. Para nós, o perispírito é invisível no seu estado normal; mas como é formado de substância etérea, em certos casos o Espírito pode — por ato da sua vontade — fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que são produzidas as *aparições*, que, do mesmo modo que os outros fenômenos, não se dão fora das leis da Natureza. O fenômeno das aparições não tem nada de mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando muito rarefeito, mas que se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, é mais nitidamente definida; mas, enfim, algumas vezes ela tem todas as aparências da matéria tangível; pode até chegar até à tangibilidade real, ao ponto de o

¹⁶⁴ Exemplos; *Revista Espírita*, fevereiro de 1863; abril de 1865; setembro de 1865 — N. K.

¹⁶⁵ Casos de curas instantâneas relatados na *Revista Espírita*: “O príncipe de Hohenlohe”, dezembro de 1866; “Jacob”, outubro e novembro de 1866; outubro e novembro de 1867; — “Simonet”, agosto de 1867; “Caid Hassan”, outubro de 1867; “O cura Gassner”, novembro de 1867 -- N. K.

observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, e acontece bastante que indivíduos, após sua morte, se apresentem assim às pessoas a quem são afeiçoados. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja numerosíssimos exemplos delas, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer ser reconhecido, ele imprime no seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.

36. É de se destacar que as aparições tangíveis tenham somente as aparências da matéria carnal, mas não as qualidades dela; em virtude da sua natureza fluidica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, isso não é da carne. Elas se formam instantaneamente e do mesmo modo desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluidicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem e nem morrem como os outros homens; nós os vemos e não os vemos mais sem que se saiba de onde eles vêm, como vieram, nem para onde vão; ninguém poderia matá-los, nem acorrentá-los, nem aprisioná-los, pois eles não têm um corpo carnal; os golpes que lhes fossem desferidos só atingiriam o vazio.

Tal é a característica dos *agêneres*¹⁶⁶, com os quais é possível conversar sem suspeitar do que sejam eles, mas que não demoram longo tempo e não podem tornar-se convivas habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Além do mais, em toda a sua pessoa e nas suas atitudes, há qualquer coisa de estranho e de anormal que vem da materialidade e da espiritualidade; seu olhar, vaporoso e penetrando tudo de uma vez, não tem a nitidez do olhar através dos olhos da carne; sua linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, não tem a clareza e a mobilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação incomum e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e, enquanto os tomem por indivíduos iguais a todo mundo, diz-se involuntariamente: Eis aí um ser singular.¹⁶⁷

37. Como o perispírito é o mesmo tanto nos encarnados como nos desencarnados, por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade¹⁶⁸, em ponto diferente do lugar em que seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos.¹⁶⁹

38. Um efeito comum aos fenômenos dessa espécie é que as aparições vaporosas e até tangíveis não são perceptíveis indistintamente para todo o mundo; os Espíritos só se mostram quando e a quem eles querem. Então, um Espírito poderia aparecer numa assembleia a um ou a vários dos presentes e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não pela vista carnal: porque não só a vista espiritual não é dada a toda mundo, como também, se for conveniente, pode ser retirada daquele a quem ele não queira se mostrar, assim como pode permiti-la momentaneamente, se a julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições — incluindo as de tangibilidade — não contém as propriedades da matéria comum: se não fosse assim, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo, e para todas as pessoas presentes.¹⁷⁰

¹⁶⁶ *Agêneres*: expressão grega que significa literalmente “que não foi gerado”. Kardec classificou assim os tipos de aparições realíssimas nas quais o Espírito manifestado se passa facilmente por encarnado — N. E.

¹⁶⁷ Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de *agêneres*: *Revista Espírita*, janeiro de 1858; outubro de 1858; fevereiro de 1859; março de 1859; janeiro de 1859; novembro de 1859; agosto de 1859; abril de 1860; maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; “O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos”, dezembro de 1866 -- N. K.

¹⁶⁸ Por exemplo, durante o sono ou durante um transe mediúnico — N. E.

¹⁶⁹ Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista Espírita*, de dezembro de 1858; fevereiro de 1859; agosto de 1859; novembro de 1860 -- N. K.

¹⁷⁰ Somente com extrema reserva devemos aceitar as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser efeito de uma imaginação exaltada e, porventura, de uma invenção com um propósito interesseiro. Convém então levarmos em conta muito cuidadosamente as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da fé de indivíduos excessivamente confiantes -- N. K.

39. Como o Espírito pode operar transformações na contextura do seu envoltório perispiritual, e esse envoltório irradiando em torno do corpo qual uma atmosfera fluídica, um fenômeno semelhante ao das aparições pode se produzir na superfície mesma do corpo. Sob a camada fluídica, a imagem real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente e se revestir de outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada como através de um prisma, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do meio comum, o Espírito se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e às vezes até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é movido por más paixões, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.

Assim se operam as **transfigurações**, que são sempre um reflexo das qualidades e sentimentos predominantes do Espírito. Portanto, o fenômeno é o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo do vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de geralmente serem perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, exatamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.¹⁷¹

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúmica — tão antigos quanto o mundo, porém hoje tão comuns — nos dão a chave de alguns outros fenômenos parecidos e espontâneos aos quais era atribuído o caráter sobrenatural e miraculoso, pois não se conhecia a lei que os rege. Tais fenômenos se fundamentam nas propriedades do fluido perispiritual — seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta agindo sobre a matéria imóvel, e que produz ruídos, movimentos de mesa e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente se considerarmos que entre nós os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem e desenharem; não tendo mais corpo físico para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, que faz agir como se fosse o seu próprio corpo, mediante a emissão fluídica que despeja sobre ele.

42. Por esse mesmo processo é que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la se mover sem significação determinada, seja para que dê pancadas inteligentes indicando letras do alfabeto, para formar palavras e frases — fenômeno esse denominado **tiptologia**. A mesa aqui não passa de um instrumento de que o Espírito se serve, como se utiliza do lápis para escrever; ele lhe dá uma vitalidade momentânea por meio do fluido que introduz nele, porém *absolutamente não se identifica com ela*. As pessoas que, na sua emoção, ao verem um ente querido se manifestar, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo fazem os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse confinado na madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações são transmitidas por esse meio, devemos imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, *tal qual estaria se estivesse vivo* e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela

¹⁷¹ Exemplo e teoria da transfiguração: *Revista Espírita*, março de 1859. (*O Livro Dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. VII) -- N. K.

escrita: veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como o ar faz com os balões e pipas. O fluido que se infiltra na mesa lhe dá momentaneamente uma leveza específica maior. Quando fica pregada ao solo, ela fica numa situação igual à da bolsa de oxigênio sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais do que simples comparações para mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. IV).

A partir disso, compreendemos que não é mais difícil para o Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, de transportar um objeto de um lugar para outro, ou de atirá-lo a qualquer parte; esses fenômenos se produzem pela mesma lei.¹⁷²

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele lhe dá o impulso por uma corrente fluídica com a ajuda do qual ela faz a mesa mover ao seu gosto.

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou outros lugares, não é que o Espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto; ele apenas dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde vem o ruído e este produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como nós modificamos os sons produzidos pelo ar.¹⁷³

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que estranha a eles; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da sua instrução. Não é raro se vê que escrevam correntemente sem terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias, sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. Ocorre muito frequentemente um médium escrevente reproduzir, sem equívocos, a grafia e a assinatura que os Espíritos que por ele se comunicam tinham quando vivos, ainda que não os tenham conhecido jamais.

Esse fenômeno não é mais maravilhoso do que ver uma criança escrever quando guiamos a sua mão; dessa maneira, podemos conseguir que ela execute tudo o que queiramos. Podemos fazer com que escreva à primeira vista num idioma qualquer ditando a ela as palavras letra por letra. Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira como os Espíritos se comunicam com os médiuns, que, na realidade, para eles, não são mais do que instrumentos passivos. Todavia, se o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; o Espírito não precisa mais do que transmitir seus pensamentos e o seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe.

¹⁷² Esse é o princípio dos fenômenos de *transporte*, fenômeno este muito real, mas que convém não ser admitido senão com extrema reserva, pois é um dos que mais usados na imitação e na enganção. Devemos toma em séria consideração a honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse, material e *moral*, e o auxílio das circunstâncias acessórias. Sobre tudo é importante desconfiar da excessiva facilidade com que tais efeitos são produzidos, e tomar como suspeitos os que se renovem com grande frequência e, por assim dizer, à vontade. Os ilusionistas fazem coisas mais extraordinárias.

A levitação de uma pessoa é um fato não menos real; mas talvez muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É sabido que o Sr. Daniel Dunglas Home [célebre médium escocês contemporâneo de Allan Kardec] se elevou mais de uma vez até ao teto, dando voltas na sala. Dizem que S. Cupertino possuía a mesma faculdade, não sendo este mais miraculoso do que o outro – N. K.

¹⁷³ Casos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: *Revista Espírita*, "A moça dos panoramas", janeiro de 1858; "Senhorita Clairon", fevereiro de 1858; "Espírito batedor de Bergabern" (narração completa), maio, junho e julho de 1858; "Dibbelsdorf", agosto de 1858; "Padeiro de Dieppe", março de 1860; "Fabricante de S. Petersburgo", abril de 1860; "Rua das Nogueiras", agosto de 1860; "Espírito batedor do Aube", janeiro de 1861; "Flagelo do século dezesseis", janeiro de 1864; "Poitiers", maio de 1864 e maio de 1865; "Irmã Maria", junho de 1864; "Marselha", abril de 1865; "Fives", agosto de 1865; "Os ratos de Equihem", fevereiro de 1866 – N. K.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também vem frequentemente dos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que queira reproduzir. A língua que ele hoje ignora pode ter sido familiar para ele noutra existência: daí vem para ele uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua.¹⁷⁴

45. Os Espíritos maus vagueiam ao redor da Terra, por causa da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maldosa deles é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade aqui se vê abraçada. A obsessão — que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribuições da vida — deve ser considerada como provação ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau¹⁷⁵ exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta tipos muito diferentes, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das capacidades mentais. Ela bloqueia todas as aptidões mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela teimosia de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

46. Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral que dá lugar a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é preciso que uma força moral. Para se preservar das enfermidades, fortifica-se o corpo; para se garantir contra a obsessão, é preciso fortalecer a alma; eis por que é necessário para o obsidiado trabalhar para o seu próprio melhoramento, o que muitas vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de outras pessoas. Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente muitas vezes perde a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão é uma vingança exercida por um Espírito e cuja origem frequentemente vem das relações que o obsidiado manteve com o obsessor em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza e repele a ação dos fluidos saudáveis. É daquele fluido pernicioso de que se precisa desembaraçar-se. Ora, um fluido maligno não pode ser eliminado por outro fluido igualmente mau. Por uma ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, **é preciso expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.**

Essa é a ação magnética, mas nem sempre o suficiente; é necessário também e sobretudo **agir sobre o ser inteligente**, ao qual é preciso ter o direito de **falar com autoridade**, e essa autoridade só é dada à superioridade moral; quanto maior for esta superioridade, tanto maior também será a autoridade.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, torna-se indispensável levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus costumes; é preciso fazer brotar nele o arrependimento e o desejo do bem, por auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de sua **educação moral**; pode-se então ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, dá sua contribuição com a vontade e a prece; isso não acontece quando o obsidiado fica seduzido pelo Espírito que o domina e se ilude com relação às qualidades do seu obsessor, e se satisfaz no erro

¹⁷⁴ A aptidão de algumas pessoas para línguas que elas conhecem, por assim dizer, sem as ter aprendido, não tem como origem senão a lembrança intuitiva do que souberam noutra existência. O caso do poeta Méry, relatado na *Revista Espírita* de novembro de 1864, é uma prova disso. É evidente que se o Sr. Méry tivesse sido médium na sua mocidade, ele teria escrito em latim tão facilmente como em francês, e todo mundo teria acreditado ser um prodígio -- N. K.

¹⁷⁵ **Espírito mau** aqui deve ser lido como um indivíduo inferior, atrasado, ainda tendencioso às práticas malvadas, e não que seja alguém essencialmente mal, como os lendários demônios da tradição cristã -- N. E.

a que é conduzido, porque então, longe de ajudar, ele repele toda a assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para agir contra o Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último fica enlaçado por uma espécie de teia e constringido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito livre substitui o Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio, sem que, no entanto, o encarnado abandone seu corpo definitivamente — o que só acontece na morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado, visto que a união molecular do perispírito e o corpo só pode se operar no momento da concepção. (cap. XI, nº 18)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela boca dele, vê pelos seus olhos, age com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante [psicofonia], em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; é esse último mesmo quem fala e quem age, e quem o tenha conhecido em vida reconhece nele a sua linguagem, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da fisionomia.

48. A obsessão é sempre o ato de um Espírito malfeitor. A possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* o corpo de um encarnado, que voluntariamente lhe empresta seu corpo, como emprestaria sua roupa. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, e durante o tempo em que o Espírito se acha em liberdade, como no estado de emancipação, e na maioria das vezes ele se conserva ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não pega o corpo emprestado, mas se apodera dele caso o titular não tenha **força moral para resisti-lo**. Faz isso por maldade contra este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo — seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, ele blasfema, insulta-o e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se a estranheza e a atos que apresentam todos os tipos da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero são numerosos, em diferentes graus de intensidade, e muitos casos de loucura não derivam de outra causa. Muitas vezes, há também desordens patológicas, que são apenas consequências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto persista a causa originária. Fazendo a Humanidade conhecer essa fonte de uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o meio de remediá-la: esse meio é atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.¹⁷⁶

49. A obsessão e a possessão são muitas vezes individuais; mas, não raro elas são epidêmicas. Quando um bando de Espíritos perversos se lança sobre uma localidade é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser considerável.¹⁷⁷

¹⁷⁶ Casos de cura de obsessões e de possessões: *Revista Espírita*, dezembro de 1863; janeiro de 1864; junho de 1864; janeiro de 1865; junho de 1865; fevereiro de 1868; junho de 1867 -- N. K.

¹⁷⁷ Foi uma epidemia desse gênero que há alguns anos atacou a aldeia de Morzine na Saboia. Veja o relato completo dessa epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863 -- N. K.

CAPÍTULO XV

OS MILAGRES DO EVANGELHO

- OBSERVAÇÕES PRELIMINARES
- SONHOS
- ESTRELA DOS MAGOS
- DUPLA VISTA
- CURAS
- POSSESSOS
- RESSURREIÇÕES
- JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA
- TRANSFIGURAÇÃO
- TEMPESTADE ACALMADA
- BODAS DE CANÁ
- MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES
- TENTAÇÃO DE JESUS
- PRODÍGIOS NA MORTE DE JESUS
- APARIÇÃO DE JESUS APÓS SUA MORTE
- DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. Os fatos relatados no Evangelho, e que até hoje têm sido considerados milagrosos, pertencem na maioria das vezes à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm como causa primária as capacidades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconheceremos sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros semelhantes, em todos os tempos e no meio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, pôde-se produzir os mesmos efeitos. É certo que, no que se refere a este ponto, podemos contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. Só o fato da reprodução de um fenômeno em condições idênticas basta para provar que ele é possível e está submetido a uma lei; portanto, não é miraculoso.

Como já vimos, o princípio dos fenômenos psíquicos se fundamenta nas propriedades do fluido perispiritual, que é o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida e após a morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no seu papel como força ativa da Natureza. Conhecendo estes elementos e comprovando os seus efeitos, como consequência, temos de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto lhes atribuíamos uma procedência sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo — natureza cujo exame não entra no quadro

desta obra —, considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo como um daqueles da ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, sua encarnação neste mundo há de ter sido uma dessas missões confiadas somente aos mensageiros diretos da Divindade, para o cumprimento de seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais do que um profeta, pois seria um Messias divino.

Como homem, ele tinha o organismo dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal — da qual ele não tinha as fraquezas. Sua superioridade em relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das qualidades do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e das qualidades do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada e sublime dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma não se achava presa ao corpo senão pelos laços rigorosamente indispensáveis; constantemente desprendida, ela certamente lhe dava uma *dupla vista*, não apenas permanente, como de penetração excepcional e muito superior àquela que vemos nos homens comuns. O mesmo ocorria nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, fortificada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Nas curas que operava, ele agia **como médium**? Poderíamos considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que os Espíritos desencarnados se servem. Ora, o Cristo não precisava de assistência; ele próprio era quem assistia os outros; agia por si mesmo, em virtude do sua potência pessoal, como em certos casos os encarnados podem fazer, na medida de suas forças. Além disso, que Espírito ousaria infundir nele os seus próprios pensamentos e lhe encarregar de transmiti-los? Se ele recebia alguma influência estranha, essa só poderia ser de Deus; segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

SONHOS

3. Diz o Evangelho que José foi avisado por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe aconselhou fugir para o Egito com o Menino Jesus (Mateus, 2:19 a 23).

Advertências por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos registrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal quando sabemos que é durante o sono que o Espírito — estando desprendido dos laços da matéria — penetra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que ele conheceu. Frequentemente é nessa ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar aos seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos de advertência via sonho são numerosos, entretanto, não se deve inferir daí que todos os sonhos são avisos, nem muito menos que tudo o que se vê em sonho tem uma significação. Devemos incluir entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, nº 27 e 28),

ESTRELA DOS MAGOS

4. Dizem que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus e que ela ia à frente deles para lhes indicar o caminho e que se deteve quando eles chegaram (Mateus, 2:1 a 12).

A questão não é saber se o fato que Mateus narra é real ou se não passa de uma figura de linguagem para indicar que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há meio algum de verificação; a questão é saber se um fato de tal

natureza é possível.

O que é certo é que naquela circunstância a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, podia-se crer que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e podiam cair sobre a Terra; mas não hoje, quando conhecemos a sua natureza.

Por não ter a causa a que lhe atribuem, o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela não deixa de ser possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em foco luminoso. Muitos fatos desse gênero — modernos e perfeitamente autênticos — não procedem de outra causa, e essa causa não tem nada de sobrenatural.

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo a eles: "Vão a essa aldeia que está à frente de vocês e, lá chegando, encontrarão uma jumenta amarrada e junto dela o seu jumentinho; desamarrem e os tragam aqui. Se alguém lhes disser qualquer coisa, respondam que o Senhor precisa deles e então os deixará trazer". Ora, tudo isso se deu, a fim de que aquela palavra do profeta se cumprisse: "Diga à filha de Sião: Eis o teu rei que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo." (Zacarias, 9:9-10)

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus havia lhes ordenado. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes, e o fizeram montar. (Mateus, 21:1-7)

Beijo de Judas

6. "Levantem-se, vamos, que aquele que há de me trair já está perto daqui!" Ainda não havia acabado de dizer essas palavras e eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o traía havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu beijar é aquele mesmo a quem vocês procuram; apoderem-se dele!". Logo mais, aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, eu te saúdo!"; e o beijou. Jesus lhe respondeu: "Meu amigo, o que você veio fazer aqui?" Ao mesmo tempo, todos os outros avançaram e se lançaram a Jesus e dele se apoderaram. (Mateus, 26:46 a 50)

Pesca milagrosa

7. Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, achando-se afligido pelo amontoado de gente que se apertava para ouvir a palavra de Deus, ele viu duas barcas atracadas à borda do lago, das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Ele entrou numa dessas barcas, que era a de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Tão logo acabou de falar, disse a Simão: "Avança para o mar e lança as tuas redes para pescar!" Simão lhe respondeu: "Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanharmos; contudo, porque está mandando, eu lançarei a rede." Tendo lançado a rede, apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompeu. Acenaram para seus companheiros que estavam na outra barca, para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram suas barcas de tal modo que faltou pouco para se afundarem. (Lucas, 5:1 a 7)

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; e disse a eles: "Sigam-

me e eu os farei pescadores de homens!" Prontamente eles deixaram suas redes e o seguiram.

Dai, continuando, ele viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, os quais estavam consertando suas redes; e os chamou. Naquela mesma hora eles deixaram as suas redes e o seu pai e o seguiram. (Mateus, 4:18 a 22).

Jesus saindo dali, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, a quem disse: "Segue-me!" E o homem logo se levantou e o seguiu. (Mateus, 4:9)

9. Estes fatos não apresentam nada de surpreendente desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa bem natural dessa faculdade. Jesus a possuía no grau supremo e podemos dizer que ela era o seu estado normal, conforme atesta um grande número de atos da sua vida, os quais explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não havia; ele viu, como poderia ter visto um lúcido desperto, com a vista da alma, o lugar onde os peixes estavam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.

A penetração do pensamento — e por conseguinte certas previsões — decorrem da vista espiritual. Quando Jesus chama consigo Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que conhecia suas disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que devia lhes confiar. E necessário se fazia que eles próprios tivessem intuição dessa missão para se entregarem a ele. O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e deu-se também quando predisse que Pedro o negaria.

Em várias passagens do Evangelho está dito: "Mas Jesus, conhecendo seus pensamentos deles, lhes diz..." Ora, como ele poderia conhecer pensamentos deles se não fosse pelas irradiações fluídicas que lhe transmitia esse pensamento e a vista espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Muitas vezes, quando supomos um pensamento profundamente escondido no recôndito da alma, não suspeitamos que trazemos conosco um espelho que reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica impregnada dele. Se enxergássemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações dos fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes — corporais e incorpóreos —, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos muito menos surpreendidos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, nº 22 e seguintes).

CURAS

Perda de sangue

10. Então uma mulher, enferma de uma hemorragia há doze anos — que havia sofrido muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus bens e não tendo conseguido nenhum alívio, mas sempre piorando —, tendo escutado falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e tocou a roupa dele, pois ela dizia: "Se eu conseguir ao menos tocar sua roupa, eu ficarei curada." No mesmo instante, a fonte da hemorragia cessou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

Então Jesus, *conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*, voltou-se no meio da multidão e disse: "Quem tocou minhas vestes?" Seus discípulos lhe disseram: "Vê que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?" Ele olhava em torno de si à procura daquela que o havia tocado.

Mas aquela mulher, que sabia o que se passava consigo, tomada de medo e pavor, lançou-se aos seus pés e lhe declarou toda a verdade. E Jesus disse a ela: "Minha filha, tua fé te salvou! Vá em paz e esteja curada da tua enfermidade." (Marcos, 5:25 a 34)

11. Estas palavras *“Conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele”* são significativas; elas expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para a mulher enferma; ambos experimentaram a ação que havia acabado de se produzir. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que aquela irradiação se dirigiu mais àquela mulher e não às outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado de uma multidão?

A razão disso é bem simples: o fluido — considerado como matéria terapêutica — tem que atingir a desordem orgânica a fim de repará-la; ele pode ser dirigido sobre a enfermidade pela vontade do curador ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança e, em suma, pela fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro faz o efeito de uma bomba emissora e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, uma só basta; foi o segundo caso que ocorreu na referida circunstância.

Eis a razão de Jesus dizer: "Tua fé te salvou". Compreendemos que a referida fé não é uma virtude mística, tal como muitas pessoas entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. Com isso, compreendemos que dois enfermos que sofrem da mesma doença, na presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, nº 31, 32 e 33)

Cego de Betsaida

12. Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse.

E tomando o cego pela mão, ele o levou para fora da aldeia; passou-lhe saliva nos olhos e, impondo as mãos sobre ele, perguntou-lhe se via alguma coisa. O homem, enxergando, disse: "Vejo homens andando que para mim se parecem com árvores." Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a enxergar melhor; por fim, ficou tão perfeitamente curado que via todas as coisas distintamente.

Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: "Vai para tua casa; e se entrar na aldeia, não diga a ninguém o que aconteceu contigo." (Marcos, 8:22 a 26)

13. Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e proporcional a uma ação prolongada e reiterada — se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação daquele homem foi exatamente a que os cegos experimentam ao recobrem a vista; por um efeito de ótica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

Paralítico

14. Tendo subido numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). E como lhe apresentaram um paralítico deitado em uma maca, Jesus, notando a fé do paralítico, disse a ele: "Meu filho, tenha confiança! Teus pecados estão perdoados!"

Com isso alguns escribas disseram entre si: "Este homem blasfema". Mas Jesus, *tendo percebido o que eles pensavam*, perguntou-lhes: "Por que vocês conservam maus pensamentos em seus corações? Pois, o que é mais fácil: dizer 'Teus pecados estão perdoados' ou dizer 'Levanta-te e anda'? Ora, para que saibam que o Filho do homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te! — disse então ao paralítico — Pegue a tua maca e vai para tua casa!"

O paralítico levantou-se imediatamente e foi para sua casa. E o povo, vendo aquele milagre, encheu-se de temor e rendeu graças a Deus por haver concedido tal poder aos homens (Mateus, 9:1 a 8).

15. Que significariam aquelas palavras *“Teus pecados estão perdoados”* e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje; ele ensina que, pela lei da pluralidade das existências, os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que sofremos na vida presente as

consequências das faltas que cometemos em existência anterior: as diversas existências são solidárias umas com as outras, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições.

Portanto, se a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele havia cometido, Jesus ao dizer-lhe: “Teus pecados estão perdoados” era como lhe dizer “Você pagou a tua dívida; a causa da tua enfermidade está cessada pela tua presente fé; conseqüentemente, você merece ficar livre da tua doença”. Daí o fato de ele haver dito aos escribas: “Tão fácil é dizer ‘Teus pecados estão perdoados’, como ‘Levanta-te e anda.’”; cessada a causa, o efeito tem que cessar. É exatamente o mesmo caso do prisioneiro a quem se declara: “Teu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizermos “Pode sair da prisão”.

Os dez leprosos

16. Um dia, indo para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, mantendo-se afastados, elevaram suas vozes dizendo: “Jesus, nosso Mestre, tem piedade de nós!” Logo que os percebeu, disse a eles: “Vão e se apresentem aos sacerdotes!” E enquanto iam lá, eles ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou aos passos, glorificando a Deus em altas vozes; e vindo se lançar aos pés Jesus, com o rosto em terra, rendendo-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: “Todos os dez não ficaram curados? Onde estão portanto os outros nove? Não se acha nenhum deles que tenha voltado e rendido glória a Deus, a não ser este estrangeiro.” E disse a esse: “Levante-se e vá; tua fé te salvou!” (Lucas, 17:11 a 19).

17. Os samaritanos eram cismáticos¹⁷⁸ — mais ou menos como os protestantes são em relação aos católicos — e desprezados pelos Judeus como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, Jesus dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e destacando que só o samaritano havia voltado para glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos¹⁷⁹. Acrescentando “Tua fé te salvou”, fez ver que Deus considera o que há no íntimo do coração e não na forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados; e isso era necessário para lição que ele queria dar, e provar a ingratidão deles; no entanto, quem sabe o que isso lhes terá resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes foi concedido? Ao dizer ao samaritano “Tua fé te salvou”, Jesus dá a entender que não havia ocorrido o mesmo aos outros.

Mão seca

18. Doutra vez Jesus entrou na sinagoga e ali encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se ele o curaria num dia de sábado, para terem um motivo de acusá-lo. Então, ele disse ao homem que tinha a mão seca: “Levante-se e se coloque ali no meio!” Depois, disse àqueles: “É permitido em dia de sábado fazer o bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la?” Eles permaneceram em silêncio. Ele, porém, encarando-os com indignação, afligido que estava com a dureza dos corações deles, disse ao homem: “Estende a tua mão!” Ele a estendeu e ela sarou.

Imediatamente os fariseus saíram e tramaram contra ele junto aos herodianos, sobre o meio de eliminá-lo. Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão de gente o seguia da Galileia e da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (Marcos, 3:1 a 8)

A mulher curvada

19. Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga. E um dia, ele viu ali uma mulher possuía de um Espírito que a deixava doente há dezoito anos; e ela era tão curvada que não

¹⁷⁸ **Cismático:** relativo à **cisma**, discórdia, separação (por exemplo, por questão de crenças). De fato, entre os judeus e os samaritanos havia uma extrema cisma — N. E.

¹⁷⁹ **Ortodoxo:** tradicional, rigoroso, intransigente em sua crença — N. E.

podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, você está livre da tua enfermidade!" Ao mesmo tempo, ele impôs as mãos sobre ela que, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

Mas, o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver curado num dia de sábado, disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho; venham nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado!"

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: "Hipócrita, qual de vocês não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? Por que então não se deveria libertar dos laços que a prendiam, em um dia de sábado, esta filha de Abraão, que Satanás conservara presa durante dezoito anos?"

A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas (Lucas, 13:10 a 17).

20. Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que, como ainda hoje, todos confundiam os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

O parálítico da piscina

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que em hebreu se chama *Betsaida*, a qual tinha cinco galerias — onde em grande número se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera que as águas fossem agitadas — pois, em certa época, o anjo do Senhor descia àquela piscina e lhe movimentava a água; e aquele que fosse o primeiro a entrar nela depois de a água ter sido movimentada ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Então havia lá um homem que se achava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo que ele era doente desde longo tempo, indagou-lhe: "Quer ficar curado?" O enfermo respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água tiver sido agitada, e durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim." Disse-lhe Jesus: "Levante-se, toma a tua maca e caminha!" No mesmo instante o homem ficou curado e, pegando a sua maca, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Então os judeus disseram àquele que foi curado: "Hoje é sábado; não te é permitido carregar a tua maca." Respondeu o homem: "Aquele que me curou disse: toma a tua maca e anda!" Perguntaram-lhe eles então: "Quem foi esse homem que te disse: toma o teu leito e anda?" Mas, nem mesmo o homem que se curou sabia quem o havia curado, porque Jesus havia se retirado do meio da multidão que lá estava.

Depois, Jesus encontrou aquele homem no templo e lhe disse: "Veja que foi curado; não torne a pecar no futuro, para que te não aconteça coisa pior!"

O homem foi ter com os judeus e disse a eles que foi Jesus quem o havia curado. Era por essa razão os judeus perseguiram a Jesus, porque ele fazia aquelas coisas em um dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: "Meu Pai não para de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente." (João, 5:1 a 17).

22. Entre os romanos, "piscina" (da palavra latina *piscis*, peixe) significava reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, o termo foi estendido aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betsaida em Jerusalém era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Sem dúvida, era uma fonte intermitente, que em certas épocas jorrava com força agitando a água. Segundo a crença comum, esse era o momento mais propício às curas; na realidade, no momento de sua saída, talvez a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou que a agitação produzida pela água jorrante fizesse remoer o lado salutar contra algumas moléstias. Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então, as ciências estavam pouco adiantadas e todos viam uma causa sobrenatural na maioria dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam a agitação daquela água à presença de um anjo e tanto mais fundadas lhes pareciam essas

crenças, quanto viam que naquelas ocasiões a água se mostrava mais curativa.

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse “Não volte a pecar no futuro, a fim de que não te aconteça coisa pior”. Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser punido de novo e ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente conforme à que o Espiritismo ensina.

23. Parecia que Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, a pretexto de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à guarda desse dia.¹⁸⁰ Queria mostrar a eles que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades, mas que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se declarando “Meu Pai não cessa de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente”; quer dizer: “Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza nos dias de sábado, e não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário à alimentação e à saúde de vocês; e eu sigo o mesmo exemplo”.

Cego de nascença

24. Quando Jesus passou, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe interrogaram: “Mestre, foi o pecado desse homem ou o daqueles que o puseram no mundo que deu causa a que ele nascesse cego?”

Jesus lhes respondeu: “Não é porque ele pecou, nem pelo pecado dos que o puseram no mundo; mas para que as obras do poder de Deus se evidenciem nele. É preciso que eu faça as obras d’Aquele que me enviou enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode agir. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo.”

Tendo dito isso, cuspiu no chão, e tendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego lhe dizendo: “Vai lavar-te na piscina de Siloé!” [que significa *Enviado*]. Ele foi lá, lavou-se e voltou vendo claramente.

Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: “Este não é aquele que estava assentado e pedia esmola?” Uns respondiam: “É ele”; outros diziam: “Não, é alguém que se parece com ele”. Porém, o homem lhes dizia: “Sou eu mesmo”. Perguntaram-lhe então: “Como seus olhos se abriram?” Ele respondeu: “Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo ‘Vai à piscina de Siloé e lava-te’. Fui, lavei-me e agora enxergo.” Retrucaram-lhe: “Onde está ele?” O homem respondeu: “Não sei.”

Levaram então aos fariseus aquele homem que era cego. Ora, foi num dia de sábado que Jesus havia feito aquela lama e lhe aberto os olhos.

Também os fariseus o interrogaram para saber como ele havia ganhado a visão. E ele lhes disse: “Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e enxergo.” Ao que alguns fariseus retrucaram: “Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado.” Outros, porém, diziam: “Como poderia um homem mau fazer tais prodígios?” E surgiu então desacordo entre eles.

Disseram de novo ao que era cego: “E tu, que diz desse homem que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “Digo que é um profeta.” Mas, os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e que tivesse ganhado a vista enquanto não fizeram vir o seu pai e a sua mãe para os interrogarem assim: “É este o filho de vocês, que dizem ter nascido cego? Como é que ele agora vê?” O pai e a mãe responderam: “Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; porém, não sabemos como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele já tem idade, que responda por si mesmo.”

Seu pai e sua mãe falavam desse modo, porque temiam os Judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que *qualquer um que reconhecesse a Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga*. Foi o que obrigou o pai e a mãe a responderem: “Ele já tem idade; interroguem-no”.

Chamaram pela segunda vez o homem que era cego e lhe disseram: “Glorifique a Deus; sabemos que esse homem é um pecador!” Ele lhes respondeu: “Se é um pecador, eu não sei; tudo o que sei é que eu era cego e agora vejo.” Tornaram a lhe perguntar: “O que ele te fez e como ele

¹⁸⁰ Para a lei judaica, o sétimo dia — sábado, ou *sabbath* — é o dia do descanso e recolhimento sagrado (porque, segundo os textos do Antigo Testamento, Deus descansou no sétimo dia da criação), sendo proibido qualquer tipo de trabalho, senão o mínimo para a subsistência e louvar a Deus – N. E.

abriu os teus olhos?" Respondeu o homem: "Já disse isso a vocês e bem me ouviram; por que querem ouvir uma segunda vez? Será que querem se tornar discípulos dele?" Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: "Seja você discípulo dele! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a este, não sabemos de onde saiu."

O homem lhes respondeu: "É de espantar que não saibam donde ele é, e nem que ele tenha aberto os meus olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores; mas sim àquele que o honra e faz a sua vontade; a esse, Deus exalta. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada de tudo o que tem feito."

Os fariseus lhe retrucaram: "Você não passa de um pecado desde o ventre de tua mãe, e quer ensinar a nós?" E o expulsaram. (João, 9:1 a 34)

25. Esta narrativa tão simples traz em si o cunho evidente da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem daquele cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o saber é suprido pelo bom senso, e que retrucam aos argumentos de seus adversários com bondade, por razões a que não faltam justiça, nem propósito. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação com a simples ideia de que um homem do povo possa lhes corrigir. Fora o título dos nomes, diríamos que o fato é do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os Espíritas — cuja doutrina é a do Cristo, interpretada de acordo com o progresso das luzes atuais — são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, eles os põem fora de a Igreja, como os escribas e os fariseus fizeram com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o havia curado seja um possesso do demônio e porque glorifica a Deus pela sua cura! Não é o mesmo o que fazem com os Espíritas? O que é que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas — tudo isso é obra do diabo e lança-se maldição. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, **que é melhor permanecer incrédulo do que resgatar a fé por meio do Espiritismo**? Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado a curar pelos Espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? De resto, diz-se que tudo hoje tem que se passar como foi no tempo do Cristo.

Essa pergunta dos discípulos "Foi algum pecado deste homem que causou ele *nascer* cego?" indica a intuição de uma existência anterior, pois do contrário, ela não teria sentido, pois o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, portanto, numa existência anterior. Se Jesus tivesse visto nisso uma ideia falsa, ele teria lhes dito "Como este homem poderia ter pecado antes de ter nascido?". Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego não por ter pecado, mas para que o poder de Deus se revelasse nele; isto é, que ele deveria ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, seria uma provação que deveria servir ao seu progresso, pois Deus, que é justo, não poderia lhe dar um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia conter nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de nela fosse impregnada; é assim que as mais insignificantes substâncias (por exemplo, a água) podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual elas servem de veículo, ou se quiserem, de reservatório.

Numerosas curas operadas por Jesus

26. Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as fraquezas e todas as enfermidades no meio do povo. E sua reputação tendo se espalhado por toda a Síria, traziam-lhe todos os que estavam doentes e afligidos por dores e

males diversos, os possessos, os lunáticos, os paráliticos, e ele curava a todos; e uma grande multidão de povo o seguia da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e de além Jordão (Mateus, 4:23 a 25).

27. De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, sem dúvidas que os mais numerosos são as curas; ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia adeptos mais numerosos e sinceros do que se apenas os encantasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se ficasse limitado a produzir fatos materiais surpreendentes — conforme os fariseus lhes pediam — a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que **os desocupados quisesses ver para se distraírem**.

Assim, quando João Batista manda seus discípulos lhe perguntar se ele era o Cristo, ele não respondeu “Eu sou o Cristo”, como qualquer impostor teria dito; tampouco ele lhes fala de prodígios e nem de coisas maravilhosas, mas responde simplesmente “Vão dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Era o mesmo que dizer “Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem a árvore pelo seu fruto”, pois era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. Também pelo bem que faz, o Espiritismo prova que a sua missão é providencial. Ele cura os males físicos, mas sobretudo cura as doenças morais e esses são os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus adeptos mais sinceros não são os que se sentem encantados pela observação de fenômenos extraordinários, mas aqueles que são tocados de coração pela consolação; aqueles que são libertos das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem levantou nas aflições, que depositaram a força na certeza no futuro que ele veio trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Esses são aqueles de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que enxergam no Espiritismo unicamente efeitos materiais não podem compreender sua força moral; daí vem que os incrédulos que apenas o conhecem através de fenômenos — dos quais eles não admitem a causa primária — consideram os Espíritos meros ilusionistas e charlatões. Pois não será por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a descrença, mas será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porque se os incrédulos não admitem os prodígios, eles conhecem — como todo o mundo — o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação. (cap. XIV, nº 30)

Possessos

29. Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, primeiramente entrando na sinagoga em um dia de sábado, os instruíra; e eles se admiravam da sua doutrina, porque ele os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou chorando: “Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Você veio para nos destruir? Sei quem é você: é o santo de Deus!” Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: “Cala-te e sai desse homem!” Então, o Espírito impuro saiu dele, agitando-se em violentas convulsões e soltando um forte grito.

Ficaram todos tão surpreendidos que se perguntavam uns aos outros: “O que é isto? E que nova doutrina é esta? Ele ordena com autoridade, até mesmo aos Espíritos impuros, e eles o obedecem!” (Marcos, 1:21 a 27).

30. Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou e o povo ficou tomado de admiração, e eles diziam: Jamais se viu coisa semelhante em Israel!

Mas os fariseus diziam, ao contrário: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios!” (Mateus, 9: 32 a 34)

31. Quando chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, ele viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. Logo, percebendo a chegada de Jesus, todo o povo foi tomado de espanto e de temor; então correram e o saudaram.

Ele então perguntou: "Sobre o que disputavam em assembleia?" E um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse-lhe: "Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo; em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, range os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam."

Jesus lhe respondeu: "Ó gente incrédula! Até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei?! Traga-me o menino!" Trouxeram-no e antes que visse Jesus, o Espírito começou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão, onde rolou espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: "Desde quando isto acontece com ele?" O pai respondeu: "Desde a infância. E o Espírito muitas vezes o tem lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; mas se puder fazer alguma coisa, tenha compaixão de nós e nos socorra!"

Respondeu-lhe Jesus: "Se puder crer, tudo é possível àquele que crê!" Logo, o pai do menino, banhado em lágrimas, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade."

E vendo que o povo acorria em multidão, Jesus falou em tom de ameaça ao Espírito impuro, dizendo-lhe: "Espírito surdo e mudo: eu te ordeno que saia desse menino e não entre mais nele!" Então o Espírito saiu, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, e o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam que ele havia morrido. Mas, tendo Jesus tomado as mãos do menino e erguendo-o, ele se levantou.

Quando Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: "Por que nós não pudemos expulsar aquele demônio?" Ele lhes respondeu: "Os demônios desta espécie não podem ser expulsos por outro meio senão pela prece e pelo jejum." (Marcos, 9:13 a 28)

32. Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que começou a falar e a ver. Todo o povo ficou tomado de admiração e dizia: "Não é esse o filho de Davi?"

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: "Este homem não expulsa os demônios se não for com a ajuda de Belzebu, o príncipe dos demônios!"

Ora, conhecendo os pensamentos deles, Jesus lhes disse: "Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode sobreviver. Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como então o seu reino poderá sobreviver? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem seus filhos os expulsarão? Por isso, eles serão os seus próprios juizes. Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vocês." (Mateus, 12:22 a 28)

33. As libertações de possessos, como as curas, estão entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há alguns — como os narrados acima, no nº 30 — em que a possessão não é evidente. Provavelmente naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa não era conhecida — principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros em que não duvidamos da ação dos maus Espíritos, casos esses dos quais somos testemunhas de uma evidente semelhança, nos quais reconhecemos todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta nesse caso ressalta de um fato material, que são as múltiplas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas pela evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização ou medicamentos, e muitas vezes na ausência do paciente e distante deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos — chamados então demônios — que lhe bastava ordenar que se retirassem porque eles não podiam resistir a essa imposição. (Cap. XIV, nº 46)

34. O fato de alguns maus Espíritos serem enviados a corpos de porcos é contrário a qualquer probabilidade. Um Espírito mau não deixa de ser um Espírito humano, embora seja tão imperfeito que ainda faça o mal depois da morte, assim como o fazia anteriormente, e é contra as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal; logo, isso deve ser visto como um dos exageros de um fato real, tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. Parece que os obsidiados e os possessos eram muito numerosos na Judeia no tempo de Jesus, o que deu a oportunidade de ele curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, nº 49)

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que por um conhecimento aprofundado do Espiritismo facilmente se reconhece; frequentemente essas obsessões podem trazer consequências danosas à saúde — seja agravando infecções orgânicas, seja gerando-as. Um dia, incontestavelmente elas virão a ser incluídas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios especiais de tratamento. Revelando a causa do mal, o Espiritismo inaugura novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito para o que até hoje ela quase sempre fracassou, por falta de atacar a causa essencial do mal (**O Livro dos Médiuns**, 2ª Parte, cap. XXIII).

36. Jesus era acusado pelos fariseus de expulsava os demônios pelos demônios; segundo eles, até o bem que Jesus fazia era obra de Satanás, sem refletir que Satanás expulsando a si mesmo praticaria um ato de insensatez. Essa ainda é a doutrina que a Igreja procura fazer prevalecer hoje contra as manifestações espíritas.¹⁸¹

RESSURREIÇÕES

A filha de Jairo

37. Tendo Jesus passado novamente de barca para a outra margem, quando estava perto do mar, uma grande multidão o cercou. Então um chefe de sinagoga chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, lançou-se aos pés a suplicar com grande insistência, dizendo: "Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para curá-la e lhe salvar a vida."

Jesus foi com ele até lá, acompanhado de grande multidão que o comprimia.

Enquanto Jairo ainda falava, vieram pessoas do chefe da sinagoga e lhe disseram: "Tua filha está morta; por que deseja dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?" Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: "Não tenha medo, apenas creia!" E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando à casa do chefe da sinagoga, ele viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos; e entrando, disse a eles: "Por que fazem tanto alarido e por que choram? *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.*" E zombavam dele. Tendo feito que todos saíssem, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. Ele a pegou pela mão e disse a ela: "*Talitha cumi!*" — isto é: "Minha filha, levanta-te, eu te ordeno que levante!" No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar; pois tinha doze anos, e todos ficaram maravilhosamente espantados (Marcos, 5:21 a 43).

O filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte, Jesus se dirigiu para uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu

¹⁸¹ Todos os teólogos estão longe de professar opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma, de um eclesiástico da qual o clero não poderá contestar o valor. Encontramos a passagem seguinte nas **Conferências sobre a religião**, do Monsenhor Freysson, bispo de Hermópolis, tomo II, pág. 341, Paris, 1825:

"Se Jesus operasse seus milagres pela virtude do demônio, então o demônio teria trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude, seria um estranho demônio.* Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: 'Se eu realizo prodígios em nome do demônio, o demônio está então dividido consigo mesmo; portanto, procura se destruir a si próprio'; resposta que não admite réplica."

É exatamente o argumento que os Espíritos opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos Espíritos. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas -- N. E.

que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe, e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. Vendo-a, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: "Não chore!" Depois, aproximando-se, tocou o caixão e aqueles que o conduziam pararam. Então ele disse: "Jovem, levanta-te, eu o ordeno!" Imediatamente o moço levantou-se de sua maca e começou a falar; e Jesus o devolveu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus dizendo: "Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo!" O rumor desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões circunvizinhas. (Lucas, 7:11-17)

39. O fato de um indivíduo que se achasse realmente morto voltar à vida corporal seria contrário às leis da natureza e, portanto, miraculoso. Ora, não há necessidade de nos recorrermos a essa ordem de fatos para explicarmos as ressurreições realizadas pelo Cristo.

Mesmo na atualidade, se as aparências às vezes enganam os profissionais, os acidentes daquela natureza deveriam ser bem mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato.¹⁸² Com isso, havia toda a probabilidade que nos dois casos acima apenas tivesse acontecido síncope¹⁸³ ou letargia¹⁸⁴. Com relação à filha de Jairo, o próprio Jesus declara positivamente: ***Esta menina não está morta, está apenas adormecida.***

Dado a potência fluídica que Jesus possuía, não há nada de espantoso em que esse fluido vivificante — dirigido por uma forte vontade — tenha reanimado os sentidos em torpor; que tenha mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritual ainda não havia se rompido definitivamente. Para os homens daquela época — que consideravam como morto o indivíduo desde que não respire mais — havia aí ressurreição, e eles o poderiam afirmar de boa fé; mas, na realidade, ali havia uma *cura* e não ressurreição no legítimo significado do termo.

40. Digam o que disserem, a ressurreição de Lázaro de nenhum modo anula este princípio. Dizem que ele estava há quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal — o que seria sinal de decomposição. Esta alegação também não prova nada, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte, e que eles exalam um odor de decadência. A morte só se verifica quando os órgãos essenciais à vida são atacados.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como ela sabia disso? Porque Lázaro tinha sido enterrado há quatro dias, ela assim pôde supor, entretanto, não podia ter certeza. (Cap. XIV, nº 29)¹⁸⁵

JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

41. Logo, Jesus fez que seus discípulos tomassem a barca e passassem para a outra margem antes dele, enquanto ele despedia o povo. Depois de ter despedido a multidão, ele subiu um monte para

¹⁸² Uma prova desse costume se encontra nos **Atos dos Apóstolos**, 5:5 e seguintes.

"Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito; e todos os que ouviram falar disso foram tomados de grande temor. Logo, alguns rapazes vieram buscar o seu corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Passadas umas três horas, entrou sua mulher (Safira) — que nada sabia do que havia se passado — e Pedro lhe disse (...). No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, encontraram a mulher morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido." -- N. K.

¹⁸³ **Síncope:** perda dos sentidos devido deficiência de irrigação sanguínea no cérebro -- N. E.

¹⁸⁴ **Letargia:** estado de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo, do qual a pessoa pode ser despertada, mas ao qual retorna logo a seguir -- N. E.

¹⁸⁵ O fato seguinte prova que a decomposição algumas vezes antecede a morte. No Convento do Bom Pastor — fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decadas arrependidas — encontrava-se uma moça que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores, ela parecia sorrir para uma visão celestial; como Santa Teresa, ela pedia para sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a decomposição a lhe devastar todos os membros; por sábia previdência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo dela, logo após o trespasse. Coisa estranha! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadavéricas, de modo que por trinta e seis horas ela pôde ficar exposta às preces e à veneração da comunidade -- N. K.

orar sozinho; e tendo caído a noite, ficou sozinho naquele lugar.

Enquanto a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, porque o vento estava ao contrário. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles, caminhando por sobre o mar.¹⁸⁶ Quando eles o viram andando sobre o mar, ficaram perturbados e diziam: "É um fantasma" e se puseram a gritar de pavor. Jesus então lhes falou: "Tranquilizem-se! Sou eu, não tenham medo!"

Pedro lhe respondeu: "Senhor, for o senhor mesmo, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas." Jesus lhe disse: "Venha!" e Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, veio um grande vento e ele teve medo; e começando a submergir, ele gritou: "Senhor, salva-me!" Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, pegou-o e disse: "Homem de pouca fé, por que duvidou?" E, tendo subido para a barca, o vento cessou. Então os que estavam na barca se aproximando dele e o adoraram dizendo: "Você é verdadeiramente filho de Deus!" (Mateus, 14:22 a 33)

42. Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, nº 43.

Exemplos semelhantes provam que ele nada tem de impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da Natureza. Ele pode ser operado de duas maneiras:

Jesus, enquanto vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, estando o seu corpo físico em outro lugar; é a hipótese mais provável. E podemos até reconhecer na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis (Cap. XIV, nº 35 a 37).

De outro modo, seu corpo poderia ter sido sustentado e a sua gravidade ser neutralizada pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

43. Seis dias depois, tendo chamado em particular a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado,¹⁸⁷ e se transfigurou diante deles. E enquanto ele orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram todas radiantes de luz e brancas como a neve, de maneira que não há alvejante na Terra que possa fazer algo tão branco. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: "Mestre, estamos bem aqui; vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e mais uma para Elias." É que ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz dizendo estas palavras: "Este é meu Filho bem-amado; ouçam o que ele diz!"

Logo, olhando para todos os lados, eles não viram mais ninguém além de Jesus, que ficou a sós com eles.

Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém sobre o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o que ele teria querido dizer com estas palavras: "Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos". (Marcos, 9:1 a 9)

44. É também nas propriedades do fluido perispiritual que encontramos a explicação deste fenômeno. A transfiguração (explicada no cap. XIV, nº 39) é um fato bastante comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, entra inteiramente na conta de todos os fenômenos do mesmo gênero (Cap. XIV, nº 35 e seguintes).

De todas as aptidões que se revelaram em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não se encontre no meio comum dos homens, porque estão na

¹⁸⁶ O lago de Genesaré ou de Tiberíades -- N. K.

¹⁸⁷ O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 km do sudeste de Nazaré, cerca de mil metros de altura -- N. K.

natureza; entretanto, pela superioridade da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas capacidades alcançaram nele proporções muito acima daquelas comuns. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos mostrava o estado dos Espíritos puros.

TEMPESTADE ACALMADA

45. Certo dia, tendo tomado um barco com seus discípulos, Jesus disse a eles: "Vamos à outra margem do lago." Então eles partiram, e durante a travessia ele adormeceu. Nisso, um grande turbilhão de vento veio de súbito precipitar-se sobre o lago, de maneira que a barca encheu-se d'água e eles estavam em perigo. Então se aproximaram de Jesus e o despertaram dizendo-lhe: "Mestre, estamos morrendo!" Levantando-se, Jesus falou com a ameaça aos ventos e às ondas agitadas e eles se acalmaram, e se fez uma grande calma. Ele então lhes disse: "Onde está a fé de vocês?" Eles, porém, repletos de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: "Quem é este que assim dá ordens ao vento e às ondas e eles lhe obedecem?" (Lucas, 8:22 a 25)

46. Ainda não conhecemos os segredos da Natureza o bastante para dizer se há ou não inteligências ocultas que presidam a ação dos elementos. Nessa hipótese, o fenômeno em questão poderia ter o resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode ser explicada pelo fato de que seu Espírito *via* não haver perigo nenhum ali e que a tempestade ia cessar.

BODAS DE CANÁ

47. Este milagre — mencionado unicamente no Evangelho de S. João — é indicado como sendo o primeiro que Jesus operou, e por isso deveria ter sido muito mais notável; entretanto, parece que ele produziu bem pouca sensação, pois que nenhum outro evangelista trata dele. Um fato assim tão extraordinário deveria surpreender no mais alto grau aos convidados, e sobretudo o dono da casa, os quais parecem que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, o fato tem pouca importância em comparação com os que verdadeiramente atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas tenham ocorrido conforme foram narradas, é admirável que seja esse o único fenômeno de tal gênero que ele tenha produzido; Jesus era de natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então o teria nivelado a um mágico; ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que aquelas que poderiam passar por truques mágicos e não tocariam o coração. (nº 27)

Se bem que, a rigor, o fato possa ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica que — tal como o magnetismo oferece muitos exemplos deles — tivesse modificado as propriedades da água dando-lhe o sabor do vinho, essa hipótese é pouco provável, dado que em tal caso a água tivesse conservado a sua cor, tendo do vinho apenas o sabor — o que não deixaria de ser notável. É mais racional observarmos aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como aquela do filho pródigo, a do festim de bodas e tantas outras. Ele, durante o jantar, teria feito menção ao vinho e à água, de onde tiraria um ensinamento. O que justificam esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a esse respeito: "Todo mundo serve em primeiro lugar o vinho bom, e depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste o bom vinho até essa hora".

MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que tem alimentado às zombarias dos descrentes. Sem se darem ao trabalho de lhe examinar o sentido alegórico, estes últimos não têm visto nisso mais do que um conto infantil; contudo, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato — embora sob uma forma diferente da maneira comum — uma parábola, comparando o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Todavia, podemos perceber nela mais do que uma alegoria e, de certo ponto de vista, admitir a realidade de um fato material — sem para isso recorrer ao prodígio. Sabemos que uma grande preocupação do espírito, estando a atenção presa a uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram pessoas ávidas por ouvi-lo: pois, nada há de espantar que, fascinadas pela sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre aqueles, as pessoas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Jesus, que previu esse resultado, então pôde tranquilizar os seus discípulos dizendo a eles, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes pães bastariam para saciar a multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, dizendo: “Deem vocês mesmos de comer a eles”; ensinava-lhes assim que também eles poderiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, ao lado do sentido moral alegórico, pôde-se produzir um efeito fisiológico natural e bem conhecido. O prodígio, nesse caso, está na superioridade da palavra de Jesus, poderosa o bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a elevação de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, é confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes.

O fermento dos fariseus

49. Ora, seus discípulos tinham passado para o outro lado do mar, tendo se esquecido de levar pães. Jesus lhes disse: “Cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus!” Eles, porém, pensavam e diziam entre si: “É porque não trouxemos pães”.

Pelo que Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: “Homens de pouca fé, por que estão cogitando entre si a respeito de não terem trazido pães? Ainda não compreendem e não se lembram de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quantos lhes sobraram na cesta? E que sete pães foram suficientes para quatro mil homens, e quantos pães lhes sobraram no cesto? Como ainda não compreendem que não é do pão de que eu lhes falava, quando lhes disse para se guardarem do fermento dos fariseus e saduceus?”

Eles então compreenderam que Jesus não estava falando para se preservarem do fermento que se põe no pão, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, 16:5 a 12)

O pão do céu

50. No dia seguinte, o povo — que havia permanecido do outro lado do mar — notou que lá não havia chegado outra barca e que Jesus não havia entrado na de seus discípulos, e que os discípulos haviam partido a sós; e como havia chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães; e como verificassem finalmente que Jesus não estava lá, nem tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum em busca de Jesus. E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: “Mestre, quando vieste para cá?”

Jesus lhes respondeu: “Na verdade, na verdade digo a vocês que me procuram, não por causa dos milagres que viram, mas por que eu lhes dei pão de comer e ficaram saciados. Trabalhem por ter, não o alimento que perece, mas aquele que dura para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter.”

Eles lhe perguntaram: “Que devemos fazer para produzir as obras de Deus?” Respondeu-

lhes Jesus: "A obra de Deus é que creiam naquele que ele enviou."

Perguntaram-lhe então: "Que milagre então fará para nos fazer acreditar em ti? Que fará de extraordinário? Nossos pais comeram o maná¹⁸⁸ no deserto, conforme está escrito: 'Ele lhes deu de comer o pão do céu.'"

Jesus lhes respondeu: "Na verdade, digo a vocês que Moisés não lhes deu o pão do céu; mas meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu, porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo."

Então eles disseram: "Senhor, dá-nos sempre desse pão!"

Jesus lhes respondeu: "***Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá mais sede!*** Mas, eu já lhes disse: vocês me têm visto e não creem. Na verdade, na verdade eu digo a vocês: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Seus pais comeram o maná do deserto e morreram. Mas aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que comer deste pão não morra." (João, 6:22-36 e 47-50)

51. Na primeira passagem, lembrando o efeito produzido anteriormente, Jesus dá claramente a entender que não se tratava de pães materiais, pois, de outro modo, a comparação estabelecida por ele com o fermento dos fariseus ficaria sem sentido: "***Ainda não compreendem*** — diz ele — e não se recordam de que cinco pães foram o suficiente para cinco mil pessoas e que sete pães foram o bastante para quatro mil pessoas? Como não compreenderam que não era de pão que eu lhes falava, quando dizia para se preservarem do fermento dos fariseus?" Essa comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato em si mesmo foi bastante extraordinário para ter impressionado a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

É também o que ressalta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual ele se empenha em fazer que se compreendesse o verdadeiro sentido do alimento espiritual. Diz ele: "Trabalhem, não para conseguir o alimento que perece, mas por aquele que se conserva para a vida eterna e que o Filho do homem lhes dará". Esse alimento é a sua palavra, que é o pão descido do céu e dá vida ao mundo. Ele declara: "Eu sou o pão da vida; ***aquele que vem a mim não terá fome*** e aquele que em mim crê nunca terá sede".

Mas, tais distinções eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que somente compreendiam as coisas materiais. Para eles, o maná que nutriu o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Portanto, se o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como ele teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, a benefício dos quais essa multiplicação se operara poucos dias antes, ao ponto de perguntarem a Jesus: "Que milagre fará para que, vendo-o, possamos acreditar em ti? O que fará de extraordinário?" É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais no céu se operassem por comandos, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não se afastava das leis da Natureza; as próprias curas não revelavam caráter muito singular, nem muito extraordinário; os milagres espirituais não tinham muito significado para eles.

TENTAÇÃO DE JESUS

52. Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cume de uma montanha e por ele tentado é uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a crença pública transformou em fatos materiais.¹⁸⁹

53. Jesus não foi arrebatado, mas apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade está sujeita a falir e que deve estar sempre em guarda contra as más inspirações às

¹⁸⁸ **Maná:** o livro bíblico Êxodo descreve o maná como sendo um alimento que caiu milagrosamente do céu, pela graça de Deus, para alimentar o povo israelita que, liderado por Moisés, atravessava o deserto em direção à terra prometida, depois da fuga do Egito — N. E.

¹⁸⁹ A explicação que se segue é tirada textualmente de um ensino que um Espírito deu a esse respeito -- N. K.

quais sua natureza fraca é tentada a ceder. Portanto, a tentação de Jesus é uma simbologia e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderiam que o Messias — o Verbo de Deus encarnado — tenha estado submetido às sugestões do demônio por algum tempo, por muito curto que seja, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado *por algum tempo*, o que daria a supor que ele ainda continue submetido ao seu poder? Não; compreendam melhor os ensinamentos que lhes foram dados. O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo; certamente, tal fato teria sido daqueles que se espalha por todos os povos. Logo, a tentação não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiriam que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder "Adore-me e te darei todos os reinos da Terra"?. O demônio desconheceria então aquele a quem fazia tais propostas; o que não é provável; se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele bem sabia que seria repellido por aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.

Enfim, compreendam o sentido dessa parábola, que outra coisa aí não há, do mesmo modo que nos casos do **Filho pródigo** e do **Bom Samaritano**. Aquela mostra os perigos que os homens correm se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar: "Você pode ser mais do que é; pode possuir mais do que possui; pode se engrandecer, adquirir muito; ceda à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos". Ela lhes mostra o perigo e o meio de evitar essa tentação, dizendo às más inspirações: **Retira-te, Satanás!**, ou, por outras palavras: **Vá embora, tentação!**

As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, tenha cedido às suas tentações. Mostram a misericórdia do pai de família estendendo a sua mão sobre a frente do filho arrependido e, com amor, concedendo-lhe o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repellido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, por ele praticar as virtudes ensinadas pela lei de amor.

Pesem bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saibam distinguir o que está em sentido próprio ou em sentido figurado, e os erros que lhes tem cegado durante séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à brilhante luz da Verdade. (Bordeaux, 1862. **João, Evangelista**)

PRODÍGIOS NA MORTE DE JESUS

54. Ora, desde a sexta hora do dia até à nona, toda a Terra foi coberta de trevas.

Ao mesmo tempo o véu do Templo se rasgou em dois, de cima a baixo; a terra tremeu; as pedras se racharam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos que estavam no sono da morte ressuscitaram; e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (Mateus, 27:45, 51 a 53)

55. É estranho que tais prodígios, operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que tenham podido passar despercebidos um tremor de terra e o fato de *toda a Terra* ficar envolvida em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez.

A duração dessa obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que notamos na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Admitido que um fenômeno desse gênero tivesse ocorrido a essa época, ele teria tido uma causa perfeitamente natural.¹⁹⁰

¹⁹⁰ Há constantemente na superfície do Sol manchas físicas que acompanham o seu movimento de rotação e têm servido para determinar a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição da luz e do calor. Esse aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que determina o seu reaparecimento periódico. A duração desse obscurecimento é muito variável; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses — N. K.

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente *algumas pessoas* tiveram visões ou viram aparições — o que não é algo excepcional; todavia, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que os indivíduos aparecidos saíam dos sepulcros.

Sensibilizados com a morte de seu mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida vincularam a essa morte alguns fatos particulares, aos quais não tiveram prestado nenhuma atenção noutra ocasião. Bastaria que um fragmento de rochedo tivesse se destacado naquele momento para que pessoas predispostas ao maravilhoso vissem nesse fato um prodígio, e que, ampliando o fato, dissessem que as pedras se racharam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco esclarecido entendeu dever cercá-lo.

APARIÇÃO DE JESUS APÓS SUA MORTE

56. Mas Maria (Madalena) ficou do lado de fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, ela viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde havia ficado o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés. Eles disseram a ela: "Mulher, por que está chorando?" Ela respondeu: "É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram."

Tendo dito isto, ela voltou-se e viu a Jesus de pé, *sem saber, entretanto que fosse Jesus*. Então Jesus lhe disse: "Mulher, por que está chorando? A quem procura?" Ela, pensando que fosse o jardineiro, responde: "Senhor, se foi você quem o tirou, diga-me onde o colocou e eu o levarei!"

Disse-lhe Jesus: "Maria". Logo ela se voltou e lhe disse: "**Rabboni!**" — isto é: "Meu Senhor". Jesus lhe respondeu: "Não me toque, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e digam a eles meu recado: Subo a meu Pai e seu Pai, a meu Deus e seu Deus."

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que havia visto o Senhor e que este lhe disse aquelas coisas. (João, 20:14 a 18)

57. Naquele mesmo dia, dois deles iam para uma cidade chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, falando entre si de tudo o que se passara. E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, o próprio Jesus veio se juntar a eles, e se pôs a caminhar com eles; **seus olhos, porém, estavam cobertos, a fim de que não pudessem reconhecê-lo**. E ele lhes disse: "De que vinham falando enquanto caminhavam, e por que estão tão tristes?"

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra lhe disse: "Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aconteceu lá estes últimos dias?". "E o que foi?" — perguntou ele. Responderam-lhe: "A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de todo o povo; e acerca do modo como os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem resgatasse a Israel, e no entanto, apesar de tudo isso, já é o terceiro dia depois que tais coisas aconteceram. É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos surpreenderam, pois, tendo ido ao seu sepulcro antes do romper do dia, e não tendo encontrado lá o corpo dele, vieram nos dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo a elas que ele está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam contado; e quanto a ele, eles não o encontraram."

Disse-lhes então Jesus: "Ó insensatos, cujo coração está atrasado a crer em tudo aquilo que os profetas têm dito! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que assim entrasse na glória? E começando por Moisés, passando em seguida por todos os profetas, ele lhes explicava o que em todas as Escrituras havia dito dele!"

Ao aproximarem-se da cidade para onde eles iam, ele fez parecer que ia mais longe. Porém eles o forçaram a deter-se, dizendo-lhe: "Fique conosco, que já é tarde e o dia está em declínio."; e ele foi com os dois. Estando com eles à mesa, ele pegou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu. *No mesmo instante os olhos deles se abriram e o reconheceram; ele, porém, desapareceu diante das vistas deles.*

Então, disseram um ao outro: "Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" E, erguendo-se na mesma hora, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles

estavam reunidos, e diziam: "O Senhor realmente está ressuscitado e *apareceu* a Simão." Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim confabulavam, *Jesus se apresentou no meio deles* e lhes disse: "A paz seja com vocês! Sou eu, não se assustem!" Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo um *Espírito*.

E Jesus lhes disse: "Por que estão perturbados? E Por que tantos pensamentos se elevam nos seus corações? Olhem para as minhas mãos e para os meus pés e reconheçam que sou eu mesmo. Toquem-me e considerem que um Espírito não tem carne, nem osso, como podem ver que eu tenho." Após dizer isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: "Vocês têm aqui alguma coisa de comer?" Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e, tomando os restos, deu-lhes, dizendo: "Eis o que eu lhes disse, estando ainda com vocês; que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos."

Ao mesmo tempo abriu o espírito deles, a fim de que eles entendessem as Escrituras, e lhes disse: "É assim que está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, vocês são testemunhas dessas coisas. E eu vou enviá-los o dom de meu Pai, que lhes foi prometido; mas, por enquanto, permaneçam na cidade até que vocês sejam revestidos da força do Alto." (Lucas, 24:13 a 49)

58. Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não se achava com eles quando Jesus apareceu. Os outros discípulos então lhe disseram: "Nós vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão no rasgão do seu lado, eu não acreditarei!"

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar, e com eles Tomé, Jesus veio, *achando-se fechadas as portas*, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: "A paz esteja com vocês!"

Disse em seguida a Tomé: "Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado, e não seja incrédulo, mas fiel!" Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: "Você acreditou, Tomé, porque viu; felizes aqueles que creram sem ter visto!" (João, 20:20 a 29)

59. Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, mostrando-se desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. Simão Pedro lhe disse: "Vou pescar." Os outros disseram: "Nós também vamos contigo." Então foram e entraram numa barca; mas nada apanharam naquela noite.

Ao amanhecer, *Jesus apareceu sobre a margem, sem que seus discípulos reconhecessem que era ele*. Jesus então lhes disse: "Filhos, vocês não têm nada para comer?" Responderam-lhe: "Não." Ele replicou: "Lancem a rede do lado direito da barca e acharão!" Eles logo a lançaram e quase não puderam retirá-la, tão carregada estava de peixes.

Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!" E Simão Pedro, ao descobrir que era o Senhor, vestiu-se (pois que estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da praia mais de duzentos côvados, eles daí puxaram a rede cheia de peixes. (João, 21:1 a 8)

60. Depois disso, ele os levou até Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os abençoou, e os bendizendo, *separou-se deles e foi arrebatado ao céu*.

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém cheios de alegria; e estavam constantemente no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, 24:50 a 53)

61. As aparições de Jesus após sua morte são reportadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não nos permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anormal diante dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história antiga e contemporânea oferece

numerosos exemplos, sem fazer exceção da tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, reconheceremos nele, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico. Ele aparece instantaneamente e do mesmo modo desaparece; ele é visto por uns e por outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer pelos seus discípulos; ele se mostra em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; até sua linguagem carece da vivacidade daquela de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso — peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; em resumo, todas as suas atitudes demonstram alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e pavor; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é o homem.

Portanto, Jesus se mostrou com o seu corpo perispiritual — o que explica que só tenha sido visto por aqueles que ele quis que o vissem; se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que provavelmente não davam atenção; desde que viram o Senhor e o tocavam, aqui para eles deveria ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nº 14 e 35 a 38)

62. Do mesmo modo que a descrença rejeita todos os fatos produzidos por Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e os considera — sem exceção — lendários, o Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova a possibilidade deles, não somente pela teoria das leis fluídicas, como pela sua identidade com fatos semelhantes produzidos por uma imensidade de pessoas nas mais comuns condições. Por tais fatos serem de certo modo do domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.¹⁹¹

63. O maior milagre que Jesus operou, aquele que verdadeiramente atesta a sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da simplicidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um pequeno povo, ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, não pregou mais do que três anos; durante esse curto espaço de tempo, ele é desacreditado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, acusado de impostor; ele é obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o protegeu da malevolência, que voltou contra ele os próprios serviços que ele prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, ele morre ignorado pelo mundo, visto que a história daquela época silenciou-se a seu respeito¹⁹². Ele nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso, e ele se tornou o facho da civilização. Tinha contra si tudo aquilo que causa o insucesso dos homens, razão por que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que prova sua divina missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele tivesse oferecido à posteridade apenas alguns fatos maravilhosos, talvez hoje nós mal conheceríamos o seu nome.

¹⁹¹ Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na *Revista Espírita* e lembrados nas observações acima, oferecem, até nas circunstâncias dos detalhes, uma similaridade tão flagrante com aqueles que o Evangelho narra, que a semelhança dos efeitos e das causas permanece evidente. Pergunta-se então por que o mesmo fato teria hoje uma causa natural e sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação se tornaria mais fácil; porém, o número deles e os desenvolvimentos que a maior parte necessita não o permitem -- N. K.

¹⁹² O historiador judeu **Flávio Josefo**, é o único que fala dele, e diz muita pouca coisa — A. K.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros supunham uma remoção clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; ele não teria sido em toda a sua vida mais do que uma aparição tangível, ou numa palavra, uma espécie de agêneres. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que — como dizem — seu corpo teria voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e com esse mesmo corpo é que ele teria se mostrado depois de sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, desde que hoje se conhece as propriedades dos fluidos; mas, pelo menos, seria um fato inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, nº 36). Trata-se, portanto, de sabermos se tal hipótese é admissível, se está conforme ou em contradição com os fatos.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa dentro das condições normais da vida.¹⁹³ Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela as qualidades inconfundíveis da natureza corpórea. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anormais, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão em graus diferentes noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é absolutamente evidente, que não se pode confundi-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização nele se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, o funcionamento deles cessa e acontece a morte, isto é, a morte do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não se sustenta no jogo de órgãos especiais, e não se podem produzir desordens iguais àquelas; um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como num vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Tal a razão por que os corpos desse tipo *não podem morrer* e por que os seres fluídicos designados pelo nome de *agêneres* não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; ele foi sepultado igual aos corpos comuns, e qualquer pôde vê-lo e tocá-lo. Após sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de uma natureza diferente da daquele que pereceu na cruz; pelo que devemos concluir que, se Jesus pôde morrer, é que ele tinha um corpo carnal.

Por virtude dessas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo quem sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não tem corpo carnal não pode experimentar os sofrimentos — que são o resultado da alteração da matéria; donde também é preciso concluir que se Jesus sofreu materialmente — do que não podemos duvidar — é que ele tinha um corpo material de uma natureza igual a de todo o mundo.

66. Aos fatos materiais juntamos considerações morais fortíssimas.

¹⁹³ Não estamos falando do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui, e que será examinado adiante – N. K.

Se Jesus tivesse estado durante a sua vida nas condições de seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem qualquer uma das necessidades do corpo; supor que assim tenha sido é tirar dele todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse somente aparente, todos os atos de sua vida — a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até o último brado, no momento de entregar o Espírito — não teria passado de vã simulação para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida — uma comédia indigna de qualquer homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior; numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas dessa tese, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus então, como qualquer pessoa, teve um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram a sua vida.

67. O que aconteceu com o corpo carnal? Este é um problema cuja solução, até nova ordem, não se pode deduzir senão por hipóteses, por falta de elementos suficientes para estabelecer uma convicção. Esta solução, aliás, é de uma importância secundária, e não acrescentaria nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de uma maneira muito concreta, sua superioridade e sua divina missão.

Portanto, Acerca da maneira como esse desaparecimento ocorreu, não há nada mais do que opiniões pessoais, que não teriam qualquer valor até que fossem sancionadas por uma lógica rigorosa, e pelo ensino geral dos Espíritos; ora, até o presente, nenhuma dessas teorias formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

Se os Espíritos ainda não puderam resolver a questão pela unanimidade de seus ensinamentos, é que certamente o momento da resolução ainda não chegou, ou porque ainda nos falta conhecimentos com os quais nós mesmos poderíamos resolvê-la. Enquanto isso, se afastarmos a suposição de uma remoção clandestina, por analogia, poderíamos encontrar uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno de transporte e de invisibilidade. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV e V.)

68. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário de Laodiceia (chefe da seita dos *apolinaristas*) pretendia que Jesus não tinha tomado um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que havia descido do céu ao ventre da santa Virgem e que não havia nascido dela; assim, que Jesus não teria nascido, nem sofrido e nem morrido a não ser em *aparência*. Os apolinaristas foram amaldiçoados no concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374 e no de Constantinopla em 381.

AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

1. Como é possível o conhecimento do futuro? É compreensível a previsão dos acontecimentos que são a consequência do estado presente, porém não a dos fatos que não tenham nenhuma relação com esse estado, nem ainda menos a dos que se atribui ao acaso. As coisas futuras não existem — dizem; elas ainda se encontram no nada; como saber então que elas acontecerão? No entanto, os casos de predições realizadas são muito numerosos, pelo que devemos concluir que aí ocorre um fenômeno do qual não temos a chave, pois não há efeito sem causa; é essa causa que vamos tentar descobrir, e é ainda o Espiritismo — a própria chave de tantos mistérios — quem vai nos fornecê-la, e, ainda mais, quem nos mostrará que o próprio fato das predições não se produz fora das leis naturais.

Tomemos para comparação um exemplo nas coisas usuais, e que nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2. Suponhamos um homem colocado numa montanha alta e observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, do começo ao fim da estrada. O viajante que pela primeira vez percorra essa estrada sabe que caminhando chegará ao fim dela: isso é uma simples previsão da consequência da sua caminhada; entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que tenha de atravessar, os precipícios em que poderá cair, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde ele poderá repousar, tudo isso é independente dessa pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta para percorrer o caminho; tirem dele os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo é o presente. Suponhamos que esse homem desça ao encontro do viajante lhe diga “Em tal momento, você encontrará tal coisa, será atacado e socorrido”, ele lhe estará predizendo o futuro; o futuro é para o viajante, mas para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3. Se sairmos agora do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos através do pensamento no domínio da vida espiritual, veremos esse mesmo fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista deles são proporcionadas à sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual; com relação aos Espíritos inferiores, eles são como homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é limitada, não só porque eles dificilmente podem se afastar do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos esconde deles as coisas distantes, como faz um nevoeiro aos olhos do corpo.

Logo, bem compreendemos que, de acordo com o grau de perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos e até mesmo de muitos milhares de anos, pois, o que é um século em comparação com o infinito? Diante dele, os acontecimentos não se

desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que nesse período formem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir nos dizer com certeza “Tal coisa acontecerá em tal época”, porque ele vê tal coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem; se assim não procede, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem: esse conhecimento entravaria seu livre-arbítrio e o paralisaria no trabalho que ele deve cumprir para o seu progresso; o bem e o mal que o esperam, permanecendo no desconhecido, são para ele a prova.

Se tal habilidade, ainda que limitada, pode estar nos atributos da criatura, em que grau de potencialidade ela não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos são o presente. Dentro desse panorama imenso, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração ou de um povo?

4. Entretanto, como o homem tem de contribuir para o progresso geral e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil que em casos especiais ele deva pressentir esses acontecimentos, a fim de preparar o seu encaminhamento e de estar pronto a agir quando a ocasião chegar; por isso é que Deus às vezes permite que se levante uma ponta do véu; mas sempre com um objetivo útil e nunca para satisfação de uma vã curiosidade. Tal missão pode então ser conferida, não a todos os Espíritos — porque há muitos que não sabem do futuro melhor do que os homens — porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la; ora, é notável que revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais — ou pelo menos muito raramente — em resposta a uma pergunta direta.

5. Semelhante missão também pode ser confiada a certos homens, da seguinte maneira:

Aquele a quem é confiado o cuidado de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, sem o seu conhecimento, por inspiração dos Espíritos que a conhecem, e então a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Além do mais, sabemos que, assim como durante o sono, como no estado desperto, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire as faculdades do Espírito livre em grau mais ou menos alto. Se for um Espírito adiantado e se, sobretudo, tiver recebido uma missão especial para esse efeito — como os profetas receberam —, ele obterá nos momentos de emancipação da alma a capacidade de abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os eventos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se esses eventos devam permanecer secretos, ele se esquecerá deles ou apenas guardará uma vaga intuição, o bastante para guiá-lo instintivamente.

É assim que vemos essa capacidade se desenvolve providencialmente em certas circunstâncias, em perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas tem tido numerosos *videntes*; é ainda por isso que vemos grandes capitães avançar corajosamente contra o inimigo, certos da vitória; e que vemos grandes gênios, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir uma meta, prevendo — por assim dizer — o instante em que a alcançarão: é que eles viram essa meta, que não era desconhecido para o seu Espírito.

Portanto, o dom da predição não é mais sobrenatural do que uma imensidade de outros fenômenos; ele se firma nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível que o Espiritismo veio tornar conhecidas. Mas como admitir a existência de um mundo invisível se não admitirmos a alma, ou se a admitirmos sem individualidade após a morte? O incrédulo que nega a presciência é consequente consigo mesmo; resta saber se ele próprio é consequente com a lei natural.

6. Essa teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos em que se possam apresentar a revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir que ela estabelece o

seu princípio fundamental. Se não podemos explicar tudo, é pela dificuldade do homem de se colocar a esse ponto de vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento incessantemente reduzido no sentir da vida material é frequentemente impotente para desgarrar-se do chão. A esse respeito, certos homens são como os jovens pássaros cujas asas muito frágeis não lhes permitem se elevar no ar; ou como aqueles cuja vista bastante curta não podem ver à distância, ou finalmente como aqueles a quem falta o senso para certas percepções.

7. Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos uma ideia tão clara delas como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz e das cores sem o contato. Então, somente através de um esforço de imaginação é que conseguimos chegar lá, e com a ajuda de comparações com coisas que nos são familiares. Contudo, as coisas materiais não nos podem dar entendimento das coisas espirituais senão ideias muito imperfeitas; é por isso que não devemos levar essas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, no caso de que tratamos, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal capacidade é relativa ao estado de sua espiritualização, ou se o preferirem, de desmaterialização; isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar — se bem muito imperfeitamente — ao da visão de conjunto do homem que esteja sobre a montanha; esta comparação objetivava simplesmente mostrar que eventos que estejam no futuro para uns, estejam no presente para outros e podem ainda ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para gozar dessa percepção o Espírito não precisa então se transportar a um ponto qualquer do espaço; aquele que na Terra se acha ao nosso lado pode possuí-la em toda a sua plenitude, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós não vemos nada além do nosso horizonte visual. Como a visão nos Espíritos não se opera do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é exatamente esse o sentido que nos falta para o concebermos; **em comparação com o encarnado, Espírito é como o vidente ao lado do cego.**

8. Além disso, devemos ponderar que essa percepção não se limita à extensão, mas que ela abrange a penetração de todas as coisas; repetimos: é uma faculdade natural e proporcional ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, mas ela não está completamente anulada, porque a alma não fica restringida no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre em grau menor do que quando se acha inteiramente desprendido; é isso que confere a certos homens um poder de penetração que falta a totalmente outros; quanto maior a qualidade de visão moral, mais fácil será a compreensão das coisas extramatériaais.

O Espírito [encarnado] não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado espiritual, e essa lembrança é como um quadro que se desenha no seu pensamento. Na encarnação, ele vê, mas vagamente e como que através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. **O princípio da visão não está no seu exterior, mas nele mesmo;** é por isso que ele não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que alteravam a delicadeza das percepções; pelo que é fácil compreender que a extensão de todas as capacidades acompanha o progresso do Espírito.

9. É o grau da extensão das capacidades do Espírito que o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais durante a encarnação. Entretanto, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência comum não dá essa capacidade; tanto assim que vemos homens de uma grande sabedoria tão cegos para as coisas espirituais quanto

outros o são para as coisas materiais; são aí refratários porque não as compreendem; isso é porque seu progresso *ainda* não se realizou nesse sentido, ao passo que vemos pessoas de uma instrução e inteligência comuns as compreenderem com a maior facilidade, o que prova que já tinham uma intuição prévia de tais coisas. Para estes, é uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como alguns outros têm a intuição das línguas e das ciências de que já possuíam.

10. A capacidade mudar seu ponto de vista e de tomá-lo de um ponto mais alto não somente dá a solução do problema da presciência, mas é de outra forma a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também que o mais potente elemento da força e da resignação, pois, daí, a vida terrestre parece um ponto na imensidão, compreendemos o pouco valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão valiosas; os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro. Aquele que vê as coisas desse mundo dessa maneira encontra-se pouco ou nada afetado pelas vicissitudes, e por isso mesmo é tão feliz quanto o poderia ser aqui na Terra. Então, devemos nos compadecer daqueles que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, pois eles sofrem com toda a sua força o contragolpe de todas as tribulações que, como tantos outros aguilhões, lhes atormentam sem cessar.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, como já sabemos, os Espíritos são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe opõem; essa previsão é fácil para eles, primeiramente porque a sua propagação é obra pessoal deles; contribuindo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, e, nesse período, eles veem ao longo do caminho os poderosos auxílios que Deus lhe suscita e que não tardarão a se manifestar.

Sem ser Espíritos desencarnados, que os espíritas se transportem a trinta anos apenas para diante, no meio da geração que surge; que daí considerem o que se passa hoje; que eles acompanhem a sua empreitada e verão se consumir em vão esforços aqueles que se creem destinados a derrotá-lo; verão que pouco a pouco esses tais desaparecem de cena, e paralelamente verão a árvore que cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

12. Na maioria das vezes, os acontecimentos comuns da vida privada são consequência da maneira de cada qual proceder; um terá sucesso conforme com as suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, prudência e energia, enquanto o outro fracassará por sua incapacidade; de sorte que podemos dizer que cada um é o autor do seu próprio futuro — futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua personalidade. Conhecendo o caráter de um indivíduo, facilmente podemos predizer a sorte que o espera no caminho por onde ele se enfia.

13. Os eventos que envolvem os interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve se cumprir de qualquer maneira — de um jeito ou de outro. Os homens contribuem com a sua execução, mas nenhum é indispensável, pois do contrário o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se faltar aquele a quem caiba a missão de executá-la, outro será encarregado dela. Não há missão fatal; o homem é sempre livre para cumprir aquilo que lhe foi confiado e que ele o aceitou voluntariamente; se não o cumpre, ele perde os benefícios que daí lhe resultariam e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade; caso se torne um obstáculo para o seu cumprimento, Deus pode afastá-lo com um sopro.

14. O resultado final de um evento pode então ser certo, por este estar nos desígnios de Deus; porém, quase sempre, como os detalhes e o modo de execução são subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as maneiras e os meios podem ser eventuais. Os

Espíritos podem nos dá um pressentimento sobre o conjunto, se for conveniente sermos prevenidos disso; mas, para determinarem lugar e data, seria preciso que conhecessem previamente a determinação que este ou aquele indivíduo tomará; ora, se essa determinação ainda não estiver na sua mente, tal como ela venha a ser, poderá apressar ou demorar a realização do fato, modificar os meios auxiliares de ação, embora se chegue ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, os Espíritos podem prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que é inevitável, sem entretanto poderem predizer o dia em que ela começará, nem os incidentes detalhados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para determinação da época dos acontecimentos futuros, será preciso ainda que se leve em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

Assim como o espaço, o tempo só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de comparação ou de referência que o dividam em períodos que possamos contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e o pôr do Sol, e pela duração do movimento de translação deste planeta. A subdivisão das jornadas em vinte e quatro horas é arbitrária; ela é indicada pela ajuda de instrumentos especiais, tais como as ampulhetas, os clepsídras¹⁹⁴, os relógios, os mostradores solares, etc. As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos, pois que os períodos astronômicos são diferentes; é assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez das horas terrestres, e os anos valem mais de doze nossos anos.

Desta forma, para cada mundo há um modo diferente de se computar a duração — conforme a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam; já haverá aí uma dificuldade para a determinação das nossas datas por Espíritos que não conheçam o nosso mundo. Além disso, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não há nem a aurora e nem pôr de Sol para marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos (Cap. VI, nº 1 e seguintes). Portanto, aquele que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos, que, aliás, seriam completamente inúteis para ele; e mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em nenhum mundo, não teria nenhuma noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele não pode assinar datas aos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que, sem dúvida, está ao seu alcance, porém, na maioria das vezes, ele julga não ser útil fazer isso.

16. O modo de contagem da duração é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados para as necessidades da sua vida corporal. Para medir a duração como nós, os Espíritos precisam de nossos instrumentos de contagem, que não existem na vida espiritual.

Todavia, os Espíritos que formam a população invisível do nosso globo — onde eles já viveram e onde continuam a viver no nosso meio — estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, dos quais eles conservam a lembrança na erraticidade. Por isso, eles têm menos dificuldade que os outros para determinar datas, do nosso ponto de vista, porque diz respeito com os nossos costumes terrestres; na Grécia, eles contavam pelas olimpíadas; mais além, por períodos lunares ou solares, conforme os tempos e os lugares. Consequentemente, eles podem assinalar mais facilmente uma data aos eventos futuros desde que a conheçam; mas, de outro modo, nem sempre isso é permitido e eles se veem impedidos pela razão de que, todas as vezes que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa realmente não existe, senão quando o evento tenha ocorrido.

Eis aí por que as previsões circunstanciadas não podem oferecer certeza e devem ser acolhidas somente como prováveis, mesmo que não tragam sinais que as torne *legitimamente suspeitas*. Por isso mesmo, os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem para épocas

¹⁹⁴ Antigo dispositivo movido a água para medir o tempo, semelhante a uma ampulheta (que por sua vez usa areia) — N. E.

determinadas; eles se limitam a nos prevenir do seguimento das coisas que convém conhecermos. Insistir para obter informações precisas é se expor às mistificações de Espíritos levianos, que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade e se divertem com os terrores e as decepções que causem.

As predições que oferecem mais probabilidade são aquelas que têm um caráter de utilidade geral e humanitária; não devemos contar as demais quando elas se cumprirem. Nós podemos aceitá-las, conforme as circunstâncias, à título de advertência, mas seria imprudência agir prematuramente em vista de sua realização a um dia fixo. Podemos ter por certo que, quanto mais elas sejam circunstanciais, mais são suspeitas.

17. A forma geralmente muito empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas muitas vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística — de que Nostradamus¹⁹⁵ nos oferece o tipo mais completo — lhe dá certo prestígio perante o ignorante, que lhe atribui um valor maior quanto mais sejam incompreensíveis. Pela sua falta de exatidão, elas se prestam a interpretações bastante diferentes, de tal modo que, conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira como se efetue o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos deixar de convir que algumas delas apresentam um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que, em certo tempo, a forma velada tenha tido sua razão de ser e até mesmo a sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias não são as mesmas; o positivismo do século se daria mal com a linguagem enigmática. Daí as predições atuais já não se revestem mais dessas formas estranhas; aquelas que os Espíritos fazem nada têm de místicas; eles falam a linguagem de todo o mundo, como falariam enquanto vivos, porque não deixaram de pertencer à Humanidade: eles nos avisam das coisas futuras — pessoais ou gerais — quando isso for útil e na medida da capacidade de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Então, suas previsões são antes mais advertências, que não tiram o livre arbítrio, do que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, entre outras formas, quase sempre motivada, pois eles não querem que o homem anule sua razão sob uma fé cega, o que permite examinar a sua exatidão do que eles predizem.

18. A Humanidade contemporânea também tem os seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo têm pressentido em seus escritos a marcha futura das coisas que hoje vemos se realizar.

Essa aptidão sem dúvida decorre muitas vezes da retidão do juízo que deduz as consequências lógicas do presente; mas, de outras vezes, ela é o resultado de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que tais homens fizeram quando vivos, com razão mais forte e maior exatidão eles podem fazer na condição espiritual, enquanto não têm a visão espiritual obscurada pela matéria.

¹⁹⁵ Michel de Nostradame (1503-1566): médico francês célebre por suas previsões -- N. E.

CAPÍTULO XVII

PREDIÇÕES DO EVANGELHO

- NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA
- MORTE E PAIXÃO DE JESUS
- PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS
- CIDADES IMPENITENTES
- RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM
- MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS
- MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO
- A PEDRA ANGULAR
- PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS
- UM SÓ REBANHO E SÓ PASTOR
- ADVENTO DE ELIAS
- ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR
- SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO
- SINAIS PRECURSORES
- VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO
- JUÍZO FINAL

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1. Tendo vindo à sua terra natal, ele os instruíra nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, eles diziam: "Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Este não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: "Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa". E não fez muitos milagres lá devido à descrença deles. (Mateus, 13:54-58.)

2. Jesus enunciou dessa forma uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, ao dizer que *ninguém é profeta em vida*.

Na linguagem atual, essa frase se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus conhecidos e entre aqueles com quem vive, à confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, são raras, e em nenhum caso são exceções absolutas; o princípio dessa verdade está numa consequência natural da fraqueza humana e pode ser explicado deste modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias comuns da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que muitas vezes faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral em alguém de quem foram companheiros ou colegas, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam; o orgulho sofre com a superioridade que é obrigado a reconhecer. Qualquer

um que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja; aqueles que se sentem incapazes de chegar à altura dele esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte gritam quanto menores se acham, crendo que engrandecem a si e rebaixam o outro pelo barulho que fazem. Assim tem sido e assim será a História da Humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e não tenham alargado seu horizonte moral; por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos Espíritos estreitos e vulgares, que relacionam tudo à sua personalidade.

De outro lado, todo mundo geralmente faz dos homens que são conhecidos apenas pelo seu espírito um ideal que cresce com o distanciamento dos tempos e dos lugares. Eles são como que diferenciados da humanidade; parece que eles não devem nem falar, nem sentir como os demais; que a sua linguagem e os seus pensamentos devem estar constantemente no patamar da sublimidade, sem se lembrarem de que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No contato diário da vida privada, vemos claramente que o homem material, que não se diferencia do ignorante em nada. O homem corporal, que os sentidos percebem, quase que apaga o homem espiritual, do qual somente o Espírito percebe: **de longe, vemos apenas os clarões do gênio; de perto, vemos o restante do Espírito.**

Depois da morte, quando comparação não existe mais, resta unicamente o homem espiritual e tanto maior parece, quanto mais distante se torna a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles que marcaram sua passagem na Terra com obras de real valor são mais apreciados depois de sua morte do que quando estavam vivos. Eles são julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os seus invejosos e ciumentos, os adversários pessoais já não existem mais. A posteridade é juiz desinteressado que aprecia a obra do Espírito, que a aceita sem entusiasmo cego, se é uma boa obra, e a rejeita sem rancor, se é má, independentemente da individualidade que a produziu.

Jesus muito menos podia escapar das consequências deste princípio inerente à natureza humana, ainda mais tendo vivido num meio pouco esclarecido e entre pessoas votadas inteiramente à vida material. Seus compatriotas viam nele apenas o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e assim se perguntavam o que poderia torná-lo superior a eles e lhe dava o direito de censurá-los; verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus próximos — que o desprezavam — do que sobre os estranhos, ele preferiu ir pregar aos que o escutavam e no meio daqueles em quem ele encontrava simpatia.

Podemos fazer uma ideia de quais sentimentos seus próximos nutriam para com ele pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, vieram a uma reunião onde ele se encontrava, para *se apoderarem* dele, dizendo que havia **perdido o juízo**. (Marcos, 3:20-21 e 31 a 35 – **O Evangelho segundo o Espiritismo**, cap. XIV.)

Desta maneira, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir através do demônio; de outro, ele era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que ocorre em nossos dias com relação aos Espíritas? E estes deverão se queixar de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os contemporâneos de Jesus o tratavam? O que não tinha nada de surpreendente há dois mil anos, no meio de um povo ignorante, é muito estranho em pleno século dezanove, entre nações civilizadas.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. (Após a cura do lunático) Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E estando todos tomados de admiração pelo que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: "Guardem bem no coração de vocês o que vou lhes dizer: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens". Eles, porém, não entendiam essa linguagem; para eles, ela era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e até temiam interrogá-lo a respeito. (Lucas, 9:44-45).

4. A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que ali ele sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria levado à morte e ressuscitaria no terceiro dia. (Mateus, 16:21.)

5. Quando eles estavam na Galileia, Jesus lhes disse: "O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens e estes lhe levarão morte e ele ressuscitará no terceiro dia.": o que os afligiu extremamente (Mateus, 17:21-22).

6. Ora, Jesus indo a Jerusalém, chamou seus doze discípulos em particular e disse a eles: "Iremos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios¹⁹⁶, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia." (Mateus, 20:17 a 19.)

7. Em seguida, em particular com os doze apóstolos, Jesus lhes disse: "Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas acerca do Filho do homem vai se cumprir; porque ele será entregue aos gentios, zombarão dele e o açoitarão, escarrando no seu rosto. E depois que o tiverem açoitado, eles o matarão e ele ressuscitará no terceiro dia."

Mas, eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia (Lucas, 18:31 a 34).

8. Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: "Vocês sabem que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado."

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo-sacerdote, chamado Caifás, e se puseram a debater mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de levá-lo à morte. E diziam entre si: "É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no meio do povo." (Mateus, 26:1 a 4)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: "Vá embora, sai deste lugar, pois Herodes quer te matar." Ele respondeu: "Ide dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado pela minha morte." (Lucas, 13:31-32).

PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10. "Tenham cuidado com os homens, pois eles lhes farão comparecer nas suas assembleias, e lhes farão açoitar nas suas sinagogas; e por minha causa serão levados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações." (Mateus, 10:17 e 18.)

11. "Eles lhes expulsarão das sinagogas e virá o tempo em que aquele que lhes levar à morte julgará fazer uma coisa agradável a Deus. Tratarão vocês desse modo, porque eles não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, digo estas coisas a vocês a fim de que, quando tiver chegado o tempo, lembrem-se de que eu lhes disse isso." (João, 16:1 a 4.)

12. "Vocês serão traídos e entregues aos magistrados pelos seus pais e mães, por seus irmãos, por seus parentes e amigos, e darão morte a muitos de vocês. Serão odiados por todo mundo, por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de sua cabeça. Pela paciência é que possuirão suas almas." (Lucas, 21:16 a 19.)

13. (*Martírio de S. Pedro*) "Na verdade, eu digo a vocês que, quando eram mais jovens, vocês vestiam a si mesmos e iam onde queriam; mas quando forem velhos, estenderão as mãos e outro os vestirá e os conduzirá aonde não quererão ir." Ora, ele dizia isso para assinalar por qual morte Pedro havia de glorificar a Deus. (João, 21:18-19.)

¹⁹⁶ **Gentio**: para os hebreus, aquele que não é da sua religião judaica nem do seu povo, estrangeiro, estranho. Neste caso, refere-se ao fato de os doutores da lei submeter Jesus ao julgamento perante Pilatos, numa corte romana. — N. E.

CIDADES IMPENITENTES

14. Então ele começou a censurar as cidades onde havia feito muitos milagres, por eles não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos no meio de vocês tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. Eis porque declaro a vocês que no dia do julgamento Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vocês.

"E tu, Cafarnaum, sempre ficará elevada até o céu? Será abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos no meio de ti tivessem sido feitos em Sodoma, talvez esta ainda teria sobrevivido até hoje. Eis porque te declaro que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu." (Mateus, 11:20 a 24.)

RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe mostrarem a estrutura e a grandeza daquele edifício. Porém ele lhes disse: "Estão vendo todas estas construções? Digo a vocês que, na verdade, elas serão destruídas de tal maneira que não ficará pedra sobre pedra." (Mateus, 24:1-2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: "Ah, se ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesse aquele que pode te proporcionar paz! Mas agora tudo isto se acha oculto aos teus olhos. Então, virá para ti um tempo desgraçado em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te fecharão e apertarão de todos os lados; em que te derrubarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e eles não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou." (Lucas, 19:41 a 44.)

17. "Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra a morte noutra parte, que não em Jerusalém."

"Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que te são enviados, quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne seus pintainhos sob as suas asas, e você não os quis! Aproxima-se o tempo em que sua casa ficará deserta. Ora, em verdade, eu digo a vocês que de agora em diante não me tornarão a ver, até que digam: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor." (Lucas, 13:33 a 35.)

18. "Quando virem um exército cercando Jerusalém, saibam que está próxima a sua desolação. Então, fujam para as montanhas os que estiverem na Judeia; retirem-se os que estiverem dentro dela e os que estiverem nas redondezas não entrem nela. Porque esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. Ai das que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias, visto que esta cidade será acabrunhada de males e a cólera do céu recairá sobre este povo. Passarão pelo fio de espada; serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que o tempo das nações tenha se cumprido." (Lucas, 21:20- 24.)

19. (*Jesus avançando para o suplício*) Ora, ele era seguido de uma grande multidão de povos e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. Jesus, então, voltando-se, disse: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmas e pelos seus filhos, pois virá tempo em que se dirá 'Felizes as estêreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram'. Todos se porão a dizer às montanhas 'Caí sobre nós!' e às colinas 'Cobram-nos!' Pois, se deste modo eles tratam o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (Lucas, 23:27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e é explicada pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros atributos, em grau elevado. Portanto, ele pôde prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que os vemos se reproduzir aos nossos olhos nas condições mais

comuns. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão: é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, nº 1): vê toda a estrada a ser percorrida e vê o seu término.

Tanto mais assim havia de ser com Jesus, que tinha consciência da missão que havia vindo desempenhar, ele sabia que a morte através do suplício fatalmente lhe seria a consequência necessária. A visão espiritual — que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento — haviam de lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão ele podia prever a ruína do Templo, a queda de Jerusalém, as desgraças que iam recair sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.

21. A incredulidade, que não admite a vida espiritual independente da matéria, não pode se dar conta da presciência: é porque ela a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que se realizam sob seus olhos. É notável que ela recue diante do exame de todos os fenômenos psíquicos que se produzem em todas as partes, certamente por temer nesses fenômenos ver a alma surgir e lhes desmentir.

MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22. (João Batista) Vendo muitos fariseus e saduceus vindo para ser batizados, ele lhes disse: "Raça de víboras, quem lhes ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vocês? Produzam então frutos dignos de penitência; e não pensem em dizer a si mesmos: 'Nós temos Abraão por pai', pois eu declaro a vocês que Deus pode fazer que até destas pedras nasçam filhos a Abraão; pois o machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo." (Mateus, 3:7 a 10)

23. "Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque fecham o reino dos céus aos homens; pois vocês mesmos não entrarão lá e ainda se opõem àqueles que lá desejam entrar!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das suas longas preces, devoram as casas das viúvas; por isso terão um julgamento mais rigoroso!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que percorrem o mar e a terra para fazer um seguidor e que, depois de o terem conseguido, o tornam duas vezes mais digno do inferno do que vocês mesmos!"

"Ai de vocês, condutores de cegos, que dizem: 'Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; mas qualquer um que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento!' Insensatos e cegos que são! A qual se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? Vocês dizem que se um homem jura pelo altar, isso nada vale; mas, aquele que jurar pelo donativo que esteja sobre o altar, este fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que são! A qual se deve mais estimar, ao donativo ou ao altar que santifica o donativo? Pois aquele que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar; e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e que têm abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas são as coisas que devem praticar, sem, contudo, omitir as outras. Guias cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem, por medo de engolir um mosquito, mas que engolem um camelo!"

"Ai de vocês, Escribas e Fariseus hipócritas, que limpam o copo e o prato por fora, mas que por dentro estão cheios de rapina e impureza! Fariseus cegos! Limpem primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora parecem justos, enquanto que por dentro estão cheios de hipocrisia e de maldade."

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que levantam túmulos aos profetas e adornam os monumentos dos justos, e que dizem: 'Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos

teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas! pois assim acabam de encher a medida de seus pais. Serpentes, raça de víboras! Como poderiam evitar serem condenados ao inferno? Eis que vou enviá-los profetas, sábios e escribas, e vocês matarão a uns, crucificarão a outros e a outros açoitarão nas suas sinagogas e os perseguirão de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vocês todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês mataram entre o templo e o altar! Digo a vocês, na verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje." (Mateus, 23:13-36.)

MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24. Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "O senhor sabe bem que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?" E ele respondeu: "***Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*** Deixem a eles! São cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, ambos caem na cova." (Mateus, 15:12 a 14.)

25. "O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão." (Mateus, 24:35.)

26. As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código de moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem à sua destinação eterna. Mas, as suas palavras chegaram até nós puras de qualquer mistura e de falsas interpretações? Será que todas as seitas cristãs absorveram seu significado? Nenhuma delas terá distorcido o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma delas transformou as palavras do Cristo em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar na Terra? Será que todas elas têm adotado a prática das virtudes como regra de conduta, prática essa da qual Jesus tomou como condição expressa de salvação? Estarão todas elas isentas das denúncias que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? E finalmente, todas elas serão — tanto em teoria, como na prática — a expressão pura da sua doutrina?

Como a verdade é uma só, ela não pode ser encontrada em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu dar duplo sentido às suas palavras. Então, se diferentes seitas se contradizem e se umas consideram verdadeiro aquilo que outras condenam como heresias, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas tivessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas teriam se achado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que ***não passará*** é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que ***passará*** é o que os homens construíram sobre o falso sentido que deram a essas mesmas palavras.

Jesus tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina *pura* pode ser a expressão desse pensamento; por isso foi que ele disse: *Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*

A PEDRA ANGULAR

27. "A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra angular — vocês jamais leram isto nas Escrituras? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos o veem com admiração. Eis por que eu lhes declaro que o reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que produzirá os seus frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair."

Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles de quem Jesus falava. Quiseram então apoderar-se dele, mas tiveram medo do povo, pois ele era considerado um profeta. (Mateus, 21:42 a 46.)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo; como os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitaram essa pedra, ela os esmagou do mesmo modo que esmagará aqueles a quem, a partir de então, a ignoraram ou desviaram o seu sentido em favor de suas ambições.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

29. "Havia um pai de família que tinha plantado uma vinha cercada de arbustos e que, cavando a terra, tinha construído uma torre; depois arrendou essa vinha a uns vinhateiros e partiu para um lugar distante."

"Ora, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou seus servos aos vinhateiros para recolher o fruto da sua vinha. Mas os vinhateiros apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram a outro. Ele então lhes enviou outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: 'Ao meu filho eles terão algum respeito'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Aqui está o herdeiro: vamos matá-lo e ficaremos donos da sua herança'. E com isso, pegaram-no e o lançaram fora da vinha e o mataram."

"Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros?" Eles responderam: "Fará que esses malvados pereçam miseravelmente e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na sua estação." (Mateus, 21:33 a 41.)

30. O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a sua lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como então o Senhor tratará os seus mandatários desobedientes da lei? Ele os tratará como seus enviados foram tratados por eles e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo a cada um para pedir contas do que fez da Sua doutrina; retirará toda a autoridade daquele que tiver abusado dela, pois ele quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Ao fim de dezoito séculos, tendo chegado à idade adulta, a Humanidade está suficientemente madura para compreender aquilo que o Cristo apenas desfolhou, porque então — como ele próprio disse — não o teriam compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que durante esse longo período tiveram a seu cargo a sua educação religiosa? Basta ver a indiferença tomar o lugar da fé e a descrença se erguer em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da simbologia, em tudo o que se refere à regra de conduta, às relações de homem para homem e aos princípios morais — a que ele expressamente condicionou a salvação (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV) —, ele é claro, explícito e sem ambiguidade.

O que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que ele fez a seus apóstolos para converter os homens pela doçura e pela persuasão; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes das quais ele deu o exemplo? Em seu nome, os homens se lançaram ao anátema e à maldição; estrangularam-se em nome daquele que disse "Todos os homens são irmãos". Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; em nome daquele Deus de paz e de verdade, eles sacrificaram milhares de vítimas nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito mais do que as vítimas que os pagãos sacrificaram aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome

daquele que expulsou os vendilhões do Templo e que disse a seus discípulos “Deem gratuitamente o que receberam de graça”.

O que diria o Cristo se vivesse nos dias de hoje entre nós? Se visse seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o luxo dos príncipes do mundo, ao passo que ele — mais rei do que todos os reis da Terra — fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de lhes dizer “O que fizeram dos meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que dão a maior parte das suas preces aos ricos, reservando uma parte insignificante aos pobres, apesar de eu ter eu dito que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?”. Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31. “Tenho ainda outras ovelhas que não são *desse redil*; é preciso que eu também as conduza; elas escutarão a minha voz e *haverá um só rebanho e um só pastor*.” (João, 10:16.)

32. Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que um dia os homens se unirão em uma única crença; mas, como essa união poderá se efetuar? Isso parece difícil, considerando as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos e a teimosia em crer estarem com a posse exclusiva da verdade. Bem que todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se faça em seu proveito e nenhuma admite fazer concessões às suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro já se confraternizam, como os das províncias de um mesmo império; pressentimos essa unidade e a desejamos. Ela se fará pela força das coisas, porque há de se tornar uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; ela virá pelo desenvolvimento da razão humana, que compreenderá a infantilidade de todas essas separações; pelo progresso das ciências, que demonstra cada dia mais os erros materiais sobre os quais elas se apoiam, e destaca pouco a pouco as pedras estragadas das suas fiadas. Se a ciência demolir nas religiões aquilo que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, ela não poderá — ao contrário da opinião de alguns — destruir o que é obra de Deus e eterna verdade; afastando os acessórios, ela prepara as vias da unidade.

A fim de chegarem a esta unidade as religiões deverão se encontrar num terreno neutro, embora comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conforme à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá vir do campo oficial; em lugar de tomarem o ponto de partida no alto, tomarão embaixo por iniciativa individual. Desde algum tempo vem se operando um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões sempre têm considerado uma égide conservadora, irá se tornar um elemento destruidor, dado que os cultos permanecendo imóveis — ao passo que a sociedade caminha para frente — eles serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progresso.

Entre as pessoas que se destacam em tudo ou em partes dos troncos principais, e cujo numero cresce sem cessar, se alguns deles não querem nada, a imensa maioria — que não se conforma com o nada — quer alguma coisa; essa coisa ainda não está definida em seu pensamento, mas elas a pressentem; essas pessoas tendem ao mesmo objetivo por vias diferentes, e é por elas que começará o movimento de concentração em direção à unidade.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que um dia terá de congregiar todos os homens sob a mesma bandeira será a que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva sem nunca deixar que a ultrapassem; que não for nem exclusivista, nem intolérante; que for a promotora da inteligência em admitir somente a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais harmonioso com as necessidades sociais, enfim, o mais apropriado a fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

Entre as religiões existentes, aquelas que mais se aproximam dessas condições normais terão menos concessões a fazer; se alguma delas reunir todas essas condições, esta se tornará naturalmente o centro da futura unidade; essa unidade se fará em torno daquela que deixar menos a desejar à razão, não por uma decisão oficial, porque não se regulamentava a consciência, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular e sua pretensão de ter o único verdadeiro e o mais poderoso, que está em constante hostilidade com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater as influências alheias. Quando elas tiverem se convencido de que só existe um Deus no Universo e que ele é definitivamente o mesmo que elas adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; e quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais, elas compreenderão que um Ser único não pode ter senão uma única vontade; elas estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, e então elas terão dado grande passo para a unidade.

ADVENTO DE ELIAS

33. Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que então os escribas dizem ser preciso que Elias venha antes?" Mas Jesus respondeu: "É verdade que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu declaro a vocês que Elias já veio e eles não o conheceram; mas o trataram como lhes agradava. É assim que matarão o Filho do homem."

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava. (Mateus, 17:10 a 13.)

34. Elias já havia voltado na pessoa de João Batista (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, nº 10). Seu novo advento¹⁹⁷ é anunciado de modo explícito; ora, como ele não pode voltar senão com um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências¹⁹⁸.

ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

35. "Se vocês me amam, guardem os meus mandamentos e eu pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente com vocês: *O Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; porém, vocês o conhecerão, porque permanecerá com vocês e estará em vocês. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, ele *lhes ensinará todas as coisas e fará com que relembrem de tudo o que lhes tenho dito.*" (João, 14:15 a 17 e 26 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI)

¹⁹⁷ Advento: chegada, aparecimento -- N. E.

¹⁹⁸ Ou seja, a lei natural de reencarnação — N. E.

36. "Entretanto, eu digo a verdade a vocês: Convém que eu vá, pois se eu não for, o Consolador não virá até vocês; então eu vou e o enviarei a vocês; e quando ele tiver vindo, convencerá o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao julgamento: no que diz respeito ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que diz respeito à justiça, porque eu vou para meu Pai e vocês não mais me verão; no que diz respeito ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já foi julgado."

"Tenho ainda muitas coisas a lhes dizer, mas vocês não podem suportá-las agora."

"Quando esse Espírito de Verdade tiver chegado, ele lhes ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e lhes anunciará as coisas que virão."

"Ele me glorificará, porque receberá daquilo que está em mim e ele o anunciará a vocês." (João, 16:7 a 14.)

37. Esta previsão é sem contestação uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque ela constata da maneira menos equivocada que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, porque eles não o teriam compreendido, nem mesmo seus apóstolos, já que era a eles a quem Jesus se dirigia. Se ele lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam mencionado isso nos Evangelhos. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os seus sucessores não terão podido saber mais dessas instruções do que eles; possivelmente teriam se enganado quanto ao sentido das palavras de Jesus, ou dado uma interpretação falsa aos seus pensamentos — muitas vezes velados sob a forma simbólica. Por isso, as religiões que se fundaram no Evangelho não podem se dizer possuidoras de toda a verdade, pois ele reservou para si o complemento posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade é um protesto contra as próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou daquele que havia de *ensinar todas as coisas* e de *relembrar* o que ele disse; portanto, o seu ensino não estava completo; e mais: ele prevê que aquilo que foi dito por ele seria esquecido, como também seria distorcido, já que o Espírito de Verdade deveria vir *relembrar* tudo e, em acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, de acordo com o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. Quando esse novo revelador terá de vir? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns poucos anos que eles poderiam adquirir as luzes necessárias para entendê-las. Pela inteligência de certas partes do Evangelho, com exceção aos preceitos morais, faziam-se necessários conhecimentos que só o progresso das ciências permitiria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Portanto, se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado suas partes obscuras — o que é sinal seguro de que o enviado ainda não havia aparecido.

39. Qual deverá ser esse Enviado? Ao dizer "Pedirei a meu Pai e ele lhes enviará outro Consolador", Jesus claramente indica que esse Consolador não é ele, do contrário diria "Eu voltarei para completar o que lhes tenho ensinado". E acrescentou "*A fim de que fique eternamente com vocês e ele estará em vocês*". Essa afirmação não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, que não poderia ficar eternamente conosco, nem ainda menos estar em nós; então, compreendemos muito bem que em referência a uma doutrina, a qual, quando a tivermos assimilado, poderá estar eternamente em nós. De fato, segundo o pensamento de Jesus, o Consolador é a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o *Espírito de Verdade*.

40. Como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), o *Espiritismo* preenche todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Ele não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode se dizer ser o criador dele. Ele é fruto do ensino coletivo dos Espíritos, presidido

pelo Espírito de Verdade. Ele nada retira do Evangelho: ele o completa e o esclarece; com o auxílio das novas leis que ele revela — leis essas concordantes com as da Ciência —, faz com que entendamos o que era incompreensível e admite a possibilidade daquilo que a descrença considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e profetas, que presentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reino do bem na Terra.

A doutrina de Moisés — que era incompleta — ficou limitada ao povo judeu; aquela de Jesus — mais completa — se expandiu a toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo — que é mais completo ainda e que tem com raízes em todas as crenças — converterá a Humanidade.¹⁹⁹

41. Dizendo a seus apóstolos “Outro virá mais tarde para lhes ensinará o que não posso ensinar agora”, Jesus proclamava nisso a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam se beneficiar do ensino mais completo que seria ministrado posteriormente? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma inconseqüência se, de acordo com a doutrina comum, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Ao contrário, vamos admitir que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido depois e que ainda revivem hoje, então a promessa de Jesus estará plenamente justificada; suas inteligências — que puderam se desenvolver com o contato do progresso social — podem compreender agora o que antes não podia. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes²⁰⁰, por meio da descida do Santo Espírito, responderemos que o Santo Espírito os inspirou, que pôde abrir a inteligência deles, desenvolveu neles as aptidões mediúnicas que deveriam facilitar a sua missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já havia ensinado, porque, não encontramos aí nenhum vestígio de um ensinamento especial. Portanto, o Santo Espírito não realizou o que Jesus havia anunciado quanto ao Consolador; de outra forma, os apóstolos teriam elucidado, enquanto vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

43. Então Jesus disse a seus discípulos: “Se alguém quiser vir depois de mim, que renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga; porque aquele que quiser salvar a vida a perderá, e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo.”

“E de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por qual preço o homem poderá comprar sua alma, depois de tê-la perdido? Porque, o Filho do homem *há de vir* na glória de seu Pai com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.”

“Na verdade, digo a vocês que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte sem que tenham visto o Filho do homem vir no seu reino.” (Mateus, 16:24 a 28.)

44. Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo-sacerdote interrogou a Jesus desta forma: “Nada responde ao que estes depõem contra ti?” Mas Jesus se conservava em silêncio e nada respondeu. O sumo-sacerdote interrogou-o de novo: “Você é o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito?” Jesus lhe respondeu: “Eu o sou, e vocês verão um dia o Filho do homem

¹⁹⁹ Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do indivíduo fundador; dizemos: o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesiano, o Furrierismo, o São-Simonismo, etc. A palavra **Espiritismo**, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; contém uma ideia geral, que ao mesmo tempo indica o caráter e a fonte múltipla da doutrina – **N. K.**

²⁰⁰ **Pentecostes** – festa dos judeus em memória do dia em que Moisés recebeu de Deus as tábuas da lei (os Dez Mandamentos), cinquenta dias depois da fuga dos hebreus da escravidão no Egito; para os cristãos, data que marca os cinquenta dias após o domingo da Páscoa de ressurreição – **N. E.**

assentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu."

Logo, rasgando suas vestes, o sumo-sacerdote lhe diz: "Que necessidade temos de mais testemunhas?" (Marcos, 16:60 a 63.)

45. Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o **Consolador** será personificado nele. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito, e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos tiverem chegados.

Estas palavras "Dos que aqui estão há alguns que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do homem no seu reinado" parecem uma contradição, pois é incontestável que ele não veio durante a vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Entretanto Jesus não podia se enganar numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que dizia respeito pessoalmente a ele; primeiro, temos que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidarmos, desde que se considere que ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; e quando vemos o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada um dos evangelistas — o que é uma prova evidente de que aquelas não eram as expressões textuais de Jesus. Além disso, é provável que o significado tenha sido alterado ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco — conforme o fez com relação aos princípios de moral — ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Convencidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que ele anunciava, os discípulos tiveram que interpretar o pensamento de Jesus de acordo com suas ideias; conseqüentemente, eles puderam redigi-las do ponto de vista do presente de maneira mais absoluta do que talvez ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles imaginaram.

46. Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver — porque os homens de seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e suas conseqüências, embora ele tenha posto o princípio, como o fez com todas as coisas — é o da grande e importante lei de reencarnação. Essa lei, estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, é a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É por meio dessa lei que encontramos a explicação racional das palavras acima, admitidas textualmente. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina for melhor compreendida e se tornar a lei universal. Dizendo que *alguns daqueles que aqui estão presentes* veriam o seu retorno, ele obrigatoriamente se referia aos que estariam vivos naquela época. Mas os judeus imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam suas alegóricas ao pé da letra.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus; mas ele projetava sua visão, e quando falava do presente, frequentemente se dirigia ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. "Também ouvirão falar de guerra e de rumores de guerra; mas tratem de não se perturbar, pois é preciso que essas coisas aconteçam; contudo, ainda não será o fim, pois verão povo se levantar contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares; todas essas coisas serão apenas o começo das dores." (Mateus, 24:6 a 8)

48. "Então o irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os levarão à morte. E vocês serão odiados por todo mundo por

causa do meu nome; mas, aquele que perseverar até ao fim será salvo." (Marcos, 13:12 a 13.)

49. "Quando virem que a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel *está no lugar santo*, que aquele que lê entenda bem o que lê."

"Então, os que estiverem na Judeia, fujam para as montanhas; aquele que estiver no telhado, não desça para levar qualquer coisa de sua casa; aquele que estiver no campo, não volte para apanhar suas roupas. Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Peçam a Deus que a sua fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado, pois a aflição nesses dias será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente, nem nunca mais haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos." (Mateus, 24:15 a 22.)

50. "Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas"

"Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade."

"Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas, e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu."

"Aprendam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos já estão verdes e dão folhas, vocês sabem que o verão está próximo. Do mesmo modo quando virem todas essas coisas, saibam que está próximo da vinda do Filho do homem, que ele se acha quase à porta."

"Digo a vocês de verdade, que esta *raça* não passará sem que todas essas coisas tenham se cumprido." (Mateus, 24:29 a 34.)

"E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé; pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até ao dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatoou todo mundo, assim também será no advento do Filho do homem." (Mateus, 24:37 a 39.)

51. "Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, *nem o Filho*, mas somente o Pai." (Marcos, 13:32.)

52. "Na verdade, na verdade eu lhes digo: vocês chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; estarão tristes, mas a sua tristeza se mudará para alegria. Uma mulher está em dor quando dá à luz, porque é chegada a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os seus males, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. É assim que agora estão em tristeza; mas, eu os verei de novo e o seu coração rejubilará e ninguém tirará a alegria de vocês." (João, 16:20 a 22.)

53. "Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitas pessoas; e, porque a maldade se espalhará, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações; e é então que o fim chegará." (Mateus, 24:11 a 14)

54. Evidentemente que este cenário do fim dos tempos é alegórico, como a maioria dos quadros que Jesus figurou. Pela sua energia, as imagens que ele traz são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Jesus se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as ideias metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. Para atingir o coração deles, era necessário falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio do vigor da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito, segundo a crença de então, a potência suprema não poderia manifestar-se a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais; quanto mais incríveis fossem esses fatos, mais eles seriam aceitos como prováveis.

A vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de

seus anjos e ao som de trombetas, tudo isso lhes parecia de muito maior imponência do que um ser investido apenas de poder moral. Por isso os judeus — que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, para colocar sua nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão — não quiseram reconhecer esse Messias no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material, que era tratado por uns como louco e de possuído por Satã por outros; eles não poderiam compreender um rei sem palácio e cujo reino não fosse desse mundo.

No entanto, aquele pobre artesão da Judeia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos do que os mais poderosos reis; apenas com a sua palavra e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo e é a ele que os judeus virão a dever sua reabilitação.

55. É notável que entre os antigos os tremores de terra e o obscurecimento do Sol fossem sinais obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros; nós nos deparamos com eles na morte de Jesus, na de César e em uma infinidade de circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos tivessem se produzido tantas vezes quantas são relatados, teríamos como impossível que os homens não tivessem guardado lembrança deles pela tradição. Aqui acrescentamos as *estrelas que caem do céu*, como que a testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que isso não passa de uma ficção, pois agora sabemos que as estrelas não podem cair.

56. Entretanto, grandes verdades se escondem nessas alegorias; primeiramente, há o anúncio das calamidades de todo tipo que assolarão e dizimarão a Humanidade — calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, há aquela da difusão por toda a Terra do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, derivada do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, porque ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob o amparo da sua lei; será o reinado da felicidade, porque ele diz que "depois dos dias de aflição, virão os de alegria".

57. Quando essas coisas acontecerão? "Ninguém o sabe, *nem mesmo o Filho*" — disse Jesus. Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais anunciadores. Esses indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; estarão no estado social e nos fenômenos mais morais do que físicos e que, em parte, podemos deduzir das suas referências.

É indubitável que aquela mudança não poderia se dar durante a vida dos apóstolos, pois do contrário, Jesus não desconhecera o seu momento. Aliás, semelhante transformação não poderia se cumprir em apenas alguns anos. Todavia, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas aquelas coisas; é que, de fato, eles poderão reviver a essa época e eles mesmos trabalharem para a transformação. Num momento ele fala do destino próximo de Jerusalém, noutra momento ele toma esse fato como comparação para o futuro.

58. Ao anunciar sua segunda vinda, dizendo: "Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim", será que Jesus estaria anunciando o fim do mundo?

Não é racional supormos que Deus destrua o mundo exatamente no momento em que o mundo entre no caminho do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. Aliás, nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Como a prática geral do Evangelho deve determinar um melhoramento no estado moral dos homens, por isso mesmo, ela trará o reinado do bem e acarretará a queda do reino do mal. Pois, é o fim do *velho mundo*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as más paixões que o Cristo

citava ao dizer “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim. Porém, esse fim ocasionaria uma luta, e é dessa luta que virão os males que ele prevê.”

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. Diz o Senhor: nos últimos tempos, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciões terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão (Atos dos Apóstolos, 2:17 a 18).

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, anseios e pressentimentos do povo, a decadência das velhas ideias que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu fim.

Se agora — levando em conta a forma simbólica de alguns quadros e analisando o sentido profundo das suas palavras — compararmos a situação atual com os tempos descritos por Jesus, como sinais da era da renovação, não poderemos deixar de convir que muitas das suas predições estão se realizando atualmente; de onde temos a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam em todos os pontos do globo os Espíritos que se manifestam.

61. Como já vimos (ver no cap. I, nº 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele necessariamente deve exercer sobre as ideias. Além disso, ele está claramente anunciado no que é reportado no livro *Atos dos Apóstolos*: “Diz o Senhor: nos últimos tempos, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; seus filhos e filhas profetizarão...”

É a predição inconfundível da popularização da mediunidade, que em nossos dias se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; e por conseguinte a manifestação universal dos Espíritos — pois sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso está dito, *acontecerá nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à sua regeneração, devemos entender por aquelas palavras: os últimos tempos do mundo moral que chega a seu fim. (*O Evangelho Segundo O Espiritismo*, cap. XXI).

JUÍZO FINAL

62. “Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; e estando todas as nações reunidas à sua frente, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados pelo meu Pai, etc.” (Mateus, 25:31 a 46 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV).

63. Como o bem tem que reinar na Terra, é necessário que dela sejam excluídos todos os Espíritos endurecidos no mal e que poderiam lhe provocar perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo necessário para o seu melhoramento; mas, chegado o momento em que o globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, — conforme o progresso moral de seus habitantes — essa estadia, tanto a encarnados quanto a desencarnados, será interdita àqueles que não tiverem aproveitado os ensinamentos que aí puderam receber. Eles serão exilados em mundos inferiores, como certa vez foram exilados na Terra os Espíritos da raça adâmica, uma vez que foram substituídos por Espíritos melhores. Essa separação — que será

presidida por Jesus — é aquela que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, nº 31 e seguintes.)

64. A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade é repugnada pela razão no sentido que ela implica na inatividade de Deus durante a eternidade que antecedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Perguntamos então que utilidade teriam o Sol, a Lua e as estrelas que — segundo a Gênese — foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que uma obra assim tão imensa tenha sido produzida para tão pouco tempo e a benefício de seres, em sua maioria, que foram destinados de antemão aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um julgamento único até certo ponto seria admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que tudo no Universo teria sido feito para seus habitantes; mas é inadmissível desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade a fora e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.

Só por este fato, vemos que Jesus tinha razão ao declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que ainda não posso lhes dizer, porque vocês não as compreenderiam”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diferente alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Daí vem o fato de Jesus ter adiado a complementação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta sem cessar como um bom Pai, que deixa sempre uma porta aberta para o arrependimento e que está sempre pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

E mais, se o juízo final tivesse de apanhar os homens de surpresa, em meio a seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas, caberíamos perguntar com que objetivo Deus — que não faz coisa alguma inútil ou injusta — permitiria nascer crianças e *criaria almas novas* naquele momento supremo, no término fatal da Humanidade, para submetê-las a um julgamento logo ao saírem do ventre da mãe, antes que elas tivessem consciência de si mesmas, enquanto outros têm tido vários anos para se reconhecerem? Para que lado — direito ou esquerdo — essas almas passariam, já que ainda não são nem boas nem más, e que todos os caminhos de progresso futuro se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

Que conservem essas crianças aqueles cuja razão se contentam com elas; estão no seu direito e ninguém tem por que criticá-los; mas, que não se incomodem com o fato de que nem todo mundo esteja de acordo com eles!

67. Conforme ficou explicado acima (nº 63), pelo processo da emigração, o julgamento é racional e se fundamenta na mais rigorosa justiça, já que preserva eternamente para o Espírito o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que Deus concede a todas as suas criaturas — sem nenhuma exceção — a mesma liberdade de ação para progredir; que a porta do céu está sempre aberta àqueles que se tornem dignos de lá entrar; que o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, não acarretaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Estas são as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata, pois os Espíritos

passam por semelhantes tribunais a cada renovação dos mundos onde habitam, até que alcancem certo grau de perfeição. Portanto, não há *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

CAPÍTULO XVIII

OS TEMPOS CHEGARAM

- SINAIS DOS TEMPOS
- A NOVA GERAÇÃO

SINAIS DOS TEMPOS

1. Ouvimos em todas as partes: os tempos marcados por Deus chegaram, em que grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido devemos entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não são mais do que a expressão de uma crença infantil e sem fundamento; para a maior parte dos fieis, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da natureza. Essas duas interpretações estão igualmente equivocadas; a primeira, porque implica na negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas sim o cumprimento dessas leis.

2. Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma perfeição que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; então, temos que afastar imediatamente toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que, como tudo o que existe, o nosso globo está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o habitam. Ambos esses progressos se seguem e se realizam paralelamente, porque o melhoramento da habitação é proporcional com o melhoramento do habitante. Fisicamente, o planeta Terra tem experimentado transformações que são comprovadas pela Ciência e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens contribuem para isso com os esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, facilitam as comunicações e tornam o solo mais produtivo.

Esse duplo progresso é executado de duas maneiras: uma, lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais se opera um movimento de crescimento mais rápido, que marca os períodos progressivos da Humanidade, mediante impressões bem acentuadas. Esses movimentos, cujos *detalhes* estão subordinados ao livre-arbítrio dos homens, de certo modo são fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como aqueles que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas, uma vez que o objetivo da humanidade é o progresso, apesar do atraso de alguns indivíduos; é por isso que às vezes o movimento progressivo é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e de outras vezes, é geral.

O progresso da Humanidade de fato se efetua em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, e não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Por isso, quando a Humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que em tal estação chegaram a fase madura dos frutos e de sua colheita.

3. Pelo fato de o movimento progressivo da Humanidade ser inevitável, já que é uma regra da natureza, não se segue que Deus seja indiferente a ela, e que depois de ter estabelecido as leis ele tenha se recolhido à desocupação, deixando que as coisas segurem alheias. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; esse pensamento que penetra em tudo é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia; que esse pensamento pare um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem ponteiros. Logo, Deus cuida incessantemente da execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, conforme as atribuições correspondentes ao seu grau de adiantamento.

4. O Universo é ao mesmo tempo um mecanismo incomensurável conduzido por um número incontável de inteligências, e um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Mestre, cuja vontade *única* mantém por toda parte a *unidade*. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem; aquilo que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que se apresentam irregulares a nós apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos avistar todo o seu conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que elas se harmonizam com o todo.

5. A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que observam o objetivo a que todas as coisas tendem, e alguns dos quais conhecem o pensamento direto de Deus, e quanto aos movimentos parciais, eles imaginam em que época poderão se cumprir um movimento geral, como podemos imaginar o tempo necessário para que uma árvore possa brotar seus frutos, assim como os astronautas calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo preciso para um astro cumprir sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, não estão em condições de fazer por eles mesmos os cálculos necessários: eles são apenas ecos; assim ocorre com Espíritos secundários cuja vista é limitada, e que não fazem mais do que repetir aquilo que os Espíritos superiores *queriam* lhes revelar.

6. A Humanidade tem realizado até nossos dias incontestáveis progressos; os homens chegaram com a sua inteligência a resultados que jamais haviam alcançado com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta a eles ainda um imenso progresso a realizar: ***o de fazer reinarem entre eles a caridade, a fraternidade, a solidariedade, para lhes assegurar o bem-estar moral.*** Não poderiam conseguir isso nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas — restos de outra era, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que podiam, seriam hoje um entrave. Tal como uma criança é estimulada pelos móveis²⁰¹, que são impotentes quando ela chega à fase adulta. Já não é somente o desenvolvimento da inteligência que falta aos homens, mas a elevação do sentimento e para isso é preciso destruir tudo o que exalta neles o egoísmo e o orgulho.

²⁰¹ **Móvil:** peça confeccionada para ser pendurada em berços a fim de entreter os bebês, sendo normalmente composta de pequenos enfeites e brinquedos que se movimentam pela ação do vento — N. E.

Eis o período em que vão entrar de agora em diante, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Essa fase que neste momento se elabora é o complemento indispensável do estado anterior, como a idade viril é o complemento da fase da juventude; pois então, ela podia ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que os tempos determinados por Deus já chegaram.

7. Neste tempo aqui, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, a um povo ou a uma raça; trata-se de um movimento universal que se efetua no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a ser estabelecida, e até os homens que mais se opõem a esse progresso trabalham para ela, mesmo sem consciência disso; a geração futura será desembaraçada dos resquícios do velho mundo, será formada de elementos mais depurados, e se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos do que os homens da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como ocorre hoje com os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem quanto a atual ordem de coisas ainda deixa a desejar; de certo modo, depois de termos esgotado todo o bem-estar material — que é fruto da inteligência — conseguimos compreender que o complemento desse bem-estar somente pode ser achado no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, possamos ainda defini-lo claramente: isso é efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração; temos desejos, aspirações que são como que o pressentimento de um estado melhor.

8. Mas uma mudança tão radical como a que está sendo elaborada não pode se realizar sem comoções; inevitavelmente, há luta de ideias. Desse conflito naturalmente se originarão perturbações temporárias até que o terreno se ache aplanado e o equilíbrio restabelecido. Com efeito, é da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do estado de formação da Terra: ***hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.***

9. A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais pelas quais passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhemos a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e veremos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado desses movimentos parciais, há um movimento geral que dá a impulsão à humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do organismo é relativo ao seu grau de adiantamento. Assim seria uma família composta de várias crianças cuja mais jovem está no berço e mais velha tem dez anos, por exemplo. Em dez anos, o mais velho terá vinte e será um homem; o caçula terá dez anos e, por mais adiantado que esteja, ainda será uma criança; mas, na sua hora, ele irá se tornar um homem. Assim ocorre com as diferentes frações da humanidade; os mais atrasados avançam, mas não poderiam de um salto alcançar o nível dos mais avançados.

10. Ao se tornar adulta, a Humanidade tem novas necessidades e aspirações mais vastas e mais elevadas; ela compreende o vazio com que foi embalada, a deficiência de suas instituições para trazer felicidade; já não é no estado das coisas que ela encontra as satisfações legítimas a que se sente chamada; eis por que deixa a faixa infantil e, possuída por uma irresistível força, lança-se às margens desconhecidas em busca de novos horizontes menos limitados.

E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade se desabrocha, que os homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio através das doutrinas do nada e do materialismo!

Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impelir a Humanidade avançar, esforçam-se por limitá-la no acanhado círculo da matéria, de onde ela anseia sair; encobrem-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: ***Nec plus ultra!***²⁰²

11. A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como temos dito: uma é gradual, lenta e imperceptível, se considerarmos as épocas aproximadas, que se traduzem por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, e que só percebemos com o tempo, assim como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra é por movimentos relativamente bruscos e rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, em alguns anos transpõe o espaço que levaria séculos para ser percorrido. É, portanto, um cataclismo moral que em breves instantes engole as instituições do passado e ao qual vem uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se assenta, à medida que se restabelece a calma e que acaba por se tornar definitiva.

Aquele que vivesse bastante para compreender as duas vertentes da nova fase, pareceria que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes e os usos, tudo está mudado; é que de fato surgiram homens novos, ou melhor, regenerados; as ideias que a geração extinta levou consigo deram lugar a ideias novas da geração que se ergue.

É a um desses períodos de transformação — ou se preferirem, de crescimento moral — a que Humanidade chega agora. Da adolescência chega ao estado viril; o passado já não pode satisfazer às suas novas aspirações e às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões e por fascinações: sua razão amadurecida requer alimentos mais substanciosos. O presente é bastante ligeiro; ela sente que a sua destinação é mais ampla e que a vida corpórea é excessivamente restrita para contê-lo inteiramente; por isso ela mergulha o olhar no passado e no futuro a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma certeza consoladora.

12. Qualquer um que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas consequências, e não o reduza à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre uma estrada nova à Humanidade e desenrola os seus horizontes do infinito; iniciando os homens nos mistérios do mundo invisível, ele lhes mostra o seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo* — tanto no estado espiritual, quanto no estado corporal. O homem já não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se revela a ele em sua realidade, livre dos prejuízos da ignorância e da superstição; já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável — tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência passageira; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que de tudo o que adquiriu em perfeição pelo seu trabalho, nada se perde; encontra nas existências anteriores a razão do que é hoje; e, ***daquilo que o homem faz para si mesmo hoje, poderá concluir o que ele será um dia.***

13. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização estão limitadas à vida presente, que não éramos nada e nada seremos depois, o que interessa ao homem o progresso posterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Como ele não terá nenhum fruto disso, esse progresso não é perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois dele, se ele nunca irá conhecê-los e se os seus descendentes serão criaturas novas, que pouco depois também retornarão ao nada? Sob o império da negação do futuro individual, naturalmente tudo se encolhe às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, quanta amplitude a *certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador

²⁰² *Nec plus ultra*: (do latim) equivalente a "nada mais além" – N. E.

do que essa lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de os mesmos seres progredindo incessantemente — primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, e segundo, de mundo em mundo até à perfeição, **sem solução de continuidade!** Todas as ações têm então uma finalidade, porque trabalhando para todos, cada qual trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se pode considerar como improdutivo nem o progresso individual, nem o progresso coletivo; ele beneficia as gerações e as individualidades futuras, que são exatamente as gerações e os indivíduos passados, que chegaram ao mais alto grau de adiantamento.

14. A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito; a encarnação não é mais do que uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta exterior, há então igualdade entre os encarnados e os desencarnados; são os mesmos indivíduos sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível quanto ao invisível, encontrando-se ora num, ora noutro, concorrendo num e noutro para o mesmo objetivo, pelos meios apropriados a cada situação.

Dessa lei decorre aquela da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa e nem põe fim às suas relações simpáticas, nem a seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos com cada um e de cada um para com todos; daí também a *fraternidade*. Os homens só viverão felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e nos seus costumes, pois então eles ajustarão suas leis e suas instituições com esses sentimentos. Esse será um dos principais resultados da transformação que se realiza.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna todos os homens estranhos uns aos outros para sempre? Pela lei da perpetuidade das relações que liga todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da natureza; ele faz disso não apenas um dever, mas também uma necessidade. Por aquela lei da pluralidade das existências, o homem se conecta àquilo que fez e ao que fará, aos homens do passado e do futuro; ele não pode mais dizer que nada tem de comum com aqueles que morreram, pois uns e outros se reencontrarão constantemente — nesse mundo e no outro — para subirem juntos a escala do progresso e prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não fica mais circunscrita a alguns indivíduos, que a casualidade reuniu durante a curta duração da vida; ela é perpétua como a vida dos Espíritos, universal como a humanidade, que constitui uma grande família cujos membros são todos solidários uns com os outros, **seja qual for a época em que tenham vivido.**

Tais são as ideias que resultam do Espiritismo, e que este promoverá entre todos os homens, quando for universalmente difundido, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade — sinônimo de caridade pregada pelo Cristo — não é mais uma palavra vã; ela tem sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce aquilo da reciprocidade e deveres sociais, entre os homens, entre os povos e entre as raças; desses dois sentimentos bem compreendidos necessariamente sairão as mais produtivas instituições para o bem-estar de todos.

15. A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, só há fraternidade real, sólida e efetiva se ela for assentada sobre uma base inabalável; essa base é *a fé*, não a fé nesses ou naqueles dogmas particulares que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, pois amaldiçoando uns aos outros, elas alimentam o antagonismo; mas sim a fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar: **Deus, a alma, o futuro, O PROGRESSO INDIVIDUAL INDEFINITO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES.** Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus — soberanamente justo e bom — não pode querer nada injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo promove e que de agora em diante será o eixo em torno do qual o gênero humano girará, quaisquer que sejam seus cultos e suas crenças particulares, que o

Espiritismo respeita, mas dos quais não tem com que se ocupar.

Somente dessa lei pode sair o verdadeiro progresso moral, pois somente ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele dado pela força e o dever é um código humano imposto pela coação. Sem ela, o que é o homem? Só um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que apenas passa; até o gênio não é mais do que uma fásca que brilha um instante e se extingue para sempre; não há aí, por certo, o suficiente para elevá-lo aos seus próprios olhos.

Com um pensamento desse tipo, onde estão realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Somente essa fé faz o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade e a progressão do seu ser — não em um futuro mesquinho limitado à sua personalidade, mas grandiosa e esplêndida; esse pensamento o eleva acima da Terra; ele se sente engrandecido ao pensar que ele tem o seu papel no Universo e que esse Universo é seu domínio, que ele poderá percorrer um dia; que a morte não fará dele uma inutilidade ou um ser inútil a ele mesmo e aos demais.

16. O progresso intelectual realizado até ao presente nas mais largas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho ele é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos em benefício das suas paixões e dos seus interesses pessoais; essa é a razão pela qual os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os seus semelhantes e de se destruir uns aos outros.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, ao colocar um freio nas más paixões; somente ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz e a fraternidade.

É ele que derrubará as barreiras entre os povos, e que fará cair os preconceitos da elite e que calará os antagonismos das seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos chamados a se ajudarem mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, então apoiado pelo da inteligência, unirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e por isso mesmo aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte e o fundamento mais sólido da fraternidade universal, que desde todos os tempos é barrada pelas disputas religiosas que dividem os povos e as famílias, que fazem que uns sejam vistos pelos outros como inimigos a serem evitados, combatidos e exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

17. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia se realizar saindo do círculo das ideias estreitas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens da elite procuraram levar a Humanidade por esse caminho; mas a Humanidade, ainda muito jovem, tem se conservado surda e os seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje a Humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto do que já o fez, a fim de assimilar ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus prejuízos e erros; a geração que surge — retemperada em fonte mais pura e imbuída de ideias mais saudáveis — imprimirá ao mundo um movimento crescente no sentido do progresso moral que marcará a nova fase da humanidade.

18. Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis através de ideias robustas e generosas, que se concretizam hoje e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos ser fundada uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e libertadoras, sob a influência e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais a cada dia vão sendo impregnadas de um sentimento mais

humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se considerar membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam; de todas as partes do mundo reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência.

Porém, falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, completarem-se e se consolidarem; falta uma predisposição moral mais generalizada para frutificarem e se fazerem aceitas pelas massas. Pelo menos, isso tudo é um sinal característico do tempo, o prenúncio daquilo que se efetuará em uma escala mais larga, à medida que o terreno se torne mais favorável.

19. Outro sinal não menos característico do período em que entramos é a reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as teorias materialistas. O espírito de descrença — que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença — parece ter sido um sono do qual despertamos e sentimos a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se havia feito, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20. Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal que o compreende qualquer um que dê o trabalho de procurar o miolo sob a casca.

Pelas provas que ele oferece das verdades fundamentais, ele preenche o vazio que a descrença gerou nas ideias e nas crenças; pela certeza que ele dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, ele ameniza as amarguras da vida e previno os funestos efeitos da desesperança.

Ao promover as novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreensíveis e de fenômenos insolúveis até agora, e, através da fé, ele revoga a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem o sobrenatural e nem o fantasioso; tudo se efetua no mundo em virtude das leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, ele se coloca em defesa absoluta da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e o arranca pela raiz ao proclamar a salvação para todos os homens de bem, e, para os mais imperfeitos — mediante seus esforços, através da expiação e da reparação — a possibilidade de chegar à perfeição que unicamente conduz à suprema felicidade. Ao invés de desencorajar o fraco, ele o encoraja ao lhe mostrar o porto ao qual pode chegar.

Ele não diz *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas diz, como o Cristo: ***Fora da Caridade não há salvação***, princípio de união, de tolerância, que reunirá os homens em um sentimento comum de fraternidade, em vez de dividi-los em seitas inimigas.

Pelo princípio ***Não há fé inabalável senão aquela que pode encerrar a razão face à face em todas as épocas da humanidade***, ele destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e eleva sua moral.

Consequente consigo mesmo, ele não se impõe mais; ele diz o que é, o que quer o que oferece e espera que venhamos a ele livre e voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Ele respeita todas as crenças sinceras e combate apenas a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia — que são as chagas da sociedade e os mais sérios obstáculos ao progresso moral; porém, ele não lança maldição a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, pois está convencido de que o caminho do bem está aberto até para os mais imperfeitos, e que cedo ou tarde eles tomarão esse caminho.

21. Se supormos a maioria dos homens convencidos desses sentimentos, podemos facilmente imaginar as modificações que eles trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos e tolerância para todas as crenças, assim será seu lema. É a meta

para a qual evidentemente a Humanidade tende, é o objeto de suas aspirações e de seus desejos, sem que ela se dê conta dos meios de realizá-las; ela ensaia, apalpa, mas é detida por muitas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e repressoras do progresso. São essas resistências que ele deve vencer, e essa será a obra da nova geração; se acompanharmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho; ela terá por si a dupla força do número e das ideias, e, por acréscimo, a experiência do passado.

22. Pois a nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. Com o Espiritismo caminhando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, eles se reencontrarão no mesmo terreno. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo terá nos novos homens espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, o que poderão fazer aqueles que queiram atravessar o seu caminho?

23. Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da Humanidade que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de seus horizontes e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto a promover o movimento de regeneração do que qualquer outra doutrina; por isso que ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser útil, pois que também para ele os tempos chegaram; se tivesse vindo mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis e inevitavelmente teria caído, porque os homens — satisfeitos com o que tinham — ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado para recebê-lo; os Espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre diante deles, acolhem o Espiritismo como âncora de salvação e uma suprema consolação.

24. Ao dizer que a Humanidade está madura para a regeneração, não quer dizer que todos os indivíduos estejam num mesmo nível, mas que, por intuição, muitos têm as sementes das novas ideias que as circunstâncias farão dar frutos; então se mostrarão mais avançados do que supomos e seguirão com entusiasmo a impulsão da maioria.

Entretanto, há aqueles que são profundamente refratários, mesmo entre os inteligentes, e que seguramente jamais vão aderir a essas ideias, pelo menos não nessa existência: alguns, de boa-fé, por convicção; outros, por interesses. Aqueles cujos interesses materiais estejam ligados ao estado atual das coisas, e que não são evoluídos o bastante para renunciar aqueles interesses, para que o bem comum vale menos que o seu bem-estar pessoal, estes não podem ver sem apreensões o menos movimento reformador. Para eles, a verdade é uma questão de menor valor, ou, melhor dizendo, ***a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhe cause o menor problema***; todas as ideias progressivas são ideias subversivas a seus olhos, e por isso que eles têm um ódio implacável e fazem um guerra implacável contra elas. São inteligentes o bastante para verem no Espiritismo um auxiliar dessas ideias e os elementos da transformação que eles temem, e por que não se sentem à sua altura, eles se esforçam para abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem alcance, então eles não se preocuparia com ele. Temos dito várias vezes: ***"Quanto maior for uma ideia, mais ela encontra adversários, e podemos medir sua importância pela violência dos ataques de que ela é alvo."***

25. Certamente ainda é grande o número dos atrasados; mas o que eles podem fazer contra a onda que se agiganta senão lhe atirar algumas pedras? Essa onda é a geração que se levanta, enquanto os atrasados desaparecem junto com a geração que se vai a cada dia a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão o terreno palmo a palmo; portanto, há uma luta inevitável, mas luta desigual, porque é a do passado velho caindo em frangalhos contra o futuro juvenil; será a

luta da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que o tempo determinado por ele chegou.

A NOVA GERAÇÃO

26. Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada somente por bons Espíritos — encarnados e desencarnados — que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que praticam o mal pelo mal, e que ainda não tenham sido tocados pelo sentimento do bem, já não sendo mais dignos do planeta transformado, esses serão excluídos, porque senão eles ocasionariam de novo a perturbação e confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento — uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos primitivos, aonde eles levarão os conhecimentos que tenham adquirido e tendo por missão fazê-los avançar. Eles serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar em eles a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá ser transformada por um cataclismo que aniquile subitamente uma geração. A atual geração desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Dessa forma, tudo se passará exteriormente como de costume, com a única — mas capital — diferença que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra não mais encarnará nela. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, quem nela encarnará será um Espírito mais evoluído e *propenso ao bem*.

Portanto, não se trata de uma nova geração corpórea, mas sim de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e fantásticos ficarão decepcionados.

27. A época atual é a de transição e os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à despedida de uma e à chegada da outra, e cada qual já sinalizado no mundo pelas características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo de disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas cada indivíduo pertence.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntas ao sentimento *inato* do bem e de crenças espiritualistas — que é o sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será formada exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, já tendo progredido, estejam predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a ajudar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é em primeiro lugar a revolta contra Deus, por se negarem a reconhecer qualquer poder superior à Humanidade; pois a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, do apego a tudo o que é material.

São esses os vícios dos quais a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento daqueles que se recusam em se melhorar, porque estes são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofreriam sempre em contato com eles; quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que lhe está reservado, mesmo já neste mundo, como prêmio pelos seus esforços e sua perseverança, esperando uma depuração ainda mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

28. Não se deve entender por dessa emigração que todos os Espíritos atrasados sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí voltarão, pois muitos deles

cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; nesses, a casca é pior do que o interior. Uma vez retirados da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria veria as coisas de uma maneira inteiramente diferente daquela como veem em vida, conforme temos muitos exemplos. Para isso, eles têm o auxílio de Espíritos benévolos que se interessam por eles e se apressam em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho que eles têm seguido. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos contribuir para o melhoramento deles, uma vez que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos.

O modo como se opera a transformação é bastante simples, e como se vê, ela é toda de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

29. Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores ou Espíritos antigos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que tragam disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, os Espíritos encarnados formam duas categorias, segundo suas disposições naturais: de um lado, os atrasados que partem; de outro, os Espíritos progressistas que chegam. Por isso, o estado dos costumes e da sociedade estará no meio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela, entre as duas categorias, que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, vamos supor um povo de um grau qualquer de adiantamento e, por exemplo, composto de vinte milhões de almas; a renovação dos Espíritos se efetuando através de extinções, isoladas ou em massa, haveria aí necessariamente um momento em que a regeneração dos Espíritos atrasados superaria o número daqueles de Espíritos progressistas, que conta apenas com raros representantes sem influência e cujos esforços para fazer o bem predominar ficassem paralisados. Ora, como uns partem e outros chegam, depois de um tempo, as duas forças se equilibrariam e suas influências se contrabalançariam. Mais tarde, os recém-chegados passam a ser maioria e sua influência torna-se preponderante, embora ainda entravada por aqueles anteriores; esses anteriores continuam a diminuir enquanto os outros se multiplicam e terminam por desaparecer; então chegará o momento em que a influência da nova geração seja exclusiva; mas isso não pode ser compreendido se não se admite a vida espiritual independente da vida material.

30. Nós presenciamos a essa transformação e ao conflito que resulta da luta de ideias contrárias que procuram implantar-se; umas marcham com a bandeira do passado e as outras com a bandeira do futuro. Se examinarmos o estado atual do mundo, reconheceremos que a humanidade terrestre, tomada como um todo, ainda está longe do ponto intermediário em que as forças se contrabalassem; que os povos considerados isolados estão a uma grande distância uns dos outros nesse escala; que alguns tenham chegado a esse ponto, sem que nenhum o tenha ultrapassado ainda. De resto, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez cruzado o limite, uma nova estrada será percorrida com tanta maior rapidez quanto mais uma série de circunstâncias venham a aplainar essa estrada.

Assim se realiza a transformação da humanidade. Sem a emigração, quer dizer, sem a partida dos Espíritos retardatários — que não devem retornar, ou que só retornarão depois de terem se melhorado — a humanidade terrestre não permaneceria indefinidamente estacionada, porque os Espíritos mais inferiores também avançam; mas seria preciso séculos, e talvez milhares de anos para chegar ao resultado que apenas meio século poderia realizar.

31. Uma comparação simples fará compreendermos ainda melhor o que se passa nessa circunstância: suponhamos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão constantes desordens nesse regimento e a quem a lei penal frequentemente terá dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são mais numerosos do que os outros; eles amparam, animam e estimulam uns aos outros pelo exemplo. Já os bons soldados não exercem nenhuma influência; seus conselhos são desprezados; eles são importunados, maltratados pelos outros e sofrem pelo contato com

aqueles. Essa não é uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que aqueles homens sejam retirados do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e sejam substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, até mesmo por aqueles que tenham sido expulsos, mas que realmente se corrigiram: ao fim de algum tempo, teremos o mesmo regimento, só que transformado; a boa ordem ali terá sucedido à desordem. Assim será com a Humanidade regenerada.

32. As grandes partidas coletivas não têm por único objetivo ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o caráter da sociedade, livrando-a das más influências, e de dar maior ascendente às ideias novas.

Por estarem muitos maduros para a transformação — apesar de suas imperfeições — é que muitos partem, a fim de se fortalecerem em uma fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, eles persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos bastará para lhes abrir os olhos, por isso que enxergam aí o que não podiam ver na Terra. Então o incrédulo, o fanático e o absolutista poderão voltar com ideias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, eles encontrarão as coisas mudadas e experimentarão a influência do novo meio onde tiverem nascido. Longe de se oporem às novas ideias, eles serão seus colaboradores.

33. Portanto, a regeneração da Humanidade não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta apenas uma modificação em suas disposições morais; essa modificação se opera em todos aqueles que estejam predispostos a ela, desde que sejam subtraídos da influência perniciosa do mundo. Aqueles que voltarem são serão sempre outros Espíritos; serão quase sempre os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando isolado e individual, esse melhoramento passa despercebido e sem nenhuma influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é bem diferente quando ela se opera simultaneamente sobre grandes populações, porque então, conforme as proporções, numa geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser modificadas profundamente.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizem as populações. Os flagelos destruidores destroem apenas corpos, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de ida e vinda entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É perceptível que em todas as épocas da História as grandes crises sociais foram sucedidas por uma era de progresso.

34. Esse é um dos movimentos generalizados que se realizam na atualidade e que deve trazer a remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois elas devem acelerar a eclosão das novas sementes. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão folhas novas e cheias de vida, porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas fases etárias. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida — que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, pois na opinião deles os referidos flagelos *aniquilam os seres para sempre*. Porém, para aquele que sabe que a morte destrói somente o envoltório carnal, tais flagelos não acarretam as mesmas consequências e não lhe causam o mínimo pavor; ele compreende o seu objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, duma forma ou doutra, todos sempre hão de chegar a isso.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de ilusórias; mas — digam o que disserem — não fugirão da lei comum; assim como os demais, eles cairão na sua hora e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: *nada!* No entanto, eles viverão, mesmo a contragosto, e um dia serão forçados a abrir os olhos.

